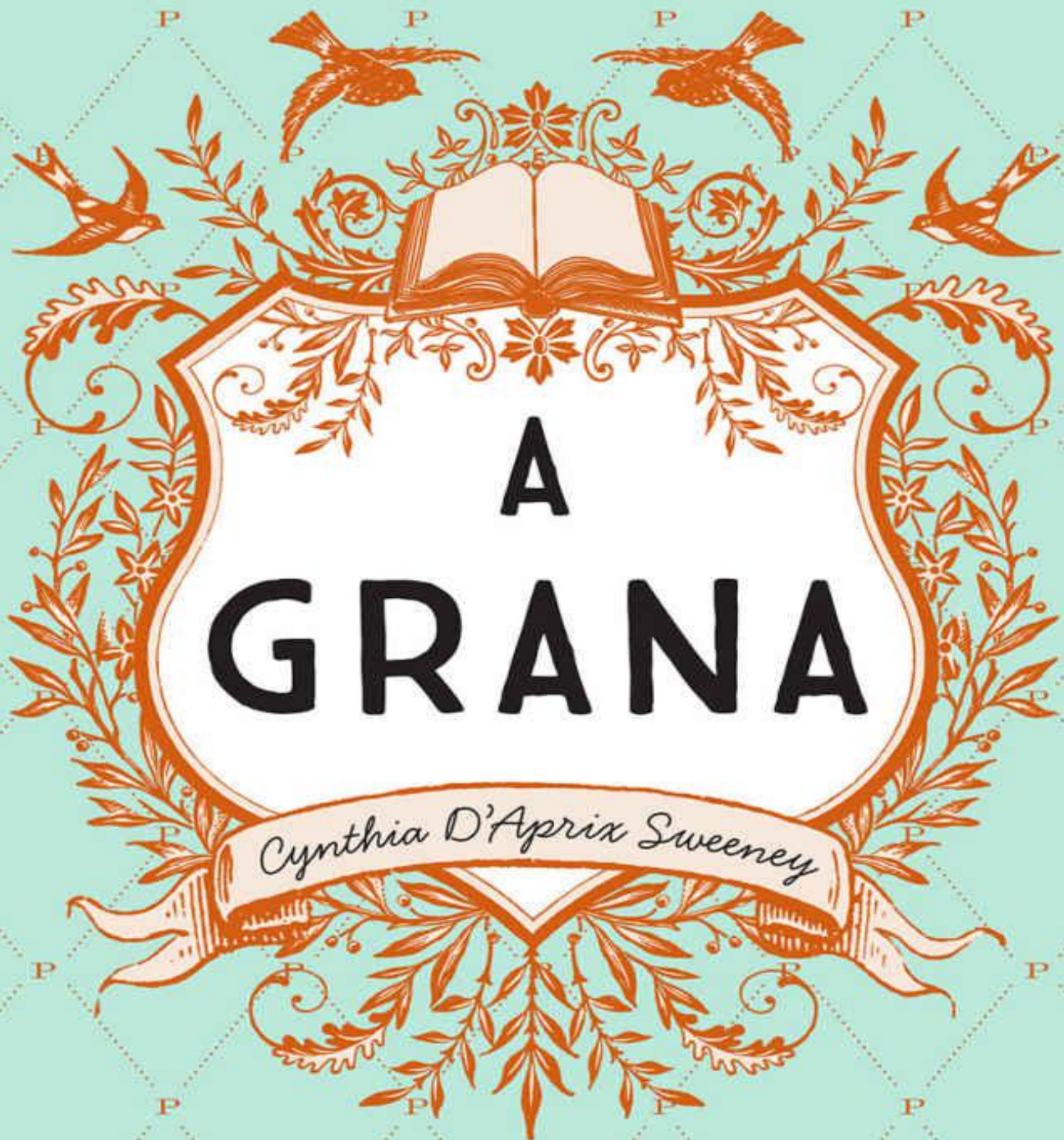




A GRANA

Cynthia D'Aprix Sweeney





Tradução de Vera Ribeiro



Copyright © 2016 by Cynthia d'Aprix Sweeney

TÍTULO ORIGINAL

The Nest

REVISÃO

Laís Curvão

DESIGN DE CAPA

Sarah Wood

Allison Saltzman

ADAPTAÇÃO

Aline Ribeiro / linesribeiro.com

ILUSTRAÇÃO

© borsvelka / Shutterstock

REVISÃO DE EPUB

Juliana Pitanga

GERAÇÃO DE EPUB

Intrínseca

E-ISBN

978-85-510-0006-9

Edição digital: 2016

1ª edição

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 — Gávea

Rio de Janeiro — RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br



intrinseca.com.br

Para minha família: meus pais, Roger e Theresa;
minha irmã, Laura; e meus irmãos, Richard e Tony
— para todos eles, nada é melhor do que
uma história boa e bem contada.

Sempre houve esta dicotomia: o que conservar, o que mudar.

— WILLIAM TREVOR, "THE PIANO TUNER'S WIVES"

*Foi assim que eu soube que essa história partiria meu coração
Quando você a escrevesse
Foi assim que eu soube que essa história partiria meu coração.*

— AIMÉE MANN, *THE FORGOTTEN ARM*

AGRADECIMENTOS

Por me oferecerem com grande generosidade seu tempo e seu saber (e, vez ou outra, por me deixarem tomar suas vidas emprestadas), devo um milhão de agradecimentos e quase o mesmo número de drinques a Belinda Cape, Madeline Dulchin, Rory Evans, Kate Flannery, Robin Goldwasser, John Hodgman, Natasha Lehrer, Jenny McPhee, Liza Powel O'Brien, Rebecca Odes, Rachel Pastan, Amy Poehler, Amy Scheibe, Katherine Schulten (que leu com entusiasmo tantos rascunhos destas páginas que comecei a temer por sua sanidade), Jill Soloway, Jen Strozier, Sarah Thyre, Janie Haddad Tompkins e Paul Yoon. E ao falecido e genial David Rakoff.

O mestrado em Criação Literária e Literatura da Universidade de Bennington é o curso ideal para se investir dois anos de uma vida, e foi lá que encontrei meu porto seguro em amigos de verdade e leitores de confiança: Rob Faus, Erin Kasdin, Melissa Mills-Dick, Kathryn Savage e (a saudosíssima) Megan Renehan. Sou grata a minhas duplas nos seminários, ao corpo docente e à equipe da Bennington, em especial a Bret Anthony Johnston, que leu as primeiras trinta páginas do que eu julgava ser um conto imprestável e me disse que aquilo era o começo de um romance. Seu entusiasmo me deu confiança para começar este livro, e sua

orientação, sua perspicácia, seu humor, sua paciência e sua amizade me conduziram até o fim.

Meu agente, Henry Dunow, e minha editora nos Estados Unidos, Megan Lynch, não só melhoraram tudo nestas páginas, como também são pessoas maravilhosas com quem trabalhar, em todos os sentidos. Não sei que vilarejo devo ter salvado numa vida anterior para merecê-los, mas só pode ter sido um enorme. Agradeço também a Daniel Halpern e a todo o pessoal da editora Ecco por trabalharem tanto por mim, sobretudo a Eleanor Kriseman e Sonya Cheuse.

Agradeço a meus pais por terem lido para mim e me transmitido seu amor pelos livros e pela língua. Agradeço a meus filhos, Matthew e Luke, por me deixarem ler para eles até a época em que começaram a ficar acordados depois da minha hora de dormir, por se transformarem em pessoas incrivelmente interessantes, inteligentes e divertidas, e por encherem nossa casa de música.

Por fim, e de máxima importância, um mundo de amor e gratidão a meu marido, Mike, cuja confiança em mim foi tão absoluta, com base em provas tão frágeis, que este livro é minha tentativa de impedir que ele pareça bobo. Enquanto fizermos um ao outro rir, tudo estará bem.



PRÓLOGO

Enquanto os demais convidados perambulavam pelo deque do clube sob um anoitecer de verão na praia, tomando goles aflitos e críticos de seus drinques para conferir se os garçons estavam usando bebidas de primeira, equilibrando bolinhos de caranguejo em guardanapos de papel e fazendo comentários convenientes sobre a sorte que haviam tido com o tempo, já que no dia seguinte a umidade voltaria, ou murmuravam observações impróprias sobre o vestido justo de cetim da noiva, se perguntando se o decote exagerado era por causa do corte malfeito, de mau gosto (um *look*, como as filhas dos convivas diriam) ou de um inesperado ganho de peso, dando piscadelas e fazendo piadas batidas sobre trocar torradeiras por fraldas, Leo Plumb deixou a festa de casamento do primo com uma das garçonetes.

Estava fugindo da esposa, Victoria, que àquela altura mal falava com ele, e da irmã Beatrice, que não parava de lhe encher os ouvidos com uma interminável lamúria sobre reunirem-se para a Ação de Graças. *Ação de Graças*. Em julho. Fazia vinte anos que Leo não passava um feriado sequer com a família, desde meados da década de 1990, se não lhe falhava a memória, e não estava muito disposto a começar naquele momento.

De mau humor e à caça do tão falado bar ao ar livre supostamente vazio, Leo avistou Matilda Rodriguez pela primeira vez no momento em que ela carregava uma bandeja com taças de champanhe. A garota se deslocava por entre os convidados com um brilho meio cintilante — em parte porque o sol poente banhava o extremo leste de Long Island com um tom de rosa escandaloso, em

parte por causa da cocaína de excelente qualidade que promovia um caos nas sinapses de Leo. As bolhas que subiam e desciam na bandeja de Matilda eram como uma convocação extasiada, um convite endereçado apenas a ele. O cabelo preto e volumoso da moça estava amarrado num nó prático, deixando à mostra os planos largos do seu rosto; ela era toda olhos esfumaçados e boca vermelha e carnuda. Leo observou o gingado elegante dos quadris enquanto ela ziguezagueava por entre os convidados, erguendo a bandeja já vazia acima da cabeça, como se fosse uma tocha. Ele pegou um martíni da bandeja de um garçom que passava e a seguiu pela porta vaivém de aço inoxidável que levava à cozinha.

* * *

A IMPRESSÃO DE Matilda (dezenove anos, aspirante a cantora, garçonete tímida) foi que num minuto ela servia champanhe a setenta e cinco amigos íntimos e parentes distantes dos Plumb e, no instante seguinte, disparava rumo ao estreito de Long Island no Porsche zero quilômetro alugado por Leo, com a mão enfiada na braguilha da calça de linho justíssima que ele usava, a almofada do polegar deslizando sem grande perícia pela base do pênis dele.

Matilda havia resistido no começo, quando Leo a puxara para uma despensa lateral, segurando-a pelos pulsos e disparando perguntas: *Quem é você? De onde veio? O que faz além disso? É modelo? Atriz? Sabia que você é linda?*

Tinha certeza do que Leo queria; vivia recebendo propostas nesses eventos, só que, em geral, de homens muito mais novos — ou ridiculamente mais velhos, *idosos* —, com um arsenal de cantadas sem graça e tentativas vagamente preconceituosas de lisonja. (Ela era chamada de J. Lo o tempo todo, apesar de não ter a

menor semelhança com a cantora; seus pais eram mexicanos, não porto-riquenhos.) Mesmo em meio àquele grupo endinheirado, Leo era absurdamente bonito, termo que Matilda tinha certeza de nunca haver usado para descrever alguém cujas atenções chegavam a quase agradá-la. Talvez pensasse em *gostoso*, ou em *bonitinho*, quem sabe até *bonitão*, mas *bonito*? Os rapazes que ela conhecia ainda não tinham ficado bonitos. Matilda percebeu que estava encarando o rosto de Leo, tentando determinar que variáveis se somavam para torná-lo bonito. Assim como ela, ele tinha olhos e cabelos escuros, a expressão forte. No entanto, enquanto as feições dele eram angulosas e bem definidas, as de Matilda eram arredondadas e suaves. Na televisão, ele faria o papel de um homem ilustre — um cirurgião, talvez —, e ela seria a paciente em estado terminal implorando pela cura.

Através da porta da despensa, dava para ouvir a banda — uma orquestra, na verdade, pois havia pelo menos dezesseis músicos — tocando a lista habitual das festas de casamento. Leo a puxou pelas mãos para um dois para lá, dois para cá, e cantou ao pé do seu ouvido, mais alto que a música, num timbre agradável, animado e sonoro, o começo de “The Way You Look Tonight”: *Someday, when I’m awfully low, when the world is cold, I will lá-lá-rá just thinking of you, and the way you look tonight.*

Matilda balançou a cabeça, deu um risinho e se afastou. A atenção dele era desconcertante, mas também fazia alguma coisa dentro dela vibrar. E rechaçar Leo na despensa era um pouquinho mais interessante do que enrolar aspargos em presunto na cozinha, que era o que ela deveria estar fazendo. Quando comentou timidamente que queria ser cantora, no mesmo instante ele citou os amigos que tinha na Columbia Records, amigos que estavam sempre muito interessados em descobrir novos talentos. Leo tornou

a se aproximar, e, se Matilda se assustou ao vê-lo meio trôpego, parecendo ter necessidade de apoiar a mão na parede para manter o equilíbrio, sua apreensão evaporou quando ele lhe perguntou se tinha uma fita *demo*, algo que os dois pudessem ouvir no carro dele.

“Porque, se eu gostar”, disse Leo, segurando os dedos finos de Matilda nos seus, “quero resolver isso agora mesmo. Fazer com que a fita chegue às pessoas certas.”

* * *

ENQUANTO LEO A conduzia para passar pelo manobrista do estacionamento sem ser visto, Matilda deu uma olhadela para a porta da cozinha. Seu primo Fernando lhe arranjava aquele trabalho e ficaria furioso se descobrisse que ela simplesmente dera o fora. Mas Leo tinha dito *Columbia Records*. Tinha dito *sempre à procura de novos talentos*. Quando é que ela conseguiria uma oportunidade como aquela? Só ia se ausentar um minutinho, apenas por tempo suficiente para causar uma boa impressão.

— Mariah foi descoberta pelo Tommy Mottola quando era garçone — comentou Matilda, meio de brincadeira, como se tentasse justificar sua conduta.

— É mesmo? — disse Leo enquanto a apressava em direção ao carro, percorrendo com o olhar as janelas do clube acima do estacionamento.

Talvez Victoria conseguisse vê-lo do terraço lateral onde todos estavam reunidos, e era muito provável que já houvesse notado a ausência do marido e estivesse vasculhando o local à procura dele. Furiosa.

Matilda parou junto à porta do carro e tirou as sapatilhas de lona preta que usava para trabalhar. De uma sacola surrada de plástico,

sacou um par de sandálias prateadas de salto agulha.

— Você não precisa trocar de sapatos para isto, de verdade — disse Leo, resistindo à ânsia de pôr as mãos na cinturinha dela ali mesmo, à plena vista de todos.

— Mas a gente vai tomar um drinque, não vai? — perguntou Matilda.

Por acaso Leo lhe dissera algo sobre um drinque? Drinque era impossível. Na sua cidadezinha natal, todo mundo sabia quem ele era e conhecia sua família, sua mãe, sua esposa. Ele terminou o martíni e jogou o copo vazio nos arbustos.

— Se a senhorita quer um drinque, vamos providenciar um drinque para a senhorita — respondeu.

Matilda calçou as sandálias e deslizou suavemente uma tira metálica fina pelo calcanhar esquerdo, outra pelo direito. Então se ergueu, ficando na altura dos olhos de Leo.

— Detesto sapatos rasteiros — disse ela, puxando a blusa branca justa um pouco mais para baixo. — Fazem com que eu me sinta toda rasteira.

Leo praticamente a empurrou para o banco da frente, para longe dos olhares, escondida com segurança atrás dos vidros escuros.

* * *

SENTADA NO BANCO do carona, Matilda ficou perplexa ao ouvir sua vozinha nasalada sair pelos potentes alto-falantes do carro. Ela soava muito diferente nas caixas de som do velhíssimo Dell de sua irmã. Muito melhor.

Enquanto ouvia, Leo dava tapinhas no volante com uma das mãos. A aliança cintilava à luz interna do carro. Homem casado contrariava os princípios de Matilda, com toda certeza. Ela percebeu

que ele se esforçava para demonstrar algum interesse em sua voz, tentava encontrar algum elogio que pudesse fazer.

— Tenho gravações melhores. Devo ter baixado a versão errada — comentou ela.

Sentiu as orelhas ficarem vermelhas de vergonha. Leo olhava pela janela.

— É melhor eu voltar — disse Matilda, estendendo o braço para a maçaneta da porta.

— Não — retrucou ele, pondo a mão na perna dela, que resistiu ao impulso de fugir e se empertigou um pouco mais, a mente a mil por hora.

O que ela tinha para prender a atenção dele? Detestava trabalhar como garçoneiro, mas Fernando a *mataria* por ter desaparecido na hora de servir o jantar. Leo fitava o busto dela com um olhar atrevido. Matilda baixou os olhos e reparou em uma manchinha na calça preta. Raspou com a unha o pingote de molho de vinagre balsâmico, do qual havia preparado litros. Lá dentro, era provável que todo mundo estivesse arrumando a salada verde com camarão grelhado nos pratos, despejando o molho pela borda num traçado que devia se parecer com ondas, como os desenhos que as crianças fazem do mar.

— Eu queria ver o mar — disse ela, baixinho.

E então, tão devagar que a princípio Matilda não entendeu ao certo o que estava acontecendo, Leo tomou-lhe a mão (por um momento bobo, ela achou que ele iria beijá-la, como um personagem das novelas a que sua mãe assistia) e a pôs no colo. E ela sempre se lembraria dessa parte, de como ele não parou de fitá-la. Não fechou os olhos, não inclinou a cabeça para trás, não se inclinou para dar um beijo babado nem se atrapalhou com os botões

da blusa dela; olhou firme e demoradamente para seus olhos. Ele a viu.

Matilda sentiu a reação dele sob a mão, foi eletrizante. Enquanto mantinha os olhos fixos nos de Leo, ela aumentou um pouquinho a pressão dos dedos e, de repente, o equilíbrio de poder no carro mudou a seu favor.

— Achei que a gente ia ver o mar — disse ela, querendo fugir do campo de visão da cozinha.

Leo sorriu e deu marcha a ré. Matilda lhe abriu o zíper da calça antes que ele acabasse de colocar o cinto de segurança.

* * *

NÃO SE PODIA culpar Leo pela rapidez do clímax. Sua esposa o pusera de castigo semanas antes, depois de flagrá-lo apalpando uma babá no corredor da casa de veraneio de uma amiga. Ao dirigir rumo à praia, Leo tinha esperança de que a combinação de álcool, cocaína e antidepressivo retardasse sua reação, mas, quando a mão de Matilda o apertou com vontade, ele percebeu que tudo estava acontecendo depressa demais. Fechou os olhos por um segundo — só um segundo — para se recompor, para interromper a imagem inebriante da mão dela subindo e descendo, as unhas com esmalte azul lascado. Nem chegou a ver o SUV que vinha em disparada pela Ocean Avenue, à direita, no sentido perpendicular a seu carro. Percebeu tarde demais que o guincho que ouvira não era a voz de Matilda saindo do equipamento de som, mas algo bem diferente.

Nenhum dos dois sequer teve tempo de gritar.



PARTE UM

OUTUBRO NEVADO





CAPÍTULO 1

Uma vez que, na noite anterior, os três Plumb haviam combinado por telefone que não beberiam na frente do irmão, Leo, todos — sem conhecimento uns dos outros — estavam em bares diferentes da Grand Central Station e nos arredores, saboreando um drinque furtivo antes do almoço.

A tarde de outono estava estranha. Dois dias antes, um vento nordeste viera rugindo pelo meio do litoral do Atlântico, chocando-se com uma frente fria que saía de Ohio em direção ao leste e com uma massa ártica que descia do Canadá. A tempestade resultante havia despejado um volume recorde de neve em alguns pontos, cobrindo diversas cidades, da Pensilvânia ao Maine, com um inverno bizarramente precoce. Na cidade-dormitório em que Melody Plumb morava, cinquenta quilômetros ao norte de Manhattan, quase todas as árvores ainda exibiam a folhagem de outono, e muitas tinham sido destruídas ou danificadas pela neve e pelo gelo. As ruas estavam cheias de galhos caídos, ainda faltava luz em alguns lugares e o prefeito falava em cancelar o Halloween.

Apesar do frio persistente e das quedas de eletricidade aqui e ali, a viagem de trem de Melody para Manhattan transcorrera sem incidentes. Ela estava acomodada no bar do saguão do hotel Hyatt, na 42nd Street, onde sabia que não corria o risco de esbarrar com o irmão ou a irmã. Havia sugerido o restaurante do hotel para o almoço, em vez do ponto de encontro habitual — o Oyster Bar, a Grand Central Station —, e aguentara a gozação de Jack e Beatrice, já que o Hyatt não estava na sua lista de locais considerados aceitáveis, com base em misteriosos critérios que ela não tinha o

menor interesse em decodificar. Melody se recusava a continuar se sentindo inferior àqueles dois, recusava-se a ser diminuída por não partilhar a veneração que os irmãos tinham por tudo o que era tradicional em Manhattan.

Sentada a uma mesa próxima das janelas colossais do andar de cima do enorme saguão (que, ela era forçada a admitir, era completamente inóspito — grande e cinza e moderno demais, com uma escultura de tubos de aço horrorosa pairando no alto; dava até para ouvir a ridicularização cortante de Jack e Bea mesmo na ausência deles, e era um alívio que não estivessem ali), Melody pediu a taça do vinho branco mais barato (*doze* dólares, mais do que ela gastaria com uma garrafa inteira em casa) e torceu para que o barman fosse generoso ao servir.

O tempo continuara atipicamente frio desde a nevasca, mas o sol enfim rompia as nuvens e as temperaturas começavam a subir. No centro da cidade, os montes de neve em todas as faixas de pedestre derretiam depressa, transformando-se em poças intransponíveis de lama e gelo. Melody viu uma mulher particularmente deselegante tentar pular a poça e errar por centímetros, enfiando a sapatilha vermelha bem no meio da água, que com certeza estava gelada e imunda. Melody adoraria ter sapatos delicados como aquele e não cometeria a burrice de usá-los num dia assim.

Sentiu uma pontada de nervosismo ao pensar em suas filhas seguindo para a cidade grande e tendo que dobrar esquinas traiçoeiras. Tomou um gole do vinho (sofrível), tirou o celular do bolso e abriu seu aplicativo favorito, que Nora chamava de joguinho dos *stalkers*. Apertou o botão “localizar”, esperou o mapa carregar e os pontinhos que representavam suas gêmeas de dezesseis anos se materializarem na tela.

Melody mal podia acreditar no milagre de um aparelho portátil que lhe permitia rastrear o paradeiro exato de Nora e Louisa, desde que elas estivessem com seus celulares. E eram adolescentes, estavam *sempre* com os celulares. Quando o mapa começou a aparecer na tela, Melody sentiu as conhecidas palpitações de pânico, até as bolinhas azuis pulsantes surgirem e a palavra *Achei!* brotar no alto, mostrando as meninas no exato local em que deviam estar: no curso preparatório para o SAT, o teste usado na seleção para as universidades, na zona norte de Manhattan.

Fazia mais de um mês que elas frequentavam as aulas de fim de semana, e, em geral, Melody acompanhava da mesa da cozinha o progresso matinal das filhas, vendo os pontinhos azuis deslizarem lentamente da Grand Central Station para o norte, de acordo com as instruções meticulosas da mãe: saindo da estação ferroviária, elas deviam pegar o ônibus na Madison Avenue para a 59th Street, onde saltariam e caminhariam na direção oeste até o curso, na 63rd, pertinho de Columbus Circle. Elas *não* deviam andar muito próximas do parque, mas do outro lado da rua, passando pelo exército de porteiros uniformizados, que as ouviriam pedir socorro se tivessem algum problema. As meninas estavam rigorosamente proibidas de entrar no Central Park ou de se desviarem do caminho. Melody as apavorava toda semana, enchendo-lhes a cabeça com histórias de jovens perdidas ou sequestradas, forçadas a se prostituir ou assassinadas e desovadas no rio.

“O Upper West Side não é exatamente Calcutá”, argumentava gentilmente seu marido, Walter. Mas Melody tinha medo. Imaginar as filhas perambulando por Manhattan sem a proteção dela fazia seu coração palpitar e deixava as palmas das suas mãos suadas. Estavam suando naquele exato momento. De manhã, quando as três haviam saltado na Grand Central Station, Melody não quisera

deixar as filhas irem embora. Aos sábados, a estação ficava cheia de turistas verificando seus guias de viagem e os horários dos trens e tentando encontrar a Galeria dos Sussurros. Ela dera um beijo de despedida nas meninas e as observara até não conseguir mais enxergar a cabeça das duas — uma loura, outra morena. Elas não pareciam turistas; não havia hesitação alguma no modo como se deslocavam em meio à multidão. Pareciam fazer parte da cidade, o que deixava Melody apavorada. Queria que as duas pertencessem a *ela*, que parassem de crescer. As filhas já não lhe confidenciavam todos os pensamentos, desejos ou preocupações; Melody já não conhecia o coração e a mente das meninas como antes. Sabia que permitir que elas crescessem e partissem era a ordem natural das coisas. Queria que fossem fortes, independentes e felizes — mais do que tudo, queria que fossem *felizes* —, porém o fato de já não ter controle sobre o funcionamento interno das duas a deixava zozona. Se não podia ter certeza de como elas se movimentavam pelo mundo, pelo menos podia *observar* enquanto se movimentavam pelo mundo, bem ali, na palma da mão. Pelo menos tinha isso.

“Leo nunca vai devolver o dinheiro para vocês”, dissera Walter no momento em que ela saía para a estação de trem. “Vocês estão sonhando, perdendo tempo.”

Mesmo temendo que o marido estivesse certo, Melody precisava acreditar no contrário. Os dois tinham contraído muitos empréstimos para comprar a casa, uma construção pequena, mas histórica, numa das ruas mais bonitas da cidade, e logo em seguida viram a economia desmoronar e os preços dos imóveis despencarem. A taxa flutuante de juros estava prestes a subir na hipoteca que eles já não conseguiam pagar. Com pouca liquidez na casa, não podiam refinanciá-la. A faculdade se aproximava e eles não tinham quase nada no banco; Melody vinha contando com O Pé-de-Meia.

Na rua, Melody viu gente tirando as luvas, desenrolando os cachecóis e erguendo o rosto para o sol. Sentiu uma pequena onda de satisfação por saber que, se quisesse, poderia passar a tarde inteira em recintos fechados. O principal motivo para ela adorar o bar do Hyatt era a possibilidade de acessá-lo por uma passagem discreta e pouco movimentada que ligava o hotel à Grand Central Station. Quando chegasse a hora do almoço, Melody voltaria à estação pelo corredor secreto e desceria para o Oyster Bar. Passaria horas em Nova York sem ter que pôr os pés na rua, com seus sapatos escolhidos de modo sensato, podendo evitar totalmente o ar de Manhattan, que ela sempre imaginava lotado de partículas cinzentas. Durante a breve temporada em que morara com Walter em Upper Manhattan (bem ao norte mesmo), onde as gêmeas nasceram, Melody travara uma batalha feroz e perdida contra a fuligem da cidade. Não importava quantas vezes limpasse os batentes com um pano úmido, a lanugem preta ressurgia, às vezes em questão de horas. Sem fonte comprovada, o resíduo a preocupava. Parecia uma manifestação física da decadência da cidade, em que todas as massas pululantes se decompunham na poeira cinzenta e encardida das janelas.

Viu outra mulher, no lado oposto do salão, segurando uma taça de vinho, e demorou um instante para reconhecer o próprio reflexo. O cabelo estava mais louro que de costume — ela escolhera uma tonalidade mais clara na farmácia e tinha esperança de que a cor abrandasse o nariz comprido e o queixo forte que ela e a irmã, Beatrice, haviam herdado dos ancestrais paternos da Nova Inglaterra. De algum modo, as feições marcantes que trabalhavam a favor de Bea (*Madame X*, como Leo a chamava, inspirado no retrato de Sargent) faziam Melody parecer austera sem querer. A época em que ela mais se ressentia de seu rosto era a do Halloween. Num

ano em que as meninas eram pequenas e as três foram comprar fantasias, Nora apontara para um anúncio que mostrava uma bruxa — não excessivamente feia, nada de verrugas, cara verde e dentes estragados, mas ainda assim uma *bruxa* — ao lado de um caldeirão fervente e dissera: “Olhe! É a mamãe!”

Melody pegou a conta na mesa e a entregou ao garçom com um cartão de crédito. *Ele nunca vai devolver o dinheiro para vocês*, dissera Walt. *Ah, vai devolver, sim*, pensou ela. Não havia chance de uma noite de estupidez e devassidão de Leo estragar o futuro das filhas dela, não depois de as garotas se esforçarem tanto, não depois de a mãe tê-las incentivado a sonharem daquela forma. Elas *não iriam* para uma faculdade comunitária.

Tornou a olhar para o mapa no celular. Havia outra razão particular para gostar tanto dos pontinhos azuis com ondas animadas: eles a lembravam do primeiro ultrassom em que ela e Walt tinham ouvido batimentos cardíacos gêmeos e visto duas sombras informes e cinzentas produzindo pulsações arrítmicas nas profundezas de seu ventre.

Dois pelo preço de um, dissera o animado técnico, enquanto Walt segurava a mão da mulher e os dois fitavam a tela, se entreolhavam e sorriam, como os ingênuos deslumbrados que eram. Melody se lembrava de ter pensado naquele momento: *Nada vai superar isto*. E, em certo sentido, tivera razão; já naquela época sabia que nunca mais se sentiria uma protetora tão capaz e resoluta depois que parisse, lançando ao mundo aqueles corações vulneráveis e palpitantes.

O garçom se aproximava com uma expressão apreensiva. Ela suspirou e tornou a abrir a carteira.

— Desculpe, senhora — disse o rapaz, entregando-lhe o Visa que ela esperara que ainda tivesse dentro do limite —, o cartão foi

recusado.

— Tudo bem — retrucou Melody, pegando o cartão secreto que ativara sem contar a Walt; ele a mataria se soubesse. Assim como a mataria se descobrisse que o curso preparatório para o SAT em Nova York, apesar de ser mais barato do que o professor particular que ela quisera contratar na cidade em que moravam, custava o dobro do que ela contara ao marido, razão pela qual precisava do cartão adicional. — Pensei que tinha lhe dado este aqui.

Observou o garçom enquanto ele voltava ao caixa e passava o cartão, ela e ele perfeitamente imóveis, e só soltaram a respiração quando a máquina começou a cuspir o recibo.

“Gosto da nossa vida”, Walt lhe dissera naquela manhã, puxando-a para junto de si. “Gosto de você. Será que não pode fingir, só um pouquinho, que também gosta de mim?” Ele sorria ao dizer isso, mas Melody sabia que às vezes o marido se preocupava. Naquele momento, ela havia relaxado no abraço tranquilizador do marido e aspirado seu cheiro reconfortante — sabonete, camisa recém-lavada e chiclete de hortelã. Fechara os olhos e imaginara Nora e Louisa, lindas e graciosas, de beca e capelo acetinados, num frondoso pátio universitário de uma cidade tradicional da Nova Inglaterra, o sol da manhã iluminando seus rostos ansiosos, o futuro se desdobrando à sua frente como uma ondulante peça de seda. Eram tão inteligentes, lindas, francas e gentis. Melody queria que tivessem tudo: as chances que ela nunca tivera, as oportunidades que prometera. “Eu gosto de você, sim, Walter”, tinha resmungado no ombro dele. “Gosto muito de você. É a mim que detesto.”

* * *

DO LADO OPOSTO da Grand Central Station, no alto de uma escada acarpetada, depois das portas de vidro que diziam CAMPBELL APARTMENT, Jack Plumb devolvia seu drinque por achar que a hortelã não fora macerada corretamente:

— Só jogaram isso aí como se fosse um enfeite, não um *ingrediente* — disse à garçonete.

Estava sentado com seu companheiro de duas décadas e marido oficializado havia quase sete semanas. Tinha certeza de que os outros Plumb não conheciam o local, o antigo escritório de um magnata da década de 1920, restaurado e reconcebido como um bar de alto padrão. Beatrice talvez o conhecesse, mas não era o tipo de ambiente que ela frequentava. Circunspecto demais. Caro demais. Com código de vestimenta. Às vezes, ficava tão cheio de passageiros dos trens que chegava a ser incômodo, mas eles estavam abençoadamente escassos naquela tarde de sábado.

— Versão 2.0 — comentou Walker, quando a garçonete colocou o drinque refeito diante de Jack.

Ele provou um gole.

— Está ótimo.

— Desculpe o trabalho — disse Walker à garçonete.

— É — acrescentou Jack entre os dentes enquanto a moça se afastava, mas alto o bastante para Walker escutar —, mil desculpas por obrigá-la a fazer seu trabalho.

— Ela só entrega os drinks. Não é ela quem prepara. — Walker manteve o tom amável na voz. Jack estava de mau humor. — Por que você não toma um gole bem generoso e tenta relaxar?

Jack pegou um pedacinho de hortelã do copo e o mastigou por um segundo.

— Uma curiosidade. Será que dizer a alguém para relaxar ajuda em alguma coisa? — indagou. — É como dizer “respire” a uma

pessoa com hiperventilação, ou “engula” para quem está engasgando. Uma advertência completamente inútil.

— Não foi uma advertência, foi uma sugestão.

— É o mesmo que dizer “Pode fazer o que quiser, mas não pense num elefante cor-de-rosa”.

— Já entendi — retrucou Walker. — Que tal *eu* relaxar e você fazer o que quiser?

— Obrigado.

— Posso te acompanhar nesse almoço, se for ajudar.

— Você já disse isso. Umas mil vezes.

Tentar provocar Walker era mesquinho e sem sentido, mas Jack estava tentando assim mesmo, porque sabia que ser ríspido com ele afrouxaria por um instante o nó de fúria que se apertava cada vez mais em seu íntimo. E ele *tinha* pensado em convidar Walker para o almoço. Sua família preferia mesmo a companhia do marido; quem não preferiria? Walker e sua risada sonora, seu rosto bondoso e sua simpatia infindável. Parecia um Papai Noel gay, sem barba e ligeiramente mais magro.

Mas Jack não podia convidá-lo porque ainda não falara com os outros Plumb sobre seu casamento no início de setembro, o casamento para o qual eles não tinham sido convidados, porque Jack quisera que o dia fosse perfeito, e perfeito para ele significava sem nenhum Plumb. Não queria ouvir as preocupações de Bea com o acidente de Leo, nem escutar o marido sem graça de Melody dizer a quem quisesse ouvir que seu nome era “Walter, não Walker”. (O fato de Jack e Melody terem escolhido parceiros com nomes quase iguais era algo que ainda irritava os dois, mesmo após décadas.)

— Desculpe por ter sido grosseiro com você — disse Jack, por fim.

Walker deu de ombros.

— Tudo bem, amor.

— Desculpe por estar sendo um babaca — completou. Virou o pescoço e ouviu o estalo preocupante, mas agradável, que aparecera havia pouco tempo. Deus do céu, estava ficando velho. Faltavam seis anos para os cinquenta, e sabe-se lá que novos horrores essa década reservava para seu corpo esguio cada vez mais flácido, para sua memória já esgarçada e para seu cabelo que escasseava de forma alarmante. Dirigiu um sorriso tímido ao marido. — Depois do almoço eu melhora.

— Não importa o que acontecer no almoço, a gente vai ficar bem. Vai ficar tudo *ótimo*.

Jack afundou mais na poltrona de couro e começou a estalar os dedos das mãos, um som que sabia que Walker abominava. É claro que o marido achava que ficaria tudo *ótimo*. Ele não fazia a menor ideia dos apuros financeiros de Jack (mais uma razão para não o querer no almoço, para o caso de surgir a oportunidade de dizer a Leo exatamente quanto a escapadinha pelas ruas de Long Island vinha custando ao irmão). A reserva do casal para quando os dois se aposentassem tinha sofrido um baque terrível em 2008. Eles alugavam o mesmo apartamento da West Street desde que tinham passado a morar juntos. A lojinha de antiguidades de Jack no West Village nunca proporcionara grandes lucros, mas, nos anos anteriores, ele se sentia sortudo quando conseguia fechar as contas. Walker era advogado, exercia a profissão como autônomo e sempre fora o provedor do casal. O único investimento sólido dos dois era uma casa de veraneio em North Fork — modesta, mas muito querida —, que Jack vinha usando como garantia para empréstimos secretos. Havia contado com O Pé-de-Meia não só para pagar a hipoteca, mas também por ser a única coisa que ele tinha para oferecer a Walker como contribuição para o futuro do

casal. Não acreditava nem de longe que Leo estivesse falido. E não se importava. Só queria o que lhe era devido.

Jack e Leo eram irmãos, mas não amigos. Quase nunca se falavam. Às vezes Walker o pressionava (“não se pode desistir da família”), mas Jack havia se esforçado muito para se distanciar dos Plumb, em especial de Leo. Na companhia do irmão mais velho, sentia-se uma versão inferior dele. Menos inteligente, interessante e bem-sucedido — uma identidade que ele ganhara nos tempos do colégio e nunca perdera por completo. No começo do nono ano, alguns amigos de Leo haviam batizado Jack de *Leo Light*, e o apelido depreciativo pegara, persistindo até mesmo depois de o irmão mais velho se formar. No primeiro mês na faculdade, Jack esbarrou com um conhecido de sua cidade natal que o cumprimentou dizendo, como que por reflexo: “E aí, Light, tudo bem?” Jack quase lhe enfiara a mão na cara.

A porta se abriu e o lugar foi invadido por um grupo de turistas, que deixou entrar uma lufada de ar frio demais para outubro. Uma mulher mostrava a todos o seu sapato encharcado, uma sapatilha barata num tom cafona de vermelho.

— Ficou destruída — dizia aos companheiros.

— Há males que vêm para o bem — disse Jack a Walker, indicando o sapato com um meneio de cabeça.

— Acho que você não devia se atrasar — observou o marido.

Ele ergueu o pulso e mostrou o relógio que ganhara de Jack como presente de casamento, um raro Cartier Tank dos anos 1940, em perfeitas condições. Custara uma pequena fortuna; Walker não fazia ideia. Só mais um ressentimento pela burrada de Leo: agora Jack não conseguia se impedir de afixar uma etiqueta de preço imaginária, enorme e brilhante, em tudo o que o casal tinha, arrependendo-se por um instante de cada compra do ano anterior,

dos *anos* anteriores, inclusive das despesas nada insignificantes do casamento, que afora isso havia sido idílico.

— Adoro este relógio — comentou Walker.

A ternura em sua voz deixou Jack com vontade de jogar o copo na parede de tijolos do outro lado. Chegou a quase sentir o doce alívio que o inundaria quando o cristal de chumbo se espatifasse em um milhão de caquinhos. Em vez disso, levantou-se e apoiou com força o copo na mesa.

— Não deixe que eles te irrite — recomendou Walker, pondo a mão tranquilizadora no braço de Jack. — É só escutar o que Leo tem a dizer, depois a gente conversa.

— Combinado.

Jack abotoou o casaco, desceu a escada e saiu pela porta da Vanderbilt Avenue. Precisava de um pouco de ar fresco antes do almoço; talvez desse a volta no quarteirão. Enquanto abria caminho pelas lentas multidões de fim de semana, ouviu alguém gritar seu nome. Virou-se e levou um instante para reconhecer a mulher de boina que sorria feito uma louca com uma echarpe cor-de-rosa e laranja tricotada à mão, acenando para chamar a atenção dele. Jack parou para observá-la se aproximando e sorriu involuntariamente. Beatrice.

* * *

BEATRICE PLUMB ERA frequentadora assídua do Murphy's, um dos pubs do curto trecho da 43rd Street que era perpendicular à Grand Central Station, em geral frequentado por gente que pegava os trens todo dia para trabalhar. Bea se dava bem com o dono, Garrie, velho amigo de Tuck, dos tempos da Irlanda. Tuck aprovava o modo como Garrie servia a cerveja nos copos e como cantava

com sua voz leve e aguda de tenor quando o bar estava calmo — não as músicas turísticas de praxe, como “Danny Boy” ou “Wild Rover”, mas amostras de seu repertório de canções rebeldes irlandesas, como “Come Out Ye Black and Tans” e “The Ballad of Ballinamore”. Garrie tinha sido um dos primeiros a aparecer na porta de Bea depois da morte de Tuck. Tirara uma garrafa de Jameson’s do bolso do casaco e servira um copo para cada um. “Ao Tuck”, dissera em tom solene. “Que a estrada se eleve para encontrá-lo.” Às vezes, sob a luz certa, Bea o achava bonito. Em outros momentos, achava que Garrie tinha uma quedinha por ela, mas não queria descobrir... Ele era próximo demais de Tuck.

— Você chegou cedo hoje — observou Garrie quando ela entrou, pouco antes do meio-dia.

— Almoço de família. Queria aquele café batizado.

Garrie abriu a garrafa de Jameson’s e serviu uma dose generosa na caneca, antes de acrescentar o café. No céu sem nuvens, o sol estava tão brilhante e baixo que cegou Bea quando ela se sentou em seu lugar favorito, junto à janelinha da frente. Ela se levantou e deslocou a banquetta meio bamba para a sombra, longe da porta. Mais parecia janeiro do que outubro. O salão cheirava a forno, esfregão sujo e cerveja. “Aroma dos deuses”, diria Tuck. Nada lhe agradava mais do que um bar na penumbra numa tarde ensolarada. Alguém ligou o jukebox e Rosemary Clooney e Bing Crosby começaram a cantar “Baby, It’s Cold Outside”. Bea e Garrie trocaram um risinho debochado. A falta de imaginação das pessoas era um bocado tranquilizadora.

Bea ansiava por ver Leo, mas também estava nervosa. Ele não havia atendido a nenhum dos seus telefonemas na reabilitação. Era provável que estivesse com raiva da família inteira. Ela pensou em qual seria o aspecto do irmão. Da última vez que o vira, naquela

noite no hospital, haviam suturado seu queixo rasgado e ele parecia abatido e petrificado. Durante meses antes do acidente, estivera com uma aparência péssima: inchado, cansado e perigosamente entediado.

Bea tinha medo de que o almoço virasse um confronto. Jack e Melody vinham ficando cada vez mais transtornados com a situação do Pé-de-Meia, e ela presumia que os dois chegariam preparados para demarcar bem suas respectivas áreas de carência. A principal preocupação de Bea não era o que ela precisava receber de Leo. Seu objetivo era manter os irmãos, em geral desagradáveis, razoavelmente agradáveis, nem que fosse por uma tarde, apenas o suficiente para levar Leo a... Bem, ela não sabia exatamente a quê. A bolar algum plano que aplacasse um pouquinho Jack e Melody e desse a ele espaço suficiente para respirar, para que não bloqueasse os irmãos por completo... ou fugisse.

Ela sentiu o uísque relaxar seu corpo, tirando a tensão de seus nervos. Pegou a bolsa, que estava pendurada no banco. A simples sensação de peso lhe causou um pequeno arrepio. Bea era escritora. (*Fora* escritora? Era uma escritora que, até muito recentemente, havia parado de escrever? Nunca sabia como pensar em si mesma.) Às vezes, já não com frequência, mas de vez em quando, alguém reconhecia seu nome na revista literária em que trabalhava. *Beatrice Plumb? A escritora?* Esse era o início otimista da conversa. A essa altura ela já conhecia a sequência: o alegre lampejo de reconhecimento era seguido pela expressão confusa, enquanto a pessoa tentava evocar uma lembrança recente de sua obra, qualquer coisa que não seus primeiros contos, publicados havia séculos. Após dez anos de prática, Bea sabia se antecipar ao inevitável. Andava munida de uma lista de respostas diversionárias, que não deixavam margem a respeito de seu tão esperado

romance: uma piada autodepreciativa já surrada sobre escrever muito devagar; a ideia de que, se amortizasse o adiantamento recebido ao longo dos anos, ele se transformaria numa remuneração por hora que podia ser contada em frações de centavo; uma falsa superstição quanto a falar de trabalhos não concluídos; uma exasperação divertida diante de seu contínuo *perfeccionismo*.

Da enorme bolsa de lona, ela tirou uma pasta de couro marrom-escuro que Leo avistara anos antes na feira da Portobello Road, em Londres, na época em que ela estava na faculdade e tinha começado a levar a escrita a sério. Ele a dera a Bea de presente de aniversário. Produzida no começo da década de 1900, a pasta era do tamanho de um caderno grande e parecia uma miniatura de maleta, com sua alça curta e suas correias de couro — algo que poderia ter circulado em Viena na virada do século XX. Bea adorara o presente e o considerava seu objeto da sorte, até lhe parecer que toda a sorte de que um dia desfrutara tinha desaparecido. Fazia algumas semanas que ela encontrara a pasta numa das prateleiras superiores de um armário e a levara à sapataria local para consertar uma das correias. A loja havia limpadado e lustrado o couro, portanto a maletinha parecia quase nova, com a pátina perfeitamente de acordo com sua idade e seu uso, como se houvesse abrigado anos de manuscritos de sucesso. Bea abriu as correias e levantou a aba, tirando uma pilha de folhas cobertas por sua confusa caligrafia. Tinha escrito mais nos meses anteriores do que produzira em vários anos.

E o que vinha escrevendo era ótimo.

E ela se sentia péssima.

* * *

ANOS ANTES, QUANDO Bea acabara de terminar a pós-graduação, Leo a convencera a trabalhar na equipe de uma revista que ele havia ajudado a lançar, na época em que fundar uma revista ainda não era pura maluquice. A *SpeakEasy* era irreverente e perspicaz o bastante para ser um pouquinho escandalosa, o que a transformara num sucesso instantâneo no mundo insular da mídia nova-iorquina, a mesmíssima comunidade de que a revista zombava de forma implacável. Leo escrevia uma coluna mensal: um noticiário midiático apimentado por fofocas que ridicularizavam abertamente a velha guarda da cidade, assolada por fortunas herdadas, nepotismo e um comportamento tão provinciano que chegava a ser ridículo. A coluna tornara Leo ligeiramente famoso e muito antipatizado. A revista havia fechado apenas alguns anos depois, mas quase todos os integrantes da equipe original tinham partido para iniciativas midiáticas maiores, ou para romances que se tornaram best-sellers, ou então para outras carreiras literárias bastante respeitadas.

Por um bom tempo, Leo tinha sido o principal caso de sucesso. Reunira alguns integrantes mais jovens da equipe em seu pequeno apartamento, para lançarem uma versão on-line da *SpeakEasy*. Mantivera o tom malicioso e ampliara o alcance, visando todas as pessoas e indústrias censuráveis de sua preferência e fazendo a empresa passar de um único site para dezessete em quinze meses. Decorridos apenas três anos, Leo e o sócio venderam seu singelo império para um conglomerado midiático por uma pequena fortuna.

Bea ainda sentia saudade dos primeiros tempos da revista *SpeakEasy*. O escritório parecia uma ruidosa colônia de férias, na qual todas as crianças eram inteligentes e divertidas, entendiam as piadas e sabiam beber. Fora Leo quem a pressionara a concluir os primeiros contos naquela época. Ele ficara acordado até tarde, dissecando os parágrafos da irmã e tornando tudo melhor, mais

conciso e mais engraçado. Fora ele quem entregara o primeiro texto ao editor de ficção da *SpeakEasy* (e atual patrão dela, Paul Underwood) para a edição inaugural de contos: “As mais novas vozes de Nova York: quem você *deveria* ler.” E fora Leo quem colocara a foto dela na capa da revista (com uma legenda típica da *SpeakEasy*: “Pode ir aceitando: a irmã do editor escreveu nosso conto favorito”). A mesma foto de Bea ainda aparecia para ilustrar uma ou outra matéria comemorativa sobre a *SpeakEasy* (“Por onde andam?”), ou sobre o grupo de jovens escritoras, inclusive ela, que um jornalista batizara, de forma exasperante, de “As garotas da glitteratura”. A foto havia sido tirada na Mott Street, em Chinatown, em frente a uma vitrine de reluzentes patos laqueados pendurados em ganchos de metal, todos com as cabeças, ainda presas ao corpo, viradas na mesma direção. Bea usava um vestido amarelo-vivo de saia rodada e segurava, apoiada num dos ombros, uma sombrinha laqueada verde com minúsculas peônias brancas e cor-de-rosa. As tranças compridas, que ela ainda usava, eram de um castanho-avermelhado escuro na época e estavam presas na altura do pescoço. Com o queixo baixo, os olhos fechados e o perfil banhado pelo sol de um fim de tarde em agosto, ela parecia uma anunciação moderna. A foto saíra na contracapa de seu primeiro (e único) livro. Durante anos, a sombrinha ficara pendurada no teto acima da cama dela. O vestido amarelo ainda estava guardado em algum lugar.

* * *

BEA FEZ SINAL para Garrie e ele se aproximou com mais café, colocando a garrafa de Jameson's ao lado da caneca. Bea o flagrou espiando suas anotações e desviando prontamente os olhos. Ao

longo dos anos, Garrie entreouvira uma quantidade suficiente de lamúrias de Bea com Tuck a respeito do romance que nunca ficava pronto para saber que não convinha fazer perguntas a ela sobre trabalho, o que a fazia se sentir ainda mais patética, se é que isso era possível.

Leo tinha adorado — e publicado — o primeiro conto de Bea porque o texto era sobre *e/e*. O personagem que ela batizara de Archie era uma versão mal disfarçada do jovem Leo, um sedutor divertido, autocentrado e cáustico. A revista *The Paris Review* publicou o segundo conto sobre Archie. O terceiro saiu na *New Yorker*. Depois disso, ela conseguira uma agente — Stephanie, amiga de Leo, que também estava apenas começando e que fechou um contrato para dois livros por tanto dinheiro que Bea ficou tonta e teve de se sentar no escritório da agente e respirar num saco de papel. Sua coletânea de contos (cujo ponto alto, concordavam os críticos, eram as três histórias sobre Archie — “deliciosamente irônicas”, “hilariantes e argutas”, “torcendo pelo Archie ou não, você será incapaz de resistir a seus dúbios encantos”) teve uma vendagem *tranquila*.

“Está ótimo”, dissera Stephanie na época. “Tudo isso prepara o terreno para o romance.”

Bea se perguntou se Stephanie e Leo ainda manteriam contato, se Stephanie sequer tomara conhecimento do que estava acontecendo. Já fazia bem mais de um ano desde que falara com ela pela última vez, durante um almoço constrangedor no centro da cidade. “Vamos nos encontrar num lugar sossegado”, dissera a agente por e-mail, alertando-a para a conversa difícil, mas não surpreendente, que viria sobre o romance atrasadíssimo e exaustivamente retrabalhado.

— Sei do esforço que você investiu nesse rascunho — disse Stephanie no encontro (com generosidade, pois ambas sabiam que fazia um bom tempo que nenhum grande esforço era dedicado ao manuscrito) —, mas, apesar de ter encontrado qualidades no seu trabalho...

— Ai, meu Deus — interrompeu Bea, mal conseguindo acreditar que estava ouvindo a frase feita, tantas vezes empregada por ela mesma, quando não conseguia pensar numa só qualidade da prosa de alguém. — Por favor, não me venha com *qualidades no seu trabalho*. Por favor. Diga de uma vez o que tem a dizer.

— Tem razão. Desculpe.

Stephanie pareceu frustrada, quase com raiva. Também parecia mais velha, Bea notou com surpresa, mas, afinal, imaginava que isso se aplicasse às duas. A agente brincou com um pacotinho de açúcar, rasgando-o um pouco num canto, depois dobrando a ponta e colocando-o no pires.

— Muito bem, lá vai. Tudo o que eu adorava nos seus contos, o humor, a engenhosidade, a surpresa, tudo o que funcionava naquelas páginas... — Ela tornou a se interromper, já então parecendo apenas confusa. — Não consigo encontrar nada daquilo nestas páginas.

Desse ponto em diante, a conversa desandou.

— Você está terminando comigo? — perguntou Bea, por fim, tentando fazer piada e melhorar o clima.

— Estou — respondeu Stephanie, sem querer deixar dúvidas quanto à situação das duas. — Sinto muito, mas estou.

— Quero que o meu romance seja *grandioso* — dissera Bea a Stephanie e Leo na noite em que os três haviam comemorado a negociação do livro, uma noitada longa e regada a muita bebida,

durante a qual seu entusiasmo era tão puro que ela seria capaz de mudar o ar de uma sala ao passar, como uma frente climática.

— Isso é trabalho meu — retrucara Stephanie. — Você só precisa escrever o livro.

— Estou falando do quadro geral. Quero que seja abrangente. *Necessário*. Quero brincar um pouco, experimentar com a estrutura.

Bea havia chamado o garçom e pedido mais uma garrafa de champanhe. Leo acendera um charuto.

— Experimentar pode ser bom — comentara Stephanie, meio hesitante.

Bea estava muito bêbada e muito feliz. Tinha se reclinado no banco, colocado os pés sobre uma cadeira, pegado o charuto de Leo e soprado três anéis de fumaça, vendo-os flutuar até o teto enquanto tossia um pouco.

— Mas chega de Archie — dissera Leo, de repente. — Vamos aposentar o Archie, certo?

Bea ficara surpresa. Não planejava outros contos sobre Archie, mas também não pensava neles como *aposentados*. Fitando Leo do outro lado da mesa, havia pigarreado, tentado focalizar a visão em meio à fumaça, ao champanhe e àquelas colheradas diminutas de coca que cheirara no banheiro algumas horas antes e pensado: *sim*. Como era mesmo o verso da Bíblia? Hora de deixar para trás as coisas infantis?

— Sim. Chega de Archie — dissera em tom decidido.

— Ótimo — retrucara Leo.

— Você não é tão interessante assim, de qualquer modo.

Ela lhe devolvera o charuto.

— Isso ele não é mais, é verdade — concordara Stephanie, e Bea tinha fingido não notar que os dedos da agente subiam pela perna de Leo e desapareciam sob a toalha de linho.

Quantas páginas haviam sido escritas desde então? Quantas descartadas? Um número grande demais para considerar. Milhares. O romance tinha ficado grande, sim. Quinhentas e setenta e quatro páginas de grandiosidade. Bea não queria olhar para aquilo nunca mais.

Serviu um pouco mais de Jameson's na caneca, já sem se dar o trabalho de acrescentar café, e tornou a olhar para as novas páginas que ninguém vira ou sequer sabia que existiam. Não era uma história sobre Archie. *Não era*. Mas tinha energia e fluidez, a mesma leveza de linguagem que lhe viera com enorme facilidade, tantos anos antes, e depois parecera evaporar da noite para o dia, como se ela tivesse desaprendido uma habilidade vital enquanto dormia — tipo amarrar os sapatos, andar de bicicleta ou estalar os dedos — e não conseguisse imaginar como recuperá-la.

Stephanie tinha deixado uma brecha no último encontro das duas: se você tiver alguma coisa nova para me mostrar, dissera, *nova de verdade*, talvez a gente possa conversar. Mas primeiro Bea teria que mostrar as páginas a Leo. Provavelmente. Talvez. Talvez não.

“Quando vamos ler sobre a *sua* vida?”, perguntara ele, meio irritado, depois de Bea publicar o último conto sobre Archie, aquele em que se aproximara um pouquinho demais das qualidades menos desejáveis e mais predatórias do personagem. Pois bem, ali estava ela. Usando a própria vida. Leo não se atreveria a objetar. Estava em dívida com ela. Em especial depois daquela noite no hospital. O que acontecera no mês de julho anterior também a havia afetado. Também era a vida dela.

* * *

NORA E LOUISA andavam de mãos dadas pela Central Park West, esbaforidas por causa da corrida de três quarteirões desde a sala de aula do cursinho, arfantes de expectativa.

— Aqui vamos nós — disse Nora, apertando a mão da irmã. — Direto para a morte certa, a escravidão sexual ou as duas coisas.

Louisa riu, mas estava nervosa. Fugir do cursinho começara como uma piada. “A gente podia deixar os celulares no armário e dar o fora”, dissera ela a Nora, depois de uma aula excruciante. “A única pessoa que se importa se a gente está aqui ou não é a mamãe.” Louisa sabia, pela expressão da irmã, que sem querer deflagrara um processo inevitável. Ambas detestavam as aulas. A professora da turma das duas parecia ter quase a mesma idade que elas, nunca fazia chamada, não se lembrava do nome de ninguém e não parecia se importar com quem fazia o quê. “Isto aqui é basicamente autodirigido”, dizia, parecendo entediada e sem inspiração, enquanto olhava por uma janela que dava para a Columbus Avenue, com ar de quem queria mesmo pular pela janela e voltar para seu precioso fim de semana. “Vocês tiram daqui o que investem.”

— Você é um gênio — dissera Nora a Louisa. — Vamos!

— Era brincadeira. Mamãe e papai estão pagando.

— Tem tudo no livro! — retrucara Nora, pegando o enorme guia do SAT. — Eles pagaram pelo livro. Tudo o que aquela professora faz é ler trechos do capítulo e passar exercícios. Isso a gente pode fazer no trem e em casa. Não é tão difícil. Falta *um ano* para a gente tentar entrar em qualquer universidade. A gente ainda está no *segundo ano*.

Louisa ficou tentada, mas nervosa. Também achava as aulas chatas, mas se sentia culpada. Tinha algo estranho em casa envolvendo dinheiro — sempre havia algo estranho a respeito de

dinheiro, ele nunca era suficiente —, mas dessa vez a coisa parecia diferente, e talvez pior. Os pais vinham passando muito tempo cochichando de forma acalorada e, na noite anterior, tinham até levado a discussão para o jardim congelante e cheio de neve. Mas Louisa sabia que, quando Nora enfiava uma coisa na cabeça, era só questão de tempo para aquilo acontecer.

— Imagina como o parque deve estar lindo hoje, com a neve — disse Nora, começando seus apelos no segundo em que as duas se afastaram do olhar vigilante da mãe. — A neve na cidade é evanescente. Viu? Acabei de usar uma palavra do SAT. Vamos. Hoje é o dia perfeito.

Ninguém as deteve quando elas saíram apressadas do prédio por uma porta lateral e continuaram a correr pela rua, esperando ouvir alguém chamá-las pelo nome a qualquer momento. Tinham deixado os celulares num armário, para o caso de a mãe verificar sua localização pelo joguinho dos *stalkers* (e tratava-se da mãe delas, que *sempre* verificava a localização das filhas).

Louisa hesitou. As advertências de Melody sobre o Central Park e suas trilhas escuras e cheias de homens nefastos que queriam coisas vagamente perturbadoras e perigosas a assustavam de verdade. Mas Nora queria encontrar um vendedor de cachorro-quente, o carrossel, o castelo Belvedere e outras coisas de que tinham ouvido falar, mas nunca tinham visto. Nora havia baixado e imprimido um mapa antes de saírem de casa.

— Hoje vamos ficar nas trilhas principais — disse, desdobrando o mapa e apontando para o local marcado como “Memorial Strawberry Fields”. — Vamos começar por aqui.

* * *

LEO PLUMB ESTAVA perdido. Não era de andar pelo norte da cidade, e o suposto atalho que tomara para cruzar o Central Park o levava para uma zona que ele não reconhecia. O fato de o parque parecer o cenário de um desastre depois da nevasca também não ajudava. A neve e o gelo, assentados sobre as copas ainda frondosas, arriavam perigosamente os galhos sob seu peso, destruindo ou danificando inúmeras árvores. Muitas trilhas de caminhada pareciam corridas de obstáculos, escorregadias e cheias de detritos. Havia um trabalho maciço de limpeza em andamento, e o som das serras elétricas reverberava em todas as direções. Algumas áreas tinham sido interditadas por fitas de isolamento, o que exigia desvios sinuosos. Leo estava completamente desorientado.

Olhou para o alto, na tentativa de discernir e se situar pelos picos e pelas cumeeiras do edifício Dakota, na margem esquerda do parque, mas, do ponto onde estava, só conseguia enxergar prédios mais altos e pouco conhecidos. Estava atrasado para o compromisso que ele mesmo havia marcado por telefone no dia em que deixara a reabilitação, um encontro com seu velho amigo Rico no memorial Strawberry Fields. Tinha que descobrir o caminho para um ponto mais alto. Houvera uma época em que ele sabia um truque para descobrir onde estava no parque, algo relacionado aos números na base dos postes de ferro fundido. Andou até o mais próximo. Isso! Uma plaquinha de metal afixada à base trazia quatro algarismos gravados: 6107. Será que isso queria dizer que estava apenas na 61st Street? Mas será que o “07” também não indicava alguma coisa? Lado leste ou lado oeste, ou bem na porcaria do meio? Maldito Olmsted e suas trilhas sinuosas e falsamente bucólicas. Leo enfiou as mãos nos bolsos e começou a andar na direção que lhe pareceu levar para a esquerda.

* * *

— EU ACHO LEGAL — disse Louisa.

Ela baixou os olhos para o mosaico em preto e branco no chão com a palavra *IMAGINE* no centro. A imagem que tinha na cabeça era muito diferente, talvez com uma pintura de John Lennon. Ou de morangos. Ou de campos.

Nora saltitava na ponta dos pés, por estar empolgada e porque fazia frio.

— Vamos entrar no parque. Olhe só este lugar. Cheio de gente e de famílias. A Casa de Barcos fica logo ali, depois daquela colina, à esquerda.

Nora tinha razão. O parque não parecia nem um pouco perigoso. Parecia claro e animado.

— É mesmo arrebatador — disse Louisa, evocando outra palavra do SAT. — Pode ir na frente.

* * *

APRESSANDO-SE COMO PODIA, considerando a camada de gelo que revestia o pavimento, Leo enfim chegou a uma trilha que reconheceu. Já enxergava o edifício Dakota. A trilha estava tão fechada quanto possível, bloqueada por fitas de isolamento. Para além delas, um enorme galho quebrado de um velho olmo balançava perigosamente a poucos metros do chão. Leo se abaixou sob a fita e começou uma leve corrida pela trilha. O caminho era mais íngreme do que parecia, e as solas de seus sapatos caríssimos eram finas como papel. Enquanto desviava para contornar alguns galhos caídos, mantendo-se bem longe do olmo, escorregou numa grande poça de gelo quase invisível que rachou

sob o seu peso. Antes que conseguisse se equilibrar, lhe faltaram pernas e ele desabou de costas. Com força.

— Merda — resmungou com um bando de pardais que piavam feito loucos nos arbustos circundantes.

Permaneceu deitado no chão por um minuto. Transpirava muito, embora suas extremidades estivessem congelando. No alto, o céu de um azul vívido desmentia o inverno que se aproximava. Era um céu de primavera, pensou, um céu cheio de promessas. Quase teve vontade de fechar os olhos e esquecer o encontro. (“Encontro?” Chegava a ouvir a voz de sua orientadora da reabilitação, com seu tom zombeteiro e seus famosos suspiros: “Vamos dar nome aos bois, Leo. Isso é compra de drogas.”)

Enquanto se sentava, ouviu um barulho na trilha. Duas adolescentes fizeram a curva, descendo a colina, com as cabeças curvadas uma para a outra. Uma era animada, falava depressa e gesticulava, a outra balançava a cabeça e tinha o cenho franzido. Leo gostou de alguma coisa no jeito como elas se uniam ao caminhar, quase como se estivessem amarradas pelos ombros ou pelos cotovelos. A loura olhou para cima, notou Leo sentado no meio da trilha congelada e ficou paralisada. Ele sorriu para tranquilizá-las e acenou.

— Tomem cuidado! — avisou. — O chão daqui é traiçoeiro.

A loura pareceu se assustar e segurou a amiga, que olhava para Leo (seria imaginação dele?) como se o reconhecesse. Os três se fitaram por um momento, depois a loura puxou a mão da morena e as duas deram meia-volta e subiram a trilha às pressas.

— Ei! — gritou ele. — Eu venho em paz!

As garotas andaram mais depressa, segurando o braço uma da outra para se equilibrar.

* * *

POR UM MINUTO, pareceu a Nora e Louisa que Melody havia orquestrado aquela aparição quase mística de Leo, que o havia plantado ali para dizer: *Viram só? Estão vendo os problemas que espreitam no parque? Veem a sorte que vocês têm por eu ser sua mãe?* Elas viviam perguntando pelos irmãos de Melody, os irmãos que moravam em Manhattan e pareciam tão interessantes e inusitados, em especial o tio Leo, cujo retrato às vezes saía na seção *Sunday Styles* com Victoria, a glamorosa tia das meninas. (Certa vez, Louisa tentara chamá-la de tia Victoria, numa rara reunião de família, e não sabia dizer se a mulher tivera vontade de rir ou de cuspir nela.) Melody parecia sentir uma pontada quando as meninas apontavam para as fotos, o rosto tomado por uma mescla de reprovação e desapontamento. Sua expressão causava tanto mal-estar às filhas que elas pararam de mencionar as fotografias, passando a escondê-las num Tupperware no closet que compartilhavam. Vez por outra, perguntavam por Leo ao pai, que se limitava a dizer: “Ele sempre foi bastante educado comigo. Não leva bastante jeito para homem de família.”

E ali estava ele, Leo. Balançando os braços, como uma tartaruga de pernas para o ar. (“Ele não estava *balançando os braços*”, diria Nora mais tarde, quando as duas voltavam de trem para casa, descartando as tentativas de Louisa de descrever aquele momento estranho. “Estava tentando se levantar. O chão estava coberto de gelo.” Mas Louisa foi firme, no estilo de Melody: recém-saído da reabilitação, insistiu, Leo não deveria estar no parque. Deveria estar se encontrando com os irmãos para almoçar!) No alto da trilha, elas pararam e se esconderam atrás de uma árvore para espiá-lo.

— É ele, com certeza — afirmou Louisa.

— Será que a gente devia falar alguma coisa? — perguntou Nora.

Louisa hesitou. Também queria se aproximar de Leo, mas achou que não deviam.

— Ele vai contar para mamãe — disse.

Nora assentiu, crispando os lábios, decepcionada. As duas permaneceram imóveis, quase sem respirar, e observaram o tio por alguns minutos. Ele se levantou e sacudi a calça para limpá-la. Sentou-se num pedregulho.

— O que ele está fazendo? — cochichou Nora, quando Leo começou a fitar o céu.

Ela queria que sua família fosse normal. Queria poder descer a trilha correndo, acenando, e que ele sorrisse e depois desse uma risada, e que os três pudessem passar o dia juntos. Em vez disso, ali estavam elas, encolhidas atrás de uma árvore. Não tinham conhecimento dos detalhes da ida do tio para a reabilitação, mas sabiam que acontecera algum tipo de acidente grave e que havia drogas envolvidas. “Quem é que ainda cheira?”, Louisa ouvira a mãe perguntar ao pai certa noite do verão anterior.

— Vai ver ele está indo comprar drogas — sugeriu Louisa, olhando apreensiva para Nora. — Por que mais ele viria até aqui, logo antes do almoço?

* * *

LEO SUSPIROU E se levantou, sacudindo gravetos e terra da calça. Sentou-se numa pedra próxima, avaliando o estrago nas mãos raladas. Algo o incomodava, alguma coisa a respeito das meninas. Ele as assustara mesmo. Supunha que seu tombo tivesse sido deselegante, mas não conseguia se imaginar com uma aparência

perigosa. Por que elas tinham ficado tão assustadas? Nos últimos tempos, era provável que as crianças não tivessem permissão para circular no parque sem os pais — nem mesmo adolescentes, nem mesmo os rapazes. Àquela altura, as garotas já deviam estar procurando um guarda.

Droga, pensou Leo. E se *estivessem* procurando um policial? E se achassem que ele estava bêbado, ou pior: e se dessem sua descrição à polícia, que já teria começado a patrulhar a área à procura dele? Não podia ser pego com drogas. Seu advogado fora bem claro: “Você precisa manter o nariz limpo até sair a sentença do divórcio. Nada de viagens. Nada de gastos suspeitos. Nada de encrencas.” Leo se levantou e caminhou em direção ao som do trânsito. No alto da trilha, virou numa esquina e enfim soube exatamente onde estava. A Central Park West ficava bem em frente. Ele poderia chamar um táxi e ir direto para a Grand Central Station, sem se atrasar para o almoço. Se dobrasse à direita, estaria no Strawberry Fields em dois ou três minutos.

Hesitou. Do alto, veio um guincho ensurdecedor. Ele ergueu os olhos e se deparou com três corvos enormes, empoleirados numa das poucas árvores que já haviam perdido a folhagem. Todos grasnavam ao mesmo tempo, como se discutissem sobre o próximo movimento dele. Logo abaixo, no meio dos galhos nus e secos e na base de um ramo bifurcado, havia algo. Um pé de meia. Caramba.

Leo consultou o relógio e começou a andar.



CAPÍTULO 2

Ninguém se lembrava de quem começara a chamar a futura herança de “O Pé-de-Meia”, mas o nome havia pegado. Melody tinha apenas dezesseis anos quando Leonard Plumb Pai decidiu criar um fundo fiduciário para os filhos. “Nada de significativo”, dizia-lhes repetidas vezes, “só um pé-de-meia modesto, aplicado em investimentos conservadores e distribuído a tempo de vocês aproveitarem, mas não explorarem, o dinheiro”. Os recursos, explicava Leonard Pai, só ficariam disponíveis quando Melody, a caçula, completasse quarenta anos.

Jack tinha sido o primeiro a questionar em tom vociferante essa distribuição, querendo saber por que todos não poderiam tirar sua parte mais cedo e assinalando que Melody receberia o dinheiro numa etapa da vida anterior à de todos os outros, e o que havia de justo nisso? Mas Leonard refletira muito sobre a distribuição do fundo, sobre a quantia e o momento. Ele era — e era assim que pensava em si mesmo, várias vezes por dia — um *self-made man*. O princípio organizador de sua vida era que o dinheiro e as recompensas concomitantes deviam provir do trabalho, do esforço, do compromisso e da rotina. Houvera uma época em que os Plumb de Eastern Long Island tinham dinheiro de família e uma boa quantidade de imóveis. Décadas de mancadas comportamentais, casamentos e negócios inconsequentes tinham feito com que não restasse quase nada quando Leonard chegara aos últimos anos do colégio. Ele conseguira uma bolsa de estudos para cursar engenharia na Universidade Cornell e depois arranajara um emprego

na Dow Chemical, na época que ele chamava, em tom cerimonioso, de Alvorecer da Revolução da Absorção.

Leonard dera a sorte de entrar numa equipe que estava trabalhando com uma nova substância: polímeros sintéticos capazes de sugar trezentas vezes mais líquido do que os absorventes orgânicos convencionais, como papel e algodão. Enquanto seus colegas trabalhavam na identificação de usos potenciais para os novos superabsorventes — na agricultura, na indústria, na arquitetura, nas Forças Armadas —, Leonard concentrara a atenção em outra coisa: bens de consumo.

Segundo a lenda que ele repetia com frequência, a empresa que criara com dois sócios para orientar grandes corporações sobre o uso dos novos absorventes tinha sido quase exclusivamente responsável por produtos mais refinados de higiene feminina (o que ele sempre mencionava na presença de homens e mulheres, deixando os filhos mortos de vergonha), por fraldas descartáveis de melhor qualidade (realização da qual mais se orgulhava, considerando que gastara uma pequena fortuna num serviço de fornecimento e lavagem de fraldas quando os três primeiros filhos eram pequenos) e pelo repulsivo quadrado acolchoado de plástico que ainda é colocado sob todo pedaço de carne ou ave nos supermercados (e ele não deixava de revirar o lixo num jantar e levantar, triunfante, o quadrado jogado fora, exclamando “É meu!”). Leonard fundara uma empresa próspera com base na absorção, e esse era o feito de que mais se orgulhava, o fato que conferia um doce brilho a todas as suas realizações.

Não era um homem materialista. O exterior de sua espaçosa casa em estilo Tudor era escrupulosamente conservado, enquanto o interior ficava a um curto passo do desmazelo. Leonard abominava gastar dinheiro em qualquer coisa que se julgasse capaz de

consertar sozinho, e ele se achava capaz de consertar tudo. Os objetos da casa dos Plumb apresentavam graus variáveis de deterioração, à espera da atenção de Leonard e marcados por suas anotações manuscritas: um secador de cabelo que só se podia segurar com um pegador de panelas acolchoado, porque o cabo rachado superaquecia muito depressa (“Use com cuidado!”), tomadas que davam pequenos choques (“Use a de cima, não a de baixo!”), cafeteiras com vazamentos (“Use pouco!”), bicicletas sem freio (“Use com cautela!”) e inúmeros cadáveres de liquidificadores, gravadores de fita, televisores e componentes de aparelhos de som (“NÃO USE!”).

(Anos depois, a princípio sem se darem conta, depois deliberadamente, porque isso os fazia rir e era uma boa forma particular de classificação, Bea e Leo recorriam ao vernáculo das anotações do pai para editar manuscritos — *use mais, use com moderação, NÃO USE!*)

Leonard investia de modo cuidadoso e conservador em ações de primeira linha. Alegrava-se por reservar uma verba que proporcionaria uma modesta rede de segurança para o futuro dos filhos, mas também queria que eles fossem financeiramente independentes e valorizassem o trabalho árduo. Havia crescido com crianças que tinham fundos fiduciários — ainda conhecia muitas delas — e vira os estragos causados pelo afluxo precoce de dinheiro: quando disponibilizada cedo demais, a abundância levava ao tédio e à indolência, a uma irrequieten insatisfação. Ele pretendia que o fundo que criara fosse um leve toque, uma coisinha para acrescentar aos inevitáveis sucessos financeiros da prole — afinal, eram *seus* filhos — e para engordar um pouco a aposentadoria dos quatro, talvez para ajudar nos custos de alguns cursos

universitários. Nada tão vasto que chegasse a ser de fato significativo.

Manter o dinheiro retido até Melody completar quarenta anos era uma ideia que atraía Leonard por muitas razões. Ele era realista quanto à maturidade — afetiva ou de qualquer tipo — de seus quatro filhos: nada elogiável. Suspeitava que, se não fosse dado a todos de uma só vez, o dinheiro se tornaria fonte de conflito entre os que já o tivessem e os que ainda não o houvessem recebido; seus filhos não seriam bondosos uns com os outros. E, se alguém ia precisar do dinheiro mais cedo na vida, Leonard imaginava que essa pessoa seria Melody. Ela não era a mais brilhante dos quatro (essa era Bea), nem a mais sedutora (era Leo), nem a mais despachada (era Jack).

Na longa lista de coisas em que Leonard não confiava, o pagamento a estranhos para administrar seu dinheiro ficava perto do topo. Assim, numa noite de verão, ele convocou um primo de segundo grau, George Plumb, que era advogado, para um jantar em que destrinchariam cuidadosamente os detalhes de seu patrimônio.

Naquela noite, enquanto os dois faziam, sem pressa, o trajeto por dois martinis Gibson, um excelente Pommard, oitocentos gramas de costela de contrafilé com creme de espinafre, uma dose de conhaque e charutos, não ocorreu a Leonard que, em menos de dois anos, ao voltar do trabalho para casa tarde da noite, seria derrubado por um infarto fulminante enquanto dirigia seu tão bem-cuidado BMW sedã de quinze anos. Ele nunca imaginou que o mercado em alta do começo dos anos 2000, apoiado em títulos garantidos por créditos hipotecários, levaria o fundo a inflar muito além do que era sua intenção, nem poderia ter previsto que George, circunspecto, mas de presciência insólita, transferiria providencialmente O Pé-de-Meia para o porto mais seguro das

obrigações do tesouro pouco antes da queda do mercado em 2008, protegendo o capital que, ao longo da década anterior ao aniversário de quarenta anos de Melody, os irmãos Plumb tinham visto se elevar a valores que ultrapassavam seus sonhos mais desvairados. Ele nunca imaginou que, à medida que o fundo fosse crescendo, aumentasse também a tolerância de seus filhos ao risco, a *única* coisa que Leonard os advertira repetidamente a não fazerem *jámais*, em nenhuma circunstância da vida, desde que eles tinham idade suficiente para compreender: contar com o ovo no fiofó da galinha.

A única pessoa capaz de ter acesso antecipado ao fundo era Francie, e, apesar da superficialidade de sua dedicação a Leonard enquanto ele era vivo (ou talvez *por causa* dessa superficialidade, já que se casou com o segundo marido praticamente minutos depois de despir o luto de viúva), ela cumpriu ao pé da letra os desejos do falecido. Seu interesse pelos filhos, já anêmico quando ela era efetivamente responsável por eles, reduziu-se a um *brunch* ocasional no fim do ano ou a um telefonema de aniversário. Leo era o único que nunca pedira empréstimos a Francie tentando usar O Pé-de-Meia como garantia. Em diferentes momentos, os outros três — Jack, Melody e Bea — tinham pedido que ela considerasse uma distribuição antecipada, mas a mãe se recusara com obstinação.

Até o acidente de Leo.



CAPÍTULO 3

Ao receber alta da reabilitação, dias antes do almoço de família no Oyster Bar, Leo foi direto a seu apartamento em Tribeca, na esperança de negociar um arranjo civilizado e temporário de moradia com sua quase ex-mulher, Victoria. Ficou claro que ela já tinha outros planos quando sua chave não entrou na fechadura.

— Não entre nessa briga — instruiu George por telefone. — Arranje um hotel e pronto. Lembre-se do meu conselho. Fique na sua.

Leo não quis confessar a George que Bea tinha levado sua carteira na noite do acidente. Ele chegara à reabilitação sem nada além das chaves de casa, do iPhone (que fora imediatamente confiscado e devolvido a ele no dia da alta) e de sessenta dólares no bolso (idem). Parado na estação de metrô da Franklin Street, passando a lista de contatos do seu telefone, percebeu com desanimadora clareza como havia poucos indivíduos em Manhattan que teriam prazer em lhe emprestar o sofá. Quantas amizades ele permitira que minguassem e se reduzissem nos anos anteriores, enquanto ele e Victoria se entregavam à infelicidade um do outro e gastavam como se, de algum modo, o dinheiro se regenerasse magicamente. Pouquíssimas pessoas lamentariam saber que Leo tivera problemas e torceriam por sua recuperação ou seu regresso. Fazia mais de vinte anos que ele morava em Nova York e nunca tinha ficado sem uma casa para onde voltar.

O pedacinho de papel com um número de celular, empurrado para ele “por via das dúvidas” por seu colega de quarto na reabilitação, parecia um peixinho se remexendo no bolso traseiro.

Leo o pegou, digitou os números no telefone e deixou um recado antes que tivesse tempo de pensar, o que era o inverso exato do que fora incessantemente instruído a fazer durante sua estada em Bridges, o centro de recuperação em que sua família o havia largado por doze intermináveis semanas. E ele detestara cada minuto. A terapia individual nem chegara a ser tão ruim: Leo fizera um desabafo praticamente ininterrupto sobre Victoria e quase esgotara sua amargura ante a avareza dela. Chegara quase ao ponto de achar que se livrar da mulher valia o enorme preço a ser pago. Quase. Mas devia ter negociado algo em relação ao apartamento nas semanas seguintes.

O paletó de lã que estava vestindo nem de longe bastava para aquecê-lo. Fazia um frio incomum para outubro. Leo tinha vaga consciência de uma previsão do tempo ameaçadora. A manchete do *New York Post* na banca de jornais do metrô gritava OUTUBRO NEVADO! Enquanto aguardava o retorno da ligação, ele observou dois pedintes disputarem trocados na entrada da estação. De um lado, um sem-teto idoso segurava um gorro de tricô e se dirigia aos transeuntes de forma extravagante, com um caloroso: *Olá! Tente se manter seco! O frio de hoje está brabo!* E, no que Leo considerou uma estratégia de marketing particularmente brilhante, estimulava todas as crianças pequenas com um *Leia um livro!*

— Leu algum livro hoje, rapazinho? — perguntava. — Não se esqueça de ler um livro!

A meninada dava um sorriso tímido e assentia, mordiscando o dedo ao deixar cair uma nota de um dólar fornecida pelos pais no saco de papel aos pés do sujeito.

Do lado oposto, um jovem estudante de música, com a cabeça descoberta (*moderno*, pensou Leo, pois sua cabeleira formada por cachos louros com mechas era impressionante), prendia o violino

sob o queixo grande. Tocava trechos de clássicos populares, muito Vivaldi, um pouco de Bach, e fazia bastante sucesso com as mulheres que não empurravam carrinhos de bebê; as mais velhas vestindo casacos de pele, as mais jovens com fones de ouvido ou segurando sacolas retornáveis de compras.

A chuva fustigante que caía durante toda a manhã se transformava numa camada fina de gelo. Quem quer que estivesse do outro lado da linha telefônica ainda não havia retornado a ligação de Leo. Ele não tinha guarda-chuva nem chapéu, e os ombros do paletó caro estavam encharcados. Tornou a passar a lista de contatos, olhou durante alguns segundos para o nome de Stephanie e apertou a tecla “chamar”.

* * *

— A SITUAÇÃO DEVE estar pior do que ouvi dizer para você estar implorando para cruzar a ponte até o Brooklyn — disse Stephanie, que atendera o telefone depois de apenas três toques.

— Não estou implorando. Preciso passar um tempo com uma pessoa normal, alguém de quem eu realmente goste. — Stephanie não reagiu. Não ia facilitar as coisas. — O que você *ouviu dizer*, afinal, sobre a minha situação? — perguntou.

Leo preparou-se. Essa era mais uma razão pela qual precisava ver Stephanie, para calcular quanto da história havia vazado, saber se George tinha feito o que prometera.

— Quase nada. Eu soube que você se internou na Bridges. Só isso. Seu *consigliere* tem feito um bom trabalho. E então, como foi?

— Como foi o quê?

— O cruzeiro de Carnaval — disse Stephanie, tentando decidir até que ponto poderia forçar a barra por telefone. Não muito,

provavelmente.

— Você *ainda* não é tão engraçada como pensa — retrucou Leo, tentando decidir quanto teria de ceder para que ela o convidasse a ir até lá. Não muito, provavelmente.

— Como foi a reabilitação, Leo? Sobre o que mais eu estaria perguntando?

— Foi tudo bem.

Os dedos dele estavam começando a ficar dormentes de frio.

— Você está repleto de gratidão pelo poder superior? Está seguindo os passos?

— Não era bem esse tipo de lugar — disse Leo.

— Era que tipo de lugar?

— Steph, não sei se você andou olhando pela janela, mas estou do lado de fora, numa tempestade de granizo congelante. Todo encharcado. Está muito frio.

Ele bateu um pouco os pés no chão, tentando aquecer os dedos. Não estava acostumado a se ver naquela situação, à espera de um convite.

— Pode vir. Você sabe onde eu moro.

— Que metrô eu pego?

Contraíu-se ao se ouvir tão ansioso e agradecido.

— Nossa! — comentou Stephanie, rindo. — Você vem até o Brooklyn sem ser num carro de luxo? Acho que os poderosos entraram mesmo em decadência. Você sabe que aquelas fichas não existem mais, certo? Sabe que precisa comprar uma coisa chamada MetroCard?

Leo não disse nada. É claro que sabia do MetroCard, mas se deu conta de que era provável que nunca tivesse comprado um.

— Leo? Você tem dinheiro para o MetroCard? — perguntou Stephanie.

— Tenho.

— Então, pode vir. — A voz dela abrandou um pouco. — Pegue o trem 2 ou o 3 para a Bergen Street. Estou fazendo carneiro assado.

* * *

QUANDO O TELEFONE de Stephanie tocou naquela tarde, ela estava jogando punhados de sal grosso nos degraus da entrada da casa, antecipando-se à suposta nevasca. Soube que era Leo antes de atender. Não era uma pessoa supersticiosa, não acreditava em clarividência, pressentimentos, nem fantasmas, mas sempre tivera uma intuição a respeito de tudo o que envolvia Leo. Por isso, não ficou surpresa ao ouvir a voz dele. Percebeu que estivera esperando que ele ligasse. Semanas antes, havia cruzado com a mulher dele num bistrô do Soho e ficara exposta à torrente de vitupérios de Victoria; leve nos detalhes, dura nas recriminações.

— Já vai tarde, aquele sociopata narcisista — dissera Victoria, dando o braço a quem parecia ser seu namorado, um ator de televisão que Stephanie reconheceu de um daqueles seriados policiais.

Victoria foi vaga quando Stephanie lhe perguntou por que Leo estava na reabilitação.

— Porque ele é um covarde, talvez? — respondera. — Porque prefere resolver os problemas dormindo em Connecticut e torcendo para todo mundo esquecer e perdoar o que ele fez. Como de costume.

— Esquecer e perdoar o quê? — insistira Stephanie.

O bar estava abarrotado e, empurrados de leve pela aglomeração de frequentadores, os três oscilavam como se estivessem no convés de um barco.

Victoria fixou os olhos nela.

— Você nunca gostou de mim — dissera, cruzando os braços esqueléticos e oferecendo a Stephanie o sorriso presunçoso de quem acabou de decifrar um enigma.

— Não *desgosto* de você — retrucara Stephanie, o que não era verdade. Tinha grande antipatia por Victoria, ou melhor, por tudo o que ela representava, por tudo o que Leo tinha de superficial, irrefletido, descuidado. Tudo o que dera tão errado na vida dele depois que vendera a SpeakEasyMedia e largara todo mundo, inclusive ela própria. — Nem conheço você direito.

— Bem, pois fique sabendo do seguinte, para quando Leo reaparecer, o que com certeza vai acontecer — rebatera Victoria, chegando tão perto que Stephanie conseguiu sentir cheiro de alho, mariscos e cigarro em seu hálito, além de ver uma mancha minúscula de batom vermelho num de seus incisivos de brancura sobrenatural. — Vou ficar com tudo, até o último centavo. Leo pode apodrecer na reabilitação ou no inferno, pouco me importa. *Passe essa informação adiante.*

Assim, quando Leo telefonou do metrô, parecendo encabulado (para os padrões dele) e precisando de abrigo, Stephanie ficou curiosa. Curiosa para ver se a reabilitação o havia transformado ao menos um pouquinho, se o deixara sóbrio, regenerado ou arrependido. Sabia que era provável que ele continuasse o mesmo Leo de sempre, armando uma jogada. Mesmo assim, ela queria ver com os próprios olhos.

E, para ser totalmente franca — o que era, porque havia se esforçado muito para valorizar a franqueza acima de quase tudo —, sentiu-se lisonjeada por Leo ter recorrido a ela no momento em que precisou de ajuda. Grata por ainda estar na lista dele. E, por isso mesmo, precisaria ser muito cuidadosa.

* * *

LEO NÃO TINHA nada contra o Brooklyn, simplesmente preferia Manhattan e achava que quem dissesse o contrário estava mentindo. Mesmo assim, ao andar da estação da Bergen Street até Prospect Heights e descer o quarteirão de Stephanie, teve de admitir que a neve em queda rápida dava um toque decididamente romântico às ruas ladeadas por sobrados geminados do século XIX, com fachadas de arenito vermelho. Os automóveis do quarteirão já se escondiam sob uma camada úmida de brancura. Havia gente usando pás para limpar as calçadas e as escadas; o sal grosso parecia confete branco espalhado nos caminhos de ardósia cinza-azulada.

Com as mãos enfiadas nos bolsos para se proteger do frio, Leo se sentiu como o personagem de um romance de Edith Wharton ao levantar o trinco do portão preto de ferro e passar pelo lampião a gás em frente à casa de Stephanie. As venezianas de madeira que revestiam a bay window estavam abertas, e, ao subir a escadinha da frente, ele viu o interior da sala de estar, onde a lareira estava acesa. Devia ter parado para comprar flores, vinho ou algo do tipo. Deteve-se diante das grandes portas de entrada de mogno e vidro. Stephanie havia pendurado esqueletos de plástico fosforescente em tamanho natural nos dois painéis centrais. Leo hesitou um minuto e tocou a campainha, dando três toques breves, dois demorados: código que eles haviam usado nos velhos tempos. Uma das portas se abriu. Os esqueletos estalaram e balançaram sob a brisa tempestuosa, e ali estava ela. Stephanie.

Quando passava algum tempo sem vê-la, Leo sempre esquecia como ela era atraente. Não de uma beleza padrão, mas melhor. Era quase da altura dele, e Leo tinha mais de um metro e oitenta. O

cabelo acobreado e a pele morena a tornavam uma ruiva peculiar: sem sardas e propensa a se bronzear rapidamente se passasse algum tempo ao sol, o que nunca fazia. Era a única pessoa que Leo conhecia que tinha um olho castanho e outro salpicado de verde. Estava usando uma calça jeans com caimento admirável. Leo torceu para que ela virasse de costas e ele pudesse se familiarizar de novo com aquela bunda.

Stephanie o cumprimentou levantando a mão, para impedir que ele cruzasse para o hall de entrada, e disse:

— Três condições, Leo. Nada de drogas. Nada de pedir dinheiro emprestado. Nada de sexo.

— Quando foi que eu peguei dinheiro emprestado com você? — retrucou ele, sentindo a acolhedora lufada de calor que vinha do interior da casa. — Nos últimos dez anos, pelo menos.

— Estou falando sério. — Stephanie abriu mais a porta. Sorriu para ele, oferecendo-lhe a bochecha para um beijo. — Que bom ver você, babaca.



CAPÍTULO 4

O fato de Leo ter metido os pés pelas mãos de maneira tão bárbara era de inquietar, mas seus irmãos concordaram com relutância que não chegava a surpreender. O fato de a burrada dele ter movido a mãe desconectada a exercer os poderes de sua procuração e quase secar O Pé-de-Meia, contudo, era chocante. Era a única ameaça àquele dinheiro que nenhum deles havia imaginado. Simplesmente impensável.

— É óbvio que não era impensável, porque eu pensei nisso, e foi assim que seu pai instituiu o fundo — disse Francie no dia em que enfim concordou em se encontrar rapidamente com os filhos no escritório de George em Nova York, quando Leo ainda estava na reabilitação.

— O dinheiro também era nosso — disse Jack. A voz não saiu imperiosa como ele havia pretendido, e sim mais chorosa do que indignada. — E ninguém nos consultou nem nos informou até ser tarde demais.

— O dinheiro não é de vocês até março do ano que vem — retrucou Francie.

— Fevereiro — interpôs Melody.

— Perdão, o que você disse? — Francie pareceu levemente surpresa ao ouvir Melody, como se só então se desse conta da presença dela.

— Meu aniversário é em fevereiro — disse Melody. — Não em março.

Bea parou de tricotar e ergueu a mão.

— Março sou eu.

Francie fez o que sempre fazia quando estava errada: fingir que não estava e corrigir quem quer que a houvesse corrigido.

— É, foi isso que eu disse. O dinheiro só vai ser de vocês em fevereiro. E também não acabou tudo. Ainda vão receber uns cinquenta mil, mais ou menos. Certo, George?

— Algo nessa ordem, sim — confirmou George, que andava em torno da mesa de conferência servindo café para todos, claramente constrangido.

Melody não conseguia parar de olhar para a mãe, que começava a parecer velha. Quantos anos tinha? Setenta e um? Setenta e dois? Seus dedos longos e elegantes tremiam um pouco, as veias no dorso das mãos estavam escuras e saltadas, a pele, mais flácida, maculada por manchas senis, feito a casca de um ovo de codorna. Francie sempre fora muito vaidosa com as mãos, e demonstrava a extensão dos dedos dobrando-os e tocando a parte interna dos pulsos com as pontas. “Mãos de pianista”, costumava dizer a Melody, quando a filha era pequena. Nesse momento, Melody notou que a mãe punha conscientemente a mão esquerda (um pouquinho menos manchada) sobre a direita. Sua voz também havia afinado; insinuara-se nela uma ínfima diferença nos agudos, não uma estridência ou uma aspereza, mas um tremor que perturbou Melody. O declínio de Francie significava que todos estavam declinando.

— Vocês ainda vão receber uma quantia — prosseguiu Francie — que deixaria a maioria das pessoas muito agradecida.

— Uma quantia que corresponde a dez por cento do que a gente esperava. *Certo*, George? — indagou Jack.

— Parece correto — respondeu o advogado.

— *Dez por cento!* — insistiu Jack, praticamente cuspiendo em Francie do outro lado da mesa.

Ela tirou um delicado relógio de ouro do pulso e o pôs na mesa, à sua frente, como que para avisar a todos que o tempo estava acabando.

— Seu pai ficaria horrorizado com essa quantia. Vocês sabem que a intenção dele era que o fundo fosse uma ajuda modesta, não uma verdadeira herança.

— Isso não vem ao caso — disse Jack. — Ele criou uma conta. Depositou dinheiro. George cuidou dele, e *muito* bem. Agora o prazo está chegando e era para... Espere um segundo... — Jack se virou para George. — Leo não vai receber mais cinquenta mil, vai? Porque, se for, isso é uma puta sacanagem.

— Não fale palavrão — disse Francie.

Jack olhou para Bea e Melody, boquiaberto, e abriu os braços. Melody não soube ao certo se o gesto era de frustração ou se as chamava a participarem da conversa. Ela olhou para Bea, que contava os pontos atentamente do que quer que estivesse tricotando.

— Estamos obedecendo aos termos — declarou Francie.

— Sua mãe tem razão quanto a isso — informou George. — Leo pode recusar a parte dele, mas não podemos nos recusar a entregá-la.

— *Inacreditável!* — exclamou Jack.

Melody teve vontade de falar, mas não conseguia resolver como se dirigir à mãe. Seus irmãos mais velhos haviam começado a chamar Francie pelo nome na adolescência, mas ela nunca havia conseguido fazê-lo, e de alguma forma dizer “mamãe” na frente de Jack e Bea a deixava sem graça. Além disso, Melody tinha certo medo da mãe. A matriarca era meio malvada. Durante anos, os Plumb tinham dito uns aos outros que a mãe era só uma bêbada mesquinha. “Quem dera ela parasse de beber!”, diziam. “Seria

ótima!” Pouco antes da morte de Leonard, ela desenvolvera uma inesperada intolerância ao álcool e havia *de fato* parado de beber. Da noite para o dia. (Anos depois, eles se dariam conta de que a sobriedade repentina de Francie tivera a ver com Harold, o empresário e político conservador local abstinente com quem ela se casou logo depois de perder o marido.) Os filhos haviam esperado ansiosamente pela transformação da mãe, mas então descobriram que já conheciam sua verdadeira natureza. Ela era apenas mesquinha.

— É o seguinte — disse Melody, pigarreando e fazendo um pequeno aceno na direção de Francie, para lhe chamar a atenção. — A gente estava contando com o dinheiro, todo mundo fez planos e... — Hesitou.

Francie suspirou e girou ruidosamente a colherinha na xícara de café, como se estivesse misturando açúcar ou leite. Deixou-a cair e chacoalhar um pouco no pires.

— E? — indagou, com um gesto para que Melody concluísse. — Vocês fizeram planos e...

A filha ficou paralisada, sem saber ao certo o que mais dizer.

— Isso é um golpe — interpôs Jack. — É um golpe financeiro para se somar aos vários impactos financeiros dos últimos anos. Não seria razoável a gente esperar que você, como mãe do Leo, e levando em conta as suas posses, absorvesse parte desse prejuízo?

Enquanto Jack falava, Melody assentia e tentava avaliar a reação da mãe. Havia uma parte dela, uma partezinha contraída, que achava que talvez conseguisse fazer Francie ajudar no pagamento da faculdade das meninas.

— Mãe do Leo? — repetiu Francie, quase surpresa. — Leo tem quarenta e seis anos. E vocês não foram os únicos que sofreram

impactos financeiros nos últimos anos. Não que algum de vocês tenha se dado o trabalho de perguntar por nós.

— Por quê? — indagou Bea. — Você e Harold estão bem?

Francie tinha cruzado as mãos à sua frente e baixado os olhos para a mesa. Começou a falar e parou. Bea, Melody e Jack se entreolharam, nervosos.

— Harold e eu estamos bem — disse ela, enfim.

— Bem, então... — recomeçou Jack, mas Francie ergueu uma das mãos.

— Vamos ficar bem, mas quase todo o dinheiro do Harold está empatado em imóveis comerciais, um mercado em baixa neste momento. Obviamente.

— E o dinheiro que o papai deixou para você?

— Acabou faz tempo. Usamos para segurar a empresa do Harold até a economia se recuperar. — Francie endireitou os ombros e elevou um pouco a voz, como uma professora acalmando uma sala cheia de alunos numa simulação de incêndio. — Tudo vai ficar perfeitamente bem quando o mercado voltar ao rumo como sempre acontece. E nesse meio-tempo? Também tivemos de fazer cortes. Harold tem os próprios filhos para considerar. No momento, nosso patrimônio líquido é insignificante, e nossa situação vai ficar assim por um bom tempo. Todos fomos obrigados a reajustar nossas expectativas e nossos projetos por causa da situação da economia ultimamente. — Recostou-se na cadeira e cruzou os braços, avaliando sua prole. — Além disso, Leo é irmão de vocês. Nunca pensei que *não* fossem querer ajudá-lo a sair dessa situação terrível...

— Uma situação que foi criada por ele mesmo — interrompeu Jack.

Francie apontou um dedo para o filho e falou:

— O seu pai criou as regras do fundo, fazendo com que eu pudesse recorrer a ele em caso de emergência, por esse exato motivo. *Essa situação* foi uma emergência familiar.

— Qual é a parte que se classifica como emergência? — questionou Jack. — Os anos do Leo na vagabundagem, só se divertindo? O casamento dele com uma esbanjadora de primeira linha? A batida com um Porsche que ele não podia bancar e que só aconteceu porque o pau dele estava na mão de uma garçoneite?

Do outro lado da mesa, Francie levou a ponta dos dedos trêmulos às pálpebras, riscadas por uma sombra violeta que mais fazia com que parecessem machucadas do que qualquer outra coisa:

— Não quero ter essa conversa de novo — disse. Abriu os olhos e observou a mesa, surpresa como sempre ao ficar cara a cara com os filhos.

Francie estava ciente de que não ganharia nenhum prêmio por seu papel como mãe — nunca havia aspirado a isso —, mas não tinha sido tão terrível assim, tinha? O que é que Leonard gerara com aquele dinheiro que pensava que seria apenas um pequeno bônus na vida dos filhos, para quando ficassem mais velhos? Como eles podiam ter criado indivíduos tão carentes de espírito prático, mas, ainda assim, tão reivindicadores de seus direitos? Talvez a culpa fosse dela. Havia pensado nisso várias vezes, que mãe não pensaria? Tinha vinte e cinco anos e menos de um ano de casada quando Leo nascera, e Jack e Bea vieram logo depois. Ela ficara assoberbada a ponto de se tornar apática. E, justo quando pensava estar voltando a ser a Francie dos velhos tempos, assumindo o controle da situação — Leo tinha seis anos, Jack, quatro, faltavam poucos meses para Bea completar três, todos finalmente dormindo —, surpresa! Melody. Francie ficara desolada ao se descobrir grávida e permanecera assim durante muitos anos, contando as

horas de cada dia para poder beber alguma coisa e atenuar a ansiedade. Hoje em dia, ela supunha que a diagnosticariam com algum problema pós-parto e lhe dariam um remédio, e talvez a coisa fosse diferente. Harold — o sólido, confiante, revigorante Harold — a tinha resgatado.

Talvez a culpa fosse do casamento com Leonard. O relacionamento deles fora tenso, desunido (a não ser pelo sexo; Francie ainda pensava nas transas com Leonard, na improvável exuberância voraz dele, na própria capacidade de ser aquiescente e atenciosa na cama, como não era em nenhum outro âmbito da vida; quem dera tivessem sido um pouco mais cuidadosos no planejamento familiar), e era provável que o desempenho dos dois como pais tivesse sofrido com isso. Mas será que eles haviam sido tão diferentes de qualquer outra pessoa de sua geração? Não lhe parecia ser o caso.

— Mamãe?

Francie foi abruptamente chamada de volta à sala de reuniões pela voz de Melody, afastada da prazerosa lembrança de Leonard e dos lugares improváveis em que os dois copulavam quando as crianças eram pequenas, das transas por toda parte, do desejo constante dele. A lavanderia, com a porta trancada, tinha sido um dos locais favoritos, onde o zumbido e as batidas da lavadora e da secadora lhes davam certa privacidade auditiva. Ela ainda tinha certa excitação pavloviana ao sentir cheiro de desinfetante.

E ali estavam eles, seus filhos. Três deles, pelo menos. Jack, que havia emergido distante e reservado do ventre materno. Vivia tentando vender para a casa de Francie uma ou outra antiguidade vagabunda, algum objeto supervalorizado e superfaturado da loja dele. Ela não sabia se o filho era burro ou se apenas achava que ela era.

Beatrice sempre parecera a mais tranquila dos quatro, mas depois tinha escrito aqueles contos. Francie ficara orgulhosa quando o primeiro fora publicado, disposta a comprar dezenas de exemplares e exibi-los às amigas — até ler o conto com um personagem que pretendia ser ela, a mãe descrita como “distante e displicentemente cruel”. Nunca havia falado sobre essa história com Bea, mas ainda se lembrava de alguns trechos — a mulher que “via o mundo pelo prisma de um desejo insaciável e cuja única fluência era o desapontamento”. Por sorte, suas amigas não liam aquele tipo de revista; liam *Town & Country*, liam *Ladies Home Journal*. Bea sempre tivera seus segredos, sempre. Francie se perguntou o que estaria passando por aquela cabeça abaixada, naquele exato momento, enquanto as mãos voavam com as agulhas e a linha.

E Melody. Talvez Francie desse algum dinheiro a Melody, o bastante para um botox, uma plástica no rosto ou alguma coisa que iluminasse aquela palidez. Ela era a caçula e, de algum modo, a mais sem viço, como se o DNA dos Plumb tivesse ficado mais ralo a cada concepção, começando forte e robusto com Leo e fazendo cada filho posterior ser... um pouco *menos*. Francie não podia se dizer íntima de Leo, mas ele era o menos carente e, portanto, o filho em quem ela pensava com mais afeição.

Ajudara Leo porque Harold insistira em que ela resolvesse a situação o mais depressa possível. Não queria que nenhum de seus múltiplos parceiros comerciais, já arredios no clima econômico do momento, viessem a associá-lo a um processo judicial publicamente humilhante e possivelmente desastroso do ponto de vista financeiro. Os contatos de George, a veneranda reputação local da família e um cheque polpudo tinham resolvido a questão. Mas Francie também extraíra prazer do seu gesto magnânimo. Para variar, tinha se sentido competente e materna. Gostara de poder passar uma

borracha nos problemas de Leo e lhe oferecer uma segunda chance. Acreditava em segundas chances, às vezes mais do que nas primeiras, que eram desperdiçadas na juventude e em indiscrições. Seu segundo casamento era o que ela merecia, ainda que fosse meio formal, um tanto carente da dramaticidade e do contato físico que ela tivera com Leonard. Mas Harold era um bom marido; Francie era bem-cuidada e seus “desejos insaciáveis” eram satisfeitos.

Ainda assim, ela era obrigada a lutar com esse pelotão de fuzilamento formado por seus filhos, inclusive com aquela Sra. Defarge, sentada à cabeceira da mesa de reuniões. Quem estava sendo *displacientemente cruel* nesse momento? Sempre tinha sido assim: nada do que Francie fizesse era suficiente; o que ela fazia por um decepcionava outro. Não havia como ganhar. Quando é que aquilo ia acabar? Tornou a analisar o rosto dos filhos, à procura de algum sinal, algum pequeno indício de que eles tinham saído dela e de Leonard. Exceto pelos traços físicos, alvo mais fácil de acertar, não conseguia ver nada. Nada. Seu único pensamento era: *Não reconheço nenhum de vocês.*

— Mamãe? — chamou Melody.

— Essa é uma conversa que vocês precisam ter com Leo — disse Francie, por fim. — Tenho certeza de que ele vai devolver o dinheiro assim que acertar as coisas com Victoria. Pelo que sei, está vendendo quase tudo: o apartamento, as obras de arte. Certo, George?

George pigarreou, uniu os dedos e apertou os olhos, como se um forte raio de sol houvesse aparecido de repente na sala sem janelas.

— Está, sim, mas preciso dizer que quase tudo vai para Victoria.

— O que você quer dizer com quase tudo? — perguntou Melody.

— Quero dizer praticamente tudo. Vai sobrar alguma coisa, o suficiente para tirar Leo do aperto por um tempo, permitir que ele se sustente até arranjar um emprego. — George fez uma pausa, ciente de estar dando mais notícias ruins. — Como vocês podem imaginar, Victoria poderia ter dificultado muito a situação. Esse foi o jeito de ela resolver as coisas.

— E o seguro do Leo? — indagou Melody. — Ele não devia ter alguma cobertura de responsabilidade civil?

— É, bem, essa foi outra complicação inesperada. Parece que Leo tinha atrasado o pagamento de várias contas, inclusive o seguro.

Jack massageou as têmporas, como se tentasse abrandar uma enxaqueca.

— Então, recapitulando. Basicamente todos os bens do Leo vão servir para ele pagar Victoria, para se livrar dela, fazer com que fique de bico fechado, seja lá o que for, e todo o *nosso* dinheiro vai para a *garçonete*, por causa da burrada do Leo.

George encolheu os ombros.

— Acho que eu formularia a situação de um jeito mais sutil, mas, basicamente, é isso mesmo.

— Matilda Rodriguez — disse Bea.

Jack e Melody a olharam, confusos.

— É o nome dela — completou, impaciente. — Vocês podiam pelo menos chamar a garçonete pelo nome.

— Você está cantarolando? — perguntou Jack, virando-se para Melody.

— O quê? — disparou ela, assustada. *Estava* cantarolando. Era um hábito nervoso, algo que fazia quando ficava preocupada ou ansiosa. Estava tentando não pensar no acidente. — Desculpem — disse, dirigindo-se à sala.

— Você não precisa pedir desculpas por cantarolar — censurou Bea. — Pelo amor de Deus!

— É aquela música de *Cats* — disse Jack. — Que vontade de gritar!

— Antes de encerrar — interrompeu Francie, interrompendo as conhecidas picuinhas —, eu queria agradecer ao George por todo o trabalho. Não vou entrar em detalhes, mas basta dizer que levar Leo para a reabilitação, negociar o acordo, fazer o que precisava ser feito no nível local para cuidar de tudo, manter o assunto fora dos jornais, tudo isso foi um grande esforço, e é uma negligência da nossa parte ainda não ter agradecido ao George pelo empenho realmente extraordinário, pela rapidez, pela eficiência e tudo o mais.

Fez um aceno de cabeça para ele, como uma soberana que reconhecesse um súdito leal.

— Tivemos sorte — comentou George, evitando olhar para Bea, cujas mãos haviam parado de tricotar. — As coisas correram a nosso favor. E sua mãe está certa. Podia ter sido muito, muito pior. Vou arquivar esse caso na categoria de “finais felizes”.

— Acho que meu sistema de arquivamento é um pouco diferente do seu — disse Melody.

— Isso é do interesse de *todos* nós — afirmou Francie, levantando-se e vestindo o casaco. Melody teve de se conter para não estender a mão e tocar no macio tecido azul-marinho. — Ninguém quer que o assunto se espalhe pela East End inteira.

— Não dou a mínima para o que acontece na East End — disse Jack.

— Nem eu — acrescentou Bea, consciente de que a reunião estava prestes a terminar e de que talvez ela tivesse ficado um pouquinho calada demais.

Francie envolveu o pescoço com uma echarpe lilás. Melody ficou olhando. A echarpe era tão leve e diáfana que lhe trouxe à lembrança uma passagem de um livro infantil que ela lia para as filhas, quando as duas eram pequenas, sobre uma princesa que tinha um vestido feito de raios de luar tecidos por mariposas.

— A sua echarpe — disse. — Que linda.

— Obrigada — respondeu Francie, parecendo surpresa. Alisou um pouco o tecido, desenrolou a echarpe, dobrou-a num quadrado perfeito e o empurrou pela mesa de reuniões até deixá-lo diante de Melody. — Tome — disse. — Fique com ela.

— Sério? — comentou Melody, demonstrando encantamento mesmo sem querer. Nunca tivera nada tão delicado. Devia ser caro. — Tem certeza?

— Tenho — respondeu Francie, satisfeita por ver a gratidão no rosto da filha. — Essa cor é perfeita para você. Vai avivar um pouco sua palidez.

— Você tem falado com Leo? — perguntou Bea à mãe.

Francie viu Melody enrolar a echarpe no pescoço. A cor não era perfeita para ela, mas ainda assim ficou bonita. Fez sinal para a filha se aproximar e ajeitou as pontas do lenço, prendendo-as no lugar certo.

— Pronto — disse. Virou-se para Bea. — Falei com ele na semana passada. Bem rápido.

— Está tudo bem com ele? — perguntou Bea.

Francie deu de ombros.

— É o Leo. Pareceu tão bem quanto possível, dadas as circunstâncias.

— Ele compreende qual foi a intenção do que você fez? — perguntou Jack. — Entende que a sua incrível generosidade em nosso nome não foi um presente, mas um empréstimo?

— Tenho certeza de que não preciso dizer ao Leo que ele tem de responder pelo dinheiro. Ele não é burro.

Francie começou a colocar as luvas.

— Mas é do Leo que a gente está falando — retrucou Jack. — Será que de uma hora para outra ele vai começar a se importar com o que acontece com os outros?

— A gente deveria dar uma chance a ele — disse Bea.

— Vocês estão delirando — declarou Jack. A essa altura, já soava mais cansado do que enraivecido.

O breve sentimento de realização que Francie experimentou por ter dado a echarpe a Melody passou. Sem se voltar para ninguém em particular, ela abriu um lampejo de sorriso e disse:

— Vou mandar ele entrar em contato com vocês assim que voltar à cidade. Isso eu posso fazer.

— E depois o quê? — questionou Jack.

Francie encolheu os ombros.

— Chame o seu irmão para almoçar.



CAPÍTULO 5

O encontro no Oyster Bar da estação Grand Central Station era metade conveniência — Melody desembarcava nessa estação, que ficava a meio caminho entre o centro da cidade, onde Jack e Leo moravam, e a casa de Beatrice, na zona norte — e metade nostalgia. Nas raras ocasiões em que o casal Plumb original levava os quatro filhos a Nova York, todos comiam no Oyster Bar, pedindo pratos com nomes exóticos — Chincoteague, Emerald Cove, Pemaquid — e tigelas fumegantes de guisado de ostra. Os irmãos Plumb adoravam o agito do salão de jantar (onde nunca ficavam) e a eficiência ordeira do balcão que não exigia reservas (onde sempre se sentavam). Adoravam os tetos com abóbadas, revestidos de azulejos em tom marfim, e as luzes brancas que conseguiam fazer o espaço parecer romântico e asséptico.

Melody chegara cedo, para interceptar os irmãos antes que eles se acomodassem nos assentos do balcão. Tomara a ousada iniciativa de reservar uma mesa para todos no salão de jantar. Estava cansada do balcão; era difícil demais manter a conversa entre um grupo de quatro pessoas se todas se sentassem em fila, a menos que conseguissem lugares nas pontas, o que raramente acontecia. Nesse dia eles precisavam conversar, e Melody sempre quisera comer no salão, sentada ao redor de uma mesa, como faziam os nova-iorquinos civilizados. Mas Leo se atrasou e o *maître* só levava grupos completos para as mesas. Acabaram no balcão, repelindo o garçom com pedidos de coquetéis de camarão e Coca-Cola.

— A gente podia ter simplesmente dito que o grupo era de três pessoas. Depois era só puxar uma cadeira quando Leo chegasse — reclamou Jack. — Se é que ele vai chegar.

— Ele vem — disse Bea.

— Você falou com ele? — perguntou Jack.

— Não, mas ele vem.

Chateada, Melody abriu outro pacote de biscoitinhos salgados. O *maître* quase lhe arrancara a cabeça ao ouvi-la perguntar se ele poderia guardar uma mesa de canto para o grupo. “Senhora”, dissera o homem, em tom azedo, “aproveite os assentos do balcão, *por favor*”.

— Você falou com ele? — perguntou Jack a Melody.

— Eu? — exclamou ela, surpresa. — Não. Leo nunca me telefona.

— Recebi um e-mail dele no trabalho, na sexta-feira — informou Bea. — Mas, como ele ainda não chegou, talvez a gente devesse discutir o que vai falar quando ele estiver aqui.

Os três se remexeram um pouco nos bancos e se entreolharam com ar cauteloso.

— Bem — disse Melody —, eu...

— Fale — pediu Bea.

— Acho que a gente deve, claro, perguntar se ele está bem — falou, em tom hesitante. Não estava acostumada a ser a primeira. Jack pareceu em dúvida. Bea deu um sorriso animador. Melody se empertigou um pouco mais no assento. — Acho que primeiro a gente pergunta pela saúde dele. Tenta descobrir onde ele está morando. Oferece apoio.

Bea assentia diante de tudo o que Melody dizia.

— Concordo.

— E depois? — perguntou Jack, sem rodeios.

— Depois acho que a gente pergunta pelo Pé-de-Meia — disse Melody. — Sei lá. Como vocês querem começar?

— Eu queria entregar uma fatura e perguntar quando ele vai pagar — respondeu Jack.

Bea girou na banquetta, ficando de frente para o irmão.

— Vocês estão com algum problema financeiro? Walker está sem trabalho ou algo desse tipo?

Jack bufou, exasperado.

— Walker está trabalhando. Walker está *sempre trabalhando*. Eu queria oferecer a ele a oportunidade de *não* trabalhar por um tempinho. Algum dia. Tipo no ano que vem, como era o nosso plano desde sempre: Walker poder reduzir um pouco o ritmo e a gente passar mais tempo no interior...

A voz de Jack foi se extinguindo. Ele não se sentia à vontade falando de nada daquilo com as irmãs. Queria ficar sozinho com Leo e fazer sua campanha pela prioridade na devolução do dinheiro, sem que as duas interferissem.

— Também estou preocupada, sabe — disse Melody. — Logo, logo a gente vai ter de pagar faculdade. Vocês não imaginam quanto isso custa agora. E a casa...

— O que tem a casa? — perguntou Bea.

Melody não queria falar de sua casa, da ideia completamente louca e inaceitável que Walter tinha a respeito da casa.

— Ela é cara! — respondeu.

Bea acenou para o garçom e fez sinal para pedir novas bebidas.

— Sei que essa situação é horrível para todo mundo — disse —, mas conheço Leo. Se a gente atacar hoje... — Encolheu os ombros e olhou alternadamente para Melody e Jack. — Vocês sabem que eu tenho razão. Ele vai evitar a gente, simples assim.

— Ele não pode evitar a gente para sempre — argumentou Jack.

— E o que a gente pode fazer? — retrucou Bea. — Vigiar Leo? Penhorar na Justiça o salário inexistente dele? Implorar?

— Acho que Bea tem razão — disse Melody.

— Desde quando ser gentil com Leo funciona? — insistiu Jack.
— Desde quando alguma coisa consegue forçar Leo a não se colocar em primeiro lugar?

— As pessoas mudam — argumentou Bea, abrindo outro pacote de biscoitinhos salgados.

— O mais comum é que continuem exatamente as mesmas.

— Ainda não consegui entender por que ele não enfrentou a Victoria na briga pelo apartamento e todo o resto — disse Melody. — Por que ele não se esforçou mais para tentar recuperar *qualquer coisa*?

— Você não consegue entender? — perguntou Bea, com um lampejo de lembrança daquela noite no pronto-socorro, do rosto de Leo, do queixo suturado, dos sussurros e gemidos do outro lado da cortina, pais soluçando no corredor, uma mãe se lamentando baixinho e desfiando um rosário. — Eu consigo. E você também conseguiria se tivesse ido até lá.

Melody se empenhou muito em pescar uma rodela de limão do seu refrigerante e em não pensar na garçonete. Ela viajara com a família no fim de semana do casamento e tinha perdido a confusão toda. Jack também a perdera; nunca frequentava eventos familiares. Melody precisava manter sua energia concentrada no que era importante: as filhas, o marido e a casa.

— Ah, pelo amor de Deus! Isso está longe de ser a história toda. Tem mais coisa acontecendo — disse Jack, enquanto criava dobrinhas de origami num canto do jogo americano de papel. — É o Leo. Ele tem dinheiro escondido em algum lugar. Tenho certeza.

— O que você quer dizer com *tenho certeza*? — questionou Melody. — Você tem provas?

— Não, mas é a única coisa que faz sentido. É o que a minha intuição diz. Pense bem. Desde quando Leo tem medo de briga?

— O que você acha, Bea? — perguntou Melody.

— Não sei — respondeu ela, mas a *mesma* ideia lhe havia ocorrido. — Como é que isso teria alguma chance de dar certo?

— Ah, dá-se um jeito — disse Jack. — É de cair o queixo de tão fácil.

A essa altura, o garçom os rondava, aborrecido. Eles haviam dizimado incontáveis pacotinhos de biscoitos salgados, e o espaço à sua frente estava todo sujo de embalagens de celofane e farelo. Bea começou a juntar os restos numa pilha e a jogá-los num prato de pão.

— Ele não vem — disse Jack.

Bea verificou o celular.

— Ele só está no horário do Leo.

E então, como que respondendo à deixa, Bea viu Melody se empertigar um pouco, erguer a mão esquerda e afofar nervosamente a franja loura demais. Um meio-sorriso relutante surgiu em seu rosto. Jack também se empertigou. Empinou o queixo para a frente, como fazia quando se sentia na defensiva, mas depois se levantou e deu um aceno de boas-vindas. Antes que se virasse, Bea sentiu aquela mão no ombro, o peso familiar e o silencioso aperto que indicava que ela era a preferida, e seu coração deu dois pulinhos, numa dancinha de alívio. Ela se virou, ergueu a cabeça, e lá estava ele: Leo.



CAPÍTULO 6

No dia em que Leo apareceu na entrada da casa de Stephanie, ela o pôs imediatamente para trabalhar, transferindo a lenha empilhada no quintal para uma área menor, no deque dos fundos da cozinha, e colocando-a sob uma lona impermeável, para o caso de a tempestade se revelar tão terrível quanto a previsão do tempo anunciava. Enquanto ele empilhava a madeira, seu telefone tocou. Era o pedacinho de papel ligando de volta, e eis que a voz do outro lado vinha de um traficante que era um velho conhecido, Rico. Os dois trocaram rápidas gentilezas e se apressaram a marcar um encontro dali a três dias, logo antes do almoço em família, no lugar de sempre: o carro de Rico, estacionado na Central Park West, perto do memorial Strawberry Fields. Nada grandioso, só um pouquinho de erva para relaxar, e quem sabe um Vicodin. Talvez Leo nem fosse até lá. Talvez tentasse permanecer de cara limpa por mais algumas semanas, para ver como era. Gostava de ter opções. Stephanie enfiou a cabeça pela porta e pediu que ele levasse um pouco da lenha para a sala de estar. Ao cruzar aquele andar da casa, Leo foi admirando como Steph a decorara, o modo como havia preservado tudo o que era antigo, mas também dando ao lugar um aspecto moderno, a cara da dona.

Stephanie agira de forma visionária ao comprar a casa no fim do reinado de Giuliani como prefeito, poucas semanas depois do 11 de Setembro, durante o que se revelaria um brevíssimo período de queda no preço dos imóveis. Quando ela se mudou para o quarteirão do lado errado da Flatbush Avenue, o lado que não era o de Park Slope, todo mundo — inclusive Leo — achou que Stephanie

havia enlouquecido. Uma das casas da esquina era ocupada por um próspero ponto de venda de drogas. A dela tinha grades de metal horrorosas nas janelas. A porta da cozinha, que dava para um deque deteriorado e sem uso, tinha sido cimentada. Mas, no dia em que fora ver o imóvel, ela havia notado funcionários da Prefeitura plantando cerejeiras do seu lado da rua, o que sabia ser sinal de uma associação de moradores atuante. No térreo, havia um apartamento decente que poderia ser alugado, abaixo do tríplice em que moraria. E havia ainda o tamanho da casa: só o primeiro andar tinha três vezes o tamanho da sua quitinete no Upper West Side. Perambulando pelo bairro naquele dia, ela contara três casais com carrinhos de bebê. Sua agência vinha prosperando e ela sempre levava uma vida frugal, economizando tudo o que podia. Ofereceu-se para pagar o preço que os proprietários pediam pelo imóvel.

— Quando foi que você adquiriu todo esse bom gosto? — perguntou Leo. — Cadê toda aquela porcaria da Ikea que eu ajudei a montar?

— Você não é a única pessoa que cresceu e começou a ganhar dinheiro, Leo. Faz anos que eu não tenho aqueles móveis da Ikea.

Stephanie foi da cozinha para a sala de estar, enxugando as mãos num pano de prato, gostando de admirar o local com Leo. Adorava a casa; era seu orgulho.

— Estilo italiano, não é? — indagou ele, examinando o requintado console de mármore da lareira. No centro, um medalhão entalhado exibia a imagem de uma jovem. Cachos marmóreos emolduravam o rosto, de nariz longo e afilado, o olhar fixo e os lábios carnudos. Leo passou o polegar sobre a boca, alisando a borda áspera de uma pequenina lasca no meio do lábio inferior; a imperfeição a deixava avariada e estranhamente sedutora.

— Ela não é perfeita? — comentou Stephanie. — Quase todos os consoles que já vi têm entalhes de frutas ou flores. Nunca vi outro rosto. Eu gosto de imaginar que ela significava alguma coisa para a pessoa que construiu a casa. Talvez fosse a filha, a mulher.

— Ela me lembra de alguém.

— A mim também, só não consigo descobrir quem é.

— Os peitinhos são bonitos.

— Deixe de ser nojento — disse Stephanie. Sabia que Leo a estava provocando.

— Desculpe. — Ele se aproximou do fogo e pôs mais lenha entre as chamas, vendo-as faiscarem ao agitar as brasas com o atizador de ferro. — O decote dela é encantador. Melhor assim?

— Pode ir tirando o olho do peito da Lillian, coitada.

— Por favor, não me diga que você deu um nome a ela — zombou Leo, balançando a cabeça. — Por favor, diga que foi outra pessoa que a batizou de Lillian.

— Fui *eu* quem deu esse nome. Às vezes a gente bate papo. Você está proibido de pôr as mãos no peito dela.

— Falando sério, não estou tão carente assim.

Leo se sentou num dos sofás que ladeavam a lareira, examinou o cômodo em busca de sinais de presença masculina e indagou:

— O Lencinho já era?

Stephanie não conseguiu evitar um pequeno sorriso. *Lencinho* era o apelido dado por Leo a um dos seus namorados pós-Leo, um sujeito que havia morado com ela por um breve período e que, certa noite, tivera a infeliz ideia de usar uma gravata larga de seda e um blazer de veludo no lançamento de um livro.

— Faz anos que ele não mora aqui.

— Faltou espaço para todos os roupões de seda?

Ela negou com a cabeça.

— Será mesmo que ainda preciso defender uma escolha ruim de roupa feita anos atrás?

— Também me lembro de um chapéu-panamá para usar no verão.

— É verdade, você sempre teve uma memória excelente para tudo o que faz você se sentir superior.

— Fazer o quê? Não sou chegado a chapéus e lencinhos no pescoço.

— Bem, temos isso em comum.

Leo tirou os sapatos molhados e os colocou junto ao piso da lareira, para secarem um pouco. Apoiou os pés na mesinha de centro. Stephanie se sentou de frente para ele, que disse:

— Você sempre escolheu bem.

— É, fiz umas escolhas ótimas — afirmou ela.

— Tipo quem? — indagou Leo, animado pelo que talvez fosse um leve tom de flerte na voz de Stephanie.

— Will Peck.

— O *bombeiro*?

— É, o *bombeiro*. Aquele cara era ótimo. Tranquilo.

O espanto de Leo foi sincero. Ele estivera com o bombeiro uma vez e o recordava como um homem perturbadoramente bonitão e sarado. Ex-fuzileiro, ou qualquer coisa tão atlética quanto isso.

— Deixando de lado a força física, que tenho de admitir que o fuzileiro...

— Não seja tão esnobe. Will é um intelectual, um renascentista.

— *Renascentista*? — comentou Leo, sem conseguir disfarçar a zombaria.

— Sim. Ele viajava. Lia, cozinhava. *Fazia coisas*.

— O quê, por exemplo? Entalhava madeira? Não, não, já ia esquecendo, a gente está no Brooklyn. Ele tricotava? Foi ele quem

tricotou esse seu suéter?

— Claro que não — respondeu Stephanie. — Isto aqui é de caxemira italiana. — Apontou para uma estante feita sob medida na parede oposta, peça que Leo já havia admirado pela economia graciosa. — Ele fez aquilo.

— Tudo bem, preciso admitir: é uma bela estante.

— É uma estante *fantástica*.

— E por que *ele* não está aqui, se é tão maravilhoso?

— Provavelmente porque ele ainda não foi expulso de casa pela própria mulher.

— Certo — disse Leo. Ele tinha merecido. Não conseguia parar de olhar para a estante, que, precisava reconhecer, era mesmo fantástica.

— E ele queria outras coisas.

Stephanie se calou por um minuto, pensando na ótima companhia que tinha sido Will e em como, no fim das contas, ela não conseguira fazê-lo feliz. Ainda esbarrava com ele de vez em quando, com sua nova mulher. Achava que os dois não tinham filhos, ainda não. Ergueu os olhos e pensou: *Leo!*

E, em seguida: *Cuidado*.

Do lado de fora, a nevasca se intensificava. As ruas estavam em silêncio, sem pedestres e sem tráfego. A cidade inteira parecia se encolher para se proteger do mau tempo. O fogo crepitava, sibilava e aquecia a sala. Leo começou a relaxar pela primeira vez em semanas, pela primeira vez desde o acidente, na verdade. Sentia saudade de Stephanie, da descontração entre os dois, da presença dela, sólida e reconfortante. Sentada à sua frente, à luz da lareira, ela resplandecia de saúde, bem-estar e bom humor.

— Nem acredito que você vendeu sua empresa — disse Leo.

— Nem acredito em como você é hipócrita.

— Não sou hipócrita, estou falando por experiência. Eu nunca deveria ter vendido tudo.

— Isso é o que você diz agora. Eu me lembro daquela época. Você ficou em êxtase com aquele belo cheque. E, além disso, não estou vendendo tudo. Fui incorporada a outro negócio. Minha vida vai ficar muito mais fácil. Mal posso esperar.

— Escute o que eu estou dizendo. Para mim, aquilo foi o começo do fim.

Stephanie deu de ombros, pegou uma tangerina da fruteira sobre a mesa e começou a descascá-la.

— Você podia ter ficado — disse. — Era o que Nathan queria.

Nathan Chowdhury tinha sido sócio de Leo na SpeakEasyMedia. Trabalhava nos bastidores, cuidando das questões de dinheiro, e continuara na firma depois da aquisição e se tornara o diretor financeiro do conglomerado. Na opinião de Stephanie, o começo do fim para Leo não tinha sido a venda da SpeakEasy, mas a aquisição de Victoria e tudo o que viera depois — ou seja, nada.

Ela ainda se lembrava do dia em que ele lhe dissera que planejava vender a empresa, do dia em que ela o visitara no trabalho, numa época em que os dois vinham tentando — e quase conseguindo — ser “apenas amigos”. Victoria entrara no escritório. “Oi”, dissera ela a Leo, arqueando de leve as sobrancelhas, com um sorriso impassível e arrogante. Stephanie entendera tudo com aquela única palavra: *oi*. O íntimo tom monocórdio do timbre grave de Victoria. Um tipo de *oi* que dizia que os dois haviam acordado na mesma cama naquela manhã e que provavelmente ainda sentiam o cheiro um do outro nas mãos. Não era um *oi* inquisitivo, acanhado nem de desculpa, era para demarcar território. Stephanie já tinha ouvido aquele *oi* sair da própria boca, tão tolamente cheia de si. Depois de vender a SpeakEasy e de se casar com Victoria, Leo

praticamente sumira da face da Terra. A última coisa no mundo de que Stephanie precisava era receber conselhos dele sobre a vida — ou os negócios.

— Você devia ter me ligado — disse Leo.

— Por que eu ligaria para você, Leo? Quando foi a última vez que a gente se falou?

Ela não lhe daria a satisfação de contar que *havia* telefonado. Deixara um recado no celular e alguém que se identificara como *assistente pessoal* dele retornara a ligação.

— Assistente de quê, exatamente? — perguntara Stephanie à moça, que soava como uma garota de dezesseis anos. — Leo arrumou um emprego?

— Leo tem diversos projetos em andamento — dissera a garota. Parecia ridiculamente hesitante e nervosa. Stephanie desconfiou que estivesse usando o disfarce de assistente para descobrir a identidade de todas as mulheres da lista de ligações recebidas por Leo. Bem, boa sorte para ela, pensou. — Posso dizer ao Leo a que se refere a sua ligação? — perguntara a moça. Stephanie desligara e nunca mais voltara a telefonar.

— Eu liguei para você — disse Leo.

— Antes de hoje? Faz dois anos.

— Não é verdade.

— Dois anos.

— Caramba! — exclamou ele. — Desculpe. — Deu um risinho. — Se serve de consolo, tem uns dois anos que eu deixei de ser interessante.

— Para início de conversa, eu não estava me sentindo muito mal a respeito disso, mas obrigada.

Leo franziu o cenho e a fitou, ainda incrédulo e um pouco magoado.

— Dois anos? É mesmo?
— É mesmo.
— Então venha para cá e me conte o que mais você andou fazendo — retrucou ele, com um tapinha no sofá.

* * *

HORAS MAIS TARDE, depois de os dois comerem o carneiro e reporem lenha na lareira, depois de Stephanie atualizá-lo sobre as notícias e fofocas recentes do mercado editorial, depois de Leo terminar de tirar a mesa e pôr (mal) a louça na lavadora, além de lavar algumas panelas (ainda pior), ele abriu outra garrafa de vinho, ela serviu tigelas de sorvete e os dois voltaram para a sala.

— Você devia estar bebendo isso? — perguntou Stephanie, apontando para a taça de cabernet.

— Tecnicamente, acho que não. Mas o meu problema não é a bebida. Você sabe disso.

— Não sei de nada, Leo. Até onde sei, você pode estar injetando heroína. Aliás, acho que ouvi dizerem alguma coisa sobre heroína, em algum momento.

— É mentira — retrucou ele. — Cometi excessos? Sim. Sei que devo ficar longe de estimulantes? Sim. *Isto aqui* — ergueu a taça — não é o meu problema.

— Então, você vai me contar o que aconteceu? Quer falar sobre o assunto?

— Na verdade, não — respondeu Leo.

Não sabia ao certo o que Stephanie poderia ter ouvido e talvez não estivesse dizendo. George lhe garantira que tudo fora mantido em absoluto sigilo. Ele pagara uma fortuna para manter Victoria calada, mas não confiava em ninguém. Stephanie deixou o silêncio

pesar. Para além da janela da frente, a neve se acumulava, e uma pilha de uns quinze centímetros se equilibrava precariamente no corrimão de uma escada vizinha. Um carro solitário se arrastou pela rua coberta de neve, escorregando um pouco ao passar. Stephanie ouviu as crianças da casa atrás da sua dando gritinhos e risadas no quintal. O pai gritava: “Não comam a neve! É suja!”

— A gente não precisa falar sobre isso, Leo, mas sou boa em guardar segredos.

Ele sentiu as imagens daquela noite começarem a vir à tona: o som da freada do carro, a lufada do vento cheio de maresia, a voz incongruente de Marvin Gaye saindo do SUV que os atingira, *let's get it on*. Ficou pensando se devia falar sobre o assunto. Nem tentara fazer isso na falsa reabilitação. Perguntou-se o que Stephanie diria se ele simplesmente despejasse a história toda ali, naquele exato momento. Houvera uma época em que eles contavam tudo um ao outro, ou melhor — corrigiu-se mentalmente —, ela lhe contava tudo, e ele falava o que achava que ela precisava ouvir. O resultado não tinha sido muito bom.

— Leo?

Ele nem mesmo sabia por onde começar. Olhou para o rosto entalhado no console de mármore e percebeu por que a garota tinha um jeito familiar: a ondulação cadente do cabelo, o nariz aristocrático e afilado, o olhar avaliador.

— Ela se parece com Bea — observou.

— Quem?

— Lillian. Sua companheira de pedra. Parece com Bea.

— Bea — resmungou Stephanie, e tapou os olhos.

— Ela não é feia, a Bea.

— Não, não é isso. Ela me ligou algumas vezes, mas eu estou evitando falar com ela. Era alguma coisa sobre um novo trabalho.

— Meu Deus. Espero que não seja o romance.

— Não, não, não. Faz muito tempo que falei para ela que nunca mais ia ler aquele romance. Na verdade, eu disse que ela precisava encontrar outra agente. O recado que ela deixou tinha alguma coisa a ver com um novo projeto, mas... não dá. — Stephanie se levantou e começou a recolher as tigelas de sorvete vazias. O clima tranquilo já passara. — Essa é uma das muitas razões para eu ficar feliz por entrar em uma empresa maior — disse. — Não suporto me sentir responsável pelos ex-talentosos. É muito aflitivo. Agora posso transferir sua irmã para alguém que não vai ter nenhum escrúpulo de bater a porta na cara dela.

A ideia de Bea sendo despachada por algum assistente anônimo fez Leo se sentir triste de forma inesperada. Ele não ficara surpreso quando os primeiros contos da irmã acabaram se revelando uma anomalia da juventude e do destemor (graças a *e/e*), mas, a essa altura, Bea já devia estar no limite de suas forças. E ela tinha sido a primeira cliente notável de Stephanie, a pessoa que fizera editores e outros novos autores levarem uma agente muito jovem a sério. Leo não gostava de pensar em Bea presa no trabalho com Paul Underwood, num jornal literário obscuro, e morando sozinha naquele apartamento no subúrbio. Por diferentes razões, era difícil pensar em todos os seus irmãos, então ele não pensava. Naquele exato momento, porém, foi como se não houvesse um só lugar no qual seus pensamentos pudessem se concentrar, um lugar que não estivesse carregado de minas terrestres de arrependimento, raiva ou culpa.

— Tem razão — disse Stephanie, de pé, contemplando o console da lareira. — Ela se parece mesmo com Bea. Merda.

— Não vá embora — pediu Leo.

— Só estou indo à cozinha.

— Fique aqui — insistiu ele. Não gostou do som da própria voz, do ligeiro tremor que ouviu nela. Não gostou *nem um pouco* da aceleração súbita e rápida das batidas do seu coração, algo que até aquele momento ele havia associado a certo tipo de estimulantes, e não a uma sala no Brooklyn, em frente a uma lareira, com Stephanie.

— Já volto — disse ela. Leo pareceu empalidecer um pouco e, por um segundo, ficou com uma expressão perdida, quase assustada, o que alarmou Stephanie. — Leo?

— Está tudo bem. — Ele balançou um pouco a cabeça e se levantou. — Aquela é a sua vitrola antiga?

— É. Coloque alguma coisa para tocar. Só vou lavar isto.

Na cozinha, Stephanie ouviu Leo examinar seus discos e gritar lá da sala:

— O seu gosto musical continua uma droga.

— Assim como todas as outras pessoas nos Estados Unidos, eu guardo minhas músicas no computador. Isso aí são as coisas antigas. Faz poucos meses que eu tirei a vitrola do porão.

Leo foi recitando os cantores das capas:

— Cyndi Lauper, Pat Benatar, Huey Lewis, *Paula Abdul*? Isso parece um programa ruim da MTV, do tipo “Por onde andam?”.

— Está mais para “Adivinhe quem entrou para o Clube de Discos da Columbia Records quando tinha dezoito anos”.

Leo se encolheu um pouco ao ouvir *Columbia Records*. Afastou o pensamento.

— Ah, achei — disse.

Stephanie ouviu o prato começar a girar e o conhecido som da agulha arranhando os sulcos do disco. Vieram então as primeiras notas de um piano, estranhamente dissonantes, e a voz arrastada e rouca de Tom Waits invadiu a casa:

*The piano has been drinking
My necktie is asleep*

Fazia anos que Stephanie não ouvia aquela música. Provavelmente desde a época em que ela e Leo estavam juntos. O disco devia ser dele. Nas manhãs em que estava de ressaca (muitas manhãs, quase todas), Leo costumava acordá-la cantando essa música. Puxava-a para seus braços, adormecida, com a semiereção pressionando as costas dela. Sem muito ânimo, ela tentava se afundar mais na cama, apegada ao sono e à sensação reconfortante dos braços e das pernas de Leo a estreitá-la.

— Você está fedendo — resmungava Stephanie, fingindo mais irritação do que sentia, sem sequer se incomodar de verdade com o hálito de Leo. — Parece o cheiro do meu tio Howie depois de uma noitada no bar.

Ele cantava junto a seu ouvido, com as marcas do uísque na voz:

*The piano has been drinking
Not me, not me, not me*

* * *

NA PIA, STEPHANIE começou a lavar de novo o tabuleiro com uma película de gordura que ele deixara em cima da bancada, ao mesmo tempo tentando conciliar o Leo da sala com o Leo que ela vira pela última vez quase dois anos antes, numa noite em que esbarrara com ele e Victoria. O casal parecia chapado. O Leo de agora estava mais magro e, apesar do que ela soubera — e testemunhara, de vez em quando — sobre seus últimos anos de farras madrugada adentro, problemas conjugais e agito geral, parecia mais jovem, de

algum modo. Estava mais calado, mais discreto. Ainda engraçado. Ainda ágil. Ainda bonito.

Stephanie balançou a cabeça. *Não ia*, decididamente *não ia* se deixar arrastar outra vez para a órbita de Leo. Na verdade, era melhor estabelecer regras bem definidas e rígidas sobre quanto tempo ele poderia ficar na casa dela. E precisava subir correndo e preparar o sofá-cama do escritório para ele.

E então lá estava Leo, atrás dela. Com a mão em seu ombro.

— Quer dançar? — perguntou.

Stephanie riu e respondeu:

— Não, definitivamente não quero dançar com você. E sabe o que mais? Você é péssimo lavando louça. Olhe só para isto.

— Estou falando sério — disse Leo, tirando as mãos dela da água cheia de sabão da pia.

— Leo. — Stephanie se empertigou, rígida. — Eu fui bem clara.

Sua postura era combativa, mas ele ouviu algo novo na voz dela, uma hesitação fugaz.

Chegou um pouquinho mais perto.

— Você disse nada de sexo. Eu respeito a regra do nada de sexo.

Estava completamente concentrado nela. Seu desejo era físico, sim (fazia doze semanas, sem contar uns dois amassos rápidos com a assistente do médico da clínica, na sala de musculação), mas ele também se lembrava de quanto costumava gostar dessa parte, de transpor o exterior espinhoso de Stephanie e escancará-la como quem abre uma ostra. Fazia muito tempo que não pensava nisso, em como era gratificante ver o porte inflexível dela desmoronar um pouquinho, ouvi-la prender a respiração. Como era boa a sensação da vitória. O bombeiro que se danasse.

Stephanie suspirou e olhou para longe através das janelas dos fundos, contemplando a noite do Brooklyn e os flocos de neve que rodopiavam, extasiados, no feixe luminoso do holofote do deque da casa. As mãos dela estavam molhadas e frias, e o calor dos dedos de Leo em volta dos seus pulsos foi desnorteante.

Leo não soube interpretar a expressão de Stephanie. Resignada? Esperançosa? Derrotada? Ele ainda não via desejo, mas se lembrava de como provocá-lo.

— Steph? — chamou. Ela sorriu um pouco, mas foi um sorriso triste.

— Eu juro, Leo — disse ela, baixinho, quase implorando. — Estou feliz.

Ele já se aproximara o bastante para encostar o rosto no pescoço de Stephanie e sentia seu cheiro, que era o mesmo de sempre: um vago odor de cloro que o deixava com a impressão de poder nadar dentro dela, seguro e descontraído. Passaram um minuto assim. Leo sentiu sua pulsação acelerada aos poucos ficar mais lenta, alinhando-se com o ritmo confiável do coração constante de Stephanie. Recuou um pouco para olhá-la. Deslizou o polegar pelo lábio inferior dela, como fizera com a figura entalhada no mármore, só que, dessa vez, o lábio cedeu.

E então veio do quintal um enorme estrondo, que quebrou o silêncio da rua como um trovão. Em seguida, luzes piscantes. Depois, as trevas.



CAPÍTULO 7

Chegando ao Oyster Bar, Leo fez sua mágica com o *maître* carrancudo. Em poucos minutos, os Plumb estavam sentados à mesa. Sem consciência disso, tinham se disposto ao redor da toalha vermelha quadriculada conforme a ordem de nascimento: Leo, Jack, Bea e Melody. Tiraram casacos e chapéus e exageraram um pouquinho nos pedidos de “só água e café”. Leo se desculpou pelo atraso e explicou que estava hospedado na casa de uma amiga no Brooklyn (*Stephanie!*, percebeu Bea), pegara o trem errado e fora obrigado a refazer o trajeto. Então surgiu a conversa obrigatória sobre como o Brooklyn tinha ficado superpopuloso e caro, e por que o metrô era tão pouco confiável nos fins de semana, afinal, e, bem, o tempo com certeza não vinha ajudando com neve em outubro! Depois, todos caíram num silêncio desconcertante — menos Leo, que parecia extremamente calmo enquanto avaliava o irmão e as irmãs, que o fitavam, constrangidos.

Os três se perguntaram como ele fazia isso, como sempre conseguia se manter imperturbável enquanto deixava todo mundo tenso; como que, até naquele momento, naquele almoço, no qual deveria estar envergonhado, exposto, e no qual o equilíbrio de poder poderia, *deveria* se colocar contra ele, Leo continuava a dominar o foco dos irmãos e a exalar força. Mesmo naquele instante, eles esperavam com deferência, *torciam* para que ele fosse o primeiro a falar.

Mas Leo apenas os observou, curiosamente atento.

— Que bom ver você — comentou Bea. — Parece bem. Saudável.

A discreta afeição dela fez os ombros de Jack relaxarem e o rosto de Melody se descontraír.

Leo sorriu.

— Estou contente de ver todos vocês. Estou mesmo.

Melody sentiu que estava ficando corada. Levou as mãos às bochechas.

— Acho que a gente deve ir direto ao ponto — disse Leo.

No táxi do Central Park até o restaurante, havia decidido abordar de frente o incômodo. Percebeu, o que era um pouco surpreendente, que tinha pensado pouquíssimo naquele instante durante suas longas semanas na clínica Bridges. Estivera tão concentrado em Victoria e no fim do casamento que não havia considerado as repercussões dos atos de Francie. Justiça seja feita, não havia compreendido inteiramente os atos da mãe até cerca de duas semanas antes. Quando George lhe dissera que ela ia bancar a indenização de Rodriguez, Leo tivera um breve momento de esperança de que ela estivesse usando seus recursos consideráveis, ou os de Harold. Nada disso, infelizmente.

— Sei do que vocês querem falar. Do Pé-de-Meia — prosseguiu, satisfeito ao ver a surpresa deles diante de sua abordagem direta. — Então, para começar, quero dizer *obrigado*. Sei que vocês não precisavam concordar com o plano da Francie, e fico muito agradecido.

Bea olhou para Melody e Jack, que se remexeram um pouco nas cadeiras, parecendo confusos e aflitos.

— O que foi? — indagou Leo, processando com um instante de atraso o que se passava.

— A gente não teve muita escolha nessa questão — disse Jack.

— A gente só ficou sabendo quando já estava feito — acrescentou Melody.

— Sério? — Leo se virou para Bea, que assentiu.

Ele se recostou na cadeira e percorreu a mesa com o olhar. É claro. Espinafrou-se mentalmente por esse pequeno erro de cálculo, ao mesmo tempo que, por um breve momento, sentiu uma onda de euforia por Francie ter agido de maneira tão decidida e singular a seu favor. Mas logo percebeu que também estava errado quanto a isso. Francie não havia acorrido em *seu* socorro; havia sem dúvida socorrido a si própria... e a Harold. Nesse momento, Leo pôde ouvir Harold, com aquela voz fanha, falando sem parar sobre o que *todo mundo estava comentando na East End*.

Com ar cauteloso, Bea viu o irmão absorver essa nova informação.

— Tentei ligar para você, Leo — declarou. — Várias vezes.

— Certo — disse ele. — Está bem.

Isso complicava as coisas. Quando Leo e Victoria ficaram noivos, logo depois de ele vender a SpeakEasy e “entrar num ano sabático” (era o que pensava na época), e após ela se recusar a considerar um contrato pré-nupcial, ele havia aberto uma conta no exterior durante uma das viagens que os dois fizeram para mergulhar na Grand Cayman. Leo agira por impulso, enquanto Victoria fazia compras. A conta era legal e, embora ele tivesse planos de falar sobre isso com a esposa, acabara não lhe contando nada. Pensava nessa conta como uma pequena apólice de seguro, uma espécie de previdência privada, talvez um modo de manter parte do seu dinheiro protegida caso passasse aberto algum dia. Quando o casamento começou a se deteriorar, ele aumentou o saldo. Uma vantagem de ele e Victoria gastarem dinheiro prodigiosamente foi que ela parou de notar para onde ia tudo. Uns milhares aqui, outros ali, e, com os anos, a soma foi crescendo. Leo vivia pensando naquele dinheiro e no dia em que ia cair fora. O que o impedira de

fazer isso, anos antes, tinha sido a esperança de que Victoria se cansasse dele primeiro, ou se apaixonasse por outra pessoa e o abandonasse, para que ele pudesse evitar um divórcio dizimador do ponto de vista financeiro. Quando ficou claro que ela jamais faria isso (por que não tinha se casado com uma mulher tão linda quanto ela, mas não tão estratégica?), Leo se entregou por completo aos aspectos mais libertinos da vida. Não ficou triste por ver os saldos decrescentes das contas conjuntas. Por isso, embora o acidente tivesse sido um acontecimento humilhante e lastimável, também o havia libertado, de um jeito tortuoso, daquela vida da qual ele já andava desesperado para fugir. Durante meses, Leo esperou que os advogados de Victoria descobrissem e denunciassem triunfalmente sua reserva, mas ninguém o fez. Ele tinha quase dois milhões de dólares escondidos, quase a soma exata que devia ao Pé-de-Meia. Nunca havia tocado num único centavo dessa poupança de juros baixos, que estava sã e salva. Líquida. Se a reaplicasse no fundo para pagar aos irmãos, seus dois milhões seriam divididos por quatro. O resultado dos cálculos não era nem de longe favorável a ele.

— Bem que eu queria ter esse dinheiro guardado em algum lugar e poder fazer um cheque para vocês — disse. Espalmou as mãos sobre a mesa e se inclinou para a frente, fitando cada um dos irmãos nos olhos. Não havia passado tantos anos gerenciando uma empresa sem aprender a arte de recalcular rapidamente a estratégia, sem aprender a dominar uma reunião. Acima de tudo, ainda precisava ganhar tempo. — Mas não tenho — continuou. — Vou precisar de um tempo.

— Quanto tempo? — perguntou Melody, meio apressada demais.

— Eu queria saber a resposta — disse Leo, como se ter essa informação fosse seu desejo mais fervoroso. — Mas uma coisa eu

prometo: vou começar a trabalhar agora mesmo, e muito, para reconstruir tudo. Já tenho algumas ideias. Já comecei a dar uns telefonemas.

— Qual é o plano? — indagou Jack, querendo detalhes específicos. — Tem algum jeito de você pegar emprestado o dinheiro que deve? De pagar à gente e ficar devendo a outra pessoa?

— É possível — respondeu Leo, ciente de que a chance de arranjar alguém para lhe emprestar dinheiro era nula. — Existem muitas possibilidades.

— Como o que mais? — perguntou Jack. Leo balançou a cabeça.

— Não quero sair falando uma porção de coisas do tipo *quem sabe e talvez*.

— Você acha que conseguiria arrumar o dinheiro, ou pelo menos parte dele, até a data em que a gente esperava recebê-lo? — perguntou Melody.

— Em março? — disse Leo.

— Fevereiro. O meu aniversário é em fevereiro — retrucou Melody, em pânico com o rumo indignado que a conversa tomaria.

— *Eu* sou de março — comentou Bea.

— Certo. — Leo deu umas batidinhas rítmicas na mesa com o polegar e o dedo mindinho. Parecia estar resolvendo de cabeça uma equação complexa. Todos esperaram. — Que tal o seguinte? — disse, por fim. — Me deem três meses.

— Para você pagar à gente? — perguntou Jack.

— Não, mas para eu bolar um plano. Um bom plano. Acho que não vou precisar de três meses, mas vocês sabem como anda difícil arrumar um financiamento. — Dirigiu esse último comentário a Jack. — Você é dono de empresa. — Jack assentiu, numa concordância solene. Bea reprimiu a vontade de revirar os olhos. Leo era mesmo

um enrolador. — Imaginem no fim do ano, quando é difícil fazer as pessoas assumirem compromissos. Acho que preciso de três meses para arrumar umas opções. O ideal seria ter mais de uma opção, para vocês receberem o pagamento todo o mais rápido possível. Não prometo que seja em fevereiro, mas prometo que vou trabalhar como nunca para tentar cumprir esse compromisso. — Tornou a correr os olhos pela mesa. — Estou pedindo que vocês confiem em mim.



PARTE DOIS

O BEIJO





capítulo 8

Paul Underwood dirigia sua revista literária, a *Fibras de Papel*, num pequeno conjunto de escritórios no alto de um lance de escada surrado, num prédio meio decrépito à sombra da ponte de Manhattan. Havia comprado o edifício de quatro andares com fachada de tijolos antes que a área de Dumbo, no Brooklyn, entrasse em alta, antes que as massas migratórias de moradores de Manhattan fossem expulsas de Brooklyn Heights e Cobble Hill pelos altos preços, mas conservassem seu desejo ardente de viver nas construções de arenito avermelhado, esteticamente intactas, historicamente importantes e de custo relativamente acessível que havia em Park Slope ou Fort Greene. Paul tropeçou nesse cantinho de bairro num iluminado sábado de verão, depois de atravessar a pé a ponte do Brooklyn. Ao caminhar despreocupado para o norte, descobriu-se perambulando pelos quarteirões industriais e admirando as ruas de tijolos belgas cinza-azulados dispostos em desenhos atraentes, que eram perpassadas por trilhos de bondes já extintos. Notou com aprovação a ausência de lojas de grife, cafeterias caras e restaurantes com fornos a lenha expostos para a clientela. A cada três ou quatro construções parecia haver uma oficina de lanternagem ou outra loja de consertos de equipamentos. Paul gostou do clima do lugar, que o fez lembrar o SoHo dos tempos em que o bairro tinha energia, garra e uma pitada teatral de ameaça. Na zona à beira-rio, uma placa indicava que o parque em desmazelo, frequentado por traficantes de crack e sua clientela, estava programado para reforma e ampliação, e Paul notou que a mesma construtora tinha cartazes espalhados por todo o bairro,

anunciando a chegada da transformação de armazéns em prédios residenciais.

Parado numa esquina da Plymouth Street naquela tarde, nos últimos dias do século XX, ouvindo o chacoalhar estridente das carretas que passavam roncando pelo acesso à ponte de Manhattan, ao norte, e vendo o sol iluminar os arcos maciços da ponte do Brooklyn, ao sul, Paul Underwood viu seu futuro: uma placa de “Vende-se” num prédio de esquina, que parecia abandonado. No alto da fachada castanho-avermelhada do edifício, discerniu as letras brancas e desbotadas do letreiro da empresa extinta havia tempos que o local um dia abrigara: FIBRAS DE PAPEL PLYMOUTH LTDA. Paul considerou o letreiro um presságio. Comprou o edifício uma semana depois. No ano seguinte fundou sua revista literária, a *Fibras de Papel*.

Ele morava no último andar do prédio (dois quartos submetidos a uma bela reforma, mobiliados de maneira meticulosa e com uma vista espetacular), logo acima do escritório da *Fibras de Papel*, que se localizava na metade frontal do terceiro andar. A parte dos fundos desse e do segundo andar inteiro abrigavam dois apartamentos para aluguel, modestos, porém cada vez mais lucrativos. No térreo ficava uma loja de lingerie. A La Rosa não vendia roupas íntimas sofisticadas, nada cheio de rendas, sutiãs com bojo estruturado nem peças transparentes, mas o que Paul considerava lingerie para senhoras, roupa íntima de matronas. Nas vitrines, até os manequins de plástico pareciam desconfortáveis, apertados por sutiãs e cintas que pareciam camisas de força, com fileiras de colchetes metálicos, presilhas de elástico pendentes e alças reforçadas nos ombros. Paul não fazia ideia de como a loja se mantinha funcionando e nunca vira mais de uma freguesa por lá ao mesmo tempo. Ele tinha suas desconfianças, mas o cheque do aluguel chegava pontualmente

todo mês, de modo que, no que lhe dizia respeito, a La Rosa podia fazer lavagem de calcinhas ou de dinheiro, ou vender o que bem entendesse à sua curiosa seleção de clientes masculinos, que costumavam sair de mãos vazias.

Paul fazia um grande esforço para manter sua casa e sua vida profissional separadas. Nunca levava trabalho “para cima” e nunca aparecia no escritório da *Fibras de Papel* usando o que julgava trajes civis. Sempre usava roupas formais para seu trajeto rotineiro até o trabalho: um rápido lance de escada. Toda manhã, vestia um de seus ternos de corte impecável e escolhia uma gravata-borboleta de sua vasta coleção. Acreditava que o formato de laço sob o queixo proporcionava um contrapeso necessário a seu rosto comprido demais e ao cabelo deselegante, castanho-claro, fino como o de um bebê e propenso a ficar espetado em volta das orelhas ou no meio da cabeça.

“Você pode se dar ao luxo de usar gravatas coloridas”, dissera sua ex-mulher, numa referência diplomática a seus traços desprovidos de maiores atrativos: olhos cinzentos, mais aguados do que marcantes, lábios finos e nariz pequeno, quase arrebitado. Paul nunca se importara com seus traços corriqueiros, que lhe conferiam uma valiosa invisibilidade em certas situações; ele entreouvia coisas que não era para ouvir, e as pessoas lhe faziam confidências, num julgamento errôneo de que ele era inofensivo. (*Nem sempre a aparência funcionava a seu favor.* Houvera, por exemplo, o almoço recente que ele marcara com uma jovem poeta, depois que suas trocas de e-mails ganharam um tom de flerte. O fato de a moça ter ficado decepcionada com a aparência de Paul, no contraste com a espirituosidade viril de sua correspondência, ficara bastante claro na expressão dela. Bem, ele também ficara surpreso. Surpreso ao descobrir que ela nem de longe se assemelhava à foto que usava

para a divulgação de seu trabalho, na qual aparecia de cabelo sedoso, olhar entediante e lábios reluzentes e convidativos.)

Paul valorizava a rotina e o hábito. O cardápio do café da manhã era o mesmo todo dia (uma tigela de mingau de aveia e uma maçã). Em seguida, ele saía para uma caminhada matinal pelo cais de Fulton Ferry Landing. Nos dias de semana, nunca se desviava dessa rota, tornando-se um cronista especializado da orla em todas as suas mutações sazonais. O vento estava feroz e açoitava as boas almas dotadas de coragem suficiente para sair ao ar livre. Paul se curvou ao enfrentá-lo, projetando o corpo para a frente e apertando mais o cachecol em volta do pescoço. Adorava o rio, mesmo no sombrio inverno nova-iorquino; adorava seu cintilar metálico e a ameaçadora espuma turbulenta que se formava em suas águas. Nunca se cansava da vista do porto; sempre se sentia um homem de sorte por estar exatamente onde estava, no lugar ao qual escolhera pertencer.

Ao caminhar para o extremo oposto de Fulton Ferry Landing, ele viu a figura conhecida de Leo Plumb num dos bancos mais próximos da água. Os dois tinham adquirido o hábito de caminhar juntos de vez em quando. Leo ergueu a cabeça e acenou. Paul apertou o passo. Na verdade, tinha começado a ansiar pelos dias em que Leo se juntava a ele naquele banco. Reviravoltas mais estranhas do que essa já haviam acontecido, pensou.

* * *

PAUL TINHA FICADO possesso quando a revista *SpeakEasy* fechara as portas e Leo não o convidara para ajudá-lo a lançar o site que acabaria se tornando a *SpeakEasyMedia*. Leo não chamara todo o pessoal da revista impressa, mas levava aqueles que eram

considerados os mais espertos, mais desejáveis, e Paul sempre acreditara se enquadrar nessa categoria. Talvez não fosse o mais talentoso dos escritores, o repórter mais destemido, porém era confiável, competente e ambicioso, e será que tudo isso não devia ter algum valor? Ele cumpria prazos, produzia textos impecáveis e dava sua contribuição no que fosse necessário, mesmo que a responsabilidade não fosse sua. Fazia tudo o que se devia fazer para conquistar as coisas desejadas. Era *boa gente*.

O fato de ninguém mais se surpreender por Paul não ir com Leo também tinha sido um golpe. Ele ficara esperando os olhares chocados, o indicador curvado fazendo sinal para chamá-lo para trás de uma porta fechada: “Leo não vai levar você?” Quando viu que isso também não aconteceria, ele se deu conta de que mais ninguém o considerava material de primeira.

Um dia, reunira coragem para questionar Leo sobre o assunto. “Underwood, esta não é a sua praia”, dissera ele, apoiando a mão pesada sobre o ombro de Paul e retendo seu olhar do seu jeito único, que deixava a pessoa ao mesmo tempo envaidecida por prender a atenção dele e levemente atordoada, incapaz de captar uma só linha de raciocínio. “Você ia detestar. É um homem de reportagens mais profundas. Eu não faria uma coisa dessas com você. E estou pagando uma mixaria.”

Paul se consolara por algum tempo com a explicação de Leo. Era provável, *sim*, que detestasse fofocas; era verdade que se especializava em matérias culturais mais longas. E não estava disposto a trabalhar de graça. Mas depois descobriu que Leo havia contratado Gordon FitzGerald como editor de conteúdo da nova SpeakEasy. Gordon não tinha mais interesse em textos simplificados ou fuxicos do que Paul, que tinha certeza de que o outro não estava ganhando uma ninharia. Paul fora supervisor de

Gordon — tinha contratado o sujeito! — e sabia que ele era sinônimo de encrenca, um beerrão e um babaca de marca maior. Durante meses após a saída de Leo, Paul havia oferecido a quem quisesse sua opinião sobre a nova empreitada: “Falida em no máximo seis meses.” Estava, é claro, redondamente enganado.

Paul não sabia o que acontecera para que Leo baixasse na reabilitação, porque os detalhes levados a público eram fragmentados e Bea se mantinha de bico calado. Ele ouvira boatos sobre um acidente de automóvel nos Hamptons. A mulher de Leo, Victoria, fora vista pela cidade saindo com alguns homens badalados. Leo parecia estar passando um tempo (*de novo*) na casa de Stephanie Palmer, no Brooklyn. O Porsche sumira.

Quando Leo apareceu em seu escritório numa manhã de novembro dizendo que estava procurando por Bea, Paul não deu maior atenção ao fato. Mas Leo passou horas por lá, bisbilhotando o escritório, fazendo perguntas sobre a programação das edições, prazos de publicidade, vendas de exemplares, assinaturas, finanças. Quis saber da presença on-line da revista (fraca), das relações com os autores (robustas) e de como Paul expandiria o negócio, se pudesse. “Se você tivesse todo o financiamento que quisesse?”

E então Paul achou que tinha entendido. “Nathan mandou você aqui”, dissera. “Vocês voltaram a trabalhar juntos.” Fazia sentido. Os dois tinham sido sócios, e Paul achava que seu encontro recente com Nathan fora promissor. Leo reteve o olhar de um jeito que parecia significativo e dissera: “Oficialmente? Não. *Oficialmente?* Esta é apenas uma visita amistosa.”

“Entendi”, respondera Paul. Não entendia, mas pedia a Deus que Leo estivesse lá a serviço oficial/não oficial dos negócios de Nathan. Numa das inúmeras festas natalinas a que comparecera em

dezembro — nem mesmo conseguia lembrar qual delas, todas misturadas num mesmo borrão com todo aquele Prosecco barato, aqueles cubinhos de queijo borrachudo e aqueles cupcakes sem glúten —, um de seus ex-colegas da *SpeakEasy* tinha mencionado que ouvira falar que Nathan andava pensando em criar uma revista literária ou em investir em alguma.

— Para conseguir dedução fiscal? — perguntou Paul, incapaz de imaginar outra razão.

— Acho que é mais por uma questão de vaidade — respondera o amigo. — Alguma coisa respeitável e intelectualoide para compensar o outro negócio.

O *outro negócio*, Paul sabia, referia-se não só à natureza vulgar e fofoqueira da presença on-line da *SpeakEasyMedia*, mas também ao site de *soft porn* que gerava a maior parte da receita da empresa.

— Alguma ideia de quem ele está considerando?

— Nenhuma. Mas você devia ligar para ele. A grana que Nathan está disposto a dar para alguém é um trocado para ele, mas é provável que seja gigantesca pelos seus padrões.

No dia seguinte Paul estava ao telefone, marcando um encontro. Às vezes, manter a *Fibras de Papel* solvente era como tentar atravessar o Atlântico numa canoa furada. Ele vivia tapando um buraco e vendo outro aparecer em seguida, depois tapando mais outro, e a impressão, com mais frequência do que lhe agradava pensar, era de que a empreitada inteira iria afundar.

A renda dos aluguéis do prédio, além de permitir que ele trabalhasse e morasse de graça, proporcionava uma pequena receita, mas era o bastante para pagar um salário modesto a si mesmo, a Bea e à única outra funcionária em horário integral (uma coordenadora editorial que passava a maior parte do tempo preenchendo formulários de pedidos de subvenção, conversando

com doadores potenciais e tentando impedir que os contribuintes que já existiam se tornassem inconstantes). A *Fibras de Papel* tinha uma base sólida de assinantes — tanto quanto se podia contar com essas coisas — e até obtinha uma receita decente de publicidade, mas não o bastante para cobrir todas as despesas, pagar aos autores e manter seus projetos correlatos em andamento.

A maior parte do financiamento externo vinha de duas tias idosas de Paul, as irmãs de seu falecido pai, que nunca tinham se casado e que o tratavam como filho. Eram nova-iorquinas idosas típicas e dividiam um apartamento de aluguel tabelado pela legislação antiga, a poucos passos do Lincoln Center, fazia várias décadas. Leitoras vorazes, viajantes ávidas, presenças constantes em toda sorte de grupos de leitura e nas matinês de quarta-feira na Broadway. Tinham assinaturas anuais para os programas do balé, do Carnegie Hall e da 92Y — a Associação Hebraica de Moços da 92nd Street —, além de assentos de camarote no Shea Stadium. Todo mês de janeiro, desde que Paul lançara sua publicação, as tias lhe enviavam um cheque extremamente generoso. O Fundo das Irmãs, como ele o batizara (e como o registrava na página dos contribuintes, o que as deixava encantadas), era o que permitia que ele pagasse os redatores e, uma ou duas vezes por ano, publicasse um livro do seu modestíssimo selo. Em geral, era uma coletânea de poemas, um ou outro romance, ou um livro de ensaios.

Fazia dois anos que o cheque de janeiro chegava um pouquinho menor. No ano seguinte, tinha sido menor ainda, e, nesse ano, quase metade do que costumava ser. Paul jamais questionaria as tias, mas temia que talvez houvesse algo errado que elas não estavam lhe contando. Convidou-as para sair, como fazia todo mês de janeiro, para agradecer pela contribuição — drinques no Algonquin e jantar na Keens Steakhouse. Antes que tivesse a

oportunidade de indagar se estava tudo bem, elas levantaram a questão dos cheques cada vez menores, falando no seu estilo típico, quase como uma pessoa só. Àquela altura, Paul estava acostumado com a excentricidade das duas, mas, nas poucas ocasiões em que elas haviam passado por seu escritório — “só para dar uma olhadinha” —, ele se dera conta de como as outras pessoas as viam. “Tipo aquelas senhoras de Grey Gardens”, dissera um dos estagiários em tom de admiração, “sem a demência e os gatos.”

— Sentimos muitíssimo — disseram elas no almoço. — Parece que estamos consumindo nosso fundo de aposentadoria um pouco mais rápido do que o ideal.

— Nosso contador bateu o pé, querido. Está tentando cortar todas as nossas despesas pela metade.

— Principalmente o que ele considera “desnecessário”, qualquer coisa benéfica.

— Você pode imaginar nossa aflição. É claro que nos recusamos, a princípio, mas depois...

— Ele nos convocou ao escritório! Como se fosse um diretor de escola exigindo explicações de alunos que matam aula. Foi mortificante...

— *Mortificante*. Ele tinha tabelas.

— Tabelas não, gráficos. Eram muito coloridos.

— *Muito*.

As tias assentiram, sérias. Paul esperou.

— Sabe, a quantidade de vermelho na renda projetada para o futuro...

— Vermelho não é bom.

— Sei que ninguém gosta de vermelho nas tabelas — disse Paul.

— Gráficos.

As duas pareciam tão aflitas, evitando contato visual e tomando o vinho tão depressa, que ele se apressou a lhes garantir que compreendia:

— Vocês já fizeram muito — afirmou. — Mais do que o suficiente.

— Nosso cheque vai ficar um pouquinho menor a cada ano, mas você pode contar conosco para *alguma coisa*.

— Acho que vivemos demais. Quem imaginaria?

— Ainda mais depois de todos aqueles anos fumando, não é? E a carne vermelha? Teremos sorte se sobrar algum dinheiro para o nosso enterro, quando chegar o dia.

Paul resolveu ignorar a estranha construção da frase, a suposição de que duas pessoas teriam um *único* enterro, no mesmo dia, embora fosse impossível imaginar uma irmã sem a outra.

Mesmo achando que teria mais tempo, Paul sabia que esse dia acabaria chegando: suas tias não viveriam para sempre. Tentara inúmeras vezes ter um domínio maior do lado comercial das coisas, de suas tênues finanças, mas *detestava* a área comercial. Vinha tentando descobrir como dobrar seus esforços de obtenção de verbas quando, por um acaso fortuito, ouviu os boatos sobre Nathan e marcou um encontro. Nathan não assumira nenhum compromisso, mas se mostrara interessado, curioso. Fizera uma porção de perguntas e Paul lhe fornecera respostas inteligentes e bem pensadas. Por que não o faria? Vivia pensando no que realizaria se tivesse mais dinheiro. Seu site era patético, nada além de um lugar para fazer assinaturas da revista e enviar material, e muitos de seus escritores se frustravam por não ver seu conteúdo disponível online. Paul queria publicar mais livros, muito mais. Queria expandir a série de leituras que dirigia — modesta, mas respeitada —, realizar uma conferência de verão e talvez abrir um centro de criação

literária para jovens em situação de risco. Mas tudo isso exigiria mais dinheiro do que ele jamais possuía.

— Vamos pensar mais um pouco nisso — dissera Nathan. — Eu entro em contato daqui a algumas semanas.

E então Leo aparecera em seu escritório, observando tudo e fazendo perguntas.

“*Não oficialmente*”, perguntara Paul a Leo, “tem alguma coisa específica que você queira saber sobre como as coisas funcionam aqui?”

Desde então, ele e Leo tinham se encontrado várias vezes, em geral partindo do banco do parque, de manhã. Caminhavam, tomavam um café e conversavam quase sempre sobre o trabalho e os desafios de dirigir uma revista literária. Mas falavam também de outras coisas: imóveis, a rápida expansão da zona portuária do Brooklyn, a política municipal. Paul ainda não sabia ao certo o que Leo queria. Presumia que houvesse mais de uma pessoa competindo pelos dólares de Nathan, por isso se esforçava ao máximo para impressionar Leo, relatando-lhe cada etapa da montagem da edição de verão, vez por outra fingindo pedir conselhos e sentindo a agradável surpresa de ouvir as excelentes ideias dele. Paul esquecera — tinha sido fácil esquecer, dada a metamorfose gradual de Leo da condição de celebridade das novas mídias para alguém com uma vida extravagante de prazeres impenitentes — como Leo podia ser astuto em relação à palavra impressa. Seus instintos eram de uma precisão e uma naturalidade irritantes, e Paul não conseguia deixar de gostar dele e de suas conversas animadas. Na verdade, foi a presença de Leo que fez Paul Underwood reatizar a pequenina chama, consignada por ele a um patamar muito menor, que era a ideia de beijar Beatrice Plumb.

No decorrer dos anos, Paul tivera algumas mulheres cuidadosamente selecionadas. Elas iam e vinham, algumas mais de uma vez. Ele fora casado por um certo período e não parecera levar jeito para a coisa, mas amava Beatrice Plumb quase que desde sempre. Seu amor por ela era silencioso e constante, familiar e tranquilizador; era algo quase inteiramente autônomo, como uma pedrinha arredondada ou uma corrente de contas antiestresse, um objeto que de vez em quando ele pegava e pesava na palma da mão, mais reconfortante do que deprimente. Paul desconfiava que Bea jamais o amaria, mas achava que um dia, quem sabe, ela o deixaria beijá-la. Ele beijava muito bem; ouvira isso com frequência suficiente para confiar nessa habilidade e saber que um bom beijo, num momento escolhido à perfeição e bem aplicado, era capaz de criar rotas para destinos muito mais interessantes.

Pensava em beijar Beatrice havia tantos anos que ele sabia que era provável que nunca devesse tentar, que era quase fatal a realidade sair perdendo na comparação com seus muitos, muitos anos imaginando o beijo e como se desenrolaria (no banco traseiro de um táxi numa noite chuvosa e abafada; num trem de metrô parado, as luzes piscando até se apagar; ao sol poente, sob os arcos elegantemente azulejados do Bethesda Terrace; e sua fantasia favorita: no jardim de esculturas do MoMA, ambos tão encantados com as peças exuberantes e rotundas de Henry Moore que se virariam simultaneamente um para o outro, precisando da mesma exata pressão da pele no mesmo exato momento).

Paul passara a década anterior vendo a luz de Bea esmaecer, o que era inquietante. Não só por ele se importar muito com ela, como escritora e como pessoa, mas também por suspeitar de que o lento desbotar de Bea influenciava o enfraquecimento de suas ideias libidinosas a respeito dela. Paul não sentia atração pelo fracasso;

preferia mulheres dedicadas e ambiciosas. Já se iam anos desde que Bea parara de falar no livro. Ele nunca a via roubando um tempinho para escrever, ou sequer para rabiscar anotações em fichas ou cadernos. Havia dias em que sentia vontade de demiti-la, forçá-la a sair do escritório e fazer outra coisa, *qualquer* coisa. Mas não conseguia. Não queria.

Bea parecia estar renascendo, havia nela algo novo, ardente e sedutor. Paul a entreouvira referir-se a um novo projeto literário. Sabia que era melhor não fazer perguntas; esperaria que ela tocasse no assunto. Ficou se perguntando se ela já teria mostrado o novo trabalho a Leo. Esperava que sim, porque confiaria na opinião dele. Se Leo achasse que o que Bea vinha fazendo tinha potencial, bem, quem sabe? O que poderia ser mais perfeito, para um selo de ficção recentemente expandido, do que o tão esperado romance de estreia de Beatrice Plumb? O que quer que ela escrevesse despertaria atenção, dando também notabilidade à instituição que publicasse a obra. Talvez ele chamasse Leo num canto e perguntasse se ele tinha visto ou ouvido alguma coisa.

Podia imaginar perfeitamente: a festa de lançamento numa livraria independente local, Bea cercada por uma aglomeração ansiosa e entusiasmada, com os olhos brilhando e os dedos agitados, as longas tranças enroladas e presas na nuca, do jeitinho que ele adorava. Ela se voltaria para olhá-lo, cheia de ternura e gratidão, enrubescida com a própria conquista, e ele a tocaria no cotovelo e a beijaria no rosto, como já fizera mil vezes, mas dessa vez demoraria um pouquinho mais, o bastante para ela notar, numa declaração dissimulada. Um primeiro beijo próximo às estantes de livros. Isso é que era romântico.



CAPÍTULO 9

A única razão para Bea Plumb haver concordado em acompanhar Paul Underwood ao jantar na casa de Celia Baxter, no Upper West Side, que decerto estaria abarrotado do exato tipo de gente que ela não conseguia evitar no trabalho, mas de que tentava desesperadamente se livrar em todas as outras ocasiões — escritores, editores, agentes —, era Celia ser uma das amigas mais íntimas de Stephanie, dos tempos de faculdade. Celia não era *do* mundo editorial, era *do* mundo artístico, mas era comum esses universos colidirem, em especial na hora dos coquetéis. Bea tinha esperança de ver Stephanie na reuniãozinha no apartamento de Celia, intencionalmente despojado e quase sem decoração, que ficava a apenas alguns quarteirões — porém a um universo de distância — da casa de Bea. E seria fácil escapulir caso o evento estivesse insuportável.

Pouco depois do réveillon, perto das semanas mais insípidas do calendário e passados quase três meses desde o almoço no Oyster Bar, Bea ainda não se decidira a mostrar seu novo trabalho a nenhuma das três pessoas (Leo, Paul e Stephanie) que podiam ou deviam vê-lo. Depois da conversa telefônica com Jack no começo da semana, ela sentia uma nova premência. O irmão lhe dissera que ia ao Brooklyn falar com Leo. Fora vago quanto ao porquê.

— Preciso de um motivo para visitar meu irmão? — perguntara.
— Quero ver como ele está.

— E? — indagara Bea.

— E, ok, quero saber o que está acontecendo. Ele disse alguma coisa para você?

— Não — respondera Bea, tentando pensar em algo para dizer a Jack que pudesse acalmá-lo, mas que também fosse verdade. — Ele parece bem.

— Que alívio — dissera Jack, em tom ácido.

— Quero dizer que ele está com um aspecto saudável. Alerta e concentrado. Parecendo otimista. Tem se encontrado com Paul. Acho que eles estão trabalhando em alguma coisa.

— Você está de brincadeira.

— Por que seria brincadeira?

— É esse o grande plano dele? Trabalhar para aquele imbecil do Paul Underwood?

— *Eu* trabalho para Paul Underwood.

— Sim, eu sei, e digo isto como um elogio: há uma porção de coisas que você estaria disposta a fazer e Leo, não.

— Eu sei.

Bea sabia mesmo. O interesse de Leo por Paul era muito intrigante. Underwood parecia achar que Leo tinha voltado a trabalhar com Nathan Chowdhury, o que Bea julgava improvável. E o irmão nunca gostara de Paul. Nunca. Passara anos chamando-o pelas costas de *Paul Coitadinho*, e havia manifestado apenas um interesse contrariado pela *Fibras de Papel*, ou pelo trabalho de Bea. Levara um susto evidente ao descobrir que a revista era bem-sucedida. Não que alguma vez Bea tivesse se oferecido para falar do trabalho; ninguém ficava mais desanimado do que ela ao ir dia após dia para o mesmo escritório. No decorrer dos anos, Bea conseguira assumir sobretudo tarefas administrativas. Aceitava avidamente qualquer incumbência que a afastasse do trabalho com os escritores e deixava Paul ser o rosto editorial da revista, o que ele adorava. O chefe ainda pedia as opiniões dela e as correções

argutas que fazia nos textos, mas esses diálogos aconteciam entre os dois, em caráter privado.

— Parece que Leo tem se encontrado com Nathan — dissera Bea a Jack.

— Nathan? *Nathan*?

— Sim.

Ela sabia que o irmão ficaria contente ao ouvir o nome de Nathan. Todos ficariam.

— Ah, isso é muito interessante. Parece que é o momento perfeito para um relatório em pessoa sobre o andamento dos trabalhos.

Bea não contou a Jack as outras coisas que pensava sobre Leo: que, apesar de todos os momentos em que ele parecia fantasticamente saudável, entusiasmado e quase igual ao Leo dos velhos tempos — dos velhos, *velhíssimos* tempos, o Leo que ela tanto amava e de quem sentia uma saudade ainda maior —, havia um número quase igual de vezes em que ele parecia distante e nervoso. Bea o conhecia melhor do que ninguém. Aparentemente, ele estava ótimo, quase esplêndido, mas ela também o flagrara olhando pelas janelas do escritório, balançando a perna, contemplando o porto e o mar ao longe como um prisioneiro no corredor da morte que se perguntasse por quantos metros o corpo sobreviveria ao mar aberto em fevereiro. Em parte, era por isso que ela se acovardara todas as vezes em que havia pensado em falar com ele sobre o que estava escrevendo. Se Jack ia começar a pressioná-lo — e Bea se dava conta de que era quase um milagre ele ter se contido por tanto tempo —, ela precisava fazer alguma coisa. Concluído o processo do divórcio, Leo ficaria livre para perambular sem destino. Bea não entendia o que vinha acontecendo entre ele e Stephanie, mas aqueles dois faziam

Elizabeth Taylor e Richard Burton parecerem frouxos em matéria de romper e voltar. Uma coisa, porém, ela sabia: precisava descobrir o que fazer. Precisava se comprometer com o que estava escrevendo ou passar para outra coisa *enquanto* escrevia, antes que perdesse sua confiança e sua inspiração. De novo.

Bea estava escondida num canto da enorme sala de estar de Celia, fingindo examinar as estantes, repletas do que considerava livros “falsos”: os livros eram bem reais, mas ela duvidava que Celia Baxter tivesse lido Thomas Pynchon ou Samuel Beckett, ou todos — *sequer um!* — aqueles Philip Roths e Saul Bellows enfileirados. Num canto bem alto da estante, notou uma lombada roxa horrorosa, um livro de uma celebridade qualquer sobre emagrecimento. Rá. Aquilo era mais aceitável. Ficou na ponta dos pés, tirou o livro da prateleira e examinou as folhas manchadas e bastante manuseadas. Colocou-o no centro da prateleira do meio, entre *Mitologias* e *Cloud Atlas*, um Barthes e um David Mitchell. Satisfeita, enfrentou a multidão para achar Paul. Talvez ele não se importasse por ela ir embora. Se Stephanie ainda não havia chegado até aquela hora, significava que não iria.

Bea ouviu Lena Novak antes de vê-la, por causa da sua velha e conhecida risada de hiena. Ficou paralisada, achando que só podia estar enganada, e então viu sua velha... velha o quê? Não tinham sido amigas, mas também não tinham sido exatamente inimigas, mas caminhavam nessa direção. Bea não tinha *condições* de lidar com Lena Novak naquele momento, de jeito *nenhum*. Girou nos calcanhares e fugiu para um lavabo próximo, quase batendo a porta com força ao entrar. Quando se viu no espelho, teve apenas uma leve surpresa ao constatar como parecia apavorada.

Lena Novak era uma das Garotas da Glitteratura que, ao contrário de Bea, haviam publicado livros bem recebidos a intervalos

de poucos anos. Não fazia muito tempo que Bea tinha se deparado com uma reportagem numa revista de celebridades sobre Lena e seu belo marido arquiteto, sua filha adorável, seu sobrado “engenhosamente” reformado no Brooklyn e sua casa de campo — uma antiga estrebaria transformada em residência de fim de semana — em Litchfield, Connecticut. Ficara cada vez mais nauseada a cada parágrafo, até que, por fim, jogara a revista na cesta de lixo reciclável do trabalho. “Ei, eu queria ler isso!”, dissera uma das estagiárias, tirando-a do recipiente azul brilhante. “Eu *adoro* a Lena Novak!”

No lavabo, Bea lavou as mãos e achou um batom velho num canto da bolsa. Passou-o com cuidado, certificando-se de não manchar os dentes. Usou os dedos umedecidos para ajeitar o cabelo em volta do rosto, que ficara arrepiado sob o chapéu de inverno. Moveu-se com toda a lentidão possível, tentando lembrar para onde teriam levado seu casaco e qual era o caminho mais curto para a porta de entrada. Deu uma espiada na prateleira de vidro onde havia uma impressionante coleção de frascos antigos de perfume. *Fala sério*, pensou. *Onde é que as pessoas arranjam tempo?* (E em seguida: *A quem estou querendo enganar? Eu tenho tempo.*) Alguém bateu de leve na porta.

— Um segundo — disse Bea.

Endireitou os ombros, satisfeita por ter escolhido seu vestido transpassado favorito, com estampa de zebra, comprado em seu brechó predileto. Respirou fundo e abriu a porta. Talvez Lena nem a reconhecesse, pensou, andando até o salão. No instante em que saiu do pequeno lavabo, porém, Lena deu o bote, dando gritinhos e estreitando Bea num abraço assustadoramente feroz.

— Eu soube que você estava aqui, mas não acreditei! — exclamou, balançando Bea um pouco, como se as duas acabassem

de se reencontrar após uma longa e involuntária separação.

As Garotas da Glitteratura tinham sido mera invenção de um jornalista para uma revista urbana. Bea ficara horrorizada ao ver a matéria, que as retratava como socialites tolas. (“Empoleiradas num terraço do SoHo numa lânguida noite de verão, as escritoras mais badaladas de Manhattan reluzem como pérolas num colar de notável elegância.”) O texto sem ritmo era terrível e a designação nem sequer fazia sentido — um nome que não tinha nenhum significado, atribuído a um grupo de escritoras que por acaso moravam em Nova York na mesma época, por acaso tinham mais ou menos a mesma idade e, em sua maioria, antipatizavam umas com as outras. Na melhor das hipóteses, eram conhecidas que não se bicavam muito, ligadas por um nome de que todas gostariam de se livrar — exceto Lena, que havia adorado o bordão chamativo e o adotara literalmente (*glitteralmente*, brincara Bea com a única mulher do grupo de quem de fato gostava, uma poeta de Hoboken que também parecia haver sumido da face da Terra nos anos posteriores). Na época, Lena vivia tentando reunir “as meninas” em coquetéis ou jantares, ou sugerindo que comparecessem juntas a eventos, como se fossem um grupo musical de Las Vegas.

— Você não mudou nada! — disse Lena em tom efusivo, estendendo os braços para segurar Bea. — Vamos nos sentar para pôr o papo em dia. — Bateu as palmas e os peitos balançaram um pouco no decote. Será que ela também tinha comprado peitos novos? Bea não tinha nenhuma recordação de que Lena já tivesse sido voluptuosa. As duas se sentaram num canto sossegado da sala de jantar, ao lado de uma mesa enorme coberta de bandejas de canapés meticulosamente preparados. Bea ficou de costas para a sala e se preparou para o interrogatório de Lena, mas percebeu em minutos que Lena, é claro, queria falar sobre si mesma.

— Olhe ela aqui — comentou, entregando a Bea o celular e percorrendo o que pareciam ser muitas centenas de fotos da filha.
— Tem três anos. Terminei as alterações do meu último livro numa quarta-feira de manhã, mandei um e-mail com o arquivo para meu editor, me levantei da cadeira e minha bolsa estourou.

— Você sempre foi muito eficiente — comentou Bea.

— É verdade!

— Qual é o nome dela? — perguntou, olhando a foto de uma garotinha de chapéu de festa, sentada em frente a um bolinho de aniversário.

— Mary Patience.

— Patience? — Bea não tinha certeza de ter ouvido direito.

— Ah, você sabe — disse Lena, como se fosse óbvio —, é um daqueles nomes antigos das famílias que vieram no *Mayflower*.

— Você foi adotada por uma nova família?

Bea sabia que Lena tinha crescido num acampamento de trailers em algum ponto da região central de Ohio, com uma mãe solteira que conseguira criar quatro filhos trabalhando em diversos subempregos. Hoje em dia, era preciso prestar muita atenção para ouvir algum eco das vogais nasaladas e abertas do centro-oeste na fala de Lena, seu cabelo preto e rebelde tinha sido alisado e, em algum ponto do caminho, *Nowaski* se transformara em *Novak* — e ainda por cima havia aqueles impressionantes peitos novos —, mas de jeito nenhum o rosto redondo e sardento de Lena e o nariz ligeiramente largo, que parecia fruto de uma dieta de salsichão, teriam alguma coisa a ver com o *Mayflower*.

— Aquele ridículo do meu marido — respondeu Lena, a voz cheia de admiração. — Ele está no registro de personagens históricos.

Bea olhou de novo a foto da filha de Lena e sentiu um prazer secreto ao perceber que a menina herdara o nariz do lado salsichão

da família, não do lado *Mayflower*. Ela parecia meiguinha.

— Então, conte mais sobre ela — pediu, oferecendo de bandeja essa jogada a Lena. — Como é ser mãe?

Passados quarenta e cinco minutos, ela estava quase conseguindo se desvencilhar da conversa previsivelmente chata. (“Dizem que ser mãe é o trabalho mais difícil do mundo, e é verdade”, declarara Lena em tom solene, “é muito, *muito* mais difícil do que escrever um best-seller internacional, mais difícil do que entender aquele formulário de pedido de subvenção da Associação Nacional de Ensino!”) Bea se levantou e deu um abraço de despedida em Lena.

— Não desapareça de novo da face da Terra, *hein?* — dissera a outra, sacudindo Bea de leve e pressionando os polegares nos braços dela com uma força um pouco exagerada. — Entre em contato. Tente me encontrar no Twitter.

Bea foi buscar suas coisas e dizer a Paul que estava com dor de cabeça. O casaco ficara num quartinho de empregada adjacente à cozinha, sob uma pilha inexplicavelmente imensa de casacos de pele (será que ninguém mais em Nova York tinha *vergonha?*), e ela desvirou a manga esquerda à procura das luvas que tinha guardado ali. Dava para ouvir Lena na cozinha, conversando animadamente com Celia:

— ...a *menor ideia* — dizia, parecendo mais encantada do que confusa. — Fazia anos que eu não falava com ela. Sei que ela ainda trabalha na *Fibras de Papel*.

Bea ficou paralisada.

— Meu Deus! — disse Celia, também com um tom de satisfação na voz. — Ainda? Que deprimente! Ela se *casou?*

— Ela teve aquele namorado por um tempão, o cara mais velho, lembra? O poeta? Ele morreu? Acho que era casado.

— E ela não tem escrito nada?

— Pelo que consegui deduzir, não. — Bea ouviu Lena mastigar alguma coisa crocante, uma cenoura, um talo de aipo ou o dedo de uma pessoa de classe inferior. — Você soube alguma coisa da Stephanie? — perguntou Lena a Celia. — Elas não estão mais trabalhando juntas, não é?

— Não, não estão. Nunca consigo arrancar nenhuma fofoca boa da Stephanie. Tudo o que ela me disse foi que cada uma resolveu seguir o próprio caminho e que foi de comum acordo, mas tenho certeza de que não é verdade. — A voz de Celia baixou um pouco. Bea se aproximou mais um tiquinho da porta aberta, tentando ficar ainda mais grudada na parede. — Eu ouvi, *sim*, uma coisa interessante, que veio de outra fonte.

— Sééério? — perguntou Lena.

— Ela teve que devolver parte do adiantamento pelo romance alguns anos atrás. Era muito dinheiro.

Bea se encolheu, imobilizada, com medo de se mexer.

— É difícil — comentou Lena, e dessa vez a preocupação em sua voz foi sincera. Bea sentiu uma onda de náusea e teve uma ânsia terrível e súbita de defecar. Ser julgada ou ridicularizada por Lena era infinitamente melhor do que ser motivo de sua piedade.

— Terrível — concordou Celia, por um instante constrangida pela sinceridade de Lena. — É terrível mesmo.

As duas se calaram, como se tivessem acabado de ler o obituário de Bea ou como se estivessem paradas perto de sua lápide.

— Mas sabe de uma coisa? — disse Celia, recuperando a coragem. — Vou falar, já que Stephanie não está aqui. Nunca gostei muito dos contos dela. Nunca entendi por que fizeram todo aquele estardalhaço. Quer dizer, as histórias eram engraçadinhas... aquele

negócio do Archie, aquilo era *inteligente*, mas sair na *New Yorker*? Faça-me o favor.

— Eles pertenciam a uma época e a um lugar específicos — justificou Lena, baixando o tom para o timbre grave das entrevistas ou das leituras públicas, que Bea reconheceu e lembrou que abominava. — Trabalhavam com aquela coisa dos anos noventa, de o sujeito olhar para o próprio umbigo e se perguntar de onde veio. Era o que todo mundo fazia. Éramos muito jovens. Nem todos conseguiram descobrir como fazer a transição para um material mais maduro.

Bea mal pôde acreditar no tom majestoso de Lena, como se alguém a tivesse nomeado a porra da Imperatriz da Ficção.

— Bem, as roupas também são de outra época e de outro lugar — disse Celia. — Nossa! O que é aquilo que ela está usando? Quem ainda compra em brechó? Será que ela não ouviu falar em percevejos?

— Ah, pare — disse Lena, parecendo culpada, mas ainda rindo.

— E aquelas tranças? Francamente — comentou Celia. — Quantos anos a gente tem?

— Mas eu me sinto mal por ela — contrapôs Lena. — Presa na *Fibras de Papel*. As pessoas daquele mercado sabem quem ela é, ainda reconhecem o nome. Deve ser difícil ser Beatrice Plumb.

Bea deu graças por ainda estar encostada numa parede, por ter encostado as mãos no reboco frio e se sentir forte, escorada e capaz de suportar a onda de ódio e humilhação que percorreu seu corpo. Fechou os olhos. O cômodo tinha cheiro de gato, embora não houvesse nenhum gato à vista e nenhum outro sinal de animais na casa. Ela se perguntou se Celia pedia a uma empregada ou a uma vizinha para esconder o gato quando recebia visitas, para que seu

apartamento impecável não fosse conspurcado por uma vasilha de ração ou um arranhador; ela parecia ser esse tipo de traidora.

Bea se afastou da parede e se apressou a abotoar o casaco e pôr o chapéu. Celia e Lena estavam fofocando sobre outra pessoa e andando até a sala de estar. Bea entrou na cozinha agora deserta e seguiu para a porta de entrada. Parou diante de um arranjo majestoso de biscoitos caros, destinado à mesa das sobremesas. Abriu a bolsa de lona e enfiou todos os biscoitos dentro. Celia tornou a entrar no cômodo no exato momento em que Bea cobria a pilha com guardanapos de papel.

— Bea! — disse, parando um pouco acanhada, mas também um pouco aborrecida. — De onde você surgiu?

— De lugar nenhum — respondeu ela. Celia olhou para a bandeja vazia e a sacola estufada. — Não posso ficar para a sobremesa, mas obrigada pela noite encantadora.

As duas se encararam por alguns segundos tensos, uma desafiando a outra a falar, e então Bea virou as costas e saiu pela porta da frente.



CAPÍTULO 10

Jack ficara sem fôlego ao subir a escada da estação de metrô da Bergen Street, no Brooklyn. Como era possível que estivesse tão fora de forma? Já tinha ido à casa uma vez, anos antes, logo depois de Stephanie se mudar, quando ela e Leo estavam juntos, dedicados ao que quer que fosse aquilo que os dois tinham feito ou deixado de fazer durante anos: transar, provocar um ao outro, encenar seus melodramas heterossexuais. Certa vez, ele e Walker haviam cogitado comprar um sobrado daqueles típicos do Brooklyn, mas Jack não queria morar tão longe da loja, e reabri-la em outro local era impensável. Ele achava que perderia clientes demais, o que provavelmente não seria mais o caso, pois o Brooklyn se tornara impossivelmente caro, além de irreconhecível. Na memória de Jack, a rua de Stephanie era um tanto dilapidada. Parecia que a cada duas casas havia uma caçamba para entulho de construção. Ele parou diante de um sobrado em reforma. As portas estavam abertas e dava para ver a escadaria de mogno em curva, com o plano vertical dos degraus recém-pintados de branco. Jack conseguiu enxergar até os fundos da casa, onde dois operários batalhavam na cozinha americana para encaixar uma enorme geladeira de aço inoxidável num espaço da parede.

Outra oportunidade perdida, pensou. Bem, essa era a história do momento para quem era morador nova-iorquino de longa data e não tinha pulado no carrossel imobiliário na hora certa. Ultimamente, para onde quer que Jack olhasse, a cidade zombava dele e de seus apuros financeiros. Apertou o passo e logo se viu diante do prédio de Stephanie. Uma luz apagou no corredor do segundo andar.

Ótimo. Havia alguém em casa. Jack torceu para que fosse Leo, e, se não fosse, ficaria sentado ali até ele chegar. Tinha o dia inteiro. Era segunda-feira e sua loja estava fechada.

“Três meses”, dissera Leo naquela tarde no Oyster Bar. “Me deem três meses para eu bolar um plano.”

E assim fizera Jack. Três meses e setenta e duas horas, para ser exato, e Leo não estava atendendo o telefone nem respondendo aos e-mails, então era melhor ter alguma porra de plano. Jack estava beirando o pânico. Mal havia dormido desde a reunião com seu velho amigo Arthur, aquele que o ajudara a conseguir o crédito hipotecário.

Vinha escondendo uma dívida enorme de Walker, um emaranhado de dinheiro e dissimulação. O marido sabia que, na maioria dos anos, a receita da loja mal cobria as despesas, mas nunca fizera qualquer objeção, porque Jack adorava seu trabalho. Só que Walker não tinha a menor ideia de quanto o aluguel da loja havia subido (drasticamente, vertiginosamente) nos cinco anos anteriores, nem imaginava que Jack vinha mantendo o negócio em funcionamento graças a um empréstimo hipotecário, cuja garantia tinha sido a pequena propriedade de fim de semana que eles tinham no norte de Long Island. Na ocasião, isso havia parecido uma solução lógica para o que ele esperava que fossem apertos financeiros temporários: uma pitada de magia muito bem-vinda, surgida quando seu velho amigo Arthur lhe propusera essa oportunidade numa noite de drinques durante a qual Jack se queixara do balanço da loja. Ele e Arthur eram colegas na Universidade Vassar e tinham dividido um apartamento no primeiro ano em que moraram em Manhattan.

“É tão fácil quanto fazer um cartão de crédito!” Arthur trabalhava numa instituição de crédito hipotecário que operava pela internet e

dizia que vivia ajudando os amigos a “tirar proveito de seus imóveis”. “Não vai lhe custar nem um centavo!”

Jack sabia não ter sido o único a cair nessa douração de pílula em meados da década de 2000, mas percebia, com o coração apertado, ter sido um dos últimos, antes que o sistema financeiro quase desmoronasse sob o peso de sua própria ganância e desvario. Pior, ele tinha consciência de que aquilo não era uma boa ideia. Durante anos ouvira Walker esbravejar contra os empréstimos, ouvira-o desaconselhar amigos, conhecidos, vizinhos e clientes de participar daquela extensão febril e implausível de crédito. “Não é só uma maluquice”, dissera repetidas vezes sobre a indústria inchada das hipotecas, “isso beira a ilegalidade. É uma fraude, é completamente antiético”.

Antiético. A palavra reverberou na mente de Jack. *Antiético* também descreveria como ele se aproveitara da procuração que ele e Walker tinham dado um ao outro, anos antes, no tocante a todos os assuntos relativos ao chalé, para que os dois não fossem obrigados a ir até Long Island toda vez que houvesse papéis para assinar por alguma razão ligada à casa ou ao terreno.

O chalé que eles tinham havia vinte anos não era nada suntuoso nem sofisticado, mas era uma propriedade encantadora, com um riacho correndo por uma área arborizada e uma trilha curta que levava à praia. Seria a casa da aposentadoria dos dois, um lugar para onde ir quando Walker pudesse reduzir o ritmo de trabalho, relaxar e dedicar mais tempo àquilo que adorava: cozinhar, ler, cuidar do jardim. *Depois do Pé-de-Meia* tinha se tornado a expressão favorita de Jack. Depois do Pé-de-Meia eles adaptariam o chalé para usá-lo no inverno, fariam uma reforma e ampliariam a cozinha, comprariam um carro e talvez acrescentassem à casa um quarto de hóspedes. A lista era extensa. Walker costumava zombar

de Jack de maneira carinhosa: “Depois do Pé-de-Meia, virá a paz mundial! Depois do Pé-de-Meia, os coxos andarão e os cegos verão!” Walker fazia pouco caso da grana. Havia passado horas demais com clientes indignados que apareciam à sua porta queixando-se de que algo que haviam esperado herdar não se materializara. Não confiava em heranças, que para ele não eram nada além de uma aposta e um atalho, e Walker não confiava em atalhos nem em apostas.

Ao longo de todo o período (um total de dez dias) em que Arthur providenciara o empréstimo, Jack ficou esperando que alguém o impedisse. Mas não. Tinha sido assustadoramente fácil recorrer à hipoteca. Toda vez que ele manifestava alguma hesitação, todos — desde Arthur até o gerente de banco que lhe forneceu uma linha de crédito de 250 mil dólares — falavam que ele estava sendo muito esperto, que era sensato consolidar suas dívidas e tirar proveito das parcelas com juros baixos. Jack dissera a si mesmo que só gastaria um pouquinho, só o que fosse necessário. Mas a cada ano havia precisado de mais dinheiro, e algum tempo depois esgotara os recursos dando uma melhorada na loja na tentativa de atrair mais fregueses. Iluminação melhor. Pintura nova. Um novo sistema computadorizado para emitir faturas e controlar o estoque. Eram investimentos de capital, dizia a si mesmo. Quem ia querer fazer compras numa loja cara que não tivesse arranjos de flores à mostra? Que não tivesse uma máquina de café espresso na frente? Seu temor inicial de usar o dinheiro fora diminuindo, porque ele poderia pagar a dívida *depois do Pé-de-Meia*. Nessa ocasião, teria de confessar seu esquema, mas Walker sempre dissera a Jack que a grana do Pé-de-Meia era *dele*, um presente do pai dele, para usar no que bem entendesse. Assim, quando ele viesse a confessar, o empréstimo seria pago, ainda sobraria bastante dinheiro, e o chalé

dos fins de semana ficaria a salvo. E se não ficasse? Walker nunca o perdoaria.

— Extensão? — dissera Arthur, dias antes, franzindo o cenho. Dera um assobio longo e grave e balançara um pouco a cabeça. Os dedos de Jack ficaram dormentes, a pulsação ficou tão acelerada que ele teve certeza de que, se olhasse para baixo, veria o coração através da camisa. — Isso, meu amigo, é impossível. — Arthur havia destacado cada sílaba de *impossível*, para frisar sua recusa. — Arrumamos esse empréstimo em 2007 — dissera, estreitando os olhos para a papelada à sua frente. — Outro cenário, outra época. Antes da recessão. Hoje eu não conseguiria um empréstimo desses para você, muito menos uma extensão do prazo. Estou vendo alguns pagamentos atrasados e... — Encolhera os ombros. — Tem algum problema? Você está passando por algum problema sério?

— Problema nenhum. Só estou explorando as alternativas.

Jack não faria confidências a Arthur, que era um fofoqueiro. Havia passado as noites anteriores rolando de um lado para outro, ensaiando em silêncio seu apelo a Leo por um socorro imediato. Subiu a escadinha de Stephanie e tocou a campainha algumas vezes. Timidamente, a princípio, depois com mais duração e persistência. Bateu. Nada. Tirou o telefone do bolso e ligou para o celular de Leo. Ele não atendeu. Quis ligar para o telefone fixo da casa, mas se deu conta de que não tinha o número. Desceu a escadinha e recuou na calçada, tentando dar outra olhada no andar de cima, onde estava certo de ter visto uma luz. Imaginou Leo lá dentro, observando-o, cheio de si e em segurança atrás da cortina imóvel. No andar entre o subsolo e o térreo, viu alguém alto e másculo se mexendo. Leo! Jack cruzou o portão da calçada. Foi até a janela no rés do chão e bateu, com força e insistência. Espiou o interior, com as mãos em concha em volta dos olhos e o nariz

encostado no vidro, que ficou um pouco embaçado com sua respiração.

O rosto que apareceu do outro lado da janela estava crispado de indignação e se erguia sobre a camisa azul-marinho de um uniforme de polícia. Do lado de fora, Jack levantou as mãos para se render e deu um passo atrás.

— Desculpe! Desculpe. Estou procurando meu irmão.

O rosto desapareceu da janela e, segundos depois, a porta sob a escadinha se abriu e o homem enfurecido veio andando na direção dele, com os punhos cerrados. Um cachorro de porte médio se precipitou para Jack, parou junto a seus tornozelos e se agachou, roncando de forma grave e ameaçadora.

— Por favor — disse Jack, recuando e quase tropeçando no contorno de tijolos do jardimzinho de hera maltratada e cornisos combalidos. — Não atire. — Estava ao mesmo tempo assustado e furioso. Detestou ter que levantar as mãos para aquele policial corpulento, de cara vermelha. — Foi um engano, policial. Eu tinha esquecido que Stephanie alugava o térreo.

— Não sou policial. Sou segurança, e é melhor o senhor ter uma boa razão para estar olhando pela minha janela, e é bom explicar logo.

— Estou procurando Leo Plumb — disparou Jack, apressadamente. — Sou irmão dele. Irmão do Leo! Que está hospedado aí em cima.

— Eu sei quem é Leo.

— Mais uma vez — disse Jack, aliviado por ver que o policial, segurança, sei lá, não portava uma arma —, aceite minhas sinceras desculpas, por favor. — Baixou os olhos para o cachorro, que se aproximava mais dos seus tornozelos e latia.

— Volte aqui, Sinatra — chamou o homem, estalando os dedos. O cachorro voltou para o lado do dono, resmungou, acomodou-se sobre os quartos traseiros e recomeçou a latir para Jack.

* * *

TOMMY O'TOOLE PASSOU alguns minutos olhando fixo para Jack. Ele era, sem dúvida, parente de Leo. Tinha os mesmos traços da maioria dominante norte-americana, um típico homem branco, anglo-saxão e protestante: lábios finos, nariz ligeiramente bicudo e cabeleira preta. Em Leo, tudo isso formava um conjunto um pouco mais impactante. Tommy gostou de deixar o intruso desconcertado. Seu rosto bem barbeado ficara quase verde, e gotas de suor brotaram no lábio superior e no alto da testa generosa. Seu paletó de tweed parecia saído do guarda-roupa de Sherlock Holmes. Caramba. Onde é que esse sujeito pensava estar?

— Se você sair olhando pelas janelas em algumas ruas daqui, vão atirar primeiro e perguntar depois — disse Tommy, ciente de que Jack não reconheceria o exagero.

— Você está certíssimo. Vou tomar mais cuidado.

Jack baixou as mãos e deu um passo hesitante para fora do canteiro. O cachorro ameaçou avançar e ele voltou aos tropeços para dentro do cercado de tijolos.

— Sinatra! — Tommy se curvou e afagou o dorso do cão. — Francis Albert. Quietos. — O animal lambeu sua mão e choramingou um pouco. — Desculpe — disse o homem, dirigindo-se a Jack. — Ele é muito agitado. Devia se chamar Jerry Lewis.

— Muito engraçado — comentou Jack, sem sorrir.

Olhou para o cachorro, que parecia uma espécie de mestiço de pug, com pelagem curta marrom, focinho preto achatado e olhos

azuis meio esbugalhados que, de um jeito estranho, faziam lembrar Sinatra. Jack saiu de cima da hera mais uma vez e olhou para seus sapatos de camurça, umedecidos pelo que ele tinha a esperança de que fosse um resto de orvalho da manhã, mas supôs ser urina de cachorro.

— Qual é seu nome mesmo? — perguntou Tommy.

— Jack. Plumb.

Estendeu a mão e Tommy, relutante, deu um passo à frente para apertá-la. O segurança não confiava naquele sujeito; havia algo furtivo nele, algo não muito franco. Era o tipo de cara em quem ele ficaria de olho se o visse zanzando por um saguão ou uma loja.

— Um bisbilhoteiro andou circulando aqui pelo bairro — contou Tommy. — Um pervertido que chega perto das janelas, procurando mulheres do lado de dentro, e bate punheta em plena luz do dia. Um maldito doente.

— Eu juro... — Jack pôs a mão enluvada no coração — que não sou esse bisbilhoteiro.

— É, imagino que não.

— Sabe se eles estão em casa? Leo ou Stephanie? Acho que vi uma luz acesa lá em cima há alguns minutos.

— Acho que eles saíram, devem passar o dia fora — respondeu Tommy. Desconfiou que não estava dizendo a verdade. Tivera a impressão de ouvir Stephanie andando em casa minutos antes.

— Olhe — disse Jack, tirando o celular do bolso. — Eu queria telefonar, só para o caso de ter alguém lá em cima e por algum motivo eles não estarem ouvindo a campainha. Você tem o número da Stephanie? É que eu vim lá de Manhattan.

— De Manhattan?

— É. Do West Village.

— É uma viagem e tanto. Deve estar na estrada há um tempão, não? Uns dois, três dias?

Jack forçou uma risada, torcendo para que parecesse autodepreciativa. Caramba, ele odiava todo mundo.

— Eu só quis dizer que ia ser uma pena atravessar a ponte de volta e descobrir que eles estavam no chuveiro ou algo assim.

Tommy o encarou. Se Stephanie estivesse na moita, também não atenderia o telefone. Além disso, ele provavelmente devia oferecer uma toalha de papel ou um pano ao Sherlock. Com certeza o homem tinha sujado os sapatos com xixi de cachorro.

— Vou ser rápido — disse Jack. — E ficaria muito agradecido.

— Tenho o número lá dentro — retrucou Tommy, gesticulando para a porta aberta às suas costas. Jack acompanhou o cachorro e seu dono até a saleta de entrada, escura e quase vazia, exceto por alguns paletós de lã pendurados num gancho sobrecarregado junto à porta, uma mesinha de carteado em que havia um aparelho de telefone fixo e, na parede, um cartaz de uma exposição de Matisse no MoMA, que Jack presumiu ter sido deixado por um inquilino anterior. Incongruentemente, o vestíbulo recendia a ervas aromáticas. Alguma coisa com canela. Tommy apareceu no vão da porta, observando Jack. O cachorro, agora mais calmo, cheirou os tornozelos do estranho. — Fique aqui — disse ele. — Vou buscar o número. Está lá atrás.

Ele se afastou pelo corredor para os fundos do apartamento, onde Jack conseguiu ver a cozinha. O cão o seguiu, rosnando. Jack olhou para a sala de estar, separada da saleta de entrada por portas de correr. Os móveis pareciam descartados, uma especialidade dos homens divorciados, pensou Jack. Dois sofás floridos, superestofados e surrados, provável doação de uma parenta ou amiga preocupada. Uma estante de vime desconjuntada, que

guardava meia dúzia de livros de bolso de histórias policiais verídicas, catálogos telefônicos antigos e um aquário abandonado, cheio de moedas até um quarto da altura. A mesinha de centro estava coberta por uma pilha de exemplares do *New York Post*, abertos em quebra-cabeças Sudoku já solucionados.

Uma mesa bastante digna em forma de pedestal, peça que já devia ter decorado uma sala muito melhor em outras épocas, era coberta por uma variedade de porta-retratos com fotos de família. Jack pôs um pé na sala de estar para examinar a mesa. Bonita, mas não antiga. Inspeccionou as fotos, uma porção de imagens de alguém que ele supôs ser a ex-mulher, além de vários momentos em família: casamentos, bebês, crianças de uniforme da Liga Juvenil de Beisebol com sorrisos desdentados e bastões da metade de sua altura.

Dali ele viu a sala de jantar, vazia a não ser por uma mesa dobrável de plástico, cercada por algumas cadeiras também dobráveis e, estranhamente, num canto escuro do cômodo, uma escultura em cima de um carrinho de madeira com rodas. Jack julgou reconhecer o formato familiar de *O beijo*, de Rodin. Faz sentido, pensou: cafona como todo o resto da casa, provavelmente encomendada de algum desses programas de vendas que passam de madrugada na TV a cabo, comprada com a intenção de seduzir as divorciadas que tiverem encontros com o sujeito.

Jack ouviu Tommy abrindo e fechando gavetas e vasculhando papéis nos fundos. Aproximou-se de mansinho da estátua. Havia algo estranho na reprodução de Rodin, brilhante de tão polida. Ao chegar mais perto, ele viu que a peça estava muito danificada. Era provável que o molde original tivesse quase sessenta centímetros de altura, mas havia perdido pelo menos um palmo da base. Faltava o lado direito da parte superior do corpo do homem; parte da mão

desencarnada dele ainda era visível sobre a coxa esquerda da mulher. Parcialmente sentada no colo do companheiro, ela estava quase toda intacta, a não ser pela perna direita, que parecia ter derretido abaixo do joelho. *Derretido?*, pensou Jack. *Será que é de plástico?*

Sacudiu a peça. A escultura não se mexeu, mas as rodas do carrinho, sim. Então era por isso que estava sobre rodas: era pesada. Havia marcas fundas na superfície do metal. Jack se deu conta de estar contemplando um molde em bronze muito danificado de *O beijo*. Por si só, isso não era muito raro. Havia um bom número desses moldes no mercado, alguns valiosos, outros, não. Isso dependia de onde e quando tinham sido fundidos. Um dos melhores clientes da loja colecionava peças de Rodin, e Jack havia conseguido alguns moldes de bronze para ele ao longo dos anos. Os mais valiosos eram os chamados “originais”, produzidos pela fundição Barbedienne, nos arredores de Paris. Autenticá-los era um pesadelo. Ele sabia onde encontrar uma possível marca da fundição, mas não havia jeito de virar a escultura sozinho.

— O que você está fazendo aqui? — perguntou Tommy.

Jack ergueu o olhar e se deparou com ele parado na porta, trazendo na mão um post-it amassado e manchado. Parecia irritado.

— Estava admirando a sua peça — respondeu Jack. — É um bom molde. Onde você comprou?

— Foi presente — disse Tommy, entregando o papel. — Aqui está o número da Stephanie, o telefone fica na saleta de entrada.

— O que aconteceu com ele?

— Sofreu alguns danos num incidente lamentável. — Tommy apontou para a saleta de entrada, mas Jack viu que sua mão tremia um pouco. — O telefone fica ali.

— Que tipo de acidente?

— Incêndio.

— Mas os arranhões não foram causados por um incêndio — objetou Jack, andando em volta da escultura. — E teria que ser um incêndio e tanto para o bronze chegar a derreter.

— É, bem, fui bombeiro. Já vi o fogo fazer coisas inacreditáveis.

— Quer dizer que você recuperou isso de um incêndio?

— Não foi o que eu disse — retrucou Tommy.

Jack se agachou e se ajoelhou diante da escultura.

— Você disse que ganhou de presente?

Tommy foi para a saleta de entrada, rezando para que Jack o seguisse. Era ele que estava com um suor revelador no lábio superior e na testa. Onde estava com a cabeça para deixar esse cara entrar na sua casa?

— Vou ligar para Stephanie logo — disse.

Os danos causados à escultura chamavam a atenção de Jack; algo neles parecia significativo. O antiquário começou a sentir uma comichão conhecida nos dedos e na nuca, uma sensação em que aprendera a confiar quando circulava por mercados populares, liquidações patrimoniais e exposições de antiguidades: um tique-tique-tique que o alertava para o fato de que podia ter encontrado algo de valor nas pilhas de porcarias. Na saleta, Tommy estava de pé, com o fone no ouvido. Jack saiu do campo de visão dele e, rapidamente, tirou algumas fotos furtivas do molde com o celular.

— Ninguém atende — informou Tommy. — Eu digo a eles que você esteve aqui. Se não tiver mais nada que eu possa fazer para ajudar...

— Mais nada — disse Jack, entrando na saleta, já ansioso por ir para casa e dar alguns telefonemas. — Você foi muito prestativo.

Tommy abriu a porta. Jack se despediu rapidamente do cachorro, que se postara como uma sentinela ao lado do dono e seguiu o

visitante em sua curta caminhada pelo jardim, até ele abrir o portão. Ao fechá-lo, Jack se virou e se curvou de leve numa mesura, fazendo referência à única música de Frank Sinatra que conseguiu evocar:

— *I'll be seeing you*, Frank — disse, fazendo o cachorro rosnar, saltar e latir feito um louco para suas costas, até que ele desaparecesse de vista.



CAPÍTULO 11

Nas primeiras semanas com *O Beijo*, Tommy ficara extasiado. Mal podia acreditar em como fora fácil obtê-lo (era assim que pensava em seus atos quando era forçado a nomeá-los: *obter*). A escultura havia aparecido em seu último dia de trabalho no monte de escombros do World Trade Center, no começo de abril de 2002. Àquela altura, fazia sete meses que ele trabalhava na pilha, desde as primeiras horas de 12 de setembro. Como bombeiro aposentado (sua lombar o deixara na mão anos antes), Tommy tinha sido um dos primeiros liberados para o trabalho de resgate e recuperação. A tosse que aparecera mais ou menos na sexta semana só piorava, e sua filha Maggie ficava furiosa por ele ir para lá todos os dias.

— Mamãe ia detestar isso. Ia querer que você se cuidasse para continuar aqui comigo e com minhas irmãs, com seus netos — dizia, empurrando mais e mais comida para ele.

Nos sete meses anteriores, dera para alimentar os outros (todos, menos ela mesma) com um zelo alarmante. Cozinhava o dia inteiro, abarrotando o freezer com travessas de lasanha e *enchiladas*, potes de molho chili e sopas caseiras, mais do que a família era capaz de comer. Mantinha as mãos em constante movimento. Quando não estava cozinhando, areava panelas, polia talheres ou enxugava criteriosamente as bancadas, como quem eliminasse o escorbuto de um navio imundo. A ruga profunda entre seus olhos nunca desaparecia. Ela dera à luz o primeiro neto de Tommy três meses antes e já se livrara do peso da gravidez — aliás, de mais quilos do que engordara na gestação. Havia uma nova flacidez na linha do

seu queixo. Seus belos olhos castanhos, sempre tão atentos e vigorosos, viviam lacrimosos, injetados e desfocados.

— Você está cavando a própria cova de tanto trabalhar — dizia Maggie ao pai.

— Escolha ruim de palavras — retrucava Tommy, procurando manter a voz leve, em vez de amarga.

— Você sabe o que eu quero dizer, pai.

Tommy sabia. Aparecia todo dia na pilha porque aquela *era* a cova de sua mulher, a única sepultura que ela teria, de qualquer modo. Ronnie tinha sido gerente administrativa de uma empresa de serviços financeiros com sede no nonagésimo quinto andar da torre norte do World Trade Center. Antes de os aviões atingirem os prédios naquela manhã, Ronnie e Tommy tinham se cruzado na passagem externa entre as torres, como faziam muitas vezes nos dias em que ele ia para casa depois de um plantão noturno como segurança na hora em que ela chegava ao trabalho. Ronnie deveria estar de folga naquela terça-feira, mas resolvera ir ao escritório para ajudar o chefe a atualizar arquivos atrasados que tinham se acumulado.

— Eu tiro um dia na semana que vem — dissera ela a Tommy. — Vou aproveitar melhor minha folga depois de me livrar disso. — Os dois se beijaram no saguão e conversaram sobre o que fazer para o jantar. — Não se esqueça de pôr a louça na lavadora — pedira Ronnie, dando-lhe um leve beliscão no braço.

— Afirmativo — respondera ele.

Sua mulher tinha sorrido e revirado um pouco os olhos; ambos sabiam que ele ia esquecer. Ficava cansado depois de trabalhar a noite inteira, mas não tanto que não notasse a saia curta da esposa, de lã cinza, ou como seu bumbum ficava bonito e empinado por

baixo da costura central e como suas pernas continuavam firmes e bem torneadas, mesmo depois de três filhas e, em breve, um neto.

Durante as horas, os dias e as semanas excruciantes que se seguiram àquela manhã, ele havia pensado repetidas vezes naquele momento: as passadas largas e fortes de Ronnie sob o luminoso sol matinal, como aquelas pernas deveriam tê-la feito descer para um local seguro, como ele deveria ter estado lá para pegá-la. Lembrava-se dos sapatos que ela usava naquele dia: verniz vermelho, com uma pequena abertura na ponta dos dedos. Ronnie sempre usava tênis no trajeto de casa, na península de Rockaway, até o trabalho, mas parava no enorme saguão para calçar os sapatos de salto. Ela se importava com coisas desse tipo.

“A aparência é importante”, costumava dizer às filhas. “Se vocês querem ser julgadas pelos outros pelo que têm dentro de si, não desviem a atenção deles com o que têm do lado de fora.”

Os olhos de Tommy haviam acompanhado Ronnie naquela manhã enquanto ela andava até o elevador. Ele sempre seria grato por isso, pelo menos: por ter parado para admirar o leve gingado do bumbum dela, tê-la visto passar o cartão de funcionária na catraca, apertar o botão de subida do elevador e puxar de leve a bainha da saia. Como seu coração havia se enternecido ao pensar na incrível mulher que ela era e na grande sorte dele em tê-la.

— Mamãe ia detestar ver você indo para lá todo dia — dissera Maggie repetidas vezes nos meses seguintes. — Ela ia detestar ver você se expondo a tantos riscos.

Tommy não se importava com o que Ronnie pensaria dos seus dias passados na escavação da pilha, mas a preocupação no rosto da filha o desgastava. O marido dela o chamara num canto, fazia pouco tempo, para descrever como ela continuava a dormir mal e com que frequência tinha pesadelos e acessos de choro; para falar

que a tristeza dela se transferira da ausência da mãe para a preocupação com a saúde do pai, para a certeza insistente de que Tommy vinha usando a pilha de escombros para se matar lentamente e de que ele nem sequer viveria para ver o aniversário de um ano do primeiro neto. Toda hora Maggie perguntava ao pai se ele a ajudaria com o bebê para que ela pudesse voltar a trabalhar meio expediente. Ele sabia que o pedido era só a saída que a filha encontrara para tentar afastá-lo do local do desastre. Quando faltavam poucas semanas para terminar o processo de triagem e limpeza, Tommy decidiu dar seu aviso prévio e ajudar a cuidar do neto, para dar a Maggie e a suas duas irmãs alguma paz de espírito. Elas mereciam.

* * *

TOMMY PASSOU SUA última manhã no trabalho circulando pelo local e apertando as mãos dos homens e das mulheres com quem havia labutado, em turnos de doze horas, seis dias por semana, durante meses a fio. Em pouco tempo todos iriam embora. Aquela família improvisada e beligerante de bombeiros, metalúrgicos, eletricitas, operários, policiais e paramédicos. Eles haviam passado meses desmontando as ruínas dos edifícios e era hora de todos retornarem a suas vidas, inclusive ele, o que quer que isso significasse, como quer que fosse a vida no inimaginável outro lado dos escombros. Tommy pegou o ancinho e foi para sua posição habitual, ainda acreditando que aquele dia, o último que passava lá, poderia ser o dia em que ele encontraria alguma coisa pertencente a Ronnie.

Era um desejo bobo, improvável, do qual ele não conseguia se livrar. Toda manhã, ao cruzar a ponte Gil Hodges e seguir pelo Belt

Parkway para o centro de Manhattan, imaginava deparar com alguma coisa dela ao vasculhar os escombros. Qualquer coisa: os óculos de leitura no estojo de couro fúcsia, as chaves de casa no chaveiro de Cape Cod que ela havia usado durante anos, um pé daquele sapato vermelho.

Nos piores dias, ele ficava zangado com Ronnie, bravo por ela não lhe mandar um sinal, algum pequeno objeto que o tranquilizasse. Tommy sabia que essa era apenas uma das muitas ideias irracionais que tivera nos meses anteriores. Durante semanas, convivera com a certeza de que encontraria a própria Ronnie, ainda viva e encolhida sob uma pilha de entulho, suja, cansada e coberta por aquela poeira cinzenta onipresente; ela o fitaria, estenderia a mão e diria: “Para que a pressa, O’Toole? Não é nada urgente, mesmo!”

Desde os primeiros momentos dilacerantes em que vira o desastre pela televisão, antes mesmo de as torres caírem, Tommy soubera que ela não tinha a menor chance de escapar. Ainda assim, passara as primeiras semanas escavando freneticamente o lugar em que imaginava que a esposa poderia ter caído. Depois, por uma quantidade desconcertante de semanas, tinha sentido um desejo avassalador de provar as cinzas, de levá-las à boca. A única coisa que o impedira tinha sido o medo de que alguém o visse, o mandasse para a barraca de apoio psicológico e não o deixasse voltar. Por fim, ele conseguira ser indicado para trabalhar na área mais próxima à torre norte, o que era uma distinção boba, porque não havia ordem em como as pilhas de escombros haviam desabado. Ainda assim, aquilo o tranquilizou. Ele passava os dias com um ancinho nas mãos, procurando artefatos. Seu desejo o tornava um esmiuçador meticuloso. Tommy encontrara inúmeros objetos. Carteiras e óculos aos montes, bichos de pelúcia

desbotados, chaves, mochilas, sapatos. Certificava-se de que cada item fosse identificado por uma etiqueta e colocado num saco separado, torcendo para que levasse algum alívio, por menor que fosse, a outra família.

Mas uma ideia persistia: a de que ele encontraria alguma coisa *dela*; a sensação de que, enquanto houvesse escavação da carnificina, isso era possível. Já havia acontecido, só que não com ele. Salvatore Martin, ex-funcionário do Serviço Médico de Emergência que trabalhava sete dias por semana no turno das 5h30, havia passado o rastelo por um emaranhado de cabos e poeira, num dia de inverno com frio cortante, e lá estava uma fotografia do seu filho, Sal Jr., numa carteirinha empresarial plastificada, um pouco queimada nas bordas, com a foto intacta. Sal pediria dispensa na semana seguinte. Todos acharam que ver a carteirinha tinha sido demais e o levara a perder o controle, mas Tommy sabia a verdade. Sal havia encontrado o que procurava — uma prova, um talismã —, por isso se sentira livre para ir embora.

Última tarde de Tommy na pilha. Ele resolveu encontrar um souvenir do lugar em que Ronnie tinha dado seu último suspiro: algum objeto que fosse fácil de guardar no bolso, para pôr na sua escrivaninha ou no parapeito da janela acima da pia da cozinha, algo que ele suportasse ver todos os dias. Enquanto vasculhava os escombros, pensando em suas opções (um pedaço de escombro, uma pedrinha... não podia ser um pertence de outra pessoa, isso ele não faria), um dos colegas o chamou.

— Tommy!

Era seu amigo Will Peck. Quase todo o pessoal do posto do corpo de bombeiros em que Will trabalhava, no Brooklyn, havia desaparecido com o desabamento das duas torres. Will tinha ficado em casa naquele dia por causa de uma gastroenterite. Ele e Tommy

estavam nos escombros desde o primeiro dia, abraçando e exorcizando seus demônios. Will fez sinal para que o amigo se aproximasse do local em que uma escavadeira tinha acabado de largar uma enorme pilha de terra, poeira e metal retorcido.

— Temos uma coisa aqui, O’Toole. Venha dar uma olhada.

* * *

AO AFASTAR OS detritos da escultura e compreender o que estava vendo, Tommy mal conseguiu conter a alegria. Ah, era danada aquela sua mulher, esperando praticamente até a última hora do último dia, mas ela havia conseguido! No minuto em que viu a massa de metal emergir da terra e do pó, Tommy soube que ela fora enviada por Ronnie. Apesar dos danos, ele conseguia enxergar a ternura contida no abraço daquele casal. A mulher da escultura tinha a perna dobrada sobre a do homem, exatamente como Ronnie costumava se sentar quando os dois ficavam sozinhos, nos momentos em que chegava bem perto, jogava uma das pernas sobre as dele, um braço sobre o seu ombro, e o puxava para junto de si com o outro braço.

“Estou muito pesada?”, perguntava.

Nunca. Nem aos nove meses de gravidez, ela nunca pesava demais no colo do marido. Tommy adorava sentir aquela coxa carnuda sobre a sua, o jeito de Ronnie se encostar em seu peito. Era uma postura tão intrinsecamente dela, tão íntima e conhecida, que, quando Tommy viu a escultura, mesmo coberta de sujeira e cascalho, precisou de todo o seu controle para não dar pulos e gritos, dizendo a todo mundo o que aquela aparição significava, de quem viera. Mas não podia ser cruel a esse ponto, não podia

alardear sua sorte diante dos outros. Fechou os olhos por um minuto, agradecendo em silêncio à esposa.

O *Beijo* ficou lá até o turno de Tommy acabar e o dia se transformar em noite. A estátua foi firmada sobre um carrinho com quatro rodas, que ele se ofereceu para empurrar até o trailer de armazenagem temporária da Superintendência dos Portos, onde a peça seria documentada e fotografada antes de ser entregue às autoridades encarregadas dos artefatos. Num singular golpe de sorte, o funcionário da Superintendência dos Portos que cuidava da documentação tinha saído mais cedo naquele dia. Parado na porta do trailer, Tommy soube o que tinha de fazer. Foi absurdamente fácil subir o carrinho com a escultura por uma prancha, colocá-lo na traseira de sua picape e levá-lo para casa. Sabia que levaria semanas ou meses, talvez até uma eternidade, para que alguém desse falta da peça. Em meio às pilhas de destroços chamuscados — todos aqueles pertences pessoais, pedaços de construção, pneus, carros, caminhões de incêndio e aviões —, quem se lembraria daquilo? Quem pensaria em perguntar onde tinha ido parar?



CAPÍTULO 12

Fazia quase uma hora que Melody estava sentada no carro que estacionara na porta da pequena loja de consignação de artigos usados, na avenida central de sua cidadezinha. O café no suporte para copos havia esfriado. Ela estava desperdiçando gasolina — fazia frio demais para desligar o carro e ficar ali dentro por mais do que alguns minutos sem ligar o aquecedor —, mas ainda não tinha reunido coragem para entrar e falar com Jen Malcom, a dona da loja, que Melody conhecia porque os filhos dela, dois meninos, estudavam na mesma escola que as gêmeas e porque, numa ou noutra ocasião, Melody lhe vendera alguns móveis. Peças que ela havia comprado e reformado, mas considerara que não ficavam muito bem em sua casa, porém eram boas demais, a seu ver, para serem vendidas na Craigslist, e grandes demais para o eBay. Jen sempre gostava dos móveis que Melody levava à loja. Quase todos eram vendidos, e com isso Melody ganhava um dinheirinho a mais com uma atividade que adorava. A missão desse dia parecia diferente.

Virou a chave na ignição para desligar o motor, mas deixando-a na posição em que o rádio continuava a tocar. Quando ficasse com muito frio, disse a si mesma, entraria na loja e mostraria a Jen as fotos de todos os móveis de sua casa: as inúmeras peças que ela passara anos garimpando em mercados de quinquilharias e antiguidades e em leilões de liquidação de patrimônio, seus achados favoritos, os artigos valiosos adquiridos por uma ninharia de vendedores que não entendiam do assunto, como uma mesa Stickley negligenciada, que alguém cometera o crime de pintar com

uma esponja, já lixada e restaurada; uma poltrona Barcelona de couro preto, marcada por furos de cigarro e outras manchas impalatáveis, cujo forro ela trocara por um tweed turquesa; e seu favorito, uma bela escrivaninha em mogno, com tampo reclinável. Nora e Louisa a tinham usado durante anos para desenhar, fazer deveres de casa ou apenas se sentar lado a lado, lendo um livro. Melody venderia tudo para aliviar Walter e fazer com que ele diminuísse o ritmo. Venderia qualquer coisa. Quase.

* * *

ELA SABIA QUE Nora e Louisa a chamavam de *general* pelas costas, mas não se importava. Não ligava porque sabia o que era crescer em estado de anarquia, numa casa com pais tão pouco participativos que chegavam a ser quase invisíveis. Sabia qual era a sensação de os professores perguntarem, hesitantes e apreensivos, se seus responsáveis compareceriam a uma reunião na escola. Sabia o que era procurar em vão o rosto deles no auditório do colégio durante uma peça teatral ou um concerto. Havia jurado ser um tipo de mãe inteiramente diferente, e ter gêmeas nunca a desviara desse curso. Em certos dias, ela quase enlouquecia, correndo de uma atividade extracurricular para outra. Mantinha um gráfico do tempo que passava com cada filha, para tentar igualá-lo na medida do possível. Nunca perdia um espetáculo musical, uma peça de teatro, um jogo de futebol, uma competição de atletismo, uma reunião de Fadinhas Escoteiras ou uma apresentação de coral. Toda manhã, embalava para as meninas um lanche saudável, que incluía um docinho indulgente às sextas-feiras. Escrevia bilhetinhos de incentivo e chegava para buscá-las com quinze minutos de antecedência, para que as duas nunca ficassem sozinhas num

estacionamento, imaginando se alguém apareceria para levá-las para casa, querendo saber se a família sequer tinha percebido que elas não estavam em casa.

Lembrava-se das primeiras excursões das três para o norte do estado como se tivessem acontecido na véspera. Lembrava-se de dirigir rumo àquela região menos urbanizada, vendo as mirradas árvores da cidade serem aos poucos substituídas pelos olmos majestosos e pinheiros antigos da autoestrada Taconic. De Nora e Louisa adormecidas em suas respectivas cadeirinhas no banco traseiro, ambas com chupetas idênticas. Melody sentira uma paixão instantânea pela cidadezinha de butiques e confeitarias pitorescas onde viria a morar, na qual todas as mulheres empurravam carrinhos de bebê e usavam roupas de corrida em cores de sorvete. Aquilo não se parecia em nada com a sujeira e a cacofonia do lugar em que moravam antes, que ficava tecnicamente em El Barrio, no leste do Harlem.

A família alugava um apartamento numa área ruim de Manhattan. Durante dois anos, Melody pusera as meninas num carrinho e andara pelas ruas da região boa de seu bairro, do outro lado dos trilhos. O trem dos passageiros que trafegavam diariamente entre a casa e o trabalho dividia a área em dois lados: o desejável (mais perto da água) e o menos desejável (mais perto do shopping). Melody não sabia o que procurava até o dia em que encontrou: uma casa pequena, que conseguira sobreviver ao tipo de reforma e ampliação que vinha ocorrendo na maioria das ruas da vizinhança. Era um bangalô do estilo *Arts and Crafts* que, obviamente, estava em péssimo estado de conservação. Na manhã em que Melody passou por ele, havia um homem mais ou menos da idade dela colocando caixas num carro.

— De mudança? — perguntou ela, tentando parecer amável, mas não curiosa demais.

— Estou fazendo a mudança da minha mãe — respondeu o homem. Olhou para as meninas, como as pessoas tendiam a fazer. — Gêmeas?

— Sim — disse Melody. — Têm quase três anos.

— Também tenho gêmeos.

O sujeito se inclinou diante do carrinho e passou um minuto brincando com as crianças, fingindo que lhes roubava o nariz e depois o devolvia, uma das brincadeiras favoritas delas.

— E o que vai acontecer com a casa? — indagou Melody.

O homem ergueu o corpo e suspirou. Estreitou os olhos para o imóvel.

— Não sei, cara — disse, parecendo derrotado. — Tem muita coisa para fazer antes de deixar a casa em boas condições de venda. O corretor disse que nem vale o trabalho, que é mais provável alguém botar tudo abaixo e reconstruir alguma coisa parecida com aquilo.

Apontou com desgosto para a casa ao lado, uma reforma que Melody havia acompanhado, e admirado secretamente, nos meses anteriores.

— É, aquilo ali é um horror — concordou ela. E então, sem pensar, prosseguiu: — Meu marido e eu estamos procurando uma casa. Mas é tudo muito maior do que a gente precisa... e do que dá para pagar. Eu queria encontrar alguma coisa para reformar, não mudar tudo, mas restaurar.

Depois que as palavras saíram de sua boca, ela reconheceu que eram verdadeiras.

Walt se opusera à casa. Achara que estava cara demais para o que era, e tinha medo de uma desvalorização dos imóveis. O

vendedor tinha gostado de Melody, mas, apesar de todas as obras de que o imóvel precisava — e precisava de tudo o que se pode imaginar —, fincara pé no preço, que era mais do que o casal deveria pagar emprestado, considerando-se que Melody não trabalhava fora (seu trabalho nunca tinha rendido o bastante para pagar alguém para cuidar das filhas e, àquela altura, quem lhe daria um emprego?). O salário de Walt como técnico de computador em Pearl River era bom, mas não ótimo.

O interior da casa estava ultrapassado, mas, enxergando além do carpete feio e do papel de parede dos anos 1970, Melody notou a excelente estrutura da construção e soube o que aquele lugar poderia ser: um lar, um recanto em que as meninas se sentissem seguras e bem-cuidadas. Melody adorou as janelinhas de vidro chumbado, a pequena copa, o banco embutido sob a janela perto da entrada, o enorme carvalho na frente da casa e os bordos do quintal, que assumiam brilhantes tons alaranjados no outono. Ela e Walt ocupariam o quarto da frente, que ficava sob o beiral. Havia dois quartos pequenos nos fundos, perfeitos para Nora e Louisa. Melody já conseguia visualizar as festas de aniversário no jardim, à sombra dos bordos, e o café da manhã bem cedinho na sala de jantar revestida de madeira; sabia exatamente onde colocaria a árvore de Natal. O corretor levantara um canto do carpete da sala de estar para lhe mostrar o assoalho original de pinho antigo. Melody lutou por aquela casa como nunca havia batalhado.

— A gente vai ter que trocar o encanamento e a fiação — dissera Walt, franzindo o cenho. — Todo o dinheiro que a gente tem vai para trás das paredes, para o porão, para baixo do piso. A gente vai ter que limpar a poupança e gastar em coisas que ninguém vê.

— Tudo bem — respondera Melody.

E ela estava sendo sincera. Sabia fazer as outras coisas: raspar tinta, remover papel de parede com vapor e refazer acabamentos. Aprenderia o que porventura não soubesse. A casa seria seu projeto, seu emprego. Alan Greenspan estava do lado dela! E Walt não podia discutir com a realidade concreta do Pé-de-Meia.

Mas discutiu. Durante semanas. E, quando Melody achou que eles haviam esperado demais e que o imóvel iria para outra pessoa, sua pele arrebentou em eczemas da cabeça aos pés. Ela estava de molho num banho com aveia coloidal, arrasada, quando Walt entrou para lhe dizer que a casa (assim como a pesada hipoteca) era deles. Ela sabia que a capitulação do marido se resumia a isto: Walt a amava, queria que ela fosse feliz.

“Por que a gente não se muda para um lugar onde todo mundo não seja multimilionário?”, perguntava Walt volta e meia, em geral quando Melody ficava agitada por causa de algo de que as filhas precisavam: roupas, atividades extracurriculares, colônia de férias. Mas ela não queria se mudar dali. A família vivia num dos melhores distritos escolares do nordeste do país. Melody havia aprendido onde fazer compras e como fuçar tudo em busca de itens para as meninas. Sabia esperar as liquidações e quem daria descontos se ela dissesse que estava comprando para gêmeas. Quando necessário, sempre arranjava dinheiro, como para excursões especiais da escola ou para instrumentos para aulas de música. Quando as duas entraram no clube de esqui, Melody vasculhou catálogos escolares antigos em busca de gêmeas que já tivessem ido para a faculdade e telefonou para seus pais, perguntando se eles tinham algum equipamento que se dispusessem a vender. Acertou na mosca: um pai de aparência entediada lhe disse que, se ela fosse livrar a garagem dele da parafernália de esqui — com os

patins de gelo, as raquetes de tênis e as bicicletas em que suas filhas nunca, nunca tinham tocado —, poderia levar tudo de graça.

Ao longo dos anos em que recortara cupons de desconto, realizara trabalhos na casa todo fim de semana até os joelhos doerem e as mãos racharem e sangrarem, em que raramente comprara algo novo para ela ou para Walt, seu quadragésimo aniversário sempre brilhara ao longe, como um farol piscando seu facho de salvação. Melody faria quarenta anos e a grana cairia na conta deles. A maior parte seria destinada à universidade, uma porção quitaria o empréstimo da casa e tudo ficaria, se não perfeito, melhor do que nunca. Ela não gostava de pensar no ano em que as meninas iriam para a faculdade, em como se sentiria sem elas, mas se permitia imaginar como as coisas ficariam um pouco mais fáceis para todos depois do Pé-de-Meia. As filhas finalmente poderiam comprar algo cujo fator decisivo não fosse o preço. *O que vocês quiserem. Podem escolher.* Ela começaria a relaxar. Enfim, teria uma bendita folga.

Aumentou o volume na estação de música clássica, que só ouvia quando sua cabeça estava cheia demais para que ela prestasse atenção a letras ou conversas. *Cheio* era um eufemismo para o atual estado de agitação do seu cérebro. Se não houvesse estacionado o carro bem à vista, na principal via comercial de sua cidadezinha fofoqueira, Melody se deitaria no banco dianteiro e cairia no sono. Andava muito cansada, não conseguia dormir mais que poucas horas à noite, quando entrava involuntariamente num estado exaltado de ansiedade. Passava horas em claro, dizendo a si mesma para se levantar da cama e fazer um chá, tomar um banho morno ou ler, mas não conseguia fazer nada disso; simplesmente permanecia deitada ao lado de Walt, escutando o ronco suave do marido (até dormindo ele era de uma polidez infalível), paralisada de

preocupação com Nora e Louisa, a grana, a hipoteca, a anuidade universitária, o aquecimento global, os agrotóxicos nos alimentos, a falta de privacidade na internet e o *câncer*... Santo Deus, quantas vezes ela havia aquecido comida em recipientes de plástico quando as meninas eram pequenas? Imaginava se teria comprometido permanentemente a inteligência das filhas por não ter amamentado e se perguntava quais seriam as consequências daquele único mês em que deixara que as bebês girassem alegremente pela sala em andadores de segunda mão recebidos de uma bondosa vizinha mais velha, até que uma vizinha mais jovem e não muito educada lhe dissesse que *todo mundo* sabia que andadores retardavam o desenvolvimento motor e mental. Melody se preocupava com o que aconteceria com as meninas quando elas saíssem de casa e se desviassem do seu olhar vigilante (qual seria o alcance do joguinho dos *stalkers*? Quantos quilômetros? Precisava verificar) e se perguntava quem as amaria e cuidaria delas assim como a mãe e o pai, se bem que, nos últimos tempos, vinha se sentindo um grande fracasso no campo do amor e do carinho. Ah, e estava gorda! Ganhara pelo menos uns cinco quilos desde o almoço com Leo, talvez mais. Estava com medo de se pesar. Todas as roupas pareciam apertadas e incômodas. Ela passara a cobrir a calça jeans desabotoada com camisas compridas que pegava emprestadas de Walt; mal podia se dar ao luxo de comprar roupas novas. O casaco de inverno de Nora parecia particularmente esfarrapado, mas, se comprasse um agasalho novo para uma filha, também teria de comprar para a outra (esta era sua regra: paridade em tudo!), e com certeza absoluta não tinha dinheiro para dois.

Lembrou-se de um dia, fazia muito tempo, em que as filhas haviam tido terríveis infecções de ouvido. Duas meninas com febre, duas crianças pequenas que choravam a noite inteira e detestavam

qualquer medicamento. Ao ver o médico escrever as receitas, Melody se perguntara como diabo conseguiria pingar remédio no ouvido e dar amoxicilina a duas bebês doentes e mal-humoradas (*quatro* ouvidos, *duas* bocas), de três a quatro vezes por dia, durante dez dias.

— Depois fica mais fácil, não é? — perguntara ao pediatra naquele momento, com uma bebê suarenta e agitada em cada braço, nenhuma das duas disposta a sair do colo por um minuto sequer.

— Depende do que você considera mais fácil — dissera o médico, dando um riso solidário. — Tenho dois adolescentes, e você sabe como é...

— Não, não sei — retrucara Melody, zonha pela falta de sono e pelo excesso de café.

— Filhos pequenos, problemas pequenos; filhos criados, trabalho dobrado.

Melody tivera vontade de esbofetear o médico. Ter gêmeas parecia muito difícil quando elas eram pequenas, em especial na época em que a família morava em Nova York. Mas sentia saudade dos dias em que a coisa mais difícil que fazia era vestir e colocar duas bebês no desajeitado carrinho duplo e seguir até o parquinho onde se sentava com as outras mães. Todas apareciam com fumegantes cafés pingados de leite, no inverno, ou com cappuccinos gelados, no verão, além de saquinhos de papel engordurados, cheios de salgados e doces diversos, comprados para dividir. Conversavam e iam passando pedaços de bolo de limão, ou bolinhos de blueberry, ou um grudento pãozinho de canela caramelado (o favorito de Melody), e era comum a conversa se voltar para a vida *antes* dos filhos: como era bom dormir até tarde, caber em calças menores, terminar de ler um livro antes que um

intervalo longo demais entre os capítulos exigisse recomeçar a leitura ou ir todo dia para o escritório e pedir almoço pelo telefone.

— É claro que eu tinha de puxar o saco de algumas pessoas — disse uma das mulheres —, mas não precisava limpar o rabo delas.

— Eu era uma pessoa importante! — Melody se lembrava de ter ouvido outra mãe dizer. — Gerenciava uma equipe, cuidava de orçamentos e *ganhava para isso*. Agora, olhem só para mim — disse, apontando para o bebê pendurado em seu seio. — Aqui estou eu, sentada num parquinho, seminua, e nem me incomodo que um estranho me veja assim. E o pior é que ninguém tenta olhar. — A mulher soltou o bebê adormecido do seio e deslizou um dedo sobre a bochecha gorducha do menino. — Estes peitos aqui faziam coisas acontecerem, se é que vocês me entendem. Não faziam *ninguém* dormir.

Melody não conseguiu deixar de dar uma espiada nas veias proeminentes sob a pele alva da mulher e para o mamilo congestionado e escurecido. Ela tentara amamentar as gêmeas, quisera muito, mas havia desistido depois de seis semanas, incapaz de fazê-las cumprirem qualquer tipo de horário e quase enlouquecida pela falta de sono. Viu a outra mãe fechar o sutiã de amamentação e levantar o bebê junto ao ombro, com pancadinhas ritmadas nas costas do filho para provocar um arreto.

— Todo dia de manhã eu lia três jornais, *três* — disse ela, já num tom mais baixo, para não perturbar o neném. — Sabe como fico sabendo das notícias agora? Assistindo a porra da Oprah. — A expressão da mulher era pesarosa, mas também resignada, e os dedos descreviam pequenos círculos nas costas do bebê. — Fazer o quê? Isto é temporário, certo?

Melody nunca soubera como participar dessas conversas, portanto não participava. Ficava sentada, sorrindo e tentando

menear a cabeça como se compreendesse. Se conseguisse reunir coragem para isso, diria que não era *nada* antes de suas filhas nascerem. Era secretária. Datilógrafa. Uma pessoa que havia descartado a faculdade por ter perdido o pai no outono do último ano do ensino médio, por sua mãe ter dado o fora e também por ela mesma ter ficado paralisada de confusão e tristeza. Sem falar nas notas sofríveis que tirava.

Mas então, um dia, Walter se sentou ao seu lado na lanchonete da empresa. Apresentou-se e lhe deu um pedaço de bolo de chocolate. Disse que era o último e que o havia pegado para Melody, que notara que ela se permitia uma fatia às sextas-feiras. Convidou-a para uma pizza e um cinema e a pediu em casamento poucos meses depois. Passado apenas um ano, ela se tornou mãe, não de uma, mas de *duas* menininhas incrivelmente lindas. O que dizer? Bem, isso era *alguma coisa*; e assim Melody se tornara *alguém*.

Ela se reclinou e fechou os olhos. Talvez pudesse tirar um cochilo de um ou dois minutos. Pensou no casaco de Nora e se perguntou se um novo conjunto de botões ajudaria. Algo decorativo, como madeira ou estanho, ou talvez um botão de vidro colorido, verde-esmeralda, quem sabe. Às vezes, uma pequena mudança podia fazer toda a diferença.



CAPÍTULO 13

Depois da manhã em que viram Leo no parque, Nora levou três semanas para coagir Louisa a fugir da aula de novo, e foi nesse dia que Simone as viu saírem e perguntou se podia ir junto.

— Achei que tinha visto vocês escapulirem desse inferno há algumas semanas — disse, parando nos degraus da entrada do prédio para acender um cigarro. — Eu moro aqui perto. O que acham de a gente ir até o meu apartamento?

Nas semanas decorridas desde então, Simone as acompanhava toda vez que elas matavam aula. Havia dominado completamente as excursões semanais. Com a chegada do inverno, as únicas atividades de Louisa e Nora se restringiram a ir ao Museu de História Natural, porque Simone tinha um cartão de sócio familiar e a entrada era grátis, ou ficar no apartamento da colega, que estava sempre vazio, porque seus pais eram advogados e trabalhavam quase todo sábado. Louisa não aguentava mais aquilo. Estava cansada não apenas da mentira — tinha certeza de que era só questão de tempo até que fossem pegas, e aí? —, mas também do apartamento de Simone e até do museu, que antes adorava por ser um destino especial da família, uma das poucas excursões a Nova York aprovadas por Melody. O que tinha parecido reluzente e exótico durante toda a infância delas (salas com tubarões, dinossauros e baús de pedras preciosas, borboletas vivas!) desbotara ao longo das semanas anteriores, maculado pela familiaridade, pela culpa e pelo tédio.

Além disso, havia Simone, a linda afro-americana que sempre se sentava na primeira fila, terminava as tarefas antes de todo mundo e

circulava pela sala oferecendo ajuda a quem quisesse. Também estava no segundo ano do ensino médio, e Louisa ouvira o professor dizer que ela provavelmente tiraria uma ótima nota no SAT sem precisar de muito esforço. “Provavelmente”, dissera Simone, dando de ombros. Algo nessa garota deixava Louisa nervosa. Ela parecia muito mais velha do que as gêmeas. Louisa supunha que o estranhamento fosse causado pelo fato de Simone ter crescido em Manhattan e ser mais corajosa, mais sofisticada. E tinha uma liberdade desconcertante em suas opiniões sobre Nora e Louisa.

Todo sábado, quando as meninas davam sua escapulida, ela avaliava as duas irmãs, olhando-as de cima a baixo e proferindo julgamentos sobre cada peça de roupa e cada acessório: *não, sim, não, pelo amor de Deus, não, não, não, isso é legal, por favor, nunca mais use isso*. Quando ria, ela jogava a cabeça para trás e fazia um barulho, tão espalhafatoso que as pessoas se viravam para olhar. Fumava. Passava um batom laranja vivo sem nem ao menos se olhar no espelho, contornando com a ponta do dedo mindinho o arco de cupido do lábio superior e pelos cantos da boca para ter certeza de que estava perfeito.

“Esta cor é minha marca registrada”, comentara ela, fechando o batom e guardando-o no bolso da calça. “As negras podem usar esses tons. Nem pensem em fazer isso.” Nesse dia, ela tinha prendido as tranças compridas no alto da cabeça, num coque que acrescentava mais centímetros a sua altura já imponente e lhe alongava o rosto, que podia assumir uma expressão distante ou curiosa dependendo do humor dela. Simone usava camisetas justas, feitas de um algodão tão diáfano que não deixava nenhuma curiosidade insatisfeita acima da cintura. Seus sutiãs, do tipo que têm o bojo moldado para acentuar a fenda entre os seios, eram de renda de cores vivas e ficavam claramente visíveis sob todas as

roupas que ela usava. Ainda era Melody quem comprava a maioria das peças de Nora e Louisa, escolhendo em liquidações um tipo de lingerie prático e durável que às vezes beirava o bonitinho (estampas de cãezinhos, bolsas ou conchas), mas que nunca tendia para o sensual.

Veza por outra, Simone apontava para algo que uma delas estava usando e dizia “Isso é fofo”, mas sem a intenção de elogiar. Até onde Louisa conseguira decifrar, *fofo*, no vocabulário de Simone, era uma combinação de idiota e cafona. A colega também era uma crítica feroz de tudo o que era *popular*, seu insulto favorito. Quando ela gostava de alguém, dizia que a pessoa era *tensa*, o que não fazia o menor sentido para Louisa.

— *Tenso* não é negativo? — perguntara a Nora. — Algo desconfortável, rígido, incômodo? Tipo se eu disser que esta calça velha está *tensa*?

— Nem tudo é palavra usada no SAT — retrucara Nora, numa fala arrastada que Louisa nunca a ouvira empregar e que a fazia soar exatamente como Simone. De acordo com Simone, boa parte das músicas, dos programas de televisão ou dos filmes favoritos das gêmeas era *popular*. E assim, sem mais nem menos, coisas de que Nora e Louisa haviam gostado ficavam maculadas, ao menos para uma delas.

* * *

FAZIA QUASE UMA hora que Louisa estava sentada no piso de linóleo do museu com seu caderno de desenho, e a perna dobrada sob o corpo tinha começado a ficar dormente. Levantou-se, meio sem jeito, e bateu o pé no chão para ressuscitar a coxa e o bumbum, que formigavam incomodamente. Mancou de um lado

para outro sob a placa na entrada do corredorzinho em que estivera desenhando: Salão Leonard C. Sanford de Aves Norte-Americanas. Gostava dessa parte do museu por várias razões. Para começar, o nome homenageava um Leonard, assim como o dela homenageava o avô que nunca conhecera (o de Nora tinha sido inspirado no nome do avô paterno, Norman). Agradava-lhe o fato de o salão nem de longe se encher tanto quanto os de exposições mais populares, como o dos dinossauros ou o da baleia-azul. Havia fins de semana em que era quase impossível circular por esses salões; achar um canto para se sentar sossegada com o caderno de desenho, então, era impensável. As Aves Norte-Americanas compunham uma exposição ultrapassada e bolorenta de espécimes campestres presos atrás de vidros. Era mais um corredor de passagem do que uma destinação.

E ela adorava os espécimes de aves, mesmo sendo antiquados e meio sinistros. Sua vitrine favorita era a que exibia “Andorinhas, Papa-Moscas e Cotovias”, porque os pássaros ficavam posicionados como se estivessem em pleno voo e quase pareciam vivos. A de que menos gostava era “Garças, Íbis e Cisnes”, porque essas aves grandes pareciam desajeitadas e desconfortáveis. Por razões puramente vernáculas, adorava a vitrine diante da qual estava sentada nesse momento: “Cambaxirras, Trepadeiras-Azuis, Trepadeiras-Comuns, Chapins, Tordos-Imitadores, Gaios e Corvos.” Louisa se perguntava o que um tordo-imitador imitava e se os gaios tinham um temperamento gaio. Supunha que seria possível buscar as informações no Google, mas preferia continuar imaginando.

Mesmo naquele corredor de visita relativamente escassa, porém, raras vezes a deixavam quieta no canto dela. As pessoas ainda olhavam o tempo todo por cima do seu ombro e faziam perguntas sobre o que ela estava desenhando, ou por quê, ou, pior

ainda, ficavam apenas olhando, num silêncio constrangedor. E as crianças! Elas a atormentavam sem parar e perguntavam se podiam desenhar também. Seus pais eram igualmente incômodos.

— Quem sabe, se você pedir com jeitinho — dissera uma mãe a seu filho, enquanto Louisa tentava fazer um esboço das cotovias em voo, logo antes de sua perna ficar dormente —, essa moça boazinha não divide o papel com você e lhe ensina a desenhar.

— Isto aqui não é para crianças — retrucou Louisa, contundente, recolhendo do chão os lápis de carvão e os pastéis.

— Por que ela não quer dividir? — choramingou o garotinho.

— Não sei, meu bem — respondeu a mãe. — Nem todo mundo é bonzinho como você para dividir coisas.

— Caramba! — exclamou Louisa, fechando com força o caderno.

A mãe lançou um olhar raivoso na direção dela e se afastou. Louisa começou a recolher os papéis no chão à sua volta. Um dos desenhos até que não ficara terrível. Era de um menininho que tivera um acesso de raiva quando o pai se recusara a comprar uma foca de pelúcia na loja. O garoto tinha se jogado no chão e afundado a cabeça entre os braços, sacudindo os ombros. Louisa havia esboçado a cena depressa e conseguira captar a postura desolada da criança, as pernas balançando de frustração e o jeito de a mão se estender, com os dedos afastados, para a porta da loja de brinquedos na qual seu objeto de desejo ficara cruelmente fora de alcance.

— Fo-qui-nha! Fo-qui-nha! — resmungara o menino, até que por fim o pai tinha sido obrigado a carregá-lo, em meio a pontapés e gritos, para um banheiro próximo.

Os outros desenhos de pessoas, traçados às pressas enquanto ela observava os visitantes cruzarem os grandes salões, não eram exatamente vergonhosos, mas também não eram excelentes.

Louisa nunca acertava a proporção entre as feições e o rosto. Sabia que o garotinho tinha ficado melhor porque estava com a cara escondida. Ela não queria pensar no que significava sua incapacidade de desenhar olhos, as janelas da alma, o elemento que todo pintor precisava dominar. Não lhe passava despercebido o fato de que todas as aves do Salão Leonard C. Sanford eram desprovidas de olhos, tendo minúsculos pedacinhos de algodão inseridos em seus globos oculares.

— Então, você vai estudar belas-artes? — perguntara Simone certo dia, depois de Louisa deixar que ela visse alguns de seus esboços.

— Não — respondeu. Louisa havia mencionado a ideia de estudar belas-artes uma vez, e sua mãe tinha empalidecido. Belas-artes, para Melody, não era de fato uma faculdade.

— Por que não? — indagou Simone.

— Porque eu quero ter uma boa formação geral — disse Louisa, imitando as palavras da mãe. — A escola de belas-artes parece um curso profissionalizante.

— E qual é o problema dos cursos profissionalizantes?

Louisa deu um risinho nervoso. Não sabia ao certo se Simone estava falando sério ou sendo sarcástica.

— É sério — disse Simone, ainda folheando os desenhos de Louisa. — Medicina é um curso profissionalizante, direito também.

— Mas os dois têm faculdade no nome, e não escola, que nem belas-artes. É diferente — disse Nora. Às vezes, achava que Simone implicava um pouco com Louisa.

— É verdade — admitiu Simone. — Mas, se você gosta de arte e quer desenhar ou pintar, por que não vai para um lugar onde possa aprender a fazer melhor aquilo que ama?

— Algumas universidades que a gente pesquisou têm programas ótimos de belas-artes — comentou Louisa.

— Quantas vocês já pesquisaram?

— Quatorze — disse Nora.

Simone caiu na gargalhada.

— Vocês já pesquisaram *quatorze* universidades?

— É divertido. A gente gosta — disse Louisa. Sabia estar falando em tom defensivo e, na verdade, ficaria feliz se nunca mais tivesse que considerar outra universidade. — É bom poder comparar, para a gente saber quais se encaixam melhor.

Simone balançou a cabeça e suspirou.

— Nossa! Vocês estão *mesmo* fissuradas nessa história de faculdade. — Tirou da pilha um dos desenhos e o entregou a Louisa; dentre os trabalhos recentes, aquele era um de seus favoritos, um pastel suave da fachada do museu ao cair da noite. Ela o desenhara às pressas e mantivera o traçado frouxo; o museu mais parecia uma montanha que um prédio, e a rua abaixo, com seu fluxo de carros, lembrava um rio caudaloso, cheio de movimento e cor. — Este é tão bonito — disse Simone, num tom mais sincero do que Louisa jamais a ouvira usar. — Dá para saber exatamente o que é. Nesse sentido, ele é realista, mas por outro lado é meio abstrato. — Virou a página na vertical. — Olhe só, funciona até neste ângulo; quero dizer, a perspectiva. — Louisa ficou surpresa e satisfeita ao ver que Simone tinha razão. A colega lhe devolveu o desenho. — *Tenso*. Se eu fosse você, mandava emoldurar. Devia fazer outros nesse estilo. E devia dar uma olhada no Instituto Pratt e na Parsons, de verdade. Na Faculdade de Desenho de Rhode Island também. Vou pensar em mais alguns lugares para a sua lista.

* * *

LOUISA CONSULTOU O relógio. Estava tarde e ela precisava achar Nora e Simone, que sempre pareciam perder a noção do tempo. Elas tinham combinado de se encontrar no Salão dos Povos do Pacífico, que parecia estar vazio, exceto por uma família francesa reunida em torno da réplica em fibra de vidro de uma cabeça da ilha da Páscoa, que dominava uma das extremidades do cômodo. Quando Louisa se aproximou, eles lhe pediram para tirar uma foto com um celular e agradeceram profusamente quando ela lhes mostrou a imagem, em que todos sorriam e estavam com os olhos abertos. Louisa resolveu dar uma olhada rápida na exposição de Margaret Mead, que adorava. No caminho até as vitrines, passou por um corredorzinho escuro e recuou, sem graça, por ter interrompido um casal num abraço íntimo. Foi então que notou, antes de fazer meia-volta, que uma das pessoas usava *crocs* vermelhas iguaizinhas às dela. E às de Nora.

Sentiu o rosto e o pescoço arderem. Teve vontade de correr, mas não conseguiu sair do lugar. Nora estava encostada na parede, com a blusa desabotoada até a cintura. As mãos de Simone se moviam por baixo da camisa. Os olhos de Nora estavam fechados; os braços, caídos junto ao corpo. Louisa viu a mão de Simone subir para o sutiã branco da irmã. “Por favor”, ouviu Nora dizer, e então viu o polegar de Simone acariciar o mamilo dela sob o algodão gasto. As duas gemeram. Louisa se virou e saiu correndo.



CAPÍTULO 14

O cabo Vinnie Massaro sabia que a garotada que frequentava a pizzeria do seu pai o chamava de Robocop. Mas não se importava. Qualquer dia desses ia segurar um deles com a garra na ponta do seu braço protético assustadoramente complexo. O candidato mais cotado era o ruivo gorducho. Ia arrancar o risinho daquele moleque. Talvez o agarrasse com o braço bom, de carne e osso, e deixasse o garoto pendurado alguns centímetros acima do chão enquanto lhe afagava a bochecha gorda e sardenta com um dedo de aço, fazendo-o chorar e pedir clemência, desculpando-se entre soluços arfantes. Vinnie chegava a ver as bolhas escorrendo do nariz do menino.

Pare.

Rebobine.

Esse não era o tipo de imaginação que Vinnie devia ter; não era *positiva* nem *afirmativa*, não era como o haviam instruído a *controlar sua raiva*. Parar e rebobinar a fita era uma das *técnicas* que ele devia *empregar*, de acordo com seu terapeuta especializado em controle da raiva — não confundir com seu fisioterapeuta, nem com o protético, nem com o terapeuta ocupacional, que tinha sido quem sugerira a terapia de controle da raiva no dia em que Vinnie usara as pinças metálicas da prótese nova em folha, financiada pelo governo, para estripar um patinho de pelúcia e desfazê-lo em milhões de pedacinhos de espuma depois de não ter conseguido levantar e baixar o bicho nem ao menos uma vez.

Respirou fundo. Fechou os olhos. *Rebobinar. Rebobinar. Rebobinar.* Imaginou que ia até a mesa dos garotos e ria com eles,

mostrando-lhes seu braço, explicando em tom amável como aquela tecnologia era sofisticada, como algumas de suas terminações nervosas tinham sido regeneradas cirurgicamente para que ele pudesse controlar o membro artificial com o cérebro. *Acho que sou mesmo o Robocop*, diria, *parte homem, parte robô*.

Nossa!, diriam os garotos. *A gente pode tocar? É claro*, responderia Vinnie, que ria e daria um soco de leve no ombro deles (com o braço de verdade). *Vão em frente, podem tocar*, diria. *É tão bom quanto meu braço antigo. Mas não sente calor nem frio e não se corta nem se machuca. Na verdade, é melhor que o braço antigo!*

Quer dizer, melhor para qualquer um exceto Amy, a ex-noiva de Vinnie, porque nesse caso o braço novo com certeza não seria melhor do que o antigo. Se você fosse Amy, fingiria estar tudo bem com o braço novo, abria um sorriso lúgubre e dispararia frases feitas como “O importante é o que a pessoa tem dentro” até o dia em que Vinnie, finalmente começando a ficar à vontade, passasse o braço em volta da sua cintura, descontraído, e você se encolhesse. Vinnie não sentiu que ela se encolhera, é claro (*Olhem só, garotos! O braço novo não sente quando é traído!*), mas viu. Não era cego. E o pior foi que, por tê-la tocado sem querer com o braço robótico, ele nem ao menos teve o prazer de sentir os dedos afundarem um pouco no pneuzinho macio dela, que ele tanto amava. Vinnie não chegou a sentir nada antes de vê-la recuar e fitá-lo, paralisada, e...

Pare. Rebobine.

Tornou a conversar mentalmente com os garotos à mesa e imaginou como até o ruivo pararia com a gozação. Todos ficariam impressionados quando ele segurasse o saleirinho de plástico engordurado. Não o recipiente maior de papelão, onde ficava o sal misturado com alho, cuja mera presença lhe parecia ofensiva. Ele

não queria nem pensar em como os mexicanos da vizinhança enchiam as pizzas perfeitamente temperadas do restaurante com aquele sal de alho e, às vezes, até com o molho picante das garrafinhas que tiravam do bolso, como se o avô de Vinnie, cuja receita ele e seu pai, Vito, ainda seguiam, não tivesse aprendido a fazer molho de tomate em Nápoles, onde a porra do molho de tomate foi inventado.

Pare.

Ele pegaria o saleiro de verdade, salpicaria, com um gesto refinado, uns grãos na palma carnuda da mão e os jogaria para trás por cima do ombro esquerdo, para afastar o diabo, como a avó lhe ensinara. Os garotos iam aplaudir.

É, diria Vinnie, encerrando sua apresentação com uma coisa positiva e voltada para o futuro, procurando evitar a amargura e a autodepreciação. Sou um cara de sorte, diria, dando uma piscadela para os meninos, como se fosse um maldito artista de cinema.

* * *

A QUESTÃO ERA a seguinte: Vinnie *era* um cara sortudo e sabia disso. Podia ter perdido mais de um membro. Podia estar morto. Quando a bomba de fabricação caseira explodiu, ele podia estar andando do lado esquerdo da trilha, e não do direito. Tinha sido o caso de seu parceiro Justin, que ao mesmo tempo estava e não estava vivo. Traumatismo cranioencefálico, era assim que chamavam o que acontecera, em vez de dar nome aos bois: ele tinha virado a porra de um retardado. Justin em casa, lá na Virgínia, babando, sentado diante da televisão o dia inteiro, a mãe dando banho nele, o pai dando comida na boca. Justin sendo empurrado na cadeira de rodas até a varanda para pegar um pouquinho de sol

e ar fresco e para os vizinhos poderem olhá-lo da janela e se sentirem abençoados, balançando a cabeça e dizendo: “Só está vivo pela graça de Deus.” Justin sendo carregado para a cama pelo irmão, noite após noite, acordando no dia seguinte para recomeçar toda aquela rotina deprimente, até enfim bater as botas e se livrar daquela desgraça para sempre. Justin, que estivera a cinco dias de concluir seu período de serviço e voltar para casa inteiro.

Então, sim, Vinnie tinha sorte. Era um afortunado. Continuava forte, saudável. Poderia assumir os negócios da família quando quisesse, não apenas a pizzaria, mas também a bela mercearia italiana do outro lado da rua, que praticamente só vendia produtos importados, inaugurada por seu avô na Arthur Avenue nos velhos tempos em que o bairro era todo italiano, apenas italiano, antes do afluxo cada vez maior de famílias mexicanas ao longo de décadas. Ele estava cercado de familiares prestativos e que o apoiavam. Queria que Amy fosse para o inferno. Talvez ele ficasse com raiva demais, às vezes, mas estava melhorando. Estava tentando.

Após os garotos saírem da pizzaria (com risinhos dissimulados, ele sabia), Vinnie ficou um pouco mais calmo. Quer dizer, mais calmo até ver Matilda Rodriguez descendo a rua e sua fúria ferver de novo, porque lá vinha ela, de novo de muletas, balançando o corpo como se fosse a porra da rainha de Sabá e como se a Arthur Avenue, no Bronx, fosse seu reino. Esperando que as pessoas saíssem da sua frente, abrissem portas para ela, se oferecessem para carregar suas sacolas. O que viria depois: um riquixá? A porra de uma capa de veludo sobre uma poça gelada?

Aquilo não estava certo. Ela devia andar.

Vinnie baixou a cabeça, respirou fundo. *Rebobine, rebobine, rebobine.* Tentou *empregar* uma *técnica de projeção de imagem*, usando um *referencial histórico positivo*.

Pensou em quando havia conhecido Matilda, nas primeiras semanas da moça no centro de reabilitação, quando ele se dedicava à entediante tarefa de aprender a manejar o braço novo. Pensou no quanto ela era animada, decidida e sedutora naquela época, não só com ele — Vinnie não era idiota —, mas com todos à sua volta. Mesmo assim tinha sido legal. Pensou no quanto ela cantava e que chamava todo mundo de *mami* ou *papi*, sem importar a relação entre a idade dos outros e a dela. Lembrou-se do seu cabelo preto, que balançava com os movimentos, e do seu sorriso luminoso, o que lhe trouxe à memória um suéter cor-de-rosa que ela havia usado naquelas primeiras semanas. Pensou em como o suéter cor-de-rosa se esticava sobre os seios de Matilda quando ela se posicionava sobre as muletas: a peça deixava claro que ela não se dera o trabalho de usar sutiã e, quando subia, revelava sua cinturinha fina. Vinnie pensou em como gostaria de tocar naquele suéter cor-de-rosa, o que o fez se lembrar de seu braço mecânico e considerar que, se de fato tocasse no suéter, a lã poderia ficar presa, rasgar e começar a desfiar. Matilda olharia para o suéter estragado e exibiria uma expressão decepcionante, talvez até de nojo. E então ela o fitaria com seus adoráveis olhos amendoados, e — Vinnie imaginava a cena com perfeição — eles se encheriam de pena.

* * *

“CABO!” ERA MATILDA, já na porta da pizzeria. Estava com seu primo Fernando, que a visitava na reabilitação sempre que tinha folga na faculdade de direito. Carregava a bolsa dela e todas as suas sacolas de compras. Os olhos de Matilda lacrimejavam de frio

e seu sorriso foi hesitante; ela sabia o que Vinnie achava das muletas, de ela não usar a prótese.

— Estou com tanta fome que juro que comeria cinco fatias agora — disse, ao entrar no restaurante e se dirigir a uma das mesas.

Vinnie observou Fernando ajudá-la a se sentar e se acomodar, deslizando as muletas para baixo da mesa. Ele se concentrou em cumprimentá-los *sem juízos críticos*. Contou até dez antes de se aproximar, prendendo o pano de prato úmido no cóis da calça jeans. Matilda ergueu o olhar com uma expressão nervosa no momento em que ele se aproximava e enxugou o nariz, que escorria um pouco, com um guardanapo da Vito Pizzeria. Vinnie se inclinou de leve sobre a mesa, apoiado na mão boa, e aproximou o rosto do dela.

— Cadê a *porra* do seu *pé*? — perguntou.



CAPÍTULO 15

Na noite do acidente, no verão anterior, Leo ficara sentado no pronto-socorro num estado de alerta aterrador. De ressaca. Paralisado de medo. A cena do impacto se repetia em sua mente, os gritos de Matilda e o momento muito mais apavorante em que os berros cessaram e ele temera que ela tivesse morrido.

Estavam em leitos adjacentes do pronto-socorro. Leo ouvia os gemidos ocasionais de Matilda e os médicos falando da possibilidade de reimplante. O pé direito fora quase decepado na altura do tornozelo. Um tradutor do hospital conversava com os pais dela.

Um velho amigo da família, do departamento de polícia municipal, havia telefonado para George Plumb do local do acidente, mais ou menos na mesma hora em que Leo ligara para Bea. George e Bea saíram do casamento e chegaram juntos ao hospital.

A primeira coisa que o advogado fez foi discutir com Leo as medidas para minimizar os estragos.

— Não me interessa do que você se lembra — disse, baixinho. — Neste exato momento, você não se lembra de nada. Sofreu um traumatismo cranioencefálico. — Apontou com a cabeça para o queixo ensanguentado de Leo. — Entendeu?

Leo observava Bea atenta às vozes do outro lado da cortina, mas não sabia se devia torcer para que o espanhol dela ainda fosse bom ou para que, junto com muitos de seus talentos, houvesse diminuído a ponto de se tornar ineficaz. Bea escutava com atenção, com a cabeça inclinada, e Leo notou que o topo de seus ombros estava levemente bronzeado. O vestido, como quase tudo o que pertencia

à irmã, era *vintage*: curto, preto e sem mangas. Ela abraçava o próprio corpo, como se tentasse se manter aquecida no hospital gelado.

Bea não estava com frio; concentrava-se em entender o máximo possível da conversa, e estava captando praticamente tudo. Não sabia alguns termos médicos, mas compreendeu quando o tradutor explicara aos pais de Matilda a tênue possibilidade de um reimplante bem-sucedido. Detalhou as complicações, as chances de rejeição, os medicamentos potentes e o período prolongado de hospitalização e reabilitação de que Matilda precisaria nos meses seguintes. A longuíssima estrada que haveria pela frente, com um reimplante que ainda poderia resultar numa eventual amputação. O pai de Matilda disse ao tradutor que eles não tinham plano de saúde e que, na verdade, estavam no país ilegalmente.

— Isso não importa agora. — Ela ouviu o tradutor dizer, em tom urgente, mas bondoso. — Vocês têm direito a um tratamento adequado.

Uma das enfermeiras interrompeu, delicadamente:

— Se os senhores quiserem o reimplante, não temos muito tempo para tomar a decisão. Precisamos preparar o pé.

Bea ouviu a mãe de Matilda se dirigir ao médico e ao marido, num inglês de sotaque carregado:

— O que é a vida sem um pé? — indagou. A angústia em sua voz era torturante. — Que futuro ela vai ter? Como vai andar? Como vai trabalhar?

— Não, *mami*, não — disse Matilda, deitada na cama, com a voz arrastada e sonhadora por causa do choque e da morfina. — O homem do carro vai me ajudar. Ele conhece pessoas. Pessoas da música. Foi só um acidente. Um acidente feio. Ele vai me ajudar. Não vou mais ser garçonete.

— Música? — questionou a mãe, incrédula. Voltou para o espanhol, num tom amargo e amedrontado. — Você perde o pé e esse homem vai transformá-la numa estrela?

— Preciso sair daqui — implorou Matilda.

O tradutor estava falando com o médico, mas Bea não conseguiu discernir o que diziam. Foi até Leo, que continuava segurando um pedaço ensanguentado da blusa branca de Matilda. A enfermeira havia limpado o ferimento e saído para buscar as suturas, a fim de dar pontos no queixo dele. George apontou para a cortina.

— Captou alguma coisa interessante?

Bea hesitou. O que acabara de ouvir não era da sua conta; não eram informações que dissessem respeito a ela. Não tinha o direito de passá-las adiante. Conhecia George.

— Bea?

— Mais ou menos — disse ela. — Estão decidindo se vão amputar.

George suspirou.

— Não é uma notícia muito boa.

Bea se virou para Leo. Sob a luz fluorescente do pronto-socorro, com o queixo cortado, os olhos injetados e lacrimejantes, o olhar sem foco, o irmão parecia derrotado e com medo. Ele tentou sorrir. Por um minuto, pareceu um menininho, e ela pegou sua mão.

— Não sei o que aconteceu — disse Leo à irmã. — Num minuto, a gente estava indo...

— Psssiu! — interrompeu George, com a mão levantada para deter Leo. — A gente vai ter tempo para isso tudo mais tarde.

Leo apertou a mão de Bea com tanta força que os dedos dela ficaram dormentes.

— Cuidado, Super-Homem — disse ela, remexendo os dedos para afrouxar um pouco o aperto.

— Super-Homem. Certo. — Leo tocou de leve no queixo e se encolheu. — Bem que o Super-Homem seria útil agora. Eu mandaria ele voar, reverter a rotação da Terra e voltar no tempo.

— Voltar para antes de servirem aqueles croquetes de caranguejo horríveis? — perguntou Bea, tentando distrair o irmão do choro que ouvia do outro lado da cortina.

— Acho que eu ia preferir voltar para o começo de 2002 — respondeu Leo.

Ela gostou do que ouviu. Dois mil e dois, um ano antes de ele vender a Speak-EasyMedia e conhecer Victoria; Tuck ainda vivo; o livro dela recém-publicado. O ano que, para Bea, tinha sido o começo do fim do Leo que ela amava, do Leo que era um de seus amigos mais íntimos e que fora desaparecendo aos poucos e se transformando numa pessoa irreconhecível.

Leo parecia prestes a chorar. Bea ficou preocupada com o irmão.

— Como foi que eu vim parar aqui? — perguntou ele. Bea estava tentando não olhar para o corte em seu queixo. Ele ficaria com uma cicatriz. — Como foi que ferrei tudo desse jeito?

Apesar das circunstâncias, ela sentiu um aperto no peito ao som de algo que se parecia levemente com autorreflexão e arrependimento, algo que sugeria um pedido de desculpas vindo de Leo. Já fazia tanto tempo...

— Vai ficar tudo bem — disse ela, sentindo-se impotente.

— Não sei, não — retrucou Leo. Houve uma ligeira comoção do outro lado da cortina. Os pais pareciam estar discutindo em espanhol, e o tradutor tentava intervir. — Acho que talvez as coisas fiquem muito longe de bem.

Bea pôs a mão nas costas do irmão, que se inclinou um pouco para o seu lado. Ela fez sinal para George se aproximar e falou baixo e depressa, antes que mudasse de ideia:

— Ouvi outra coisa.

— O quê? — indagou George.

— Os pais estão ilegais.

George sorriu pela primeira vez desde que chegara ao pronto-socorro.

— *Essa* é uma notícia muito melhor. Bom trabalho. — Apontou para Leo. — Essa situação toda ainda vai custar uma baita fortuna, mas posso usar essa informação.

Do outro lado da cortina, a voz de Matilda se elevou acima da discussão que se desenrolava cada vez mais alta e insistente:

— *Tómelo, mami, tómelo!*

Tómelo. Tire-o. Tire o pé. Em seguida, o tradutor falou com o cirurgião:

— Eles querem que você ampute.

— Acho que é a decisão certa — disse o médico. — Vamos fazer um corte limpo. Para deixar o máximo possível do osso.



CAPÍTULO 16

Manhã, West 76th Street. Bea estava sentada na escuridão do pré-alvorecer, segurando com ambas as mãos o chá de camomila, esperando seus dedos enrijecidos se aquecerem com o calor de sua caneca favorita — a que ganhara no único ano em que havia capitulado durante a campanha da estação de rádio pública para angariar fundos e prometido uma doação. A mesa da cozinha estava em sua posição de inverno, desajeitadamente imprensada num canto interno, bloqueando em parte a porta da sala de estar, mas bem longe da parede externa e das duas janelas caquéticas que davam para um poço de ventilação povoado por uma quantidade inquietante de pombos e sabe-se lá quantos roedores. Ela sabia que era uma sorte ter janelas na cozinha; na verdade, era uma sorte ter uma cozinha suficientemente grande para comportar uma mesa, mas as janelas de guilhotina tinham o isolamento de um pedaço de papel-filme. Sob o calor do verão, a madeira desgastada se dilatava e as camadas de tinta velha e massa de vidraceiro ficavam maleáveis e pastosas, tornando impossível abrir as janelas. No inverno, a madeira se contraía e deixava entrar uma quantidade absurda de ar frio. Com um suéter volumoso por cima da camisola, Bea esperava que os assovios e as batidas dos canos do aquecedor marcassem o horário das seis e meia. Então faltariam apenas dez minutos para a cozinha ficar decentemente aquecida. Ela acordara cedo demais. Estava frio.

Bea não conseguira dormir bem por duas razões. A primeira era a festa horrorosa na casa de Celia. A segunda, sem dúvida, tinha relação direta com a primeira: ela tivera um sonho perturbador com

Tuck. Não costumava sonhar com ele, o que era bom, porque em geral ele aparecia tenso e frustrado em seus sonhos. O Tucker onírico não conseguia falar, exatamente como o Tucker da vida real em seus últimos dias, depois do derrame. Às vezes, ele escrevia alguma coisa no sonho, mas Bea nunca conseguia ler: ou as palavras eram borradas, ou toda hora ela perdia o pedaço de papel, ou, nas raras ocasiões em que conseguia ler o que ele escrevera, nunca se lembrava do conteúdo quando acordava. Às vezes os sonhos não saíam da sua cabeça o dia inteiro, deixando-a inquieta, nervosa e tristonha. Como naquele dia. Ela se perguntou por que uma relação que tinha sido tão revigorante e equilibrada na vida real era tão aflitiva na vida onírica. Concluiu que Tucker representava a parte do seu inconsciente que lutava com a produção literária. *Isto* fazia total sentido: os recônditos profundos de sua mente escolherem Tucker como o veículo apropriado para expressar sua insatisfação. Tuck morrera havia quase três anos, e Bea ainda pensava nele o tempo todo. Lembrava-se sobretudo de como ele era quando a conhecera, lendo poesia para seus alunos na sala de aula, fascinando-os com sua voz sonora, que ele perdera de forma tão cruel no fim da vida.

Bea tivera aulas com Tucker depois do lançamento de seu livro, após o qual passara um ano em Sevilha, onde se descobrira tão desorientada e perdida que fizera pouco mais do que se sentar em bares de *tapas*, fumando e bebericando xerez, treinando seu espanhol e escrevendo cartões-postais engraçados para os amigos. Voltara para casa praticamente fluente, porém de mãos vazias em matéria de palavras escritas.

— Que tal participar de um grupo de criação literária, ou fazer um curso? — sugerira Stephanie, ainda sem preocupação.

— Curso? — dissera Bea.

— Não estou falando de uma aula sobre ficção, seria outra coisa. Poesia. Não ficção. Só para lubrificar as engrenagens. Pode ser divertido.

— Tipo ir para a New School e me matricular num curso de Introdução à Poesia?

Bea estava fula da vida. Tinha mestrado em belas-artes.

— Não, é claro que não. Alguma coisa no seu nível. Por exemplo, que tal as aulas do Tucker McMillan na Columbia? Ele é incrível. Você podia ser ouvinte.

Bea havia ignorado a sugestão de Stephanie, mais dias depois se encontrou com Tucker numa festa. Ficou fascinada. Ele era sedutoramente enrugado, como alguns homens mais velhos que parecem desenvolver suas feições mais generosas apenas na meia-idade. Bea vira fotos dele mais jovem e mais magro e achara que ele parecia sobrecarregado por seu vigor físico — nariz muito grande, boca carnuda demais, orelhas de abano —, mas, quando o conheceu, certa alquimia de tempo, circunferência e envelhecimento do rosto o haviam tornado bonito. E aquela voz. Um dos maiores arrependimentos de Bea (e ela tinha *vários*) era não dispor de nenhuma gravação da voz dele.

— Ah, Beatrice Plumb — dissera ele, envolvendo a mão dela com as suas e lhe dando atenção absoluta. — Tão bonita quanto na foto.

Naquele momento, Bea não conseguira decifrar se ele estava caçoando dela. Isso foi pouco depois da publicação da matéria das “Garotas da Glitteratura” e, embora o fotógrafo parecesse ter tirado centenas de fotos dela para o artigo — diante de uma escrivadinha, encostada numa janela, enroscada numa poltrona —, a revista tinha optado por usar uma das últimas imagens captadas naquele dia, quando ela já estava exausta e havia desabado por um minuto na cama, enquanto ele trocava as lentes. “Fique aí mesmo”, dissera o

fotógrafo, subindo numa cadeira aos pés da cama e clicando-a de cima, reclinada, braços estendidos ao longo do corpo, parecendo sonolenta e flagrantemente sedutora (ela *havia* flertado um pouco com o fotógrafo, mas não com *o mundo*). A imagem tinha sido ridicularizada em vários sites de notícias, gerando mais comentários do que tudo o que ela dissera no artigo. Bea ainda sentia raiva daquela foto idiota, da qual, em qualquer outro contexto que não o trabalho, teria gostado bastante.

— Não é a que eu teria escolhido — retrucou, tentando parecer desdenhosa, mas não defensiva.

— Ora, por que não? — Tuck a olhou com tanta intensidade que ela recuou alguns passos. — O vestido amarelo, a sombrinha, aqueles patos pendurados. Achei fantástica. Forte.

— Ah — disse Bea, aliviada. — Também gosto daquela foto.

— Eu não sabia que existiam outras — disse ele. — Vou ter que fazer uma busca.

— Aquela é a melhor — retrucou Bea. Sentiu o rosto e o pescoço enrubescerem e tentou recuar. O olhar dele era muito direto. Instigante.

— Fique aqui um pouquinho. — Tuck pôs a mão no braço dela, que sentiu repercutir em seu corpo inteiro. — Todo mundo aqui é muito chato. Fique e me conte uma história interessante.

Bea apareceu na aula dele na semana seguinte e em todas as semanas posteriores, até o fim do ano. Era boa aluna, séria e empenhada, calada e despretensiosa. Não era uma grande poetisa, mas Stephanie estava certa: era divertido fazer algo novo, algo que não exigia um resultado específico nem exercia pressão para que ela tivesse um bom desempenho.

Esperou até não ser mais aluna de Tucker para dormir com ele. Tuck supôs que a relutância dela se devesse ao fato de ele ser

quase vinte anos mais velho, casado e com filhos crescidos, mas não era nada disso. Bea simplesmente não queria transar com um professor, não queria que fosse esse o começo da história dos dois, e àquela altura — quando a questão já não era mais se, e sim *quando* ficariam juntos — estava claro para ambos que eles de fato teriam uma história.

Ou, pelo menos, foi essa a narrativa que ela construiu para Tucker. Era em parte verdadeira, mas havia outro fator: Bea adorava o poder que o desejo dele lhe proporcionava. Sua incapacidade de avançar de qualquer maneira significativa com o livro fazia com que ela se sentisse uma impostora, até assustada, e o desejo de Tucker era um bálsamo. Ela adorava o segredo do que os dois iriam fazer. No começo, flertava impiedosamente com ele. Pedia reuniões particulares para as quais se vestia como se fosse ser despida, mesmo sabendo que não seria. Tratava o desejo dele como uma moeda mágica que carregava no bolso. Poderia gastá-la quando resolvesse que estava pronta.

Tucker comprou o apartamento no Upper West Side logo depois de os dois começarem a se envolver. Queria passar tempo com Bea em um lugar que não fosse o quarto e sala infestado de baratas que ela alugava no Lower East Side, com um ou outro drogado desmaiado no saguão. Tucker se dispusera a deixar a esposa — seus filhos estavam crescidos e a mulher passava a maior parte do ano lecionando em Dublin —, mas Bea gostava do que tinham. Precisava de solidão.

Quando agrupava os anos em porções lógicas, a coisa não parecia tão confusa: a publicação da coletânea de contos; depois um ano em Sevilha tentando (sem conseguir) escrever o que chamava de seu *Bildungsroman*. O ano seguinte à Espanha, quando ela retornara a Nova York, passara a aceitar todos os

convites que recebia — leituras, conferências, entrevistas, mesas-redondas — e conhecera Tuck. O ano seguinte a esse, quando Tuck a fizera declinar de todos os convites, por estar (finalmente!) escrevendo, e os dois anos subsequentes (ainda escrevendo), quando os convites pararam de chegar. O ano em que ela deixara de lado o livro — que começara a chamar de *uma meditação espiritual de autodescobrimento* — e fora trabalhar com Paul Underwood, porque fazia muito tempo que seu adiantamento tinha sido gasto. O ano em que jogara fora o rascunho do livro de autodescobertas e voltara ao romance de formação. O derrame de Tuck e suas consequências, os dois anos em que Bea cuidara dele e o amara, parando de escrever. A morte dele e o ano que ela passara arrasada pelo luto e tentando de uma vez por todas salvar o romance (uma combinação do primeiro com o segundo, um desastroso romance de formação pesado e não muito espiritual). E, por fim, o ano anterior, no qual desistira de vez do livro. Onze anos de vida, dissabores, trabalho e parágrafos falhos. Quando decomposto dessa maneira, o tempo não parecia tão inexplicável, mas o que será que ela havia feito no dia a dia? Como é que tantos anos, feitos de tantos dias, haviam se passado sem que ela produzisse qualquer coisa além do seu trabalho na *Fibras de Papel*? Sem um salário impressionante. Sem filhos. Sem c0mpanheiro. Sem nem uma porcaria de um animal de estimação.

Quando Tucker morreu, Bea se preparou para deixar o imóvel. Foi a única vez na vida em que pediu a Francie um adiantamento sobre a grana do Pé-de-Meia, a única vez na vida em que sequer pensou no fundo. E ficou perplexa ao receber um telefonema do advogado de Tucker dizendo que o apartamento era dela. Quitado, nada de hipoteca. Tucker se preocupara com ela. Ele fazia pouco

caso e desconfiava da nebulosa estrutura jurídica e financeira do Pé-de-Meia.

— Se você fosse realmente receber dinheiro de um fundo de pensão, então haveria extratos financeiros, um executor que não aquela biruta da sua mãe, alguém que protegesse seus interesses — dizia.

Bea ria dele.

— Você não entende de quem está falando. Minha família funciona assim.

Bem, ele tivera mais razão do que Bea poderia imaginar. Mas, graças a Tuck, tanto fazia se e quando Leo lhe devolveria o dinheiro. O apartamento era o porto seguro dela. Bea poderia permanecer ali para sempre e se virar com uma renda modesta. Poderia vendê-lo, se mudar para um lugar mais barato e viver feliz e contente por muito tempo. Sua família não sabia que ela era proprietária do imóvel; isso não era da conta de ninguém.

Bea não tocou no dinheiro que Tucker também lhe deixara, o valor quase exato da parte do adiantamento que ela acabara tendo que devolver à editora. Preferiu pensar nisso como uma coincidência inquietante, mas fortuita, e não como o que, no fundo, ela sabia: algo que Tucker percebera, mas que ela não conseguia admitir para si própria.

No sonho da noite anterior, Tucker tentava lhe dizer algo importante. Rabiscava furiosamente num pedaço de papel com a mão boa, mas Bea não conseguia discernir as palavras, manter os olhos abertos e se concentrar. Perguntou-se o que Tucker acharia do que ela vinha escrevendo, um pensamento que não era inédito. Imaginou que ele aprovaria.

Ficou de pé e começou a arrumar a bagunça na mesa: pilhas de agendas; um punhado de canetas-tinteiro e dois vidros de tinta;

rolos de lã de merino e um fuso manual. Queria tricotar luvas para as gêmeas de Melody e tinha algumas ideias de como trabalhar os fios. Pegou uma bolsinha plástica com maconha e seus papéis para enrolar cigarros. Por um segundo, pensou em fingir que ainda era domingo, ficar chapada e tricotar o dia inteiro. Poderia telefonar dizendo que estava passando mal; Paul não se incomodaria. Mas não devia. Não podia.

A calefação finalmente começou a funcionar. Bea pegou um livro de poesia de Edna St. Vincent Millay, que estivera lendo desde a hora em que havia acordado, pensando em Tuck e nos poemas que ele amava. Estava com os dedos tão enrijecidos que acabou soltando o livro, e as setecentas e cinquenta e oito páginas despencaram no assoalho desnivelado de tábuas corridas, produzindo um estrondo e uma saudável reverberação. Antes que tivesse chance de se preparar, o vizinho de baixo começou a bater no teto com um cabo de vassoura. *Ele deve andar com essa vassoura para lá e para cá*, pensou Bea. *Deve dormir com a porcaria da vassoura*. Será que ele sequer dormia? Ou ficava sentado, alerta, agarrado à vassoura, esperando pelas invasões sonoras de Bea?

— Desculpe, Harry — gritou ela pela tubulação de aquecimento.

Mas não se arrependia. Não gostava de Harry, o viúvo de setenta e tantos anos que sempre havia morado no andar de baixo. No correr dos anos, Bea tinha percebido que ele era fácil de aplacar com uma torrente regular de pedidos de desculpas. Quanto mais ela ignorava suas pancadas, mais irritada se tornava a batucada. Harry batia se ela deixava cair uma maçã ou se dava dois passos com botas de salto. Era um sujeito desagradável, mas Bea sabia que era solitário e que esse ritual o consolava, relacionando os ruídos da vida dela ao silêncio da dele. Por mais que fosse uma troca

incessante de queixas e pedidos de desculpas, essa interação o acalmava.

Mesmo assim, quando é que ele ficaria um pouco surdo? Ou fraco demais para morar sozinho? Às vezes Bea sonhava que Harry morria e a família dele lhe oferecia o apartamento de baixo por um bom preço, bem inferior ao valor de mercado. O filho de Harry gostava dela; às vezes lhe telefonava para saber se o pai estava passando bem. Ele morava em Chicago e não ia a Nova York tanto quanto deveria. Se fosse dona do apartamento de Harry, Bea quebraria o piso do seu e mandaria instalar uma escada caracol, como o pessoal que morava no fim do corredor tinha feito. Ficaria com dois andares e nunca mais precisaria se mudar. Poderia ter um escritório decente, com uma biblioteca de verdade. Um quarto de hóspedes.

É claro que, mesmo considerando que o apartamento fosse vendido a um preço ridiculamente baixo, daqueles de quem tem informações privilegiadas, ela não estava em condições de comprar nada. Não sem o Pé-de-Meia. Pensar nessa grana a remeteu às novas páginas que tinha escrito (eram boas!), depois a Leo, o que a levou de volta ao Tucker onírico, e então ela acendeu um baseado. Ficou pensando se Leo passaria pelo escritório da revista nas horas seguintes. Talvez ela o convidasse para almoçar e resolvesse enfrentar o desafio. Imaginou que entregava seu novo trabalho ao irmão e que ele lia as páginas e reagia com entusiasmo e empolgação, dizendo: *Eu sabia que você era capaz!*

Leo já tinha sido seu maior fã. Havia cuidado dela. Bea se lembrou de quando começara o ensino médio. Leo estava no último ano. Ela deixara Conor Bellingham lhe dar uns amassos no banco traseiro do carro dele, no estacionamento da escola, depois de uma reunião da revista literária; Leo era o editor, Bea fazia parte da

equipe. Quando se atracou com Conor, ela ficou ao mesmo tempo extasiada e decepcionada. Além de ser bonito, popular e representante da turma, ele escrevera um conto espantosamente bom para a revista, e Bea não conseguira parar de pensar na história, no autor e na última linha do texto: “Irritado, meio apaixonado por ela e tremendamente arrependido, fui embora.” A decepção veio quando ele se recusou a conversar sobre criação literária. Bea não conseguia compreender. Tampouco entendia como alguém que parecia meio tapado, para ser muito franca, era capaz de escrever algo tão comovente.

— Beba mais um pouco — disse ele, entregando-lhe um pequeno frasco de prata reluzente que pesava na mão. — É uísque irlandês. Do meu pai. Coisa de primeira.

— Alguns dos meus escritores favoritos são irlandeses — confessou Bea.

— Ah, é? Bem, garanto que eles bebem esse troço.

— Quem são seus escritores favoritos? — perguntou Bea, dando um sorriso luminoso, tentando fazer o rapaz fitá-la, em vez de olhar pela janela.

Conor balançou a cabeça, dando um risinho.

— Você tem ideia fixa, sabia?

Ela deu de ombros, encostou o nariz no frasco e respirou fundo, imaginando aspirar o perfume da Irlanda; a fermentação surpreendentemente doce, depois a ferroadada e o calor, o aroma estonteante de turfa e fumaça.

— Ao velho torrão natal — disse, inclinando o frasco e tomando um gole generoso. Gostou. Conor também. Conor gostava dela! Bea bebeu mais um pouco e os dois riram, ela não soube exatamente de quê, e depois tornaram a se beijar. As mãos dele começaram a se mover mais para baixo, e Bea enrijeceu o corpo.

— Relaxe — disse ele.

Ela tomou um grande gole do frasco, depois outro. Apalpou alguma coisa na superfície fria e metálica. Ergueu o recipiente na direção da janela e, à luz de um poste, leu o que estava gravado:

— Ao que essa “gruta” escrita aqui se refere? — perguntou.

— Nada. É só o nome de um lugar qualquer.

— Acho melhor eu ir andando — disse ela, ao perceber que estava ficando bêbada.

— Não vai...

— Olhe lá para fora — disse Bea, a voz parecendo arrastada. — Está começando a nevar. Preciso ir para casa.

Estava escuro e ela estava com dificuldade de focalizar a visão. Conor chegou mais perto e, dessa vez, conseguiu enfiar a mão por baixo da saia de Bea.

— “Os jornais tinham razão” — disse o rapaz, sussurrando em seu ouvido —, “a nevasca era geral em toda a Irlanda”.

— Joyce — murmurou Bea, virando-se para ele.

— Sim. Joyce. Gosto de James Joyce. Este é um escritor de que gosto.

Bastou isso. A postura resoluta de Bea murchou e seus joelhos travados se abriram como as pétalas de uma peônia em floração. Ela não achou nada demais quando Conor não telefonou no fim de semana. E disse a si mesma que ele não tinha visto ela passando na frente do armário dele na segunda-feira de manhã. Na hora do almoço, Bea foi até a mesa à qual ele estava sentado e parou um minuto, esperando que ele a visse, sorrisse e a convidasse a se sentar. Passados muitos segundos, quando todos os amigos de Conor a olhavam fixamente, metade deles confusa, metade com um risinho de escárnio, ele ergueu os olhos e arqueou uma sobrancelha.

— Oi — disse Bea, tentando se apegar à confusão, pois o que viria depois seria pior, tinha consciência disso.

— Posso ajudar em alguma coisa, Beatrice?

Bea sabia que seu rosto estava vermelho, sabia que devia estar enrubescendo da cabeça aos pés; sentiu os *joelhos* transpirarem. Deu um jeito de reunir fôlego e energia suficientes para dar meia-volta e se afastar. Ouviu Conor resmungar alguma coisa para os amigos e todos caíram na gargalhada, alguns socando a mesa, numa estrondosa manifestação de que estavam se divertindo muito.

(Anos depois, numa aula de literatura feminista, durante uma discussão sobre pornografia, Bea escutaria o termo “gruta” e se lembraria com dilacerante clareza da sensação daquele frasco em sua boca, do gosto sulfuroso da prata, do cheiro de uísque e turfa. Passaria dias, semanas, morrendo de vergonha, ao se dar conta do que indicava a tal “gruta” e do que tinha significado Conor enfiar a mão por baixo do elástico de sua calcinha naquela noite e murmurar, praticamente para si mesmo, *dezessete*.)

— Eu sou muito burra — disse ela a Leo, repetidas vezes, chorando e assoando o nariz. — Não acredito que fui tão burra.

— Conor Bellingham? — Leo não conseguia entender. O cara era um zero à esquerda.

— Ele escreveu o melhor conto. Você leu? Viu a última frase?

— A que ele tirou de *O grande Gatsby*? Li, sim. Ele teve sorte de eu não denunciar o plágio.

Bea não achava que fosse possível se sentir pior, mas inclinou o corpo para a frente e gemeu:

— Eu sou tão, tão burra.

Leo escreveu o poema humorístico do dia seguinte usando a assinatura “Anônimo”. Digitou-o e tirou cópias. Antes da hora do almoço, a escola inteira já havia saboreado sua obra artística, que

falava de um estudante sem nome, das inúmeras conquistas românticas do rapaz e do momento em que, no banco traseiro de seu carro, o menino ficava sozinho com a garota e, de modo inevitável, lamentável, tinha uma ejaculação precoce. A identidade do aluno ficou óbvia para os estudantes, mas foi disfarçada de modo tão inteligente, tão fácil de negar, que não causou problemas para Leo. Além do mais, se o próprio Conor objetasse, isso significaria se colocar no papel do ejaculador precoce, o que Leo sabia que ele não faria jamais. No começo, todos acharam que o “Anônimo” era Bea. Embora ela nunca o negasse, diversas outras vítimas do rapaz reivindicaram a autoria do poema e começaram a escrever as próprias rimas punitivas (com o incentivo sutil de Leo e, muitas vezes, com sua assistência), primeiro sobre Conor e, logo depois, sobre outros patifes da escola. Por fim, a diretoria entrou em ação e acabou com a produção do Anônimo de múltiplas cabeças, cada vez mais famoso, que se transformara no ponto alto daquele ano letivo. Tempos depois, Bea pensaria em como aquele poema humorístico bobo tinha sido, na verdade, o começo do que Leo eventualmente criaria com a *SpeakEasy*. Ao menos no princípio, antes de a revista se tornar meio desesperada e sórdida.

Abriu seu livro de Millay num dos poemas que Tuck adorava e às vezes lia para ela: *Se me amas, eu te peço, tolera minha alegria*. Estava tensa demais para ler o texto inteiro. Encheu de novo a xícara de chá. Caramba, que tesão! Quanto tempo fazia? Entrou no quarto e revirou a gaveta da mesinha de cabeceira, procurando o minivibrador. Pegou o aparelho e o ligou. Nada. As pilhas tinham acabado.

Ergueu o olhar e se viu diante do espelho, as tranças desfeitas, desarrumadas enquanto dormia, alguns fios de cabelo branco eriçados em volta do rosto. Tinha a palidez do inverno, e os olhos

estavam injetados e sem foco por causa da maconha. Era essa a pessoa que ela havia se tornado? Uma mulher de meia-idade, com um vibrador inútil e um monte de páginas digitadas que acumulava como se fossem gatos mortos? Estava muito chapada. Ouviu a voz de Lena Novak como se ela estivesse em seu quarto: “Deve ser difícil ser Beatrice Plumb.”

— Deve ser difícil ser eu — disse a seu reflexo. — Difícil ser Bea.

Guardou o vibrador de volta na gaveta e foi buscar o casaco. *Tolera minha alegria*, era isso que diria a Leo. Lê estas páginas e me diz que são boas, deixa eu ficar com elas e *tolera a porra da minha alegria*.



CAPÍTULO 17

Semanas depois de se formar (a muito custo) na faculdade, Jack se mudou para Greenwich Village com um objetivo muito específico em mente: sexo, muito, muito sexo. Vassar tinha sido meio decepcionante nesse aspecto. No começo, Jack atribuiu à estatística a falta do sexo liberado e fácil que ele havia suposto que acompanharia sua carteirinha de estudante universitário e seu quarto individual altamente cobijado no dormitório: considerando aquela era uma faculdade antes exclusivamente feminina, havia menos homens do que mulheres gays no campus. Depois, ele tinha suposto que o problema era a Aids, que vinha causando uma dizimação apavorante na comunidade gay. Mas a população homossexual de Vassar parecia sentir mais raiva do que medo. Uns cento e quarenta quilômetros ao sul, na cidade de Nova York, Larry Kramer fazia seu apelo direto e indignado à mobilização popular, e os estudantes de Vassar, quase todos abastados e brancos, vinham atendendo ao chamado. Enfaticamente. Eles se organizavam, marchavam em passeatas, protestavam, atormentavam oradores com perguntas, debatiam e faziam exigências. A indignação, descobrira Jack, não era afrodisíaca. Era exaustiva.

Ele não era propriamente contra o ativismo, mas a política universitária lhe parecia banal, quase risível. Era o ativismo do tipo mais cômodo, liderado por jovens idealistas mal saídos da adolescência, que nunca deixavam o confortável enclave do seu campus em Poughkeepsie. O esclarecimento alimentado por um senso mais aguçado da mortalidade era uma coisa lógica, sem dúvida, mas também parecia tão flagrantemente interesseiro que

enfurecia Jack. Anos depois, ele viria a sentir a mesma intolerância ante a onda de patriotismo que inundou Nova York após o 11 de Setembro — a enorme procura de bandeiras americanas por pessoas que também confessavam, em tom mais baixo, que recentemente haviam colocado seus imóveis à venda e estavam procurando casas em Nova Jersey, ou Connecticut, ou em suas cidades natais em algum lugar do centro-oeste, porque “ninguém vai jogar um avião no Gateway Arch”. O verdadeiro patriotismo, acreditava Jack, consistiria em seus compatriotas olharem para o próprio umbigo depois do 11 de Setembro e aceitarem um pouco da culpa, admitirem que os ataques haviam acontecido, em parte, *por causa* de quem eles eram no mundo, e não apesar disso. Mas, não. De repente, em todos os eventos públicos, seus vizinhos, antes agnósticos, ficavam de pé com a mão no peito, entoavam solenemente o juramento à bandeira e cantavam “Deus salve a América”.

— Eu queria que Kate Smith não tivesse nascido — disse Jack num jantar, certa noite, incitando uma discussão acalorada sobre o patriotismo e seus méritos relativos.

A mulher sentada do outro lado da mesa falava ininterruptamente sobre os deveres dos civis em tempo de guerra e frente ao terrorismo, até Jack partir um pedaço de sua baguete e jogar em cima dela. Tinha pretendido assustá-la, fazê-la calar a boca, não acertá-la direto no queixo. Ele e Walker foram para casa antes da sobremesa.

Os miniprotestos do grupo ACT UP em Vassar pareciam comodistas na opinião de Jack. Qual era a ousadia de fazer um “Beijaço” diante de uma das populações mais sexualmente diversificadas e receptivas em um raio de quilômetros? Tudo lhe parecia frívolo, sem graça e abarrotado de egoísmo.

Mesmo assim, quando seu melhor amigo na faculdade, Arthur, aceitou um emprego na Gay Men's Health Crisis, uma organização em Nova York que lida com prevenção, cuidados à saúde e conscientização relacionada a homens gays com Aids, e o convidou para dividir um apartamento na Barrow Street, Jack aproveitou a chance num piscar de olhos. Teria preferido Chelsea, onde a cena gay era um pouco mais jovem, um pouco mais na moda, mas Barrow Street já estava ótimo. Tinha uma classe que faltava em Chelsea, era histórica e ficava a poucos quarteirões do Stonewall Inn. É claro, disse ele a Arthur, que ficaria *encantado* por trabalhar como voluntário na GMHC, estava *desesperado* para entrar na linha de frente, fazer algo que importasse.

Mas o que Jack queria mesmo era sexo. Não o sexo universitário ansioso e esquerdistas, que exigia conversa demais e incluía lubrificante de menos, e sim o sexo de Greenwich Village, da Christopher Street, do tipo tire a calça, mas não essa chaparreira de couro; um sexo anônimo, irrefletido, de endoidar.

Então era um castigo cármico, Jack se deu conta mais tarde, que, apenas meses depois de chegar ao West Village, ele viesse a conhecer o amor da sua vida, Walker Bennett.

* * *

WALKER GOSTAVA DE dizer que havia nascido gay e na meia-idade. Tinha crescido em Greenwich Village; seus pais eram professores substitutos itinerantes, socialistas autodeclarados que de vez em quando praticavam o casamento aberto, faziam ligeiras incursões na bissexualidade e recusavam a carreira previsível da titularidade acadêmica, porque não passava de um sindicato para proteger os interesses da já paparicada classe alta. Quando Walker

saiu do armário, durante o ensino médio, a reação dos pais foi tão dramática quanto se ele tivesse dito que decidira trocar o violino pelo violoncelo.

Desde cedo Walker soube que queria um tipo de vida diferente da de seus pais, que viviam de contracheque em contracheque, pegavam móveis na rua na noite anterior à passagem dos caminhões de lixo e contavam moedas na almofada do sofá para pagar o arroz frito comprado pronto. Após se formar na faculdade de direito, em meados da década de 1980, ele voltou para o West Village, com planos de trabalhar no mesmo escritório de direito empresarial em que havia estagiado no verão, mas acabou inundado de solicitações de vizinhos e velhos amigos da família, a maioria homens gays, que de repente estavam adoecendo e morrendo em números alarmantes e em circunstâncias misteriosas. Queriam que Walker os ajudasse a redigir testamentos, ou a lutar contra ordens de despejo, ou a entender seus seguros por invalidez. Em poucos meses, Walker tinha mais trabalho do que era capaz de dar conta, parte canalizado para suas mãos pela Gay Men's Health Crisis, parte pela comunidade empresarial gay, proeminente, mas, com frequência, ainda no armário. Essas pessoas confiavam em Walker. Os honorários que ele cobrava da clientela mais rica lhe permitiam aceitar muito trabalho não remunerado, o que adorava fazer. Passado apenas um ano, ele pôde contratar funcionários e alugar um escritório. Em pouco tempo, tornou-se uma figura conhecida na vizinhança: Walker, o advogado simpático e meio gordinho do bairro, capaz de resolver praticamente qualquer coisa — inclusive para quem não tivesse nem um centavo, especialmente se fosse homossexual.

Na noite em que conheceu Jack, Walker tinha perambulado por impulso até o agitado bar que ficava perto do píer da Christopher

Street. Em geral, preferia os pontos de encontro gay mais sossegados, mas tivera um dia muito cansativo. Ainda estava com a roupa do trabalho e, ao atravessar a tribo animada das noites de sexta-feira, viu Jack. Era difícil não notá-lo, sem camisa e short extremamente curto, dançando sozinho, extasiado, ao som de “I Will Survive”. Walker detestava aquela porra de música idiota. Todos à sua volta *não* estavam sobrevivendo, com toda certeza. Dois clientes dele, ambos doentes e em quarentena no hospital St. Vincent, haviam morrido naquela semana, somando seis só no mês anterior. Walker precisava beber. Precisava tomar um porre daqueles. Quando se aproximou do bar, Jack começou a acenar para ele, chamando-o. Walker se perguntou se os dois já se conheceriam. Seria um cliente? Amigo de um cliente?

— A gente já se conhece? — gritou para Jack, tentando se fazer ouvir acima da ensurdecidora batida da música. Jack balançou a cabeça e o examinou de cima a baixo. Em seguida, inclinou-se para o ouvido de Walker, com o rosto úmido, cheirando a suor e a alguma colônia muito adocicada.

— Esse terno parece muito desconfortável — disse, com a voz rouca de tanto cantar. Entregou a Walker uma dose de tequila.

E, num gesto completamente atípico, estranhamente avesso ao seu feitio, além de espontâneo, desafiador e esperançoso, Walker virou a bebida, engoliu, pôs o copo vazio no bar, segurou a cabeça suada de Jack e lhe tascou um beijo na boca.

Jack retribuiu o beijo, depois se afastou e sorriu, dizendo:

— Que tal se a gente começar o fim de semana tirando esse cinto?

Estavam juntos desde então.

* * *

PARADO DIANTE DA janela do quarto que dividia com Walker em Greenwich Village (tecnicamente, no lado bem, *bem* oeste do Village, num prédio situado tão a oeste que, mais um pouco, eles morariam no rio Hudson), Jack observou um cruzeiro da Carnival deslizar pelo centro do rio, indo buscar passageiros no píer 88. Era provável que ele tornasse a ver o navio mais tarde, à noitinha, sendo rebocado no sentido inverso, até chegar ao porto e poder virar para o sul. Um cruzeiro bem que viria a calhar para Jack naquele momento, qualquer coisa que o fizesse sair de Nova York e tirasse Leo e a gigantesca enxaqueca associada ao irmão da sua cabeça.

Era uma tarde tão fria que as ciclovias à margem do rio estavam desertas. O píer da Christopher Street, um pouco mais à frente, já não era a área decrépita onde todo mundo buscava um parceiro para encontros amorosos a céu aberto. Quando ele e Walker se mudaram para lá, fazia mais de vinte anos, o lugar era assim: um ponto a que se podia ir para uma travessura vespertina fácil, ou para tomar banho de sol nu quando o tempo estava bom. Giuliani havia limpado os atacadouros e transformado toda a beira-rio em trilhas esterilizadas e miniparques para gente que caminhava, andava de bicicleta ou empurrava carrinhos de bebê. (“*Burrian!*”, dizia Walker, que detestava o estilo de ditadura de Giuliani quase tanto quanto havia detestado a insistência de Koch em permanecer no armário.)

Mesmo higienizado, o píer continuava sendo um ponto de encontro da juventude gay. Por mais cortante que fosse o frio, sempre havia algumas pessoas resistentes lá fora, aninhadas em grupos, tentando proteger do vento os isqueiros com que acendiam cigarros. Jack se perguntou por que não estavam na escola, se ficavam ali por não terem outro lugar para ir. Invejava os adolescentes à beira do rio, saltitando para se manterem aquecidos,

tomando cerveja escondida em sacos de papel pardo, sem se importar com nada e sem nenhuma preocupação. Quais seriam os possíveis motivos de inquietação para alguém de dezessete anos, na flor da idade, sem responsabilidades e morando em Nova York? Sério, até que ponto as coisas poderiam ser ruins? Será que os garotos sequer se preocupavam com o fato de serem gays, de terem que contar à família? Jack desejou ter apenas isso com que se angustiar. Daria tudo para que essa fosse a confissão de que precisava fazer.

Pegou o celular e abriu o joguinho dos *stalkers*. Melody lhe mostrara o aplicativo no dia em que os irmãos haviam almoçado juntos e, apesar de ter caçoado do negócio, Jack não reclamara quando ela o baixara em seu celular e o “conectara” a Walker.

— Isso vicia, você vai ver — dissera Melody.

A coisa toda deixara Walker perplexo.

— Eu sempre conto onde estou. De qualquer maneira, estou o tempo inteiro no trabalho ou com você. Para que você precisa verificar isso no seu telefone?

— Não preciso — respondera Jack. — Só é interessante saber que eu posso. Sinistro, mas interessante.

Era de fato sinistro, porém Jack era obrigado a admitir que Melody tinha razão, a coisa também viciava: abrir a tela e ver surgir o ícone do rosto de Walker, depois o pontinho azul itinerante na farmácia, na mercearia, no escritório. Naquele momento, ele estava na academia, provavelmente sentado na sauna em vez de fazer exercícios, pensando no que preparar para o jantar. Algum aspecto da possibilidade de ver Walker se deslocando durante o dia, de constatar como as vidas dos dois eram ligadas, como o mundo de Walker era pequeno e quanto girava em torno dele — *deles* —

piorava ainda mais a confusão financeira em que Jack havia se metido.

Ele já não pensava nisso com muita frequência, mas sabia que era provável que só estivesse vivo por causa de Walker. Quando o conhecera, tantos anos antes, em seus tempos de libertinagem em Chelsea, em Fire Island, nas saunas e nas boates, tinha sido Walker quem insistira em usar camisinha, quem exigira fidelidade. No começo, Jack se ressentira disso. Quase nenhum dos casais que eles conheciam era exclusivo. Eles eram jovens e extrovertidos e moravam na cidade mais fantástica do mundo! Mas Walker enxergava o que Jack se recusava a encarar: homens adoecendo, tendo tratamento negado, morrendo. Walker trabalhava com os médicos do hospital St. Vincent; confiava no que eles lhe diziam sobre prevenção e deixava Jack morrendo de medo.

— Se você quer passar todas as manhãs examinando o seu belíssimo corpo à procura de machucados que não saram, ou se preocupar com qualquer tossezinha, a escolha é sua — dissera Walker nas primeiras semanas —, mas não é o que quero para mim.

Walker era escrupuloso: camisinha e fidelidade eram inegociáveis. “Se você quer cair na gandaia por aí, tudo bem”, dizia, “só não faça isso enquanto estiver comigo”. No começo, Jack tentara resistir a ele, mas acabara atraído pelo homem de um jeito que não compreendia nem sabia explicar. Algo em Walker — sua bondade, sua compaixão (e, tudo bem, o tamanho do pau dele, que era *enorme*) — era mais irresistível do que dormir com uns e outros. Esta era uma das melhores coisas que Jack podia dizer sobre si mesmo: ele tinha reconhecido o valor de Walker. Antes de irem morar juntos, os dois tinham feito exames, e Jack achava que nunca havia sentido mais medo do que no dia em que foram buscar os

resultados. Caíram nos braços um do outro, chorando e rindo de alívio, ao ver que eram negativos.

Walker salvara a vida dele, disso Jack tinha certeza. E, se essa certeza criava certa desigualdade no relacionamento, certo ar de paternalismo que, como ele admitia, às vezes não era particularmente sexy, nem excitante, se às vezes ele se ressentia da santidade de Walker, de sua bondade, sua luz e sua responsabilidade, e precisava se portar um pouquinho mal, gastar um dinheiro que não tinha e, muito ocasionalmente e com *muita* discrição, esticar uma saída noturna com alguém que não precisava escovar os dentes, usar fio dental, fazer a barba e passar hidratante antes de baixar a calça, bem, e daí? Havia uma parte de Jack que ainda se perguntava o que teria acontecido se ele não tivesse seguido a orientação de Walker, se tivesse jogado a cautela para o espaço e passado um pouco mais de tempo dormindo com uns e outros antes de sossegar. Talvez estivesse morto, talvez não. Era possível que estivesse ótimo, vivo e se sentindo melhor pela amplitude de sua experiência. Se Walker não o tivesse beijado logo naquela primeira noite, talvez ele nem estivesse na atual enrascada.

* * *

NA LOJA, JACK abriu o portão corrediço e destrancou a porta. Passara a semana inteira conferindo o estoque, tentando ver se tinha, escondido num canto, algum objeto que tivesse esquecido e que pudesse vender para levantar uma grana, mesmo sabendo o tempo todo que não tinha nada que servisse para esse propósito. Conhecia seu estoque até a última maçaneta de cristal descartada. Sempre que encontrava alguma coisa de valor — o que acontecia com frequência, porque tinha um bom olho —, ele sabia exatamente

para quem telefonar a fim de vendê-la. Era raro algo de real valor ficar muito tempo na sua loja. Todos os seus negócios lucrativos eram transações particulares com clientes de longa data; decoradores, arquitetos e as estimadas senhoras do Upper East Side. O declínio da economia também havia desacelerado esse tipo de negócio. As coisas estavam começando a melhorar, mas não havia tempo para ele acumular nem de longe o dinheiro de que precisava.

Se não tivesse uma foto da escultura danificada de Rodin em seu celular, Jack acharia que tinha imaginado tudo. Quando voltou para casa após a visita abortada a Leo, bastaram-lhe alguns minutos no computador para entender por que ela lhe parecera familiar; era uma das obras de arte recuperadas do World Trade Center, sobre a qual ele lera tantos anos antes. A história fora um breve lampejo em meio a toda a cobertura do trabalho de remoção do entulho: o relato de que um molde danificado de *O beijo*, de Rodin, tinha sido recuperado e em seguida desaparecera misteriosamente. Na época, Jack havia prestado atenção por causa do seu ótimo cliente que era colecionador de Rodin.

Não sabia o que fazer com a informação de que dispunha. Poderia não fazer nada, é claro. Não se importava com o segurança da casa de Stephanie nem com a estátua, na verdade. Poderia ligar para alguém no Museu Memorial do 11 de Setembro, que estava em construção, e fazer uma denúncia anônima, ou até mesmo revelar seu nome; talvez houvesse uma recompensa, talvez ele conseguisse alguma publicidade, o que seria bom para os negócios. Ou então — e esta era a opção a que tentava resistir, sem sucesso — poderia procurar Tommy O'Toole e se oferecer para intermediar uma venda por uma soma tão significativa que, tinha certeza, ele não poderia recusar. E a gorda comissão de Jack resolveria seus

problemas financeiros imediatos e o libertaria de quaisquer possíveis atitudes de Leo.

Foi até o pequeno escritório dos fundos e imprimiu as fotos da escultura que estavam no celular. Andara dando uma sondada, e seu amigo Robert conhecia um sujeito chamado Bruce, que trabalhava nos lugares mais suspeitos dentre os que vendiam objetos de arte e antiguidades. “Usei os serviços dele uma vez”, dissera Robert. “Ele vai saber o que fazer. Diga que você é meu amigo.” Perguntar não fazia mal, pensou Jack. Nunca fazia mal obter informações e conhecer todas as possibilidades. Antes de vestir o casaco, ele pegou o celular e o cartão guardado no bolso e discou o número.

— Oi — disse ao sujeito chamado Bruce. — Aqui é o amigo do Robert. Estou a caminho.



CAPÍTULO 18

Leo estava sozinho, sentado no quartinho nos fundos do segundo andar da casa de Stephanie que ele vinha usando como escritório, tentando elaborar a conversa que teria com Nathan, com quem havia enfim marcado um encontro dali a alguns dias.

Pela janela, as árvores desnudas e a vegetação desfolhada de janeiro lhe ofereciam um largo panorama de todos os jardins vizinhos, nas laterais e nos fundos. Dali, ele conseguia ver a cozinha do sobrado logo atrás do de Stephanie, cuja planta era idêntica, mas invertida. Os cômodos do vizinho eram um pouco mais coloridos, talvez ligeiramente mais surrados. Uma loura magrela, de calça jeans preta e suéter vermelho folgado, estava fazendo um arranjo de frutas fatiadas num prato, para dois garotinhos que saltitavam e giravam nas banquetas junto à ilha central. Os meninos tinham o mesmo tamanho e as mesmas cores, era provável que fossem gêmeos. Leo se perguntou quando o nascimento de gêmeos tinha se tornado tão comum quanto uma gripe. Pensou nas filhas de Melody, que, segundo sua vaga lembrança, tinham sido um acidente fortuito. Era provável que sua irmã detestasse que as pessoas supusessem que tinha feito algum tipo de tratamento para a infertilidade, detestasse não ver reconhecido o mérito que cabia a ela e a Walter pelo fato de dois espermatozoides resolutos haverem penetrado com sucesso em dois óvulos enérgicos. Esse tipo de coisa devia deixá-la fula da vida. Leo viu quando um dos meninos do outro lado empurrou o irmão do banco e o fez desaparecer de vista, presumivelmente derrubando-o no chão, porque a mãe correu até lá, abaixou-se e, ao se levantar, segurava o menino no colo, com

as pernas enroscadas na cintura dela e o rosto apoiado em seu ombro. Leo viu os ombros do menino sacudindo, a mãe afagando suas costas e movendo os lábios num *psiu, psiu*, enquanto o embalava com delicadeza, para a frente e para trás. Na casa ao lado da dela, um homem de meia-idade andava pela cozinha com alguém que parecia um mestre de obras. O empreiteiro apontava para a moldura do teto com uma fita métrica, enquanto o proprietário assentia. Voltando à casa da direita: a mãe de suéter vermelho abriu a porta dos fundos e despejou um prato de cascas de frutas no que Leo imaginou ser uma caixa de compostagem. Ele achava o panorama dos fundos da casa de Stephanie de um fascínio interminável. Era capaz de ficar sentado ali durante horas, assistindo ao desenrolar de todas aquelas serenas vidas cheias de aspirações. Aquilo era estranhamente tranquilizador. Ele estava começando a gostar do Brooklyn.

Apesar de Stephanie não ter brincado a respeito das drogas ou dos empréstimos (não que Leo estivesse usando alguma droga no momento, nem que precisasse lhe pedir dinheiro), ela fora facilmente derrotada no quesito sexo. Os dois haviam passado quase todo o período da falta de luz na cama, nus, fazendo seus corpos cantarem a mesma canção de sempre. “Você pode ficar aqui até achar um lugar para morar”, dissera ela, dias depois.

Victoria finalmente lhe mandara seus pertences, não mais que uma dúzia de caixas; ele não queria muita coisa. Precisara deixar a vida com a ex-mulher para compreender até que ponto tudo tinha sido construído por ela (com o dinheiro dele), de um modo que não lhe fazia falta e que ele certamente não ansiava por recriar. A gama de cores inflexivelmente neutra, com toques de marrom-escuro ou preto (“É como se a gente morasse num *shitake* gigante”, reclamara com a ex certo dia), os móveis modernos e esparsos, as estéreis

luminárias metálicas italianas, o gosto extravagante de Victoria (quase inútil, como se veio a constatar) por obras de arte de um punhado de pintores em ascensão, mas ainda assim absurdamente supervalorizados, ele se sentia radiante por deixar tudo isso para trás. Além de recuperar os anos de vida que gastara seduzindo, conquistando e se arrependendo de ter escolhido Victoria, Leo só queria que ela lhe devolvesse alguns pertences pessoais e caixas de arquivos antigos da SpeakEasy. Desempacotou as roupas de que precisava e guardou o resto no porão de Stephanie. Os dois estavam chamando aquela situação de temporária.

Quando Stephanie falou pela primeira vez sobre o suposto novo projeto de Nathan Chowdhury, Leo conseguiu manter uma expressão neutra.

— Não sei muito bem o que é — dissera ela. — A gente estava numa festa muito barulhenta e fazia um calor insuportável, e, sabe como é, Nathan estava, como sempre, correndo a mil quilômetros por minuto em dezessete direções diferentes. *Escritores autênticos. Irreverentes, mas vigorosos. Inteligentes, mas sexy. Brilhantes.*

Stephanie fez uma imitação decente dele e de seu sotaque vagamente britânico, remanescente dos primeiros anos de infância em Kilburn.

— Talvez você devesse ligar para ele — comentara Stephanie, com uma displicência um tanto exagerada. — Talvez ele precise de alguém para cuidar do conteúdo.

— É, pode ser.

O que Stephanie descrevera não era uma nova ideia de Nathan, e sim uma ideia antiga de Leo. Na época em que a SpeakEasyMedia gerava novos sites mais depressa do que eles podiam ter imaginado, Leo quisera criar uma página relacionada à literatura. Algo que tivesse uma identidade separada e atraísse

escritores sérios de ficção, não ficção, reportagens e ensaios de alto nível. No começo da empresa, eles tinham sido obrigados a se concentrar nos fuxicos porque era barato, fácil e divertido, e também porque era isso que as pessoas liam; mas, depois que tivessem um pouco mais de prática, um pouco mais de dinheiro, Leo queria equilibrar as matérias cheias de insinuações sobre celebridades com algo respeitável. Primeiro, eles precisavam de dinheiro, e era com fofocas que conseguiriam.

Era interessante o fato de que Nathan, que não concordara com a ideia de Leo naquela época (“O que você está descrevendo é um poço sem fundo, que vai sugar dinheiro sem render um centavo”), estivesse disposto a ressuscitar o conceito. Por conta própria.

— Algum detalhe mais específico? — perguntou a Stephanie.

— Não, a coisa me pareceu estar bem no início. Ele chegou a dizer que estava pensando em comprar uma publicação já existente e ir expandindo a partir dela. — (Essa era outra ideia que Leo tivera nos velhos tempos.) — Ele pediu sugestões. Eu disse para dar uma olhada na *Fibras de Papel*.

— Ele arranja coisa melhor.

— Paul é respeitado, Leo. *Eu* o respeito. Uma entrada de capital seria muito útil para ele. Além disso, ele faz coisas com as escolas públicas e ajuda programas de alfabetização, e Nathan também estava interessado no lado filantrópico da coisa.

— Desde quando Nathan se interessa por filantropia?

— Desde que se casou e teve dois filhos. Ele deve estar querendo impressionar os comitês de admissão das escolas particulares. Ele foi a Darfur alguns meses atrás.

Leo bufou. *Alfabetização? Darfur?* Naquele momento, só conseguiu pensar numa noitada particularmente devassa num bar do Lower East Side, tarde da noite (alta madrugada? Era provável

que sim), na qual Nathan, com a vista embaçada, fizera um esboço do modelo financeiro da SpeakEasyMedia numa série de guardanapos: como eles ganhariam o primeiro milhão, a velocidade com que ele o usaria para lucrar ainda mais, o número de pessoas que se curvavam à sua visão ao longo do caminho — “danos colaterais, não há como evitar” — e a rapidez com que eles se aposentariam. Leo estava sentado ao lado de Nathan num banco do bar, escutando o que ele dizia sem prestar muita atenção, enquanto uma jovem musicista de piercings extravagantes, mas atraente, flertava com ele, então se inclinava na direção de Nathan e depois voltava a dar em cima dele, deixando claro o seu interesse pelos dois. “Querem ir para casa comigo?”, perguntara, por fim, enquanto o barman os conduzia à porta. “Vocês dois?” Leo ficara aliviado ao ver Nathan apagar no instante em que se encostara no sofá da moça. Se um dia ele participasse de um *ménage à trois*, não haveria de ser com Nathan. A *Perfurada*, como Leo às vezes ainda pensava carinhosamente na musicista, mantivera-o acordado até o raiar do sol e lhe ensinara alguns truques.

— Neste exato momento, estou me sentindo o próprio Rip Van Winkle — disse Leo a Stephanie. — Como se acordasse e todo mundo tivesse virado o contrário do que era antes. Paul Underwood é uma força literária. Nathan é filantropo.

— Pois é. Algumas coisas mudaram enquanto você estava ocupado com outros assuntos.

A princípio, Leo apenas fingiu estar interessado no novo projeto de Nathan, como um passatempo enquanto esperava a finalização do divórcio, uma brincadeira divertida que faria com que parassem de pegar no seu pé e acabaria com todas as sugestões caretas sobre trabalho. No entanto, quanto mais conversava com Paul

Underwood, mais se dava conta do potencial inexplorado da *Fibras de Papel*.

O conteúdo de Paul era fantástico — Leo se impressionou ao ver quem e o que a revista estava publicando —, assim como a diagramação, a arte final, as capas. Mas todo o resto era desolador. O escritório era caótico e ineficiente, como quase tudo no mercado editorial. Sem o menor esforço, Leo era capaz de pensar numa dezena de coisas que poderiam ser postas em prática de imediato para elevar o perfil e a produtividade da revista, além de expandi-la de diversas maneiras interessantes, a começar por uma presença mais forte na internet. Redes sociais. Um blog. Um aplicativo! A *Fibras de Papel* podia — devia — publicar alguns livros todo ano. Precisava de uma equipe maior.

Depois que decidiu preparar uma proposta, levar a sério a si mesmo e a Paul e procurar Nathan com um plano multifacetado e bem elaborado de reforço e expansão, Leo começou a se divertir. Seu humor melhorou. Ele passou a dormir muito melhor do que conseguira nos anos anteriores, levantando-se antes de Stephanie para correr no Prospect Park, sem se importar com o frio. Passava os dias lendo, pesquisando, pensando e, às vezes, trabalhando tanto que perdia a noção do tempo. Tinha se esquecido de como era bom se sentir interessado, absorto, estimulado. Às vezes preparava o jantar: *huevos rancheros*, carne ensopada, sopa de cebola à francesa. “Você está me engordando!”, reclamou Stephanie certa noite. “Não me deixe repetir o prato.”

Leo começou a achar que, se conseguisse dar andamento ao plano, talvez *pudesse* pegar um empréstimo para devolver o dinheiro da família e deixar seus investimentos intactos, talvez pudesse até pedir dinheiro emprestado a Nathan. Reconstruir sua vida não era impensável. Ele já fizera isso. E se seus esforços

deixassem de ser interessantes? E se ele parasse de se divertir? Ainda tinha dinheiro no banco. Ainda tinha opções. Fazer algumas pesquisas, reunir suas ideias, encontrar-se com Nathan: tudo isso seria, para usar uma das expressões favoritas do próprio Nathan, “um jogo em que todos saem ganhando”.

No térreo, a campainha tocou. Leo foi ao quarto da frente e olhou pela janela. Bea estava na escada da entrada, tiritando de frio e segurando algo junto ao peito. Leo desceu e abriu a porta.

* * *

— É UMA COISA minha — disse Bea, entregando ao irmão uma pasta de couro que ele se lembrava vagamente de ter comprado para ela, séculos antes. — Quer dizer, escrevi essas páginas.

— Você ainda tem isto — comentou ele, examinando a pasta. — Não lembrava que era tão bonita. É *bonita*.

— Para ser sincera, fazia anos que eu não a usava. Achava que dava sorte, depois passei a achar que dava azar e, bem, aí está ela, aí estão elas, e aqui estou eu. Rá!

Leo observou o rosto de Bea, tentou estabelecer contato visual. Ela parecia chapada. Ele desatou as tiras da frente e deu uma olhada no interior da pasta.

— Tem um bocado de folhas aqui.

— Acho que é uma leitura rápida. Ainda não sei exatamente o que é, mas... — Bea parecia constrangida. — Eu queria que você lesse e depois passasse para a Stephanie.

— Você quer que eu seja o primeiro a ler? — perguntou Leo, surpreso.

— Quero — respondeu ela, enfiando as mãos no fundo dos bolsos do casaco e o fitando com um sorriso meio tímido.

— Como nos velhos tempos, hein?

A expressão de Bea murchou. Ela voltou a aparentar dezoito anos, ansiosa e brilhante.

— Seria bom. Eu sinto saudade dos velhos tempos — disse ela.

Leo pensou na noite no hospital, em Bea se aproximando e dizendo “Ouvi outra coisa”. Teve uma ânsia inesperada de se curvar e abraçá-la, de lhe dizer que não importava o que a estivesse preocupando, tudo ficaria bem, de tranquilizá-la do jeito que ela fizera naquela noite. Mas essa estranha inclinação desapareceu com a mesma rapidez com que surgira, e em seu lugar veio um lampejo de irritação. De raiva, até. Quando é que Bea ia crescer? Ele não era responsável pela irmã, não precisava mais ler o que ela escrevia.

— Certo. Estou ansioso para ler. Assim que puder. Acho que esta semana não vai dar.

— Não tem pressa. Quando você puder. De verdade.

Bea se perguntou o que tinha acabado de acontecer. Num instante, Leo estava presente; no minuto seguinte, não estava mais. Confusa, ela ficou parada, assentindo para o irmão, até começar a parecer um daqueles bonecos de cabeça balançante.

Chapada com certeza, pensou Leo.

— Quer entrar? — perguntou, impaciente.

— Não, não. Tenho que ir para o trabalho. Só queria deixar isso aqui. — Bea suspirou e Leo pensou tê-la visto estremecer. — Outro dia, fui a uma festa na casa da Celia Baxter. Lena Novak estava lá.

— Que merda. A esta altura ela deve estar um pesadelo.

Bea deu um sorriso sem graça.

— Um puta pesadelo, você nem imagina.

— Imagino.

Os dois riram um pouco e tudo pareceu ficar novamente mais leve, agradável. Bea enfiou a mão na bolsa e tirou um saco plástico Ziploc cheio de biscoitos.

— Roubei da festa — disse. — A bandeja toda.

— Eu aprovo essa atitude. Também não sou fã da Celia Baxter — comentou Leo.

Dormira com Celia uma vez, anos antes, e, como ele não retornava nenhum dos inúmeros telefonemas dela, a mulher havia aparecido em seu escritório, com o rosto inchado, chorando e com um aspecto de quem não tomava banho fazia dias.

— Pode ficar com eles — disse Bea, entregando-lhe o saquinho. — Tenho mais um monte em casa.

Ela deu um beijo rápido no rosto do irmão e partiu para a Flatbush Avenue, acenando para trás. Leo fechou a porta, abriu o saco de biscoitos e comeu dois. Ergueu a pasta de couro e a pôs numa prateleira. Cuidaria dela depois da reunião com Nathan. Toda aquela semana de Nathan.



CAPÍTULO 19

Apesar do frio, Melody caíra num sono profundo ao volante do carro estacionado. Sonhava com suas bebês, com a solidez e a estabilidade do peso delas junto ao peito, em seu colo, em seus braços. *Toc! Toc! Toc!* No sonho, alguém batia numa janela, querendo entrar. *Toc! Toc!* Acordou sobressaltada e, quando as duas figuras do lado de fora do carro abaixaram seus rostos risonhos até a altura do dela, Melody recuou, envergonhada e confusa.

— Está cedo demais para a hora da sesta! — disse uma delas.

Melody abafou um resmungo e tentou sorrir. Era Jane Hamilton, outra mãe que ela conhecia da escola, rindo como se tivesse acabado de contar a piada mais hilariante do mundo. *Disso* ela não precisava, justo naquele dia.

— É melhor guardar as sonecas antes da farra noturna para o fim de semana! — disse a outra.

Melody nunca se lembrava do nome dela, a do cabelo crespo esquisito que ela apelidara mentalmente de Poodle. Jane e Poodle faziam parte de uma panelinha (no começo, Melody tinha resistido a usar essa palavra, mas, por incrível que parecesse, não havia outra denominação que combinasse com as estratificações sociais dos pais dos alunos da escola) que, vez por outra, incluía Melody no encontro mensal chamado Noitada das Mães. Essas reuniões costumavam ser na casa de alguém (ocasiões em que Melody comparecia, porque a bebida era grátis) ou, às vezes, num bar local (quando ela não ia e torcia para que ninguém notasse a distinção). Todas enchiam a cara de Chardonnay e a conversa invariavelmente

descambava para guinchos alcoolizados sobre sexo, sobre como os maridos queriam transar com frequência demais e sobre dicas de como negociar boquetes.

Melody não queria saber da vida sexual de *ninguém*, muito menos de mães embriagadas de um subúrbio residencial que nem sequer pareciam gostar tanto assim dos maridos... ou dos filhos. Exceto o caráter indecoroso daquilo tudo (que a horrorizava, porque ela nunca falaria de Walt daquele jeito, nunca *pensaria* nele daquele jeito), Melody achava que as mulheres eram rasas e chatas de propósito. Tendia a suportar aquelas noitadas quase em silêncio, rindo de vez em quando no momento em que todas as outras caíam na gargalhada ou balançando a cabeça em concordância com algumas das declarações mais brandas sobre a escola: as crianças tinham dever de casa demais; a coordenadora era uma vaca; o professor de inglês do ensino médio era gostoso, mas totalmente gay.

Tirou as chaves da ignição, pegou a bolsa e abriu a porta do carro, preparando-se para enfrentar o vento gelado do inverno.

— Sentimos sua falta na reunião — disse Poodle.

— Que reunião? — perguntou Melody, assustada. Nunca faltava às reuniões da escola.

— Ah, *ela* não precisava ir — disse Jane. — Além do mais, foi chata.

— *Muito* chata — concordou Poodle.

— Que reunião? — repetiu Melody.

— A da tal ajuda financeira para a faculdade — respondeu Jane.

— Os formulários e requisitos, blá-blá-blá.

Ah! Com um frio na barriga, Melody se deu conta de que, no fim do verão anterior, ao anotar zelosamente em sua agenda todas as datas das reuniões de orientação sobre a faculdade, tinha ignorado

os seminários sobre ajuda financeira. Como era possível que a situação tivesse mudado tão depressa? E como é que não se lembrara antes da pomposa exclusão que fizera?

— Não quis faltar — disse. — Eu pretendia ir. As informações estão na internet?

— Achei que você tinha tudo resolvido — retrucou Jane. — Que você e Walt vinham economizando dinheiro para a faculdade desde o primeiro encontro ou qualquer coisa metida desse tipo.

Melody se contraiu um pouco ao recordar como se gabara numa das Noitadas das Mães da primavera anterior. Não dera explicações sobre O Pé-de-Meia em si, apenas mencionara que ela e Walt tinham um “fundo para a faculdade” e, provavelmente, não precisariam de auxílio financeiro. Na ocasião, tinha se arrependido dessas palavras assim que as dissera. Naquele momento, estava com raiva de si mesma, ainda mais quando pensou em como havia falado aquilo de forma tão displicente e incorreta: *nossa prioridade sempre foi economizar*.

— Vocês sabem como andam os investimentos hoje em dia — disse, inexperiente em matéria de contar vantagem com dinheiro; devia estar vermelha como um pimentão. — No fim das contas, talvez a gente precise de uma ajuda.

— Então vou economizar o seu tempo — interveio Poodle. — Vocês já ganham dinheiro demais e as faculdades não estão nem aí para os jovens de Westchester. Então, a não ser que vocês declarem falência ou que alguém perca o emprego, estão ferrados. A reunião toda foi uma tremenda perda de tempo.

— Eles vão olhar para essa echarpe e bater a porta na sua cara — disse Jane, apontando para o pescoço de Melody e para a linda echarpe lilás que Francie lhe dera.

— Foi presente — esclareceu Melody.

— É uma graça — disse Jane. — Fica bem em você.

Houvera certa época em que o maior desejo de Melody era ser amiga dessas mulheres. Ela teria adorado esbarrar com as duas no centro da cidade e ficaria extasiada com o fato de elas admirarem uma peça que estivesse usando. Mas naquele momento, queria sair correndo e se esconder. As conversas daquelas pessoas lhe davam vontade de gritar. Elas reclamavam de falta de dinheiro ao mesmo tempo que descreviam, arfantes de empolgação, as reformas caríssimas que estavam fazendo em casa (*Quantos boquetes por uma geladeira Sub-Zero?*, Melody tinha vontade de perguntar) ou as últimas férias na Europa (*Quantos por uma viagem a Paris? Dez? Um?*). Depois, invariavelmente, entreolhavam-se, davam de ombros e diziam “problemas do luxo”, cacarejando como se fizessem parte de um equivalente moderno da corte de Maria Antonieta, que usava calça jeans justíssima em vez de vestidos.

Esse suco de couve que você está tomando custa seis dólares!, Melody tinha vontade de dizer. *A sua cozinha é do tamanho do meu primeiro andar inteiro!* Aquelas mulheres a deixavam com tanta raiva e tão angustiada que, aos poucos, ela aprendera a evitá-las. Alisou uma ponta de sua linda echarpe e consultou o relógio.

— É melhor eu ir andando — disse, apontando para a loja de produtos em consignação atrás delas. — Tenho que passar ali antes de ir para casa.

— Ótimo — disse Jane, meneando a cabeça em sinal de aprovação. — Uma terapiazinha das compras.

— A gente também acabou de bater um papo simpático com Walt — comentou Poodle.

— Walter? — Walt deveria estar fazendo compras no supermercado, e não no centro da cidade, onde as únicas lojas de alimentos eram refinadíssimas e caríssimas. — Onde?

— Ele está com Vivienne — respondeu Jane, apontando para o outro lado da rua.

Naquele momento, Melody se sentiu agradecida por ter tanta prática em não reagir de maneira visível àquelas mulheres irritantes, porque conseguiu manter uma expressão calma.

— Ah, sim, claro. Até mais.

Enquanto Melody se afastava, depressa, seu coração batia tão forte que ela achou que pularia do peito e atravessaria a rua na sua frente. Instantes antes de irromper pela porta de Vivienne, ocorreu-lhe que aquela devia ser a sensação de flagrar o marido com uma amante; *in flagrante delicto*, foi a expressão que lhe veio à cabeça. Traição. Percebeu, com um pequeno lampejo de empatia por uma mulher que nunca fora sequer educada com ela, que devia ter sido isso que Victoria sentira depois do acidente de Leo. Ao subir no meio-fio, com cuidado para não escorregar na calçada coberta por uma fina camada de gelo, ela compreendeu que preferiria flagrar Walter agarrado com outra — preferiria que ele tivesse jogado Vivienne na mesa do escritório, por cima da pilha de mapas locais, revistas e cupons de restaurantes, e estivesse comendo a mulher por trás — a ver *aquilo*: o marido calmamente sentado diante da mesa dela, às vistas de todos, na imobiliária Rubin & Filhas. Vivienne Rubin era a corretora que lhes vendera a casa.



CAPÍTULO 20

Quando deu um beijo furtivo em Nora pela primeira vez, na cozinha de seu apartamento, onde ficara um instante sozinha com a amiga enquanto Louisa ia ao banheiro no fim do corredor, Simone se moveu com rapidez, antes que Nora compreendesse o que estava acontecendo, e recuou antes que ela pudesse objetar — ou reagir, ou aquiescer, ou participar. Naquela tarde, ao ouvir os passos de Louisa no corredor, Simone voltou a passar creme de amêndoa e geleia em bolos de arroz integral, como se nada tivesse acontecido. Nora não entendeu como era possível que Louisa não percebesse que o clima mudara na cozinha, nem ao menos notasse que as moléculas de ar tinham entrado em breve combustão, transformando-se em algo inebriante e escaldante, e voltado a se acomodar no cenário conhecido: a tigela de maçãs polidas sobre a ilha central de madeira maciça, a bancada de mármore com um fogão de seis bocas, a chaleira reluzente com um bico de plástico em forma de passarinho vermelho. Pelas costas de Louisa, Simone deu um sorriso sedutor para Nora, que passou o resto da tarde consumida por uma ideia: *de novo*.

De vez em quando, Nora e Louisa tomavam conta do garotinho que morava na casa em frente à delas, e ele adorava que as duas o levantassem pelas mãos e andassem pelo jardim com ele, balançando-o no ar, bem alto. *De novo!*, gritava ele, radiante, assim que os três se aproximavam do fim do jardim. Elas davam meia-volta e andavam no sentido inverso e, antes mesmo que chegassem à cerca do lado oposto, ele começava a gritar *De novo! De novo!* Quando as via na rua, passava a balançar no carrinho.

— *De novo!* — gritava, acenando para as gêmeas.

— Amanhã, Lucas! — diziam elas. — Amanhã a gente brinca!

Nunca havia *de novo* que bastasse para Lucas, não importava quantas vezes Nora e Louisa o balançassem pelo jardim, até ficarem com os braços cansados e os ombros doloridos. Por mais que tentassem distraí-lo com biscoitos, ou com o balanço, ou brincando de esconde-esconde, no instante em que paravam, o menino chorava até não poder mais.

Depois de Simone, Nora soube exatamente o que ele devia sentir. A sensação maravilhosa de ser levantado do chão e impelido para a frente por uma força externa, de sentir o balanço, o frio na barriga, a falta de peso, a impressão de voar — tudo isso só podia ser quase sensual, um precursor infantil do desejo, do tesão, da ansiedade pela adolescência.

De novo foi exatamente o que Nora sentiu depois que Simone a beijou. Não conseguia parar de pensar no beijo, na sensação aveludada e no gosto de amêndoa da língua de Simone em sua boca, no roçar quase imperceptível dos dedos dela em sua cintura... ou em quando aquilo se repetiria.

Não demorou. Na semana seguinte, as três entraram numa loja para experimentar roupas e Simone foi de fininho no provador de Nora. No instante em que a porta se fechou, Nora se viu imprensada na parede e fez o que pensara em fazer dia e noite, durante a semana inteira: retribuiu o beijo. Explorou com a língua a boca de Simone, mordeu seu lábio inferior carnudo e brilhante, agarrou partes das tranças compridas e as enrolou nas mãos, puxando de leve até a cabeça de Simone se inclinar para trás e o pescoço longo e elegante ficar exposto, e colou a boca, a ponta da língua, no ponto exato do pescoço em que a veia palpitava. Naquele dia, elas se

imprensaram até uma vendedora dar uma batida delicada na porta e perguntar:

— Tudo bem aí? Alguma coisa ficou boa?

— Com certeza — respondeu Simone, agarrando a bunda de Nora com as mãos e sorrindo. — Tudo ótimo.

* * *

NORA E SIMONE logo descobriram que o Museu de História Natural era o lugar mais fácil para fugir de Louisa. Como em tantos locais de Nova York, as aglomerações lhes davam uma privacidade que o apartamento de dois quartos de Simone não podia oferecer. Louisa levava seu caderno de desenho e começava a trabalhar, e as outras duas diziam “até daqui a pouco” e se esquivavam por uma multiplicidade de corredores mal iluminados, banheiros vazios, áreas de exibição de vídeos na penumbra. Tornaram-se peritas em explorar várias partes do corpo e desencadear certas sensações, sem nunca se despir por completo. No começo, agiam de forma hesitante: um dedo aqui, uma lambida ali, mas logo aprenderam onde podiam ser corajosas, como contornar habilmente botões, cintos e fechos de sutiãs mesmo permanecendo vestidas. Simone fez Nora gozar pela primeira vez num banheiro próximo ao Salão dos Invertebrados, sem sequer afastar para o lado a tira do fio-dental roxo que ela havia comprado na surdina e enfiado na mochila exatamente com essa finalidade. Na primeira vez em que Nora chupou o seio de Simone, num corredor de escritórios que ficavam fechados no fim de semana, as duas quase foram descobertas por uma mãe que se perdera com os dois filhos pequenos à procura de um banheiro. Simone puxara depressa a camiseta ao ouvir as crianças correndo pelo corredor, com a mãe atrás, gritando “Não

encostem na parede, meninos! Mãos coladas no corpo!”, o que reduziu as duas a gargalhadas quase histéricas. Na última fila deserta do cinema IMAX (mais tarde, nenhuma delas se lembrava de qual era o filme), Nora baixou aos poucos a legging de Simone até os joelhos, inseriu os dedos sob a calcinha e os enfiou nela, que estava quente e molhada.

— Diga o que você quer que eu faça — cochichou Nora, zonzona e momentaneamente corajosa.

Simone permaneceu imóvel e disse baixinho, no ouvido dela:

— Me chupe.

Mais tarde, quando as três se reencontraram, Louisa franziu o cenho para Nora e perguntou:

— O que vocês estavam fazendo?

— Como assim? — retrucou Nora, com as mãos pegajosas e os ouvidos zumbindo um pouco. Tinha verificado o cinema para se assegurar de que a irmã não estava lá.

— Os seus joelhos estão *imundos*. — Louisa assumira uma expressão sinceramente perplexa ao fitar Nora, que parecia atordoada, quase febril. — Vocês estão *chapadas*? — indagou ela, com a voz mais baixa, e deu um passo à frente para examinar os olhos das duas.

— Não! — exclamou Nora. — A gente acabou de sair do IMAX.

— Eu deixei cair um brinco — disse Simone. — Nora ajoelhou para me ajudar a procurar no chão. Estava escuro. — Simone fez aquela modificação na voz, no tom da voz, que deixava Louisa com mal-estar, como se tivesse dito algo errado ou idiota.

— Ah — falou Louisa. — Vocês acharam?

— Aham — respondeu Simone, apontando para a série de argolinhas de prata ao longo do lóbulo da orelha.

Louisa não entendeu como uma daquelas argolinhas podia ter caído. Nem como as duas podiam tê-la achado no escuro. Nem por que estavam mentindo.

* * *

NORA NUNCA HAVIA mentido para Louisa, nunca mesmo. Fazia alguns anos que elas tinham parado de contar tudo uma à outra — as ideias soltas que lhes passavam pela cabeça, os sonhos, as antipatias, os detalhes explícitos de suas paixões e os desejos —, mas nunca haviam mentido. Nora queria falar com Louisa, mas não sabia por onde começar. Certas manhãs, parava no banheiro compartilhado pelas duas, quando Louisa já tinha descido para tomar café, e treinava dizer alguma coisa, *qualquer coisa*, diante do espelho.

“Oi, eu sou gay”, ensaiava. Não conseguia nem dizer isso com uma expressão séria; parecia muito melodramático e idiota. “Oi”, dizia a seu reflexo, “eu gosto de uma garota.” Também parecia idiotice. *Estou dormindo com uma garota?* Idiota. *Estou transando com uma garota?* Errado. *Estou apaixonada por uma garota?* Estava mesmo? Nem tinha certeza. *Seja apenas sincera*, ouvia a voz da mãe em sua cabeça. *Dizer a verdade nunca é errado e é sempre mais fácil.*

“Oi”, testava ela. “Estou totalmente obcecada por uma garota e não sei se estou apaixonada, não sei nem se sou lésbica, mas estou com tanto tesão que não consigo nem pensar direito.” Bem, essa era a verdade, pelo menos.

— Ai, meu Deus — dissera Simone quando Nora tentara falar com ela sobre isso, durante uma tarde no museu; estavam sentadas no chão, encostadas na parede, num lugar relativamente calmo, as

pernas se tocando com displicência. — Você está toda confusa? Se olhando no espelho e pensando *O que significa isso? Quem sou eu? Qual é a minha essência, agora que beije uma garota?* — Nora ficou sem jeito. Não gostava de ser alvo da língua afiada da Simone (bem, exceto de certas maneiras). — Você está pensando tipo *Agora tenho que ouvir Melissa Etheridge o dia inteiro e parar de raspar a perna?* — Nora lhe deu um tapinha de leve no braço. — Vai ser muito triste quando você fizer seu corte de cabelo obrigatório para lésbicas, estilo joãozinho — continuou Simone, segurando uma boa quantidade dos cachos castanhos de Nora. — Vou sentir saudade desse cabelo. Mas regra é regra.

— Esquece — disse Nora, se sentindo burra e com raiva. — Esquece que falei qualquer coisa.

— Desculpe por implicar com você — falou Simone, ainda brincando com o cabelo de Nora. — Não consigo me segurar. É que gosto de ver você ficar vermelha. É bonitinho. Você só fica vermelhinha bem *aqui* — disse, tocando o meio das bochechas de Nora com as pontas dos dedos. — Parece um truque de magia.

Nora afastou a mão dela.

— É só que... eu tinha um namorado ano passado!

— Eu também.

— Sério?

— Aham. Não tenho mais. Ele era muito bonito. Bem sexy, mas burro feito uma porta. Vivia falando que queria ir para a China porque porco *moo shu* é o prato mais perfeito que existe. Nossa, ele era muito burro. Mas lindo! — Simone abriu seu sorriso luminoso. — Não tanto quanto você. Gosto mais de você, se é por isso que você está preocupada.

— E o que você diz às pessoas?

— Que pessoas?

— Sei lá. Todo mundo. Seus amigos, seus pais. Quer dizer... você *saiu do armário*?

— Para começar, não falo nada para eles porque isso não é da conta de ninguém. Eu levo garotos em casa. Levo garotas em casa. Não é nada demais.

Nora a fitava, incrédula. Não era possível que fosse tão fácil. Não era.

— Estou te deixando chateada? — indagou Simone. — Não quero te magoar. Só não gosto de rótulos.

— Não acredito em você.

— Por quê? Quer dizer, se eu fosse um garoto, você teria que “sair do armário”? Você chegaria em casa, dizendo “Mãe, tem uma coisa que você precisa saber: beijei um garoto e gostei”?

— Não é a mesma coisa. Ou talvez meus pais não tenham nada a ver com os seus.

Simone encolheu os ombros.

— Pode apostar nisso. — Abotoou o cardigã verde-limão e se levantou. — Meus pais são legais. O irmão da mamãe é gay e não foi fácil para ele. Meus avós eram super-religiosos e, bem, foram muito duros com ele. Sempre. Mas minha mãe e ele são muito unidos... Ele se chama Simon, foi dele que veio o meu nome. Agora a gente é a família dele.

— Minha mãe também tem um irmão gay — disse Nora, ainda sentada.

— Sério? E ela não aprova?

— Não, não — respondeu Nora, tentando pensar numa forma simples de explicar a família Plumb, seus diversos laços e seus ressentimentos. — Eles não são muito próximos, mas é complicado. São todos meio esquisitos.

— Todo mundo é meio esquisito. — Simone estendeu a mão e ajudou Nora a se levantar. — O seu problema é que você se preocupa em servir de espelho para todo mundo, e isso não é tarefa sua.

Nora se preparou; dava para perceber que Simone estava esquentando o motor para um de seus frequentes sermões inoportunos, que podiam ser bem desconcertantes. A essa altura, Nora sabia que o melhor a fazer era apenas escutar, meneando a cabeça e dizendo “Puxa, eu nunca tinha pensado nisso”, ao que Simone respondia “Eu vivo para elucidar”, e aí elas podiam falar de outra coisa.

— Espelho? — disse Nora, porque Simone parecia estar esperando.

— Todo mundo sempre procura um espelho. Isso é psicologia básica. Você quer se ver refletido nos outros. Os outros, quer dizer, sua irmã, seus pais etc., querem olhar para você e se ver. Querem que você seja um reflexo agradável *deles*, e vice-versa. É normal. Acredito que seja muito normal quando há um irmão gêmeo. Mas ser o espelho de outra pessoa? Isso não é tarefa sua.

Nora se abaixou, encostada na parede. O que Simone estava dizendo fazia sentido, muito sentido, mas também fazia sentido a gente querer se ver nas pessoas que amamos. Também fazia sentido querer refletir as pessoas queridas.

— Como é que você sabe essas coisas todas? — perguntou.

— Algumas pessoas precisam aprender *essas coisas* antes de outras.

Nora não precisou questionar o que ela queria dizer. Na semana anterior, as duas estavam procurando bombons na loja de presentes do museu quando um casal se aproximou de Simone e perguntou

se ela sabia onde poderiam encontrar um kit para polimento de pedras.

— Não, não sei — disse Simone, concentrando-se na prateleira de bombons à sua frente.

O casal insistiu:

— Bem, você pode ir buscar alguém que nos ajude?

Simone se virou para eles e cruzou os braços.

— Não, não posso. Porque eu não trabalho aqui. Assim como vocês, eu sou cliente.

O tom de voz tinha sido virulento até para os padrões de Simone.

Alvoroçado, o casal pediu desculpas.

— A gente só se confundiu porque você não estava de casaco — disse a mulher.

— Ah, eu sei *exatamente* por que vocês se confundiram — retrucou Simone.

— Viu? — falou Simone, cutucando a ponta do sapato de Nora com o dela para chamar sua atenção. — Entende o que estou dizendo? Ser o espelho de outra pessoa *não é tarefa sua*.

— Entendi. Saquei. Mas não são só todas as outras pessoas, isso também tem a ver comigo. Eu gosto de definições. Gosto de ter certeza do que está acontecendo.

Simone a envolveu com um braço consolador.

— Você pode ter certeza de mim.

Nora queria que elas estivessem sozinhas. Queria poder ir a algum lugar e apenas ficar a sós com Simone. Se contasse a Louisa o que estava acontecendo, talvez elas pudessem fazer isso. Talvez pudessem parar de passar aquelas tardes idiotas no museu, parar de se esgueirar pelos cantos.

— Se alguém insistir em receber uma definição — sugeriu Simone —, é só dizer que você é bicuriosa. Isso vai fazer com que

calem a boca, pode acreditar.

Nora se imaginou dizendo aos pais que era *bicuriosa*. Caramba. Sabia exatamente o que Melody diria, e foi o que falou a Simone:

— Isso nem parece uma palavra de verdade.

— Pode ser, mas qual é a sensação de ser isso? — perguntou Simone, imprensando Nora na parede escura dos fundos de um canto remoto do Salão da Biodiversidade. — Qual é a *sensação*?

* * *

NORA E LOUISA viviam falando de garotos, e nunca ocorrera a Louisa que, na verdade, a irmã quisesse falar de garotas. Havia várias lésbicas na escola delas, mas todas pareciam dramaticamente lésbicas, com cabelos curtos, botas pretas, tatuagens e uma porção de *piercings*; tentavam mostrar para todo mundo que eram lésbicas, andando de mãos dadas e dando amassos em carros no estacionamento. Ou então havia as garotas que se fingiam de lésbicas, em geral para flertar com os meninos, e faziam carinho no cabelo umas das outras, davam beijos hesitantes na boca, às vezes de língua, e depois riam e se afastavam, secando os lábios com as costas da mão. Mas Louisa sabia que o que tinha visto entre Nora e Simone não era nada disso; não era afirmação nem modismo. O que ela vira na penumbra do museu era outra coisa. Era tesão.

Se Nora era lésbica e as duas eram gêmeas, será que ela também era lésbica? Louisa gostava de garotos, mas tinha de admitir que, ao ver Simone beijar Nora, ao ver o peitoral de Nora subindo e descendo e a mão de Simone deslizando pelo corpo dela, toda a sua consciência ficara reduzida a uma imagem que não saía da mente: o polegar de Simone acariciando o mamilo de Nora. Mas

o que ela queria? Ser tocada por outra pessoa? Um garoto? Uma garota? Tanto fazia? Os dois? Ela sempre se imaginara com um menino, mas ver Nora com uma garota tinha derrubado alguma barreira, tinha apresentado uma nova possibilidade que se enraizava no fato de elas serem gêmeas. Era nisso que dava ter uma irmã gêmea, nesta verdade envolvente, reconfortante, desconcertante: elas eram partes iguais, e ver a outra fazer algo era quase o mesmo que fazê-lo.

“Vocês são a pulsação uma da outra”, Melody vivia dizendo, e Louisa acreditava; nem sempre gostava disso, mas acreditava. Quando o pai delas as ensinara a andar de bicicleta, Louisa tinha ficado apavorada. Toda vez que ele a soltava, ela sentia a roda traseira afrouxar e, de puro pavor, parava de pedalar. A bicicleta ficava mais lenta, balançava, inclinava-se, e ela tinha de pular para se livrar dos aros girando e dos pedais que zumbiam.

“Vamos deixar Nora tentar”, foi o que Walt acabou dizendo.

E então fora a vez de Nora — Nora, sempre mais destemida, mais ágil — e, quando Louisa viu o pai correr com a bicicleta da irmã e largar a traseira, e viu Nora se apoiar nos pedais, pedalar mais depressa e dar à bicicleta o lastro e a velocidade de que precisava para se equilibrar, foi quase como se ela própria tivesse feito aquilo. Louisa teve a sensação exata. Ver o corpo de Nora fazer algo lhe dava a memória muscular concomitante.

Na vez seguinte em que andou de bicicleta e o pai a soltou, Louisa saiu voando.



CAPÍTULO 21

Mulher. Corredora. Agente literária. Solteira. Stephanie olhou para sua lista, as palavras que escrevera às pressas para se descrever para uma sala predominantemente cheia de estranhos.

— Não pensem demais — dissera Cheryl, a mulher animada que conduzia a sessão de formação de equipes. — Escrevam as primeiras palavras que vierem à cabeça. Nada de cercear o primeiro impulso e nada de nomes de cargos.

Stephanie riscou *agente literária* e escreveu *leitora*, o que, de qualquer forma, era mais exato, pois descrevia o que se esperava que ela fizesse o dia inteiro, apesar de nunca ter tempo para isso, a não ser à noite ou nos fins de semana. Ficou meio incomodada por ter escrito *solteira*, surpresa ao ver a palavra emergir da baba esponjosa do seu subconsciente sem cafeína. Fazia quatro dias que havia trocado sub-repticiamente os grãos de café por um tipo descafeinado (Leo nem sequer notara) e ela ainda se sentia grogue, como se seu cérebro ficasse a meio mastro durante quase toda a manhã. Mas Stephanie nunca pensava em si mesma como *solteira*. Reavaliou a lista, pensou em apagar *solteira* e substituir por outra coisa (*nova-iorquina? gourmet? jardineira?*), mas isso seria trapacear, e todas as outras pessoas ao redor da mesa pareciam haver terminado a tarefa.

Stephanie queria muito que esse dia chegasse ao fim. Era o primeiro de três dias enfurecedores e obrigatórios de orientação dos funcionários. A empresa para a qual ela vendera sua agência, uma gigante da representação na indústria do entretenimento — cinema, televisão, música —, que era sediada em Los Angeles e queria uma

presença literária na filial de Nova York, fizera questão do treinamento. Stephanie sabia que essa era apenas a primeira de muitas chateações que teria de suportar depois de ter gerenciado por tantos anos o próprio escritório com o grupo de funcionários queridos, apesar de um pouco estranhos, com que havia trabalhado. Vinha tentando ser paciente, mas aquilo era conversa fiada: dias de encontros para quebrar o gelo, dinâmicas de grupo e seminários sobre assédio sexual. O que é que isso tinha a ver com ela ou com seus funcionários? Eles já sabiam trabalhar juntos, e trabalhavam bem juntos porque Stephanie tinha escolhido a dedo cada um deles com base em suas qualidades intelectuais específicas, em seu criterioso bom gosto e, o que era mais importante, pela capacidade de trabalhar com ela.

Cheryl (que se apresentara como consultora de capital humano, o que tinha provocado o primeiro risinho sarcástico da manhã em Stephanie e em Pilar, sua assistente velha de guerra) estava conduzindo o grupo na segunda atividade daquela manhã para quebrar o gelo. A primeira não correria bem. Tinha sido o clássico das Duas Verdades e Uma Mentira. Stephanie o havia suportado em várias ocasiões anteriores, em conferências e reuniões em que todos tinham que ficar de pé diante dos outros e ler três afirmações a seu respeito, duas verdadeiras e uma falsa, e o resto do grupo precisava adivinhar qual era qual. Stephanie sempre usava as mesmas três.

Participei de um filme que ganhou um Oscar. (Verdade. Aos dezessete anos, ela havia trabalhado para um bufê no Queens que fornecera refeições e lanches para o elenco e a equipe técnica de *Os bons companheiros*. Certo dia, notou que Scorsese a olhava atentamente por baixo do seu chapéu panamá enquanto ela despejava um saco enorme de alface numa bandeja de plástico

branco. Stephanie lhe deu um sorriso. Ele se aproximou, pegou quatro biscoitos de aveia na mesa e perguntou: “Quer aparecer num filme?” Mandou-a para o pessoal do cabelo e da maquiagem e a usou como figurante na cena do Copacabana. Oito tomadas, todas no mesmo dia. Ela passou horas em pé, cambaleando sobre os saltos e usando um vestido justo de lamê dourado, uma estola preta de *vison* e o cabelo preso num coque muito alto. Foi do seu cabelo ruivo que Scorsese gostou; ele a colocou em destaque na cena em que Ray Liotta guia Lorraine Bracco enquanto os dois descem a escada e se encaminham para a mesa.)

Sei destrinchar um porco. (Verdade. Na época do ensino médio, ela passou um verão na fazenda do tio, em Vermont. Teve um namorico com o filho de um açougueiro local e passou várias tardes sentada num banco de metal, vendo as escápulas do rapaz saltarem sob o uniforme branco, fascinada com a destreza com que ele sabia talhar uma reluzente peça de carne de vaca ou de porco. Ele a ensinou a cortar ao longo da linha de gordura, a abrir um frango ao comprido para assar, a separar uma paleta de porco na parte superior e na parte inferior do pernil. À noite, os dois rodavam pela cidade na caminhonete dele, tomavam bourbon Wild Turkey em copinhos de papel florido, estacionavam perto da lagoa e se agarravam até ficar zonzos. Stephanie pegava as mãos fortes do rapaz, levava-as até o rosto e as cheirava, e ainda hoje associava esses aromas às impetuosas noites da Nova Inglaterra: sabão vegetal e dinheiro, o cheiro metálico do sangue de animais.)

Nasci em Dublin, na Irlanda. (Mentira. Ela havia nascido em Bayside, no Queens, mas, com seu cabelo e seus olhos castanho-esverdeados, dava a impressão de que poderia ser irlandesa.) Ninguém nunca adivinhara que a mentira era a Irlanda; sempre achavam que era o porco.

O primeiro participante da manhã a se levantar diante de todos e ler suas verdades e sua mentira foi um novo contratado do Grupo Interativo: um magricela de vinte e poucos anos, com um cardigã de ar clássico e óculos à la Clark Kent que ampliavam seu delineador esfumado. Tinha uma lula tatuada no antebraço esquerdo. Levantou-se com os ombros arriados e se apresentou:

— Oi. Meu nome é Gideon e, certo, vamos lá. — Enfiou as mãos nos bolsos e leu o papel na mesa à sua frente, num tom monocórdio e rápido: — Quase morri de uma overdose de remédios. Quase morri de tanto sangrar. Quase morri de asfixia autoerótica.

— Opa, opa, opa! — Cheryl se levantou de um salto, acenando com as mãos, antes que alguém tivesse chance de reagir. — Obrigada, Gideon, pela sua franqueza. — Fez uma breve pausa. — Mas acho que eu devia ter sido mais clara a respeito das normas. Queremos que revelem algo *interessante* sobre vocês, mas nada de natureza tão pessoal, e, por favor, gente, nada sexual. Pensem em termos *profissionais*.

— Foi mal — disse Gideon, dando de ombros com ar displicente. — Depressão e ideias suicidas são mais comuns do que a maioria das pessoas imagina, e as duas são partes muito importantes da minha identidade.

— Entendo — retrucou Cheryl, mantendo um sorriso forçado. — Só que queremos algo um pouquinho mais leve.

— A mentira era a asfixia autoerótica — acrescentou ele. — Só para saberem.

* * *

STEPHANIE ABRIU SEU moleskine e tentou se desligar do resto da sala enquanto Cheryl pedia a alguém para ler suas quatro palavras.

Começou a fazer uma lista das coisas de que precisava para o jantar.

“Você disse para não fazer cortes nem revisões”, disse um sujeito simpático na outra ponta da mesa, “então o que eu tenho é isto: *Gordo. Feliz. Golfista. Marido.*”

O celular de Stephanie, que estava à sua frente na mesa, começou a vibrar. Sem sequer olhar para o número, ela fez sinal para Cheryl e disse “Tenho que atender” apenas movendo os lábios e deixou a sala no maior silêncio que pôde. Alívio.

Olhou para o identificador de chamada: Beatrice Plumb.

Em pé no corredor, do lado de fora da sala de reuniões, Stephanie se surpreendeu quando descobriu como ficou contente ao ouvir a voz de Bea. Pediu para desligar depressa, dizendo a Bea que queria conversar, mas estava numa reunião (verdade), por isso não podia se demorar ao telefone (verdade), e, sim, Leo *tinha* mencionado alguma coisa sobre o novo trabalho, mas os dois andavam muito atarefados e talvez conversassem sobre o assunto à noite (mentira).

Bea parecia tão ansiosa que Stephanie notou que estava se sentindo protetora, quase maternal. Não sabia se Leo tinha lido o material da irmã; duvidava, mas podia checar. Perguntou-se por um instante por que Bea teria entregado as folhas a ele, e não a ela, mas enfim... Era provável que não fossem novas páginas, e sim páginas antigas que ela tentava fazer passarem por novas, e Leo não conseguiria notar a diferença. Stephanie o lembraria de ler o texto e o ajudaria a inventar algo para dizer a Bea, alguma coisa gentil e evasiva. Anotaria isso na sua lista de tarefas.

Ao voltar à sala de reuniões, viu Gideon novamente de pé, dessa vez lendo suas quatro palavras (*músico, pessimista, mago, democrata*). Uma ligeira onda de náusea lhe revirou o estômago; ela

bebeu um gole da água com limão que levava para a reunião. Logo teria de comer alguma coisa.

Tirou o celular do bolso da jaqueta para conferir as horas. Com o aparelho na mão, não resistiu e abriu o aplicativo que havia baixado, que acompanhava o desenvolvimento do bebê com base na data prevista do nascimento. “Esta semana seu bebê está do tamanho de uma semente de maçã! Esta semana seu bebê está do tamanho de uma amêndoa. Esta semana, de uma azeitona!” Apertou o botão e viu aparecer uma foto de como era um embrião de nove semanas: um camarãozinho, um crustáceo enroscado, com uma cabeça imensa e brotos de braços dignos de ficção científica. Como fazia quase toda vez que olhava para aquelas imagens sobrenaturais, ela se sentiu enrubescer. Era mesmo indecoroso perceber como estava atrapalhada ao se ver com quarenta e um anos, solteira e acidentalmente grávida de Leo Plumb, sem sombra de dúvida o homem mais irresponsável e menos paternal de todos os que ela já havia amado na vida.

Stephanie sabia que era loucura, dizia a si mesma um milhão de vezes por dia que era loucura, mas descobriu que não conseguia reprimir por completo alguns momentos fugazes de otimismo — em relação ao bebê, com certeza, e em relação a Leo, talvez. Surpreendia-se ao perceber como ele parecia responsável nos últimos tempos, como parecia *presente*. Ajudava nas tarefas domésticas. Até onde ela sabia, estava trabalhando todos os dias e se entusiasmava a respeito do encontro com Nathan. Lia o tempo todo. Tudo em seu comportamento levava Stephanie a crer que ele estava completamente limpo e sóbrio. Ela não conseguia deixar de se indagar se toda a sua vida tinha sido canalizada para aquele momento: agência vendida, dinheiro no banco, tempo livre, um Leo aparentemente reformado na cama, tentando reparar algum tipo de

erro com alguém ou algo. O fato de ser a destinatária das atenções desse Leo recém-aprimorado, justamente daquilo que havia desejado e abandonado como um enorme desperdício de esforço tantos anos antes — Leo na sala, anotando coisas num bloco, Leo na cama dela de manhã, deslizando um dedo por suas costas, Leo na cozinha todas as noites, fechando um livro e puxando-a para se sentar no seu colo —, bem, esse era um fato que ela havia decidido não questionar. Decidira aceitá-lo, de um jeito egoísta, ganancioso. Aceitar tudo. Talvez até esse novo desdobramento, consequência inesperada daquela falta de luz.

No decorrer dos anos, Stephanie havia pensado em ter um filho com um sem-número de homens. O casamento não estava em seus planos; não é que ela fosse contra, só não era a favor. Tratava seu desejo ocasional de um bebê do mesmo modo que seu desejo ocasional de um cachorro. Deixava-o rolar e esperava para ver se passava, o que sempre acontecia e ela interpretava como um bom sinal, visto que outras coisas que desejava (sua casa, um contrato com determinado autor, uma mesa de meados do século XX em boas condições) não passavam num piscar de olhos, mas se enraizavam até ela transformar o desejo numa propriedade real. O fato de suas ideias fugazes de maternidade nunca a haverem obcecado de verdade — tal como a obcecara, por exemplo, a busca das peônias de tom magenta que ela tinha no jardim — era reconfortante, uma vez que ela imaginava que, a essa altura, seus ovários estavam entregando os últimos vestígios de óvulos férteis aos recônditos do seu sistema reprodutor.

* * *

E ENTÃO VIERA a tempestade. A chegada esperada/inesperada de Leo. A falta de luz. Leo. Um pouco de vinho em excesso (dela), a boca conhecida (dele). Leo parecia um pouco abatido. Ela o fez rir. Os dois conversaram. Ele circundou os pulsos dela com o indicador e o polegar e a puxou para si (assim como fizera na noite em que a amizade dos dois se tornara outra coisa, a noite em que ele tinha virado para Stephanie e dito, numa mesa escondida de uma pequena lanchonete: “Andei me perguntando o que você tem embaixo da blusa”), então a conduziu numa dança em dois tempos na cozinha, no escuro, à luz do luar, e a beijou com tamanha voracidade aquisitiva que ela achou que ia entrar em combustão. Leo. O que mais havia para fazer quando faltava luz — o vento uivando, os galhos se quebrando e caindo — senão atijar o fogo, deixar que ele lhe tirasse o suéter pela cabeça, abrisse o zíper de sua calça e a comesse até deixá-la abobalhada sob o olhar frio e imperturbável de Lillian?

Stephanie tornou a fitar a lista que havia escrito. Suas palavras. Logo, logo, teria de falar com Leo. Não importava o que ele dissesse; fosse qual fosse a reação dele, a decisão era *dela*. Isso lhe pertencia. Ela tirou a tampa da caneta, riscou *solteira* e escreveu *mãe*.

Não pareceu muito ruim.



CAPÍTULO 22

Quando estava se recuperando no hospital e descobriu quanto dinheiro ia receber da família Plumb, Matilda teceu toda sorte de fantasias sobre o que faria com a bolada. (Envergonhada, lembrou-se de que seu primeiro pensamento involuntário tinha sido sobre um par de botas de camurça que havia cobiçado, aquelas que passavam do joelho e paravam no meio da coxa; e então ela lembrara.) Pensou em viagens, roupas, carros e televisões de tela plana. Pensou em comprar para a irmã o salão de beleza que ela sempre quisera. Pensou em comprar o divórcio para a mãe.

O pessoal do hospital de reabilitação tentou prepará-la para todas as despesas futuras, não só a prótese do pé (que precisaria ser substituída a intervalos de alguns anos) e seus vários problemas médicos e custos correlatos, mas também as adaptações que ela teria de fazer em casa. “Parece que as suas condições de moradia estão longe do ideal”, disse-lhe um dos assistentes sociais. “Talvez você precise repensar isso.” Matilda pegou as planilhas financeiras e assentiu, mas não escutou de verdade. Tudo parecia muito mais ensolarado na clínica de reabilitação, onde ela era meio que uma estrela, tão jovem e decidida e obstinadamente otimista. Aprendeu tudo depressa e pôde ir para casa mais cedo do que a maioria dos pacientes. Quando voltou ao apartamento apertado dos pais, no Bronx, começou a entender o que teria de enfrentar.

Os problemas começaram na porta de entrada do prédio, que dava para três lances de escada revestidos de linóleo manchado, desnivelado e descascando, que já eram desanimadores nas melhores circunstâncias, mas pavorosos com muletas, e que não

melhorariam muito quando a prótese do pé ficasse pronta. Quando se chegava ao apartamento, à esquerda da porta de entrada ficava um corredor estreito demais para uma cadeira de rodas (da qual ela às vezes precisava, em especial à noite), que levava ao único banheiro e à cozinha apertada, com bancadas dos dois lados. À frente, descendo quatro degrauzinhos, ficava a área social rebaixada que a Matilda de treze anos e com os dois pés havia acreditado ser o suprassumo da decoração de interiores e que atualmente deixava a Matilda amputada com vontade de chorar de frustração.

E havia a decoração de sua mãe, que ela e a irmã chamavam de *kitsch* ao sul da fronteira: tapetes mexicanos descasados, cestas coloridas cheias de panos, mesinhas meio bambas com imagens religiosas. Tudo isso parecia parte de um esforço orquestrado para matá-la. Pequenas coisas que Matilda nunca havia notado no apartamento se agigantaram: o vaso sanitário era muito baixo, o chuveiro exigia passar por cima da lateral de uma banheira desafiadoramente funda, e não havia barras — nem mesmo um porta-toalhas — em que ela pudesse se segurar.

Além do desconforto físico do apartamento e da extrema falta de privacidade, que era psicologicamente desgastante, havia a tensão emocional de ficar perto dos pais. Embora eles viessem sendo incomumente gentis um com o outro desde o acidente, unidos na preocupação e na tristeza pela primeira vez em anos, os dois nunca a deixavam sozinha. Observavam com reserva a movimentação dela pelos cômodos, a mãe segurando um rosário, o pai tentando desviar os olhos.

Matilda precisava sair dali.

Acreditava mais em sinais do que em Deus. (Sabia que recebera um sinal na tarde do acidente, sentada no banco do carona do

Porsche de Leo Plumb, quando o sol poente cintilava na aliança dele, mas havia ignorado esse sinal e olhe só o que tinha acontecido. Deus levava seu pé direito.) Matilda rezava um terço todas as manhãs, ao acordar, pedindo para saber o que fazer, onde morar. Assim, quando viu o cartaz em frente a um prédio novinho em sua rua favorita, aquela ladeada por cerejeiras que floresciam com exuberância na primavera, ela soube: o cartaz era seu sinal.

Preços reduzidos, dizia. E, em letras miúdas, na parte inferior: unidades com acessibilidade disponíveis.

Matilda comprou dois apartamentos. Um num andar alto, para sua irmã, que tinha três filhos e um marido que era um parasita, e outro menor no térreo, para ela. Pagou à vista, só pediu à irmã que cobrisse os próprios custos de manutenção. O dinheiro que sobrou ainda lhe parecia monumental. Um amigo advogado de Fernando a ajudou a abrir uma conta remunerada, ligada a sua conta-corrente. Ela vinha sendo o mais frugal que podia, mas o dinheiro se esvaía tão depressa! E havia sempre alguém da família pedindo um empréstimo: a entrada para a compra de um carro, passagens aéreas para visitar os parentes no México, um vestido novo para a festa de formatura da filha. Era interminável, e como é que ela poderia dizer não? Não conseguia negar. Porque, ao pensar na razão pela qual tinha o dinheiro, ficava envergonhada.

E ainda estava com medo, porque tinha de achar um jeito de melhorar sua mobilidade. Precisava arrumar um emprego. Passado o efeito da morfina que recebera na noite do acidente, ela havia admitido o que sempre soubera: nunca seria cantora. “Você é inteligente, Matilda”, dissera uma das enfermeiras da reabilitação. “Em que carreira você está pensando?” Ninguém jamais usara esta palavra com ela: *carreira*. Matilda gostou da sonoridade. Gostou de se imaginar entrando num escritório todo dia. Depois do ensino

médio, quisera ir para a faculdade, mas não havia dinheiro e, no dia em que ela chegara em casa empolgada depois dos quinze minutos que lhe foram concedidos com um dos sobrecarregados orientadores vocacionais da escola, levando papéis para pedido de ingresso numa faculdade comunitária e formulários de empréstimo estudantil, seus pais tinham sido muito pessimistas, muito desanimadores. Matilda sabia que eles sentiam medo porque não tinham visto de residência, medo de serem apanhados e perderem o emprego. Mais tarde, naquela mesma noite, ouviu os dois discutindo se deviam deixar que ela se candidatasse a uma vaga na faculdade, o pai cada vez mais irritado e volátil. No dia seguinte, conversou com Fernando sobre o emprego no bufê.

Como tinha algum dinheiro, poderia voltar a estudar, se quisesse, mas não se estivesse de muletas... ou com dores constantes.

Quando Matilda estava na reabilitação, Vinnie não fora a primeira pessoa a mencionar a amputação eletiva; não fora o primeiro a sugerir delicadamente (ou, no caso de Vinnie, agressivamente) que, em matéria de amputação, a dela era uma grandessíssima porcaria e que ela deveria considerar outra cirurgia para fazer a amputação abaixo do joelho, o que lhe abriria um universo de próteses melhores. Matilda não entendia isso, porque, no começo, todos haviam parecido animados com a extensão de sua perna que fora salva. Não tinha muitas lembranças da sala de recuperação, mas se lembrava do cirurgião lhe dizendo, triunfal, que havia tirado “o mínimo possível de osso”. Quando ela relatou esse comentário presunçoso a sua fisioterapeuta, que estava examinando seu toco e franzindo o cenho, a mulher disse: “Às vezes mais osso é uma coisa boa, outras vezes, não.”

Tinha razão. A prótese do pé de Matilda doía quase o tempo todo. Por mais que ela ritmasse os passos ou descansasse, por

mais que trabalhasse para fortalecer os outros músculos, por maior (ou menor) que fosse o número de meias usadas para servir de barreira, ou por mais massagens terapêuticas que recebesse, o toco começava a latejar depois de apenas uma ou duas horas com a prótese. A dor subia aos poucos pela panturrilha e ultrapassava o joelho, até formar um nó e gerar uma sensação quase insuportável no alto do tendão do jarrete, no ponto de junção com os músculos glúteos inferiores. (Antes do acidente, que bendita ignorância ela tinha sobre a infraestrutura entre a coxa e a bunda! Só queria saber se haveria cura para os buraquinhos de celulite que despontavam por baixo do seu short curtíssimo.) Na maioria dos dias, a dor se infiltrava pelo quadril; em muitos, o pescoço começava a doer no fim da tarde e ela acabava na cama antes do jantar.

A campainha tocou, alta e insistente, zangada. Vinnie. Matilda abriu a porta e se deparou com ele, parado com uma caixa de pizza equilibrada no braço esquerdo e um espelho de corpo inteiro preso sob o braço biônico. Olhou desconfiada para o espelho quando ele cruzou a porta.

— Não quero esse negócio — disse.

— Pode até não querer, mas precisa. Seu pé está mal, não é?

Bastava olhá-la para saber a dor que estava sentindo. Ela ainda sorria e dava risadas, mas os olhos não tinham foco. Vinnie entendia.

— Nem tanto — respondeu ela, mas era mentira. Nos bons dias, o pé inexistente formigava, ou dava apenas a impressão de estar ali, e sua presença fantasmagórica a levava à loucura. Nos dias ruins, porém, doía a ponto de atordoar. Nesse momento, era como se houvesse agulhas espetando o pé inexistente. Fazia semanas que ela sentia uma coceira interminável num dos dedos ausentes. Via-se

na situação ridícula de tecer fantasias sobre amputar um pé que não existia.

— Sente-se aí — disse Vinnie, pondo a pizza na mesa da cozinha. — Pegue uma fatia antes que esfrie. Você pode comer enquanto a gente faz isso.

Relutante, Matilda se sentou numa das cadeiras da cozinha. Pegou uma fatia e assoprou antes de morder.

— Como você conseguiu chegar aqui com a pizza ainda quente? — perguntou.

— Segredos de ofício — respondeu ele.

— Afinal de contas, o que tem nesse molho que fica tão gostoso?

— Boa tentativa. Depois a gente pode falar do meu molho milagroso. Vamos trabalhar um pouco.

Fazia semanas que Vinnie falava da terapia do espelho e, para Matilda, isso soava ridículo, parecia macumba. Mesmo assim, o rapaz estava ali e havia carregado um espelho até a casa dela, de modo que, com relutância, ela fez o que ele mandou. Endireitou os joelhos e deixou Vinnie posicionar o espelho entre eles, para que, ao olhar para baixo, notasse o pé intacto de um lado e sua imagem especular do outro.

— Ah! — exclamou.

— Mexa o pé esquerdo — instruiu Vinnie. Ela o fez e a ilusão de óptica foi de dois pés perfeitos, mexendo-se em conjunto. — Coça o dedo do pé — disse ele. — Esse que anda coçando.

— Como?

Ele apontou.

— Coce onde você sente a coceira no seu pé esquerdo, mas continue olhando para o espelho.

Matilda se curvou e coçou de leve.

— Ah, meu Deus! — exclamou. — Funciona! — Coçou com mais força. — Nem acredito que isso ajuda de verdade. Não consigo entender.

— Ninguém entende, na verdade. O jeito simples de pensar nisso é que você está ajudando a reestruturar os antigos sinais no cérebro. Está ensinando uma história nova para o seu cérebro.

Ela movimentou o pé para a esquerda e para a direita, flexionou-o, esticou a ponta e tornou a flexioná-lo. Remexeu os dedos. Girou o tornozelo e foi como se o pé no espelho, o pé que faltava, estivesse de volta e funcionando. Matilda tornou a coçar e sentiu de novo um alívio.

— Já está melhor — comentou. — Não perfeito, mas diferente.

— Ótimo. Quatro ou cinco vezes por semana, durante quinze minutos. E usa o espelho toda vez que o pé doer ou coçar. Sacou?

Matilda assentiu e sorriu.

— Parecia uma coisa muito idiota — disse. — Eu não queria comprar um espelho só para fazer uma coisa que parecia muito idiota. Obrigada, *Papi* — falou em voz baixa e, de leve, pôs a mão no ombro de Vinnie. — Obrigada por trazer o espelho.

— É temporário — retrucou ele, levantando-se abruptamente. A carga elétrica que percorreu seu braço, seu peito e outros lugares em que Vinnie não queria pensar quando Matilda o tocou foi desoladora.

— Vou comprar o meu. Você pode pegar esse de volta...

— Não, não — interrompeu ele. — Eu não quis dizer que o espelho é temporário; ele é seu, comprei para você. Eu quis dizer que ainda precisa lidar com o problema que está por trás disso. — Soou mais aborrecido do que pretendia. Matilda franziu o cenho. Vinnie respirou fundo. *Pare. Rebobine.* Recomeçou, mantendo a voz

uniforme. — O espelho é só uma solução temporária, foi isso que eu quis dizer.

No íntimo, Matilda sabia que Vinnie estava certo. Dentre todas as coisas que tinha ouvido de várias pessoas nos seis meses anteriores, todos os conselhos inúteis e clichês sem sentido (“Deus nunca dá mais do que podemos suportar, tudo acontece por um motivo”) e citações de versículos da Bíblia, o que Vinnie disse sobre a amputação eletiva e a perda do tornozelo foi o que fez mais sentido. Matilda crescera sabendo que não se consegue nada sem abrir mão de algo. No seu mundo, essa era a lógica prevalente. Era só uma questão de saber o que você estava disposto a perder, quantos quilos de carne — o que, no caso dela, seria literal. (“Se teu pé te faz cair em pecado, corta-o e lança-o longe de ti.” *Esse versículo da Bíblia ela compreendia.*)

Quando Matilda estava na reabilitação, uma das enfermeiras lhe disse que Vinnie era o que eles chamavam de “superusuário”. Ficara bom tão depressa e aprendera tão rápido que tinha sido escolhido para testar a prótese de última geração que estava usando. E ali estava ela, mal capaz de capengar sobre seu pé de borracha, desajeitado e feio. Era o oposto de Vinnie. Não era uma superusuária, era uma superderrotada.

Só que... mais cirurgia, mais reabilitação, próteses melhores? Tudo isso custaria dinheiro. Muito dinheiro.

— Não tenho plano de saúde. Não tenho esse dinheiro todo e não conheço ninguém que tenha — disse Matilda, parecendo derrotada, resignada.

— Conhece, sim — rebateu Vinnie. — Você conhece.

* * *

VINNIE PRECISARA DE algumas tentativas, mas, antes de levar o espelho para Matilda, tinha conseguido convencer o primo dela, Fernando, a se encontrar com ele. A princípio, Fernando ficara desconfiado, e Vinnie tinha logo se dado conta da fonte de toda a suspeita, do sigilo e da conduta protetora a respeito de Matilda: medo da deportação. Aos poucos, Vinnie arrancara de Fernando a história toda: a festa de casamento, o passeio no carro de luxo, o pronto-socorro, a reunião convocada com urgência num escritório de advocacia alguns dias após o acidente, a pressa em assinar papéis e receber o cheque, a recusa a enfrentar Leo Plumb num tribunal ou a insistir numa indenização de seguro. A família quisera evitar um boletim de ocorrência, porque um boletim de ocorrência significaria que os pais de Matilda — e a mãe de Fernando, que também estava no país ilegalmente, para não falar de quase todo o resto da extensa família — se tornariam alvo da atenção das autoridades da imigração, como George Plumb havia ameaçado repetidas vezes, de acordo com Fernando. Vinnie tentou compreender exatamente que tipo de acordo Matilda havia assinado (no hospital, dopada pela morfina; aquilo era ridículo, uma farsa grotesca). Por fim, convenceu Fernando de que uma conversa com Leo Plumb não incitaria uma ação legal.

— Só quero ter uma conversa amigável com ele — afirmou Vinnie.

Fernando deu uma gargalhada.

— Você entende por que isso não me parece muito plausível?

Fernando quase havia socado Vinnie no dia em que ele tinha gritado com Matilda na pizzeria; não confiava no sujeito.

— Juro pelo túmulo da minha mãe — disse Vinnie. — Eu não faria nada para atrapalhar Matilda. Você precisa acreditar em mim. Eu nunca, nunca prejudicaria Matilda.

Nessa parte Fernando acreditou, porque Vinnie estava claramente apaixonado. E Fernando também sentia uma culpa nada insignificante pelas semanas posteriores ao acidente. Havia entrado em pânico; todos haviam. Ficara tão cego quanto qualquer um diante do dinheiro oferecido pelos Plumb, e se envergonhava ao pensar em como Matilda o havia ajudado a pagar alguns dos empréstimos que ele contraíra para cursar a faculdade de direito. Seu alívio tinha sido tão grande que ele mal protestara.

— Tudo bem — disse finalmente a Vinnie. — Mas você precisa contar para Matilda o que está planejando, e ela tem de concordar. Prometa que vai agir com cuidado.

— Eu dou minha palavra — respondeu Vinnie. Não tinha medo de ninguém, e o misterioso Leo Plumb com certeza não o intimidava. Ele respeitava a hesitação de Fernando, mas sabia que tipo de pessoa era Leo Plumb, não precisava nem conhecê-lo pessoalmente para isso. Ele era um maldito covarde.

Matilda sentia tanta vergonha da noite do acidente que não conseguia enxergar com clareza, mas Vinnie conseguia. Que tipo de pessoa deixa a mulher num casamento e seduz uma garota com uma mentira para levá-la para seu carro? Que tipo de pessoa nem pensa duas vezes antes de dirigir, considerando os níveis de álcool e drogas que tem no sangue? Que tipo de pessoa não pede desculpa, porra, nem procura saber como está a garota que, por causa do seu maravilhoso pau duro, perdeu um pé? Um covarde, isso, sim. E havia mais uma coisa que Vinnie sabia sobre os covardes: eles eram fáceis de dobrar.

Tinha um plano. Ia marcar uma reunião com Leo Plumb e deixar claro que eles não estavam atrás de dinheiro, porque não estavam. Ele queria acesso. Tinha pesquisado e sabia que Leo transitava pelos círculos sociais certos. Poderia pôr Matilda em contato com as

peessoas certas e ajudá-la com uma infinidade de programas em que ela receberia assistência com suas próteses, incluindo uma nova cirurgia, se necessário. Vinnie queria que Leo mexesse uns pauzinhos, e não lhe daria alternativa. Deixaria claro que não tinha medo de denunciá-lo como o covarde que era. Vestiria o uniforme, traria Matilda para o seu lado e humilharia Leo Plumb até ele entregar os pontos. Leo talvez partisse para cima dele, e Vinnie toparia essa briga de bom grado, mas nunca teria de brigar. É que ele sabia mais uma coisa sobre os covardes. Sabe o quê? O que eles mais temem é ser desmascarados. Essa seria fácil.

* * *

— NÃO — DISSE MATILDA. — De jeito nenhum. — Tinha deixado o espelho cair no chão e saltitava furiosamente pela cozinha. — Não vou falar disso.

— A gente vai falar disso, sim — retrucou Vinnie, mantendo-se firme.

— Saia daqui. Por favor. Obrigada pela pizza, pelo espelho. Estou cansada e quero...

— Isso — disse Vinnie, apontando para o cotoco de Matilda — é o fim da picada.

Ela lhe deu as costas, apoiada na pia da cozinha.

— Por que você está gritando? — perguntou, virando-se para ele. — Por que está sempre brigando? Sempre com raiva de tudo e de todos?

— Por que você não está? — retrucou ele. À luz da cozinha de Matilda, o punho esquerdo de Vinnie fechava e abria. — Por que você não está puta, porra?

— Porque isso não faz bem nenhum.

— Discordo.

— Talvez você precise contar ao *seu* cérebro uma história nova. Vá em frente, use o espelho. Dê uma boa olhada no seu rosto e veja como fica feio quando você está com raiva.

Vinnie respirou fundo, depois deu um tapa com força na geladeira ao lado dela. Matilda se encolheu.

— Por que você não sente raiva suficiente para exigir o que merece? — perguntou ele.

Matilda se jogou numa das cadeiras da cozinha, com o rosto contraído e desolado. Parecia prestes a chorar. Vinnie nunca a vira chorar. Matilda nem conseguia olhá-lo. Havia tentado tantas vezes usar sua força de vontade para voltar àquela despensa, retroceder para *antes*, para quando Leo a fizera dançar em todos os sentidos. Seria tão bom se ela pudesse fazer tudo de novo, soltar-se, afastar-se dele, voltar para Fernando na cozinha e pegar sua garrafa de molho vinagrete. Ergueu os olhos, abatida.

— Não posso pedir mais porque eu recebi o que merecia, sim — disse. — Recebi *exatamente* o que merecia.



CAPÍTULO 23

Nathan Chowdhury ficou furioso quando Leo quis vender a SpeakEasyMedia.

— A empresa é nossa — disse. — Fundamos esta porra e está finalmente indo bem, crescendo e melhorando, e você quer entregá-la a um bando de parasitas corporativos? Por quê? Para fazer o que depois?

Passou semanas argumentando, mas Leo bateu o pé e Nathan não tinha dinheiro para comprar a metade do outro na empresa.

— Para mim, acabou — respondeu Leo. — Estou fora.

Ele estava cansado. Cansado de trabalhar dia e noite e da porcaria do escritório que mal superava a sua sala de estar. Cansado dos estagiários glorificados, jovens inteligentes e petulantes que eles contratavam e depois tinham que orientar e controlar de todas as maneiras concebíveis. Durante metade do tempo, Leo se sentia uma supervisora de creche. Numa única semana, tinha entrado duas vezes na minúscula sala de reuniões e encontrado com dois casais diferentes se agarrando. Toda hora alguém deixava comida mofada no frigobar, e a pia vivia cheia de canecas sujas de café.

Estava cansado de viver sem dinheiro. Cansado de esbarrar com amigos dos tempos de faculdade, ouvir falar de viagens caras e propriedades nos Hamptons e admirar as roupas que eles usavam, sempre mais refinadas do que as de Leo. Cansado de não querer que ninguém o visitasse porque seu apartamento continuava sendo o quarto e sala do pós-guerra que ele sempre havia sublocado ilegalmente e que era de uma insipidez de dar dó: um apartamento

de segundo andar em que todas as janelas davam para um telhado vizinho, coberto de compressores de ar-condicionado abaixo das especificações legais; na verdade, seus cômodos chacoalhavam quando todos os aparelhos eram ligados ao mesmo tempo.

Estava cansado de fofocas. Caramba, como estava cansado de fofocas! Quando vendeu, a SpeakEasyMedia tinha se transformado justamente naquilo que Leo mais abominava. Tornara-se uma patética paródia dela mesma, nem um tiquinho mais admirável, franca ou transparente do que as diversas publicações e pessoas que ridicularizava de maneira impiedosa — vinte e duas a vinte e quatro vezes por dia, para ser exato, porque era esse o número que os contadores haviam calculado, o número de postagens diárias de que eles precisavam, em cada um dos seus quatorze sites, para gerar cliques suficientes para manter os anunciantes satisfeitos. Uma quantidade absurda, um número que significava a obrigação de dar destaque ao vulgar, de mirar o holofote da gozação nos infelizes que, muitas vezes, não o mereciam, divulgando histórias que eram prontamente esquecidas, exceto pelos pobres coitados que tinham servido para alimentar a máquina sempre faminta que era a SpeakEasyMedia. “As baratas da internet”, era como uma revista de circulação nacional tinha apelidado a empresa, ilustrando a matéria com uma caricatura em que Leo aparecia como o Rei das Baratas. Ele estava cansado de ser o Rei das Baratas.

Os números com que a grande corporação de comunicação acenou pareceram muito elevados a Leo, que, naquele momento específico, também estava doido por sua nova assessora, Victoria Gross, que era bem-nascida, estava acostumada com dinheiro e observou a sala do apartamentinho dele, na primeira vez que o visitou, como se tivesse entrado num abrigo de sem-teto. (“Quando

você disse que morava perto do Gramercy”, comentou, confusa, “achei que devia ter uma chave do parque, algo assim.”)

A caminho do encontro com Nathan, Leo lembrou como era sentir a adrenalina a mil, nervoso de um jeito otimista. Quase passou direto por ele, que estava sentado no bar diante de um laptop aberto, de cabeça baixa. Leo ficou contente por ter um minuto para observar o velho amigo, seu companheiro de longos anos na busca de negócios, prazer e uma temporada de vitórias para os Jets. A onda de afeição que sentiu ao ver o perfil familiar de Nathan foi sincera. Nathan, que tinha uma capacidade aparentemente interminável de olhar para planilhas e gráficos em forma de pizza e encontrar ali uma história. Nathan, que ainda usava calça curta demais e um paletó meio apertado e continuava a tomar seu drinque de sempre: Shirley Temple.

E, quando ergueu a cabeça, Nathan também ficou visivelmente feliz por ver Leo. Levantou-se e os dois se abraçaram. Não aquele abraço de tapinhas nas costas com que Leo estava acostumado, o tal abraço de camaradas que mais era um aperto de mão exuberante, com uma inclinação da cabeça, do que um contato corporal, e sim um abraço de verdade. Nathan puxou Leo para junto de si e o apertou, e Leo ficou nervoso ao sentir que estava lacrimejando. Quem olhasse de fora poderia considerar aquele momento de reencontro uma coisa mais triste. Em seguida, os dois se empertigaram, trocaram os calorosos tapas nas costas e passaram alguns segundos avaliando um ao outro.

Nathan sorriu, meneando a cabeça.

— É, é. Eu continuo sendo o mais bonito. Disparado.

Era uma brincadeira muito antiga. Dizer que Nathan não tinha uma beleza convencional era um comentário generoso. Para um cara grande, seus ombros eram incomumente estreitos, e todo o

seu peso se acumulava na área da cintura. Ele tinha aquele corpo em forma de pera que era mais comum nas mulheres. O espaço enorme entre os dois dentes da frente conseguia ter certo charme. Tinha perdido todo o cabelo, mas a careca combinava com suas feições fortes, com o nariz grosso e as sobrancelhas severamente arqueadas, que quase tinham vida própria.

— Quer uma bebida de verdade? — perguntou Leo, apontando para o copo de Nathan e pedindo um uísque.

— Acho que não. Tenho exatamente vinte minutos antes de ser obrigado a ir a um negócio beneficente na zona norte, e vou apresentar uma pessoa, então...

Leo não ficou animado ao saber que tinha recebido uma parte tão pequena do dia de Nathan. Teria que falar depressa. Cumpriu o roteiro de praxe, perguntou pela família de Nathan, viu algumas fotos e ouviu uma recapitulação do “pesadelo” que fora a reforma de sua casa.

— Fiquei sabendo sobre você e Victoria — disse Nathan. — Sinto muito.

— Não sinta. Foi melhor para nós dois — comentou Leo, torcendo para ter acertado a mescla exata de segurança e pesar. Ficou contente por Nathan haver mencionado o divórcio, porque queria usá-lo. — Você tinha razão, lá atrás, quando me disse que a gente trazia à tona o pior um no outro.

Nathan pegou a cereja reluzente do seu *ginger ale* e a comeu, mastigando o cabinho.

— Ter tido razão nisso não me dá nenhuma satisfação.

— Eu sei. Só estou abrindo o jogo com um velho amigo. Eu devia ter dado ouvidos a você... e não só sobre Victoria, mas sobre um monte de coisas.

— São águas passadas — disse Nathan. — Você parece bem. E, a menos que os fofoqueiros estejam tão desesperados que resolveram ressuscitar informações do século passado, acho que ouvi alguma coisa sobre você e Stephanie. Verdade?

— Verdade. Sim. Por enquanto. A gente está indo devagar, mas até agora está bom.

— Fico feliz por você, meu chapa. Não vai estragar tudo desta vez.

— Não é o meu plano — disse Leo, meio ouriçado com o comentário hipócrita. Nathan também tinha estragado um bocado de relacionamentos em outros tempos. — Estou pronto para entrar no jogo de novo, por assim dizer. Essa é uma das razões para que eu queira te encontrar.

— Foi o que eu pensei. Soube que você andou usando meu nome por aí. Dizendo às pessoas que a gente está trabalhando junto.

— Não é verdade — retrucou Leo, pasmo com o fato de seus movimentos já terem chegado aos ouvidos de Nathan.

— Ouvi isso de mais de uma pessoa.

— Stephanie me falou da sua ideia e eu fiquei curioso. Curioso mesmo. Estou interessado. Andei dando alguns telefonemas, pesquisando umas coisas e fazendo perguntas, mas nunca tentei passar uma impressão errada. Nunca disse que estava trabalhando com você, ou que a gente tinha alguma ligação oficial. As conclusões que as pessoas tiram por conta própria quando ouvem o meu nome e o seu não são obra minha.

Nathan passou alguns minutos encarando Leo, avaliando.

— Tudo bem. Acho que isso seria possível. Espero que seja verdade.

— É verdade.

— Porque não posso contratar você.

— Será que a gente pode rebobinar um pouquinho? — Leo mal podia acreditar que houvesse perdido o controle da conversa tão depressa. — A gente pode recomeçar? Sei que você é um homem ocupado e me preparei para estar aqui.

— Não sei por que você iria querer se envolver no projeto em que estou pensando, que é bem modesto.

— Não parece modesto. Parece que é ambicioso e que vale a pena.

— É modesto, acredite em mim.

— Também soa como uma coisa que já foi ideia minha — disse Leo, e parou. Não tivera a menor intenção de trazer isso à tona, e com certeza não queria fazer esse comentário tão depressa. Não podia deixar que Nathan o confundisse.

Nathan olhou para o teto, como se buscasse paciência nas alturas.

— Você está longe de ter inventado o conceito de uma revista literária on-line. Não venha dar uma de Al Gore comigo, Leo.

— Eu sei. Desculpe. Eu me expressei mal. Eu... nós dois temos experiência nisso. A gente era uma boa dupla. Você não quer nem ouvir minhas ideias? Sabe do que eu sou capaz.

Nessa hora, Nathan soltou sua gargalhada estrondosa. Leo ficou irritado com o tanto que ele pareceu displicente, tão sem rodeios.

— Infelizmente, isso é a mais pura verdade.

— Deixe só eu dar um panorama rápido de como acho que você pode expandir a *Fibras de Papel* de maneiras muito interessantes e que poderiam dar vários frutos.

Leo abriu sua pasta e tirou a pilha de folhas impressas.

— Caramba! — exclamou Nathan. — Você fez uma apresentação no PowerPoint?

Leo o ignorou, folheou as páginas e tirou uma folha com um modelo de logotipo, dizendo:

— Inclusive com um aplicativo baseado em eventos e que também transmitiria conteúdo.

Pôs a folha diante de Nathan, que a fitou, confuso.

— Um aplicativo?

— Você precisa ter um aplicativo.

— Isso não é novidade para mim, Leo. Qualquer garoto de dezesseis anos em Nova York está tentando criar um aplicativo.

— Isso é só um pequeno elemento. Tenho todo...

Nathan o interrompeu:

— Leo, eu reconheço que você se esforçou para pensar nisso. E fico feliz de verdade por saber que você está com Stephanie. Sério. Quando soube disso, eu pensei: tudo bem, qualquer que tenha sido a merda que aconteceu nos últimos anos, ele pôs a cabeça no lugar. E espero que tenha mesmo. Espero que você encontre um trabalho que o faça feliz. Mas, mesmo que eu quisesse trabalhar com você, e não quero, eu preciso de jovens, que trabalhem por quase nada. Alguém que já esteja atualizado, e não — fez um gesto de desdém para a página à sua frente — tentando inovar com um aplicativo de eventos.

— Mas e a experiência? E o reconhecimento do nome?

— Reconhecimento do nome? — Nathan parecia incrédulo. — Isso, meu amigo, é parte do problema. O que você fez desde que a gente vendeu a SpeakEasy? Falando sério, Leo. O que você fez?

O que ele tinha feito? Primeiro, ele e Victoria haviam morado em Paris por seis meses, depois em Florença, tudo sem melhorar um pingo que fosse do seu francês ou do italiano. Aqueles dias e semanas tinham se transformado em longos borrões de visitas de amigos, refeições e viagens “ao interior” pelas quais, de algum

modo, ele acabava pagando. Depois, Victoria declarou que Nova York estava “chata”, e então eles foram para o oeste e alugaram um apartamento em Santa Monica por alguns anos. Leo deveria estar trabalhando num roteiro de cinema, porém, ia à praia todo dia e tentava surfar, depois ficava chapado enquanto Victoria passava um tempo enorme meditando e fazendo algum troço de aromaterapia. Eles falavam sem parar em abrir uma pequena galeria de arte, mas nunca puseram o plano em prática. Quando o dermatologista de Victoria descobriu uma verruga pré-cancerosa no impecável decote dela, foi hora de voltar para Nova York, onde ela o convenceu a financiar um pequeno grupo teatral no centro da cidade, para que os dois pudessem “alimentar os talentos emergentes”, o que basicamente significava Victoria “produzir” — e estrelar — peças de segunda categoria escritas por pessoas com quem ela havia crescido no West Village. Leo fizera longos passeios e aprendera tudo sobre uísque envelhecido num único barril. Lia, ressentindo-se em silêncio de qualquer coisa que lhe parecia boa. Passou meses projetando uma bicicleta exclusiva na qual nunca andou.

— Eu queria ter feito muitas coisas de outro jeito — disse —, mas não posso voltar no tempo.

— Concordo. Você e eu? — perguntou Nathan, balançando um dedo entre os dois. — Isso é tentar voltar no tempo. A gente teve uma boa experiência. — Deu um tapa forte no braço de Leo, que se retraiu. — Uma experiência boa para cacete.

Leo compreendeu que o encontro estava encerrado quando Nathan reforçou o sotaque britânico. Viu-o recolher suas pastas e guardar o laptop numa pasta.

— Vou mandar meu assistente ligar para você. Vamos jantar. Você, eu, minha mulher e Stephanie. Vai ser divertido. Vocês podem

ir lá em casa dar uma olhada naquele aspirador de dinheiro gigante e rir da minha maluquice.

Leo não tivera chance de dizer nada do que planejava.

— Vamos remarcar. Só agora me dei conta de que devia ter te mandado minhas ideias antes desta reunião...

— Isto não é uma reunião — interrompeu Nathan. Jogou um cartão de crédito no balcão do bar e começou a vestir o casaco.

Leo ficou irritado. Merecia mais do que aquilo.

— Ah, fala sério, Nathan. Não aja assim.

— Assim como? Com pressa?

Leo tentou pensar no que poderia dizer para convencê-lo a ficar. O cartão de crédito no bar era um Amex preto. Ele nem podia acreditar que Nathan estivesse tão bem de vida.

— Você está precisando de dinheiro? — perguntou Nathan, ao notar que ele olhava para o cartão.

— O quê? Não.

— Porque, se for uma questão de dinheiro, posso conseguir um empréstimo. Isso eu posso fazer.

— Não é questão de dinheiro. Caramba. Por que você acha que eu preciso de dinheiro?

Ficou furioso ao lembrar que *havia* pensado em pedir dinheiro emprestado a Nathan. Nem se as galinhas criassem dentes!

— Eu falo com Victoria de vez em quando.

— Fantástico. Do caralho. Victoria, a narradora mais indigna de confiança de todos os tempos.

— Justiça seja feita, tive que arrancar as informações dela.

— Não é mérito dela; ela assinou um acordo. Na verdade, acho muito interessante que ela esteja tentando fazer as pessoas se virarem contra mim...

— Sem essa, Leo. Perguntei por você como amigo. Eu estava preocupado. Ninguém está *contra* você.

Leo respirou fundo.

— Então arranje um tempo para mim na sua agenda. Deixe eu fazer minha apresentação. Só me escute.

— Você disse que fez o dever de casa? — perguntou Nathan.

— Fiz.

— Quer dizer que sabe quem é o nosso diretor financeiro?

— Não decorei o organograma da empresa, não.

— Peter Rothstein.

Nathan assinou a fatura do bar e começou a picar o recibo em pedacinhos, pondo-os com cuidado na borda da bandeja de plástico em que viera a conta. Leo tentou freneticamente lembrar por que aquele nome seria significativo. Nada.

— O irmão dele era Ari Rothstein — disse Nathan.

Leo sentiu um incômodo vagamente familiar, mas... nada.

— Eu conheço?

— Pode-se dizer que sim. Ele é o cara que resolve. Isso te lembra alguma coisa?

Leo sentiu um frio na barriga. Ari Rothstein tinha sido uma das últimas histórias de sua gestão na SpeakEasy. Um garoto de faculdade comunitária, grandão e parecendo meio idiota, que mandara um currículo em forma de vídeo para se candidatar a um emprego no suporte técnico. Certa manhã, Leo chegou ao escritório e encontrou todo mundo em volta de um monitor, assobiando e rindo. A gravação começava com Ari Rothstein com um terno que caía mal, tagarelando sobre sua experiência técnica, e em seguida se interrompendo, de forma absurda e desajeitada, para tirar o paletó, pôr um boné e cantar um *rap* totalmente sem sentido sobre TI. O refrão era o deselegante e pouco memorável “eu sou o cara

que resolve” (Eu sou o CARA. Eu sou o CARA. Eu sou o CARA que RESOLVE!) Era terrível e hilariante.

— Vamos pôr no site — disse Leo, antes mesmo de assistir a todos os quatro minutos e trinta e dois segundos da gravação. A princípio, todos acharam que ele estava brincando, mas Leo sabia reconhecer algo que conquistaria muitos cliques quando o via. Foi o primeiro vídeo da SpeakEasy a se tornar viral, e Ari Rothstein tinha sido aviltado e ridicularizado em toda parte durante semanas: na internet, na imprensa, na televisão. Seu clipe acabou num segmento do *Today Show* chamado “Como NÃO conseguir aquele emprego que você quer muito”.

— Você contratou aquele cara?

— Nãããão. — Nathan esticou a palavra como se estivesse falando com alguém incrivelmente burro. — *Aquele cara* morreu. De overdose, alguns anos atrás. O irmão dele trabalhava na empresa antes de eles comprarem a gente, e passou mais de um ano sem falar comigo. Demorei muito para ganhar a confiança dele, para convencê-lo de que eu não tinha nada a ver com o incidente e de que lamentava o episódio todo, o que é verdade. O que a gente fazia naquela época, sabe? Era legal. Era engraçado. Mas não era exatamente honroso, Leo. Não é o trabalho pelo qual eu quero ser lembrado.

— Eu também não. É isso que estou querendo dizer.

— Não dá, Leo. Não dá. Não estou dizendo que a história do Ari tenha sido culpa sua, culpa nossa, nada disso. O que quero dizer é que as coisas estão diferentes. O mundo empresarial está diferente. Eu estou diferente. Espero que você esteja diferente. E não posso te contratar.

Leo se sentou pela primeira vez desde que havia entrado no bar. Ficou pensando na coisa certa a dizer, a coisa sensível e

apropriada, mas o que lhe ocorreu, ao contrário, foi uma piada, uma piada que o velho Nathan talvez tivesse achado divertida.

— Acho que Ari Rothstein era mesmo o cara que resolvia.

Após um longo silêncio, Nathan falou:

— Vou fingir que você não disse isso. Boa sorte, Leo. Lamento te decepcionar.

— Não lamente. Tenho outras coisas em vista.

— Ótimo.

— Eu seria negligente se não mencionasse que, na minha opinião, você deve ter certo cuidado ao usar seu dinheiro para bancar Paul Underwood.

— É mesmo?

— Eu também gosto da *Fibras de Papel*, mas as coisas lá são completamente caóticas. Não acho que Paul tenha o tipo de liderança de que você vai precisar para levar isso adiante. Não acho que ele seja o cara de que você precisa.

Nathan olhou para o chão e voltou os olhos lentamente para Leo, parecendo sentir pena.

— Eu tinha esperança de que você não continuasse um canalha, Leo. Tinha mesmo esperança.

— Não me entenda mal. Eu gosto do Paul...

Nathan estendeu a mão e Leo se levantou e a apertou, relutante.

— Tudo de bom, Leo. Espero que você ponha a cabeça no lugar. Pela Stephanie.

— Vou ter que levar minhas ideias para outra pessoa.

— Pode ficar à vontade. Só não volte a usar o meu nome, nunca mais.

— Vá se foder, Nathan.

— Você também, parceiro.

Leo observou Nathan sair do bar. Tornou a se sentar e respirou fundo, tentando processar o que havia acabado de acontecer. O celular começou a vibrar no balcão. Ele olhou para a tela do identificador de chamadas e, ao ver o nome, seu coração quase parou. Matilda Rodriguez.



CAPÍTULO 24

Antes de cometer a estupidez de deixar Jack Plumb entrar em sua casa, Tommy só tinha levado um susto relacionado ao *Beijo*. Certa manhã, o FBI batera à sua porta, quando ele ainda morava na península de Rockaway, querendo conversar sobre um objeto que havia desaparecido do World Trade Center. Por pouco ele não tinha desmaiado, até lhe explicarem que estavam investigando furtos no aterro de Fresh Kills e só queriam saber se Tommy se lembrava de ter visto o Rodin e, caso se lembrasse, onde o vira pela última vez. Tommy garantiu ao investigador que havia entregado a peça no *trailer* da Superintendência dos Portos, tal como fizera com inúmeros outros artigos, e que a deixara com alguém cujo nome não recordava, mas que tinha dito que cuidaria da estátua.

— Foi a última vez que vi a peça. Sinto muito, pessoal. Queria poder ajudar mais. Ela parecia uma porcaria bem estropiada, para ser sincero.

Os investigadores lhe apertaram a mão e disseram quanto lamentavam sua perda, e essa tinha sido a última vez que Tommy ouvira qualquer pessoa falar do assunto.

No início, ele mantinha a estátua escondida no armário do seu quarto no Queens, coberta por uma fronha. Não queria que as filhas a vissem quando fossem visitá-lo, aproximadamente mil vezes por semana. “Só passamos para dar uma olhada!”, diziam sempre, num tom animado que ele nunca as ouvira usar antes de ficar viúvo. Mas guardar o presente de sua mulher num closet, como se fosse um segredo vergonhoso, incomodava. Ele começou a pensar em se mudar. A casa que havia dividido com Ronnie, na qual os dois

havam criado as filhas, na qual tinham mantido a tradição da noite de cinema com pipoca em família toda sexta-feira e na qual haviam conseguido fazer amor todos os domingos, mesmo quando as meninas eram pequenas, às vezes tendo que encaixar a relação entre os intervalos comerciais da Nickelodeon — mas conseguiam, sempre conseguiam —, estava vazia demais, solitária demais.

Seu velho amigo Will, do Corpo de Bombeiros, disse-lhe que Stephanie estava precisando de um novo inquilino. Ele sempre gostara de Stephanie. Ela era gente boa, engraçada e inteligente, muito trabalhadora e despretensiosa. “É o que antigamente se chamava de uma verdadeira dama”, dissera Ronnie, com ar de aprovação, quando Will a convidara para uma das lendárias festas de fim de ano na casa do Queens, e Stephanie tinha encantado todo mundo ao cantar “(Christmas) Baby Please Come Home”, no estilo de Darlene Love, no karaokê que eles haviam ligado ao televisor.

O apartamento do térreo estava meio decrépito, mas Tommy não precisava de muita coisa. Só queria um lugar que fosse seu, onde pudesse guardar a estátua e olhá-la todos os dias, um lugar bem longe de Rockaway, para que suas filhas não aparecessem sem telefonar antes, um lugar em que não tivesse de responder a uma porção de perguntas. A estátua era seu segredo bem guardado. Até Jack Plumb entrar em sua sala de jantar.

O fato de Jack Plumb estar em casa e ficar andando em círculos ao redor da escultura, como se avaliasse um carro usado, havia provocado uma mudança incômoda em Tommy. Talvez não fosse só Jack, talvez fosse a passagem do tempo, a natureza do luto, mas o fato é que, quando tirava a estátua do esconderijo, só conseguia ouvir Jack Plumb perguntar: *Onde você arranjou isso?* Durante anos, Tommy tivera medo de que alguém visse a estátua, em especial suas filhas. E, como alguém a vira, ele começou a pensar

com mais clareza no que aconteceria se fosse flagrado. Fazia mais de uma semana que não olhava para a peça.

Naquele dia ia receber a visita de duas de suas três filhas. Quase sempre ia à casa delas, mas, algumas vezes por ano, elas planejavam uma ida “à cidade” e faziam primeiro um desvio para a casa de Tommy, entregando sacos de itens de supermercado dos quais imaginavam que o pai precisava.

Seus familiares não conseguiam esconder a consternação diante das condições em que ele vivia e, quando Maggie e Val irromperam pela porta da entrada, com cinco netos de Tommy entre as duas, ele se preparou para as queixas e os muxoxos de costume.

— Este lugar tem potencial para ser legal, pai — disse Val, pela centésima vez. — Se você fizesse um esforcinho.

Ela foi descarregando mantimentos e colocando-os nas prateleiras da cozinha, abrindo um pacote de esponjas verdes e usando uma delas para limpar os armários.

— Você não precisa fazer isso — disse Tommy. — Sente-se.

— Não me incomode — respondeu ela.

— Por que você não compra móveis que realmente caibam aqui? — perguntou Maggie. — A gente podia comprar um sofá novo hoje, se você quiser. A gente te ajuda a escolher alguma coisa.

A filha tinha razão. O sofá que ele havia conservado fora comprado para uma sala muito maior, não para as proporções exíguas de uma sala de estar de sobrado.

— Este aqui está bom. Eu estou bem. Não estou esperando que uma revista de decoração passe aqui para tirar fotos.

— Por que isso está trancado?

Val havia parado diante do armário embutido de louça da sala de jantar. A metade superior era para servir de vitrine, e Tommy tinha colocado algumas peças da porcelana do casamento nas

prateleiras, em sua única tentativa de “decoração”. A metade inferior era para guardar louça. Ele havia retirado as prateleiras internas e o rodapé da base, mas deixara as portas para esconder o interior cavernoso, onde cabiam certinho a estátua e seu suporte de rodinhas. Tommy podia puxá-la para fora e empurrá-la para dentro quando quisesse. Mas havia um cadeado nas portas.

— Não é nada. Umas coisas de valor.

— Coisas da mamãe? — indagou Maggie, com um toque de tensão na voz.

— Tudo o que era da sua mãe está nas caixas que eu dei para vocês. Como eu disse.

Maggie olhava fixo para o armário.

— Este bairro é tão ruim assim? Você precisa trancar seus objetos de valor com cadeado?

Tommy não soube o que responder (o bairro era ótimo), por isso fez apenas um som de desdém e tentou levar todos de volta à sala de estar.

— Ah, meu Deus — disse Maggie. Segurou-o pelo braço e falou baixinho, para as crianças não ouvirem. — Você tem uma arma aí dentro?

— O quê?

— Você está com uma cara de culpa horrível. Tem uma porcaria de uma arma nesta casa, a casa que seus netos frequentam.

— Não tenho arma nenhuma. Fique calma. E não estou gostando do seu tom, mocinha. Ainda sou seu pai.

Tommy estava aflito para distraí-la do armário.

— O que mais você tem que precisa guardar trancado a sete chaves numa sala de jantar vazia?

O filho caçula de Maggie (Ron, cujo nome homenageava a avó que ele nunca havia conhecido) agarrou-se à perna da mãe,

choramingando.

— O que foi? — perguntou ela, curvando-se e usando um tom de voz alegre. — O que foi, amor?

— Eu não gosto daqui.

— Deixe de ser bobo. Aqui é a casa do vovô.

— Gosto mais da casa velha dele.

Tommy não soube o que dizer, por isso apenas observou Maggie afagar a cabeça do menino, consolando-o.

— A gente vai almoçar e depois dar um passeio bem legal — disse. — Aqui perto tem um parque cheio de brinquedos. Não é, papai?

Mas não havia nada que acalmasse Ron.

— Essa casa não é boa — disse ele, chorando para valer. Cochichou alguma coisa no ouvido da mãe, que balançou a cabeça e o abraçou com força.

— Não, não, filhote. Não é verdade. Tudo aqui é bom.

Val levou as crianças para a cozinha e foi preparar o almoço, enquanto Maggie puxava Tommy de lado.

— Papai, preciso falar uma coisa. Tem algo *errado* — disse, abarcando num gesto o ambiente, os móveis descombinados, as sobras deixadas por inquilinos anteriores, a poeira e a desarrumação — nisso tudo. Depois de tanto tempo.

— Sou uma pessoa só — retrucou Tommy. — É só disso que eu preciso.

— Não estou falando do espaço. — Maggie cruzou os braços e o pai percebeu que ela se preparava para dizer algo difícil. Era tão parecida com a mãe que ele tinha de se conter para não olhar fixo para seu rosto, não tocá-lo. — Sabe o que Ron disse quando estava chorando? Disse que achava que esta casa é *mal-assombrada*. Como se tivesse um *fantasma* aqui. Quer dizer, ele é uma criança,

mas as crianças captam as coisas. Aqui é escuro, sombrio, deprimente. Compre algumas lâmpadas, pelo menos. Umas luminárias de pé. Aumente a voltagem — disse, e apontou para a lâmpada solitária no teto da sala de estar.

— Talvez ele tenha razão — respondeu Tommy, já farto. Nunca havia pedido a ajuda delas, não as convidara a visitá-lo. — Talvez a casa seja mal-assombrada.

— Pai — disse Maggie, os olhos se enchendo de lágrimas. Mordeu o lábio. Tommy se sentiu mal, mas se sentia pior não falando de Ronnie, tentando ignorar o fantasma que todos carregavam dentro de si. — Isso me corta o coração — confessou ela, por fim, enxugando as lágrimas com o dorso da mão.

— Você acha que também não estou com o coração partido?

— Não estou falando da mamãe. Sei que ela está em paz. Eu sei. Estou falando de você, pai. Você me corta o coração. Se tem algum fantasma aqui... é você.



CAPÍTULO 25

Melody acreditava em planos de batalha; acreditava em análises, estratégias e contingências, e era bom que fosse assim, porque ela e Walter estavam decididamente em guerra. Ele vinha avançando em duas frentes: a hipoteca e as anuidades universitárias. Melody ficava fora de si ao pensar em perder a casa. Nem ao menos iam vendê-la para obter lucro, porque a dívida da hipoteca ainda era significativa.

— Isso não tem nada a ver com capitalizar — dizia Walt, repetidamente. — A gente precisa reduzir nossa despesa mensal. Ainda mais agora, que a faculdade está chegando. É simples assim. A menos que você consiga pensar num jeito de ganhar mais dinheiro todo mês, a gente não tem alternativa.

Melody se recusou a deixá-lo pôr a casa “oficialmente” à venda. Recusou-se a exibir uma fotografia de sua casa na vitrine da imobiliária Rubin, no centro da cidade, para todo mundo ver e especular. Vivienne concordou em mostrar a casa “de maneira discreta”, numa listagem exclusiva.

— Só vamos fazer um teste — explicou Walter. — Só para ver o que *poderia* acontecer.

Walter também queria se sentar imediatamente com Nora e Louisa para discutir as *realidades financeiras* dos anos que estavam por vir e o impacto disso nos planos de faculdade. Na opinião dele, as filhas só poderiam estudar em universidades estaduais, mais baratas. Melody se recusou. Algumas famílias tiravam férias de verão; Melody colocava as meninas no carro e elas visitavam as universidades. Depois desfrutavam de um bom almoço, davam uma

olhada na cidade e comparavam suas anotações sobre o que tinham visto. Elas haviam feito uma lista! As que estavam quase fora de alcance, as possíveis e as prováveis. E todas, até a última, eram particulares e exigiam valores assombrosos.

Quando Vivienne Rubin telefonou, num dia em que Walter estava no trabalho, e falou com Melody sobre duas boas propostas, uma inteiramente à vista, ela não entrou em pânico. Pensou um minuto e disse a Vivienne que fizesse uma contraproposta. O valor que pediu foi um absurdo.

— Tem certeza? — perguntou Vivienne. — Walter concorda com isso?

— Com certeza — respondeu Melody.

Não estava mentindo, disse a si mesma, sentindo-se calma e curiosamente otimista ao desligar. Aquilo era um campo de batalha. Os generais sabiam quando manter a posição e quando aplicar manobras estratégicas, quando recuar e quando avançar. Aquilo era uma guerra e ela não ia se render. Ainda não. Não antes de falar com Leo.



CAPÍTULO 26

Depois de deixar vários recados na caixa postal, todos ignorados por Tommy, um dia Jack simplesmente apareceu à porta dele, como Tommy temia que fizesse.

— Você sabe que pode se meter numa encrenca enorme por causa desse negócio — disse, quando o ex-bombeiro abriu a porta com relutância depois que o visitante sacudiu na sua cara uma cópia impressa de uma reportagem sobre a estátua que havia em sua casa. Tommy passara alguns minutos negando que a estátua da notícia fosse a que ele tinha, mas então algo dentro dele, uma determinação que se desgastara aos poucos durante os dez anos anteriores, entregou os pontos. Ele estava cansado. Sentou-se na cadeira de armar do vestibulo, abatido.

— Quem foi que deu isso para você mesmo? — perguntou Jack.

— Minha esposa — respondeu Tommy, olhando para o chão. — Foi minha esposa que me deu...

— Deixe disso — interrompeu Jack. — Eu realmente não dou a mínima para como você *obteve* a peça em questão. Se você ou sua esposa, ou um dos seus muitos colegas *heróis*, pegou a estátua de brincadeira, ou para vender, ou...

Tommy fez um movimento tão rápido e com tanta força que Jack só entendeu o que estava acontecendo ao ser imprensado na parede, com o antebraço de Tommy pressionando seu queixo. Não conseguia falar. Estava difícil respirar.

— Eu não roubei isso, seu filho da puta — disse Tommy, chegando tão perto que Jack viu, no alto das maçãs do seu rosto, o punhadinho de pelos que ele deixara escapar ao se barbear de

manhã. Tommy continuou falando e cuspiendo um pouco no rosto de Jack a cada palavra. — Foi um presente da minha mulher.

Jack se surpreendeu ao reencontrar, espreitando num canto da memória, o truque que os manifestantes aprendiam em sua época no ACT UP, quando eram constantemente atormentados e detidos pela polícia. Apenas relaxar, não lutar. Sustentou o olhar de Tommy, mantendo uma expressão neutra. O semblante do outro murchou, assim como seu corpo todo e ele se afastou de Jack.

— Puta merda! — exclamou Tommy, e as palavras mal saíram da sua boca. Tornou a se sentar e olhou para as próprias mãos como se não fossem suas. — O que tem de errado comigo? — perguntou, e se virou para Jack. — Foi um presente — repetiu, pondo as mãos na cabeça e desatando a chorar. — Foi um presente da minha esposa.

* * *

JACK SE VIU na situação peculiar de preparar um chá para Tommy. Remexeu nos armários, uma triste coleção de produtos que imaginou terem sido comprados pelo dono da casa (cereais Cap'n Crunch, macarrão instantâneo, macarrão semipronto de caixinha) e coisas claramente trazidas por outra pessoa (molho chili orgânico enlatado, pacotes de quinoa, chá de camomila), e o fez se sentar à mesa da cozinha. Tommy contou a história toda sem precisar de muita pressão, e Jack percebeu que sentia uma estranha simpatia. Coitado daquele infeliz. Teria de agir com delicadeza.

Fez sua proposta, serviu mais chá, abriu um pacote de biscoitos *wafer* de baunilha já amolecidos e aguardou a resposta de Tommy.

— Não sei — disse ele. Olhava fixo para a porta fechada do armário atrás da qual ficava a estátua. — Não sei.

— Pode confiar em mim — afirmou Jack. — Não vou fazer nada até você me dizer que está pronto. Você sabe que, se alguém descobrir...

— Eu sei. Pode acreditar, tenho pesadelos em que eu caio morto e minhas filhas têm de lidar com isso.

— Se você quiser ficar com ela, eu entendo.

E Jack entendia mesmo. Compreendia a necessidade de talismãs dos mortos. Ele e Walker haviam perdido dezenas de amigos, tinham sido chamados à parte inúmeras vezes por uma mãe, uma irmã ou uma prima de luto, que ofereciam uma lembrança do morto a ser levada para casa, como um brinde de festa. “Por favor”, pedira a meia-irmã de um amigo, certa vez, “meus pais vão doar tudo para caridade; por favor, levem alguma coisa que faça com que vocês se lembrem dele”. E eles levavam. Diversas coisas. O lenço verde-limão que Michael usava no bolsinho do paletó, os óculos de aviator de Andrew, as cadeirinhas de bistrô em miniatura que David fazia com a armação metálica de rolhas de champanhe, inúmeras fotos emolduradas, relógios com defeito e uma ou outra gravata ou cinto. Jack guardava tudo bem-arrumado e disposto numa prateleira de uma estante do quarto. “O Museu da Morte”, brincava Walker em tom sinistro, mas ele também valorizava os objetos. Tantas lembranças! Não havia nada de valor na prateleira, mas tudo era valioso. Era o passado que os dois haviam suportado e do qual tinham escapado. Era desespero e esperança. Era vida e morte.

— Entendo se você quiser ficar com ela — disse Jack. — Mas também vou compreender — e, nesse ponto, chegou a cadeira um pouco mais perto e pôs a mão na de Tommy, com um interesse que não foi fingido —, também vou compreender se você precisar se livrar dela. E posso ajudar nisso.



CAPÍTULO 27

Leo nunca fora de levantar cedo, mas, desde que tinha ido morar na casa de Stephanie, as primeiras horas da manhã haviam voltado a fazer parte do seu dia — as horas que antes ele passava lutando com sua consciência, não querendo sentir o calor estorricante que irradiava da fúria de Victoria, do outro lado da cama, não se sentindo pronto para o trajeto grogue e autorrecriminatório até o banheiro, em busca de água para acalmar a boca ressecada e com mau hálito, ou pronto para o barulho inglório do Advil caindo na palma da mão trêmula. Naquela época, não havia uma só manhã em que ele não acordasse jurando que o dia que começava seria diferente. E não havia um só dia em que não quebrasse a promessa feita a si próprio, em geral no meio da tarde, depois de ela ser desgastada pouco a pouco por horas de tédio e pelo espectro da noite na companhia de sua mulher amarga e hostil.

Mas, ultimamente, acordava quando a luz da manhã ia aos poucos fazendo o céu passar do preto para o azul-aguado do inverno. Saía da cama na ponta dos pés e ia até o banheiro, tentando manter os passos leves ao andar pelas tábuas empenadas do assoalho e descer os degraus que rangiam à mais ínfima pressão. Pegava o *New York Times* na escadinha da entrada e ia para a cozinha ferver água para o café. Stephanie tinha a mesma cafeteira francesa de pistão da época em que eles tinham se conhecido, quando todo mundo ainda achava que o café vinha pronto da delicatessen local ou de um vendedor de rua. Depois de derramar a água fervente sobre o pó, Leo se sentava à mesa da cozinha e folheava devagar o jornal, esperando até ouvir uma

vibração do encanamento: a água quente subindo do subsolo, sinal de que Stephanie havia levantado e aberto o chuveiro. Mais ou menos quando terminava de ler as notícias mundiais e nacionais, ele ouvia a torneira do chuveiro se fechar com um guincho saudável. Mergulhava o filtro central na cafeteira e servia uma xícara de café.

E, no dia seguinte ao encontro com Nathan, foi nesse mesmo horário, sentado na cozinha de Stephanie, refletindo sobre o dia que tinha pela frente enquanto observava um largo raio de sol se insinuar pelo mármore da bancada e ampliar cada ponto desbotado e cada imperfeição, que Leo começou a sentir a escuridão conhecida se acumular dentro do peito, com um lampejo de medo nas bordas. Isso o fez lembrar o livro infantil que Melody adorava quando pequena, aquele que ele lia repetidas vezes para a irmã quando os pais exigiam que ele servisse de babá: a história de uma menina francesa de chapéu de palha e de uma mulher muito alta — Leo nunca havia entendido quem era ela: uma professora, uma freira, uma enfermeira? — que intuía a aproximação de problemas. “Tem alguma coisa errada”, dizia ela, acordando de repente no meio da madrugada. *Não me diga*, pensou Leo.

Ele não havia confiado de fato nesta nova ordem mundial: a casa bonita no Brooklyn, a ruiva atraente circulando pelo andar de cima e o retorno triunfal ao lado de Nathan. Olhara para todo esse panorama com cautela, como se fosse uma concha opalescente encontrada na praia e que podia esconder algo execrável em seu interior: o mau cheiro de algas marinhas, um molusco em putrefação ou, pior, algo ainda vivo, com as pinças agitadas, tateando em busca de um pedaço macio de carne.

Era preciso tomar decisões. Havia prazos se aproximando. Leo estava tentando se lembrar de outras pessoas para quem poderia enviar sua proposta; sabia que tinha algum valor. Se quisesse ficar,

teria de descobrir o que fazer a respeito da grana que devia ao Pé-de-Meia. Se quisesse ficar.

Em vários dias, havia pensado em pagar aos irmãos, porque isso seria agradável — o gesto grandioso, o herói salvador. Mas voltava sempre ao mesmo ponto: e se um dia precisasse daquele dinheiro? E se precisasse de uma saída de emergência? Sempre tivera uma. Pensar em não tê-la o deixava quase tonto. Ele ia testando as decisões como quem experimenta paletós: *ficar, ir embora, pagar a todo mundo*. No passado, sempre conseguira se sair bem nessa posição, na doce e conhecida fuga, mantendo um milhão de pratos girando no ar, até todos irem caindo pouco a pouco e ele passar rapidamente para algo mais interessante. Mas aquela situação era diferente.

Stephanie. Ouviu-a descendo a escada naquele momento, pronta para o trabalho, as botas batendo forte e depressa nos degraus, depressa demais; Leo sempre ficava um pouco nervoso, esperando ouvi-la escorregar, cair e rolar aos trambolhões, mas nunca acontecia. Ele tinha minimizado o encontro com Nathan, dito que os dois haviam passado “muito tempo pondo o papo em dia” e que se encontrariam de novo. Leo apresentaria uma versão atenuada do ocorrido quando tivesse outra pessoa interessada.

— Devagar — disse, quando Stephanie fez a curva e entrou na cozinha. — Você vai se matar nessa escada.

Ela sorriu e pegou uma banana de uma tigela na bancada.

— Já estou indo rápido demais para você, Leo?

Descascou a banana e pôs leite em seu café.

Ele também sorriu, mas o que pensou, refletindo, foi: *Lá vamos nós*.

— Ei, você não devia ler alguma coisa para Bea? — perguntou Stephanie. — Ela me ligou ontem.

Droga. Bea. As páginas dela.

— Droga — disse Leo. — Esqueci. Vou dar uma olhada.

— Se a experiência recente serve de exemplo, não vai ser uma leitura demorada. Ligue para mim no escritório se o material for decente.

— Então acho que a gente se fala à noite — disse Leo, em tom animado.

— Engraçadinho.

Stephanie se inclinou e lhe deu um beijo. Estava com gosto de banana e café, e ele a puxou para perto. Enfiou as mãos embaixo do casaco e a apertou com força, tentando consertar o que pudesse estar errado dentro dele. Alisou o cabelo dela para trás e a beijou intensamente, abrindo-se para ela, e a escuridão que o perpassava se atenuou. Stephanie parecia distraída, rígida, então Leo deslizou a mão sobre a blusa de seda até sentir o mamilo dela endurecer, em seguida mexeu a língua do jeito que ela gostava, primeiro de leve sobre o lábio, depois com mais força, mais penetrante, até senti-la relaxar contra seu corpo.

— Não vale — disse ela, baixinho, afastando-se. — Tenho que ir para o trabalho. — Sabia que tinha de parar de procrastinar e contar a Leo o que estava acontecendo. *Essa noite*, pensou, *essa noite seria tão boa quanto qualquer outra*. — Talvez eu saia mais cedo hoje.

— Parece boa ideia — comentou ele.

Stephanie deu-lhe um beijo rápido no rosto.

— A Bea — disse, pegando a bolsa. — Não esqueça.

* * *

DEPOIS QUE STEPHANIE saiu, Leo preparou outro bule de café. Pela primeira vez em semanas, não sentiu nenhuma vontade de abrir o computador. De ir para seu “escritório”. De trabalhar. A ideia de ficar sentado e olhar pela janelinha dos fundos para a monótona colcha de retalhos dos quintais marrons da vizinhança era deprimente. Seu telefone vibrou sobre a bancada. Ele o pegou para ver quem era. Pronto, de novo. Matilda Rodriguez. Tinha uma vaga lembrança de haver insistido em pegar o número dela na noite do acidente e de lhe haver mandado várias mensagens quando ela ainda estava na cozinha, apanhando suas coisas, antes de os dois irem para o carro. Não era para a moça telefonar. Leo teria de falar com George. E não era apenas Matilda que ele andava evitando; Jack vinha mandando e-mails diários sobre um jantar de aniversário para Melody, que por sua vez tinha deixado um monte de mensagens pedindo para marcar um almoço. “Só nós dois. É urgente.”

Tem alguma coisa errada.

Ele subiu e achou a pasta de couro de Bea na estante de livros em que a havia deixado, quando acreditava ter coisas mais importantes em jogo. Talvez a história fosse boa. Talvez ele tivesse algo útil a dizer sobre o material. Tentou aquietar seu cérebro conturbado e se concentrar nos primeiros parágrafos. Era sobre um sujeito chamado Marcus (Leo ficou surpreso ao sentir um toque de decepção por não se tratar de uma história do Archie). Um cara chamado Marcus. Uma festa de casamento. Uma moça de um serviço de bufê. Um carro. O coração de Leo começou a acelerar. Ele folheou o texto mais depressa, à medida que as palavras iam saltando das páginas: *faróis, pé machucado, pronto-socorro, sutura*. “Tómelo, mami”, leu. “Tire.” Cacete. Voltou para a primeira página. Era a história do seu acidente. A história era sobre ele.



CAPÍTULO 28

Na noite em que planejava contar a Leo que estava grávida — mas não contou —, Stephanie chegou em casa e o encontrou com a mesma roupa da manhã, inclusive a camiseta com que tinha dormido. Estava apoplético com o conto de Bea. Devia ter começado a lê-lo assim que Stephanie saiu e passado o resto do dia espumando, até chegar ao estado de agitação em que se encontrava. Ela levou uns bons cinco minutos para acalmá-lo o suficiente para entender o que estava acontecendo, para compreender que a história dizia respeito ao acidente dele e a alguém que se ferira de um modo que Leo não estava calmo (nem disposto) o bastante para explicar.

— Você matou alguém? — perguntou Stephanie, por fim.

Nos segundos antes de ouvir a resposta, ela teve certeza de que sim, certeza de que o pavor desvairado que vira nos olhos de Leo era por ele ter de lhe contar que havia dirigido bêbado e drogado e cometido um homicídio culposo, mas que, de alguma forma, tinha se livrado da enrascada. Só que não era isso. Uma lesão *grave*, foi tudo o que ele se dispôs a dizer. Algo ruim, mas que também fora resolvido, e, se Bea publicasse aquela história, insistiu, a verdade viria à tona e todos os que queriam prejudicá-lo não hesitariam. Tudo isso jorrou num mesmo fluxo injurioso e evasivo. Era coisa demais para Stephanie processar.

Leo parou diante dela, sacudindo as folhas.

— Isto é sacanagem! É um conto do Archie!

— É? — Stephanie ficou surpresa. Um conto do Archie. Interessante. — E é bom?

— Você está de brincadeira? A questão não é essa! — Jogou as folhas na mesa, e duas voaram lentamente para o chão. Leo pisou numa delas, rasgando o papel sob a sola do sapato. — Ela está fingindo que não é uma história do Archie, deu um nome diferente para o personagem, mas é. É sobre o verão passado, e de jeito nenhum ela vai publicar a porra desse texto.

— Você falou com ela?

— Não, ainda não. Não sei direito se algum dia vou querer falar com Bea de novo.

— Vamos respirar fundo e ir mais devagar — propôs Stephanie. Puxou uma cadeira e fez sinal para ele. Leo se sentou, esfregou furiosamente a cabeça com as mãos e soltou um gemido agudo. Seu cabelo não lavado estava espetado em ângulos estranhos, a barba por fazer sombreava a metade inferior do rosto e os olhos pareciam injetados e meio enlouquecidos. — Talvez ela só precise saber quanto isso perturba você. Talvez tenha um jeito de consertar a história. Ela escreve ficção, pelo amor de Deus! É uma *história*...

— Nem está terminada.

— Tudo bem, então, é só um rascunho. Melhor ainda. Vamos lidar com uma coisa de cada vez.

Conseguiu acalmá-lo um pouco e acabou por convencê-lo a subir, tomar um banho e trocar de roupa enquanto ela pedia comida por telefone. Garantiu-lhe que, quando ele tornasse a descer, os dois pensariam em um jeito de conversar com Bea, que podia ser muitas coisas, mas não era cruel nem mesquinha.

Stephanie se lembrou de sua conversa telefônica anterior com Bea e desejou ter sabido naquele momento o que descobrira só depois. Poderia ter preparado o terreno para dissuadi-la, avisado a ela que Leo não estava satisfeito. Merda. Seu anúncio teria de esperar por outra ocasião. Aquela não era a noite para conversar

sobre paternidade com Leo, não quando ele já estava se sentindo paranoico e encurralado, pego de surpresa.

Ela começou a folhear os cardápios de *delivery*, aborrecida. Essa era a parte que detestava, a parte dos relacionamentos que sempre a induzia a pular fora, a parte em que o sofrimento, as expectativas ou as carências do outro se infiltravam no seu mundo cuidadosamente ordenado. A vida dos outros era um fardo enorme. Stephanie *realmente* amava Leo. Já o amara de mil maneiras diferentes, em diversos momentos da vida dos dois, e *queria* que o que havia entre eles naquele instante continuasse. Provavelmente. Mas sempre recaía na mesma questão: tinha muito mais talento para ficar sozinha; estar só era algo que lhe parecia mais natural. Stephanie levava uma vida solitária deliberada e, quando um sentimento ocasional de solidão se intrometia, ela sabia sair desse aperto. Ou, o que era ainda melhor, sabia mergulhar nele e absorver seus confortos específicos.

Por um lado, ela sabia que Leo nunca mudaria de verdade. Por outro, sabia que ele havia estragado alguma coisa para ela. Não ia cair no tipo de ignorância voluntária que a vida com Leo talvez exigisse, mas não se conformaria com menos do que a vibração, a excitação que sentia quando ele estava por perto. Stephanie era receptiva ao amor, mas seu maior talento era administrar sua própria felicidade; era a felicidade dos outros que a afundava.

Ela percebia (de modo abstrato, sabia) que a maternidade significava ser responsável o tempo todo pela felicidade de outra pessoa, dia após dia, provavelmente pelo resto da vida, mas devia ser algo um pouco diferente. Não podia ser igual a se sentir responsável por outro adulto que chegasse à festa cheio de esperanças, condutas e intenções já existentes. Ela e seus amores sempre haviam conseguido destruir o que construíam juntos.

Stephanie nunca descobrira como alimentar a afeição para fazê-la crescer; o sentimento sempre acabava diminuído. Ela sabia que pais e filhos podiam se magoar, mas isso devia ser mais difícil de acontecer, certo?

Curvou-se para pegar uma folha rasgada no chão e a pôs na mesa com as demais, que estavam desarrumadas. Juntou-as e as colocou em ordem. Sentou-se e começou a ler do início.

* * *

LEO SE SENTIA melhor depois do banho. Tinha regulado a água tão quente quanto era capaz de suportar e, parado no banheiro de Stephanie, tirando o vapor do espelho, viu como sua pele estava rosada e saudável. Ele havia emagrecido na reabilitação, e todas as corridas que fizera já mostravam resultado. Leo não estava largado, isso era um fato. Enquanto se enxugava, deu-se conta de que Stephanie devia estar lendo lá embaixo. Ótimo. Isso era mais fácil do que lhe explicar, com as próprias palavras, os detalhes do acidente e do que viera depois. Stephanie saberia lidar com aquilo; era perita em dizer às pessoas que o trabalho delas precisava de eutanásia — dava esse tipo de notícia o tempo todo — e teria de ajudá-lo a sepultar o texto de Bea.

Sem nem ao menos se esforçar, Leo era capaz de fazer uma lista de pessoas, a começar por Nathan Chowdhury, que ficariam mais do que encantadas escrevendo um relato cáustico sobre seu acidente, a punheta e a pobre mocinha do Bronx que trabalhava em um bufê e passara a saltitar num pé só (eles ignorariam ou minimizariam de algum modo conveniente o fato de ele a haver tornado milionária). Leo podia até ver as imagens que acompanhariam o texto, a velha caricatura que o mostrava como o

Rei das Baratas. Nossa. Ele não havia chegado até aquele momento, suportado a reabilitação, permanecido de cara limpa, porra, protegido e camuflado cuidadosamente suas economias só para atrair o tipo errado de pressão. Ou para acabar como objeto de escárnio em Nova York, ver gente apontando e cochichando toda vez que entrasse num ambiente, ser o artigo com mais e-mails de comentários dentre os publicados na *Gawker*. Leo não podia ficar com essa espada sobre a cabeça enquanto tentava marcar reuniões. Stephanie precisaria ajudá-lo a enterrar depressa toda aquela história.

Quando entrou na cozinha, ela folheava as páginas devagar, voltando repetidas vezes a uma que ficava mais ou menos no meio (Leo sabia qual era). Estava pálida. Levantou o rosto para ele e, ah, sim, Leo se lembrava daquele olhar. Conteve sua fúria.

— Você entende o que eu quero dizer. É uma história do Archie — disse. Stephanie permaneceu imóvel. Leo a observou, nervoso. — O simples fato de ela não chamar o cara de Archie...

— Isso tudo aconteceu? — perguntou Stephanie, enquanto Leo ia até a pia e pegava um copo d'água. — Ela perdeu o pé?

— Sim.

— Onde ela está agora? — acrescentou Stephanie, ainda sem olhar para Leo, e sim para as folhas espalhadas na mesa à sua frente.

— Não sei.

— Você não teve notícias dela?

— Não. Bem, mais ou menos.

— Mais ou menos?

— Ela telefonou algumas vezes, mas não atendi. George está cuidando disso. Fizemos um acordo, um acordo bem generoso,

aliás, e parte dele era que não haveria nenhum contato depois da assinatura dos papéis.

— Entendi — disse Stephanie. — Acho melhor você pôr George em contato com a amputada agora mesmo.

— Eu não estava inteirado dos termos do acordo, Stephanie. Estava na reabilitação. Mas tenho que seguir as regras, e ela também. É do interesse de todos, inclusive dela. Se ela for pega violando os termos...

— Vocês vão tirar o outro pé da menina?

Stephanie empilhou os papéis com cuidado no centro da mesa, alisando uma folha que estava amassada. Leo achou que a mão dela tremia um pouco. Sentou-se a seu lado.

— Desculpe — disse. — Eu queria contar. Queria mesmo. Mas tenho dificuldade até de pensar nisso.

— Você não se sente nem um pouquinho curioso?

— Curioso?

— De ver como a moça está. Por que ela anda telefonando? Caramba, Leo, ela perdeu *um pé*.

— Eu sei que estão cuidando dela. Sei que recebeu o melhor atendimento possível. Não tenho permissão para ficar curioso e entrar em contato com ela.

Uma das mãos de Stephanie estava apoiada no abdômen, como se ela tivesse acabado de levar um soco no estômago.

— Mas você não ligaria para ela mesmo que tivesse permissão, não é? Longe dos olhos, longe do coração? Assinar um cheque e seguir em frente?

— Não sei bem como isso ajudaria. E, sim, quero muito seguir em frente. É o que estou tentando fazer aqui!

— E o dinheiro? É por isso que...

— É. Francie financiou o acordo com a grana do fundo. Não sobrou muita coisa, não tanto quanto todo mundo esperava receber, e é por isso que eles andam circulando por aqui feito as merdas de uns abutres. Eles querem que eu faça uma mágica e apareça com o que eles pensam que eu devo. Você pode notar a minha aflição.

— A *sua* aflição?

— Como é que eu vou fazer tanto dinheiro surgir do nada? Aqueles três não estão raciocinando direito.

— Mas você está raciocinando direito?

— Em comparação com eles? Com certeza.

— Sei.

Stephanie se levantou, pegou uma taça de vinho no armário, tirou a rolha de uma garrafa que estava na bancada e encheu uma taça enorme. Pensou no aplicativo sobre gravidez no celular. No primeiro dia em que o abriu, havia dado uma olhada nas páginas de todos os nove meses e se divertira ao ver a décima sexta semana, a que dizia: “Esta semana o seu bebê é uma ameixa!” Uma ameixa, *plum*, em inglês, ou um Plumb? Um Plumb. Stephanie jogou o vinho fora, derramando-o na pia.

— Qual é o nome dela? — perguntou.

— Que diferença isso faz? — Leo pareceu irritado.

— Você pelo menos *sabe* o nome dela, Leo?

Stephanie o observou com atenção. As bochechas estavam rosadas do banho, o cabelo penteado para trás, sedoso. O olhar estava reservado, duro, feio naquele rosto encantador.

— Matilda. — Leo refreou a palavra com força, como se houvesse algo ilegal em se demorar demais em cada sílaba. Sua má vontade de reter o nome da moça na boca deixou Stephanie com raiva.

— Como é? — questionou.

Leo se empertigou e falou com mais clareza:

— O nome dela é Matilda Rodriguez.

— E ela tinha dezenove anos? Era uma adolescente?

— É, bem... — Leo visualizou os dedos de Matilda e se lembrou de como ela havia lambido nervosamente a palma da mão antes de segurá-lo. Balançou a cabeça, tentando bloquear essa imagem, que já havia causado um endurecimento lamentável em sua calça. — Ela já era bem crescida. — Essa era a fala que ele gostaria de voltar atrás, as palavras que provocaram um estremecimento leve, mas perceptível, em Stephanie. Ela se aproximou da mesa e pegou o texto de Bea. — O que você vai fazer com isso? — indagou Leo.

— O que você vai fazer com isso? — retrucou Stephanie, com as folhas nas mãos.

— Você sabe por que isso não pode ser publicado. Não é por mim — disse Leo, alarmado com o calor que irradiava de Stephanie. — E se Matilda ler?

— Matilda é uma grande leitora de ficção literária? Você conseguiu descobrir isso durante a vultinha de carro?

— Está bem, esqueça Matilda. Estou tentando recomeçar a vida. Reconstruir uma empresa. Bea publicar uma nova história do Archie? Ora, fala sério. Isso é notícia. Se ela publicar essa história, é uma notícia ainda maior, aí todo mundo descobre o que aconteceu e pronto. Estou fodido. Quem vai trabalhar comigo? — Stephanie se sentiu zozza e enjoada. Precisava comer. Fico com medo de vomitar. — Você sabe que eu tenho razão — disse Leo, andando de um lado para outro na cozinha. — Você sabe que, se essa história for publicada, as pessoas vão saber que, na verdade, é a minha história. Ela pode chamar o cara de Archie ou de Marcus ou de Barack Obama, o conto é sobre MIM.

— Mesmo que seja sobre você, Leo — retrucou Stephanie, enfiando um biscoito na boca e tentando estabilizar a cozinha, acalmar o esôfago, conter a raiva e ignorar o medo. — Mesmo que seja sobre você, e mesmo se Bea conseguir publicar isso, e caso alguém leia e relacione a história a você... — Stephanie bebeu um grande gole de água. Exalou. — Mesmo que tudo isso aconteça, quem vai se importar?

Era essa última frase que ela retiraria, se pudesse. Foi nela que viu a mudança, o ligeiro estreitamento dos olhos de Leo, o momento em que, sem querer e discretamente, mas de forma clara na visão e no pensamento dele, Stephanie se posicionou do lado errado de uma linha divisória.

Era isso que ela gostaria de desdizer.



CAPÍTULO 29

Orla do Brooklyn, bem cedo. O número de pessoas na rua, naquela manhã de fevereiro de sol brilhante, mas de frio cortante, surpreendeu Leo. A friagem do banco de madeira sob suas pernas se infiltrava pela calça de lã e pelo casaco grosso. O céu azul parecia um arauto da primavera, mas a água ainda era de um tenebroso cinza hibernal. A pasta de couro com o conto de Bea estava em seu colo. Fazia apenas alguns dias que ele o lera, mas pareciam semanas. Leo fechou os olhos e tentou esvaziar a cabeça, livrar-se da ansiedade crescente. Em vez disso, visualizou o pé direito de Matilda naqueles que viriam a ser seus últimos minutos no mundo. Antes de Leo e a moça entrarem no carro, no momento em que ela calçava sua sandália prateada, ele havia reparado no esmalte cor-de-rosa vivo das unhas de seus pés, em como o rosa brilhava em contraste com a pele dourada, em como o contorno elegante do pé se apoiava na sandália e em como, ao se empertigar, olhar para Leo e ajeitar a blusa, Matilda se firmara perfeitamente sobre os dois pés intactos. Para ele, era bem possível que o pior no novo texto de Bea fosse isto: como ele arrancava Matilda e tudo o que dizia respeito a ela, do lugar em que Leo a havia enterrado, numa caixinha bem no fundo de um canto remoto do cérebro.

Leo tirou do bolso do casaco o maço de American Spirits que havia comprado por impulso, mas que ainda não tinha aberto, não querendo irritar Stephanie ainda mais por cheirar a cigarro. Abriu o maço, tirou um cigarro e, deixando a pasta de Bea no banco, foi até a grade à beira da água. Sentia-se acanhado por fumar, o que

também o irritou. Em seguida, irritou-se por se irritar. A irritação era praticamente seu sentimento primordial nos últimos tempos, quando não era a ansiedade.

As coisas não andavam bem na pequena preciosidade de sobrado que era a casa de Stephanie. Da rua, os cômodos atrás das janelas novas, mas historicamente perfeitas, reluziam com um calor banhado em âmbar, convidativos e alegres. Vista de fora, a casa parecia o lugar perfeito para servir de abrigo em qualquer tempestade, mas dentro? Dentro, ele e Stephanie mal vinham mantendo uma cortesia civilizada. A ternura que se enraizara entre eles desde a noite da nevasca, e que aos poucos desabrochava em algo expansivo e, às vezes, até exuberante, havia ruído. E não fora um vazamento lento, mas uma deflação súbita, como um suflê que tivesse murchado.

Tinham recaído no seu antigo estilo, acusatório e evasivo, o que, de um modo perverso, era tranquilizador. Leo compreendia a atração nefasta do lamentavelmente conhecido, sabia como a velha rotina podia ser muito mais satisfatória do que o ameaçador desconhecido. Era por isso que os viciados continuavam viciados. Por isso ele tinha evitado comprar cocaína antes daquele almoço em família no Oyster Bar, mas naquele momento carregava um belo envelopinho no bolso. Por isso apalpava entre os dedos um cigarro não aceso e se perguntava o que fazer com Stephanie, como já acontecera inúmeras vezes.

Era capaz de visualizar seu futuro com ela e não gostava do que via: ele seria um desses sujeitos que começavam a dividir o tempo em “anos desde que fiquei limpo”. Formaria um calo de superioridade em volta de sua abstinência e, por causa do acidente e de suas consequências, passaria a ser um homem de passado bifurcado, no qual todas as realizações que valorizava seriam

relegadas ao “antes”, enquanto sua narrativa se construiria em torno do “depois”: o acidente, a reabilitação, o divórcio, como ele se recuperara e se resolvera, como se reconstruía do zero. Se ficasse, teria que dividir seu dinheiro. Precisaria arrumar um emprego, como faziam todos os outros idiotas. Desde o encontro com Nathan, havia mandado e-mails ou telefonado para inúmeros contatos antigos, mas todas as suas sondagens tinham dado em nada. Algumas recusas polidas, se tanto, outros nem se davam o trabalho de responder. Ele não sabia se Nathan tinha ficado puto o bastante para queimá-lo por toda a cidade, ou se ele apenas cometera um grave erro de cálculo ao avaliar sua importância. Não queria descobrir.

Como quer que o descrevesse, seu futuro em Nova York só poderia ser um reflexo diluído do antes, um tom mais desbotado de palidez. A *regularidade* definia seu presente, o subproduto de mentalidades medíocres e vida segura, pensava ele com frequência. No seu novo *depois*, não haveria altos e baixos, jatinhos particulares, trepadas imprevistas em banheiros minúsculos de bar ou voltas a pé para casa depois de noitadas, sob um céu quase cor-de-rosa. Não era do luxo que ele sentia saudade, mas da surpresa. As coisas que o dinheiro podia comprar não eram a recompensa; a recompensa era se sentir acima de todo mundo, dar uma olhada no outro lado da cerca, onde raras vezes a grama era mais verde, porém era sempre diferente, e o que ele adorava era o contraste... e a escolha. A possibilidade de absorver era o que importava; a possibilidade de escolher.

Ele sempre se inclinara para o desconhecido. Stephanie também. Então, perguntou-se, por que era que, quando se tratava um do outro, eles sempre acabavam seguindo os mesmos velhos trilhos, da mesma exata maneira? Deu as costas largas para o vento que

vinha da água e aproveitou a conhecida sensação de curvar os ombros e pôr a mão em concha em volta do fósforo aceso, até a ponta do cigarro brilhar com um âmbar firme. Deu uma forte tragada e exalou a fumaça com força. Sentiu-se melhor quase no mesmo instante.

Duas mulheres que passavam, com esteiras de ioga enroladas embaixo do braço, fecharam a cara, ambas balançando furiosamente a mão à sua frente, como se o filete de fumaça quase imperceptível de Leo fosse um enxame de vespas enfurecidas. Quando é que Nova York tinha se tornado tão frouxa e patética? A cidade havia perdido sua verve por completo. Leo precisava sair dali, ir para um lugar não domesticado e mais digno dos seus talentos e da sua energia. Virou-se novamente para a água, deu outra tragada gratificante no cigarro e fechou os olhos; tornou a pensar em seu plano recém-bolado, repassou os detalhes, testou a possibilidade de falhas e buscou algum resquício de hesitação ou pesar pela decisão que tomara. Nada. Sentia-se bem. Ficou triste por Stephanie, isso era certo, mas ficar triste por Stephanie era algo tão conhecido que começava a se tornar chato, ou a virar um hábito perigoso, ou as duas coisas. Tinha considerado chamá-la para fugir com ele, nem que fosse por algumas semanas, mas ela nunca o faria. Esse tipo de ousadia não fazia parte da natureza dela.

Ainda estava zangado com Bea. Não com tanta raiva quanto no dia em que lera o texto, mas continuava irritado. (Lá vinha isso de novo; como é que sua vida se reduzira de repente à irritação?) E, embora tentasse não pensar no assunto, sentia-se mal com o comentário descuidado de Stephanie, apesar de saber que talvez ela tivesse razão. Fazia tanto tempo que ele estava longe do foco das atenções populares que talvez já nem constituísse notícia. Ou seria apenas mais um de uma longa fila de milionários da internet

que tinham estado no lugar certo, na hora certa, fazendo o que era novidade, e que haviam ganhado uma quantidade absurda de dinheiro e depois perdido tudo e cometido alguma estupidez quando estavam drogados, ou talvez transado com a pessoa errada e estragado o casamento, e, a essa altura, na verdade, quem é que daria a mínima para eles, porra? Para Leo, em certos aspectos, isto era quase mais difícil de contemplar: a ideia de que talvez as informações sobre sua implosão fossem levadas a público e caíssem como uma lamentação sem nenhum impacto.

E havia ainda a inexplicável insistência de Stephanie em que ele pelo menos falasse com Matilda Rodriguez, descobrisse o que ela queria. Leo sabia o que ela queria e, mesmo que decidisse distribuir parte do seu dinheiro, não seria para a garçonete, que já recebera uma bela quantia. Stephanie não parecia entender que ele estava proibido — legalmente proibido — de falar com Matilda. (Tecnicamente, não tinha certeza absoluta de que isso fosse verdade, mas, em termos práticos, sabia que era a coisa certa a fazer. Era impossível que um contato com ela desse qualquer bom resultado.)

Também havia algo estranho acontecendo com Jack, que andava fazendo uma porção de perguntas, *uma porção mesmo*, sobre tentar armar alguma coisa que parecia lavagem de dinheiro. Ele perguntara o que Leo sabia sobre contas no exterior e, embora não o tivesse formulado exatamente com essas palavras, sobre como esconder lucros de origem ilícita. Leo não conseguia imaginar o irmão fazendo algo que exigisse manobras financeiras tão sofisticadas; Jack não tinha colhões nem cérebro para isso. Leo desconfiava que ele estava tentando enganá-lo, ou pegá-lo numa armadilha.

E havia outra coisa incomodando. Um dia desses, quando ele e Stephanie estavam sentados na bay window, trocando cadernos de jornal num silêncio ressabiado, uma das vizinhas havia passado na rua com um bebê pendurado num daqueles trecos de pano. Leo viu Stephanie observar a mulher com a trouxinha amarrada no peito. Ela ficou olhando para mãe e filho desde que eles entraram em seu campo visual até desaparecerem de vista. Leo tinha suado frio. Sem dúvida Stephanie não haveria de mudar de ideia sobre querer um filho àquela altura da vida — nem devia poder, estava velha demais, certo? Ela havia intuído que Leo a observava e escondera o rosto atrás do cabelo, mas não antes de ele ver algo resoluto em sua expressão, algo pessoal, decidido e profundamente aterrador.

Mas talvez o pior de tudo fosse o jeito de ela o olhar nos últimos tempos, como se Leo fosse um pobre infeliz, como se ela só estivesse esperando que ele caísse fora. Bem, por que esperar?

A homologação do divórcio tinha enfim saído; Leo estava livre. Podia deixar Nova York quando quisesse. Podia ir direto para o aeroporto, sem nada além de uma mochila pequena, e se abastecer mais plenamente ao desembarcar. Não se importava de deixar tudo para trás e começar do zero. Na verdade, assegurou a si mesmo, ansiava por isso. Outra coisa que havia aprendido e que os outros Plumb não aprenderam: a beleza de redescobrir a linha de largada.

Arrumaria algumas coisas e passaria um tempinho no Caribe. Reveria velhos amigos e resolveria certas questões financeiras. Depois talvez rumasse para o oeste, para o extremo Ocidente, para Saigon. Fazia calor no Vietnã naquela época do ano. Ele poderia passar o futuro próximo viajando pelo Sudeste Asiático. Continuar em movimento até os Plumb entenderem. Ele não voltaria por um bom tempo, talvez nunca mais.

— Oi. — Uma jovem que passeava com o cachorro surgiu perto do ombro de Leo. — Você tem um cigarro? — perguntou.

Era alta, a pele muito branca, e tinha um toque de vermelho nas bochechas e no nariz por causa do frio e do esforço da caminhada. O cabelo preto estava preso num rabo de cavalo alto e tinha olhos claros marcantes. A voz era bonita como a de uma locutora de rádio. *Atriz*, pensou Leo. Ela lhe deu um sorriso sem jeito.

— Claro — respondeu, tirando o maço do bolso.

— Deixe eu te reembolsar — disse a moça, enrolando na mão a guia do cachorro de modo a trazê-lo mais para perto. — Quanto está custando o maço? Uns vinte dólares?

— Quase. Fazia anos que eu não comprava. Achei que o sujeito tinha se enganado e estava me cobrando um pacote — respondeu Leo. Tornou a dar as costas para a água e acendeu o cigarro dela na ponta do seu.

— Eu sei. É uma loucura. Mesmo assim, se o meu namorado não desse um chilique toda vez que eu fumo, eu pagaria sem pestanejar. Não me interessa quanto custa. — Pegou o cigarro da mão de Leo e deu uma tragada demorada e forte, gemendo um pouco ao expirar. — Ah, isso é muito bom! Muito bom. É muito ruim falar uma coisa dessas?

— Para mim, não.

— Você se importa se eu ficar aqui e fumar rapidinho com você? — Os dois ficaram perto da grade, observando a água. — Lembra quando todo mundo podia fazer uma pausa para fumar? — perguntou. — De quando a gente podia sair do escritório e parar em frente ao prédio, fumando, fofocando e vendo as pessoas passarem? Nossa, como sinto saudade daquela época!

— Eu ainda me lembro de quando a gente podia fumar *dentro* do prédio — disse Leo.

— Ah! Velhos tempos.

Leo tinha certeza de que a moça estava dando em cima dele. Era difícil dizer o que haveria embaixo da sua jaqueta acolchoada, de um tom verde vivo, mas, se as pernas esguias serviam de prévia, o resto devia ser bom. Estavam de frente um para o outro e Leo notou uma constelação minúscula de sardas na parte inferior da bochecha esquerda dela, que parecia igualzinha às três estrelas do Cinturão de Órion. Essa única imperfeição tornava seu rosto ainda mais perfeito. A pele era lisa e esticada, e Leo não pôde deixar de pensar em Stephanie e como o envelhecimento estava começando a transparecer no rosto dela: rugas mais profundas em volta dos olhos e da boca, um ligeiro encovar das bochechas, uma leve flacidez no queixo. A garota tornou a se virar para a água e deu outra tragada no cigarro. Sustentava o perfil com serenidade, devia estar acostumada a ser admirada por todos os ângulos. Deu uma espiada no relógio.

— Tem algum compromisso? — perguntou Leo.

— Hoje não. E você? Trabalha por aqui?

— Às vezes — disse Leo. — Eu pulo de um projeto para outro. E você?

— Moro aqui perto. Este cachorro é do meu namorado. Ele está viajando por alguns dias e eu virei babá de cão. Não é, Rupert? — disse, dirigindo-se ao animal. — Só você e eu até sábado — acrescentou. Leo entendeu a menção à viagem do namorado e a deixou quieta por um instante, para ir ganhando força em sua mente. — Falando sério — disse ela, mexendo no zíper da jaqueta. — Posso pagar o cigarro?

— De jeito nenhum. É presente — respondeu, calculando se devia convidá-la para um café naquele momento ou apenas pedir seu número de telefone.

— Meu nome é Kristen — apresentou-se ela. Tirou uma luva e estendeu a mão, que Leo apertou. A palma estava morna e seca. A moça sustentou o olhar dele e inclinou de leve a cabeça, hesitando.

— Você é o Leo?

Ele suspirou.

— Acho que isso depende.

Kristen riu.

— A gente já se encontrou algumas vezes. Naquele teatro em Tribeca, sabe? Eu, humm, eu conheço Victoria.

— Ah — disse ele. Não sabia a que noite ela se referia. Victoria vivia arrastando-o para algumas peças horrorosas naquele teatrinho.

— Eu participei de uma peça. Você não deve lembrar, era meio idiota, mas eu fazia a namorada do irmão mais novo.

— Lembro, sim! — mentiu Leo. — Você estava ótima.

— Ah, obrigada, mas não precisa dizer isso.

Leo observou seu rosto e teve um pequeno lampejo de lembrança. Aquela garota de pé no palco, com um suéter rasgado, soluçando e falando, falando, falando sem parar. Também julgou se lembrar dela num jantar demorado e regado a álcool depois da peça. Será que houvera algum flerte?

— Você fazia o monólogo do final, não é? Usava um suéter marrom.

— Uau! — Kristen estava radiante. — Você lembra mesmo.

— Eu me lembro de você. Esqueci a peça, mas o seu desempenho eu gravei.

— Puxa! — Uma linha fina apareceu na sua testa, tão isolada e tênue que só podia ser uma falha do botox. — É bom ouvir isso. Eu me esforcei naquele monólogo. Passei semanas enlouquecendo todo mundo de tanto que ensaiava.

— O esforço deu resultado — disse Leo. Sustentou o olhar da moça. Era exatamente disso que precisava naquele dia. — Depois a gente conversou, não foi? Naquele lugar francês?

— É — respondeu ela, parecendo achar graça. — Conversou, sim.

E então ele lembrou. Havia imprensado Kristen num corredorzinho que levava a um banheiro. Não acontecera nada de fato, só um pequeno contato corporal, porque ela também tinha ido ao restaurante acompanhada.

— Então... — Ela parou de falar, deu um risinho, olhou para o cachorro e depois para Leo, sorrindo.

— Pois é — comentou Leo.

— Não sou amiga da Victoria nem nada.

— Nem eu. A gente se divorciou.

— Sinto muito — disse Kristen, não parecendo lamentar minimamente.

— Não sinta.

Ela tornou a olhar para a água e Leo esperou.

— Você está indo para o trabalho agora? — perguntou.

— Não — respondeu ele. — Hoje não tem nada no trabalho que precise da minha atenção.

— Quer tomar um café? Café da manhã? Tem um lugar legal aqui perto. Só tenho que deixar o cachorro em casa.

— Eu topo — disse Leo.

— Ótimo. — Kristen sorriu e olhou para o cachorro. — Vamos, Rupert. Vamos mostrar ao nosso amigo onde você mora. — Quando os dois se viraram para sair dali, ela parou e apontou para a pasta de couro de Bea no banco. — Aquilo é seu? — indagou.

Leo olhou para a pasta de couro marrom. Lembrou-se de quando a comprara, do orgulho que tinha sentido ao barganhar com o

vendedor em Londres até baixar o preço para menos da metade. Ao chegar em casa com a pasta, tinha concluído que era meio afetada, meio chique demais, e por isso a dera a Bea.

— Com certeza não é meu — respondeu, aliviado ao notar sua ansiedade diminuindo, seu humor melhorando.

Era provável que não devesse largar a pasta ali. Mas então viu Paul Underwood se aproximar, a menos de um quarteirão de distância, bem no horário previsto, pronto para chegar ao banco da orla exatamente às 8h55, como fazia todos os dias úteis. Leo largou o cigarro e o amassou sob a sola dos pés. Achou que faria um favor a todo mundo ao sair da cidade. As pessoas viviam abandonando umas às outras sem nem ao menos terem a cortesia de desaparecer de verdade. Iam embora mas não partiam, ficavam espreitando por perto, num lembrete constante do que poderia ou deveria ter sido. Ele não.

— Você acha que não tem problema deixar isso ali? — perguntou Kristen.

Leo tornou a olhar para a pasta, depois para Paul, que já o vira e levantara uma das mãos, em sinal de reconhecimento.

— Acho que não. Se for importante, quem deixou aí vai voltar. Muito bem, Rupert — dirigiu-se ao cachorro, batendo palmas. — Mostre o caminho.



CAPÍTULO 30

— Deixe que eu falo — disse Vinnie, sentado à mesa da cozinha de Matilda, examinando os contatos no telefone dela e procurando o nome de Leo.

— Vá direto para a caixa postal — disse ela. — Estou te falando.

Se é que isso era possível, Vinnie ficou com ainda mais raiva ao saber que Matilda havia telefonado para Leo Plumb depois da noite em que ele lhe levara o espelho, depois de os dois terem discutido. “Pensei no que você falou”, dissera ela. “Concluí que talvez você tivesse razão.” Matilda havia ligado para o número de Leo algumas vezes, como acabou confessando a Vinnie, mas caía sempre direto na caixa postal, e ela não queria deixar recado.

— Se precisar, vamos ligar a noite inteira. — Vinnie deu um toque na tela e pôs o celular no viva voz. Como Matilda previra, entrou a gravação computadorizada da caixa postal. Vinnie desligou e tocou no controle de rediscagem. Dessa vez, depois de apenas dois toques, alguém atendeu. Uma mulher. Vinnie e Matilda ficaram atônitos por um momento.

— Alô — disseram os dois, ao mesmo tempo.

— Alô — disse a mulher.

Vinnie ergueu uma das mãos, fazendo sinal para Matilda ficar calada. Ela balançou a cabeça e apontou para si mesma. Podia cuidar daquilo. Vinnie assentiu. Vá, sinalizou, apenas movendo os lábios.

— Meu nome é Matilda Rodriguez. — Silêncio. Ela pigarreou e se inclinou mais sobre o telefone na mesa, para ter certeza de que sua voz fosse ouvida. — E eu gostaria de falar com Leo Plumb.

— Então somos duas — disse Stephanie.



CAPÍTULO 31

No aniversário de Melody o tempo costumava estar horroroso, por ser no final de fevereiro. Nova York em fevereiro ainda estava a semanas de distância de um sol firme, ou de pássaros cantando de manhã, ou de tenros brotos de plantas rompendo o solo ainda acinzentado. As comemorações de Natal e Ano-Novo já eram uma lembrança longínqua, tão reduzida quanto os montes de neve cobertos de fuligem junto ao meio-fio, que acabariam por derreter sob as chuvas sombrias de março, somente para exhibir montinhos de cocô de cachorro ressecado.

Veza por outra, no entanto, como no dia do seu quadragésimo aniversário, os deuses da meteorologia sorriam para Melody e levantavam a baina das correntes de ar frio ao norte, apenas o bastante para criar um luminoso prenúncio da primavera, embrionariamente cálido e convidativo. Era o tipo de dia capaz de enganar o açafreão, fazendo-o desabrochar antes da hora, e de levar as moradoras de vinte e poucos anos de Nova York a exhibir suas pernas empalidecidas pelo longo inverno e a andar pelas calçadas recém-cobertas de sal com chinelos, desses que destroem o peito dos pés, sujando a pele ainda sensível e rosada pelos meses de paparicação dentro de meias, botas e pantufas de pele de carneiro.

A caminho da zona sul pela autoestrada Taconic, um Walt furioso ia dirigindo o carro, exatos seis quilômetros e meio acima do limite de velocidade; o clima era tenso. Depois da contraproposta absurda de Melody e de sua recusa subsequente a ceder, os dois compradores potenciais da casa haviam perdido a paciência e partido para outra. Quando Walter descobriu a manobra enganosa

da mulher, ficou mais perplexo do que enfurecido. Estava prestes a telefonar para Vivienne Rubin e reabrir as negociações quando chegou o e-mail promissor de Leo. Melody conseguiu convencê-lo a esperar até depois do jantar de aniversário.

Sabia que o marido também estava aborrecido pelo tanto que ela vinha se mostrando embevecida com a comemoração do aniversário. Para ele, era fácil falar: Walt tinha em seu histórico quarenta e cinco anos de aniversários maravilhosos. Era fácil ele se mostrar todo blasé e entediado, mas Melody estava completando quarenta anos e era a primeira comemoração de aniversário de verdade que já tivera praticamente desde sempre.

Sua primeira e última festa tinha acontecido quando ela completara doze anos, numa rara capitulação por parte de Francie. Voltando da escola para casa com as três amigas mais íntimas, ela mal conseguia conter a empolgação, ao mesmo tempo que reprimia o distante rufar dos tambores da apreensão. Havia pedido à mãe para comprar várias coisas de comer, pôr a mesa e organizar brincadeiras. Francie descartara suas instruções com um aceno de mão, dizendo: “Acho que sei como entreter as pessoas.”

Mas a única festa que Melody se lembrava de ter ocorrido na casa dos Plumb tinha sido um aniversário da própria Francie, no verão anterior, que fora tão barulhento e se prolongara até tão tarde que os vizinhos haviam chamado a polícia. Os guardas, todos amigos de Leonard e Francie, tinham se juntado à comemoração e se sentado nos fundos, tomando cerveja. Da janela do banheiro de cima, Melody vira a mãe balançar suavemente no colo do policial que aparecia na escola todo ano para falar com os alunos sobre o perigo de conversar com estranhos; ele se autointitulava “Policial Amigo”. As mãos do Policial Amigo descansavam, descontraídas, nos dois lados da cintura de Francie, logo acima da curva dos

quadris. “Mãos ao alto!”, repetia ele, e Francie levantava os braços bem alto e ria, enquanto as palmas das mãos dele subiam por seu tronco, parando quando os dedos roçavam a parte inferior dos seios. Melody tinha certeza de que não houvera nenhuma brincadeira naquela festa. Nem lembrancinhas. Só um bolo, música, muitos cigarros e bebida.

Francie recebeu a filha e suas amigas da escola à porta, de quimono de seda e segurando uma taça de martíni. Melody ficou desolada. O robe àquela hora do dia, tão cedo, era um péssimo sinal. Assim como o drinque.

— Bem-vindas, senhoritas, sejam bem-vindas!

Francie introduziu o grupo pela porta da frente. Melody viu as meninas observarem a casa dos Plumb e se entreolharem, cautelosas, mas interessadas. Vista de fora, a casa no estilo Tudor era imponente, mas o interior era surrado, descuidado e caótico. O vestíbulo em que as garotas pararam, ainda com os casacos de inverno, era uma confusão de peças de roupa para usar em todas as estações do ano. Havia agasalhos empilhados num banco, chapéus e luvas transbordando de cestas no chão, sapatos por toda parte: chinelos arrebitados, sandálias de salto para noite, galochas, botas para neve.

— Vocês chegaram bem na hora — disse Francie. — Admiro a pontualidade nos convidados.

— A gente veio direto da escola — falou Kate, uma das amigas de Melody. — É uma caminhada rápida.

— Pois então, é isso mesmo. Isso mesmo — repetiu Francie, concentrando-se em Kate e dando uma boa olhada nela. — Você é a menina da lógica, a aluna nota dez?

— Mãe — chamou Melody.

Queria que a mãe parasse de falar com suas amigas. Em especial, queria que ela parasse com essa linha de investigação, uma das manobras favoritas de Francie: atribuir às pessoas um termo descritivo baseado em sua primeira impressão, que com frequência era insólita. Melody queria que Francie subisse, vestisse uma calça comprida e um suéter e prendesse o cabelo para trás com uma fita de veludo preto, como a mãe de Kate, ou que trouxesse biscoitos e chocolate quente numa bandeja e perguntasse pelo dever de casa das meninas, como a mãe de Beth, ou irrompesse porta adentro, depois de um dia de trabalho em um escritório no centro da cidade, como a mãe de Leah, e corresse direto para a cozinha, dizendo em seu sotaque irlandês encantador: “O jantar vai sair rapidinho, meus amores. Vocês devem estar famintas!”

— A lógica é um atributo subestimado — disse Francie, ainda se dirigindo a Kate. — A lógica ajuda muito na vida, bem mais que uma porção de coisas. — Virou-se para as outras duas garotas e apertou um pouco os olhos, como se quisesse enxergá-las com mais nitidez, enquanto pescava uma cebolinha de seu martíni. — Você é a bonitinha — disse, apontando um dedo molhado de gim para Beth, que era, de fato, a menina mais bonita da escola; Melody ficara encantada, apesar de não ter dito nada sobre isso, no dia em que Beth começara a bater papo com ela depois da aula de francês, dizendo-lhe quais produtos usar para deixar a franja mais alta e dividindo com ela seu rímel com purpurina. — E você — continuou Francie, olhando para Leah, que deu um passo atrás e cerrou os punhos, quase como se soubesse que devia se preparar para sua avaliação reducionista — deve ser a lésbica.

— Mãe!

— O que é lésbica? — perguntou Kate.

— Deixe para lá — disse Melody, puxando Leah pelo braço e fazendo sinal para que as outras a seguissem. — Ela está brincando. É uma piada da família. Depois eu explico.

Era uma espécie de piada da família, se bem que não uma piada que Melody soubesse explicar. Leah era sua amiga mais antiga, um tipo de garota insossa e sem nenhum brilho, cujo traço mais marcante era o nariz que escorria persistentemente por causa de uma rinite que a atacava o ano inteiro. Leah tendia a devanear um pouco ao seguir Melody pela escola, fungando e espirrando.

“Como vai a sua namorada lésbica?”, Bea costumava perguntar a Melody, referindo-se a Leah. “Vocês continuam firmes?”

“Cale a boca”, retrucava Melody. No começo, ainda nem sabia o que significava lésbica. Um dia, entrou furtivamente no escritório de Leonard para verificar a palavra no dicionário, e aí teve que procurar *homossexual*, e, mesmo sabendo de imediato que a palavra não dizia respeito a ela, compreendeu quem ela descrevia: Jack. Imaginou Jack e seus amigos sentados ao sol do verão, descansando junto à piscina do clube, esfregando óleo de bebês nos ombros uns dos outros. *Homossexuais*, pensou, fechando o livro com força.

Melody tinha levado todo mundo para a cozinha, nos fundos do térreo. Não havia serpentinas, nem bolas de encher, nem pratos de papel festivo com copos combinando, nem letras de papelão brilhante que formavam *Feliz Aniversário* penduradas acima da mesa da copa, mas havia uma caixa de bolo. Melody sentiu um imenso alívio ao ver que no mínimo haveria bolo.

— Onde é a festa? — perguntou Kate, olhando para a pia da cozinha, cheia de louça suja, e para a mesa em que havia catálogos e sacos de compras vazios espalhados.

— A festa é onde vocês fizerem a festa, senhoritas. — Francie havia seguido as meninas até a cozinha para tornar a encher sua taça; a coqueteleira com o martíni reluzia sobre a bancada salpicada de farelos e manteiga. — Festa é uma atitude, não uma destinação.

As meninas a olharam, confusas. Apesar de ser fevereiro, Francie as fez marchar para o lado de fora, até o gramado além do pátio, que não tinha neve mas continuava congelado e sem nada, e conduziu uma brincadeira sem graça de Colar o Rabo no Burro.

— Pelo amor de Deus! — gritava Francie, parada no pátio, de casaco de pele, fumando, enquanto as meninas avançavam com cuidado, olhos vendados e mãos enluvadas estendidas para a frente. — Qual é a dificuldade de localizar um tronco de árvore enorme?

O jogo de Colar o Rabo era velho e tinha passado anos no armário embaixo da escada. Melody tentou freneticamente lembrar o que mais estaria guardado naquele espaço abarrotado de brinquedos defeituosos e antigos jogos de tabuleiro. Como poderia fingir uma festa por duas horas inteiras?

— Acho que vocês pegaram o jeito — disse Francie, depois de levá-las de volta para dentro e de entregar a Leah um chaveiro com um cubinho mágico pendurado, tirado da gaveta de quinquilharias, como prêmio por ela haver colado o rabo mais próximo do traseiro do burro. — Volto para ver como vocês estão daqui a pouquinho.

Melody começou a remexer nas caixas embaixo da escada, pensando se conseguiria resgatar dinheiro suficiente do Banco Imobiliário para jogar uma partida.

— Eu tenho Twister — disse às amigas. — A roleta está quebrada, mas a gente pode fechar os olhos, apontar para uma cor e jogar assim. Funciona do mesmo jeito.

— Talvez eu deva ligar para mamãe — disse Beth. Todas as meninas ainda estavam de casaco.

— Estou com sede — falou Leah.

— A gente pode comer bolo? — sugeriu Kate.

As outras duas assentiram, ávidas.

Melody sabia que o bolo era a última coisa a acontecer numa festa de aniversário. Depois de todas as brincadeiras e dos petiscos, cortava-se o bolo, e todos pegavam suas lembrancinhas e iam para casa. Melody não queria cortar o bolo. Parada ali, com a roleta quebrada do Twister na mão, tentando não se render às lágrimas que ameaçavam jorrar com força humilhante desde a hora em que sua mãe as havia recebido, a porta da frente se abriu. Leo.

Leo sentiu pena de Melody naquele dia. Fez enormes tigelas de pipoca com manteiga para as meninas. Subiu ao seu quarto, voltou com um baralho e as ensinou a jogar vinte e um com moedinhas, participando do jogo na função de banca. Pegou os discos de vinil que guardava a sete chaves no quarto e deixou as meninas dançarem e fazerem *playback* de “Start Me Up” enquanto ele tocava uma guitarra imaginária. Justo quando as coisas começavam a melhorar, Francie reapareceu, levando as meninas suadas, arfantes e meio apaixonadas por Leo à sala de estar para comer bolo — que ela claramente se esquecera de encomendar com antecedência. “Parabéns, Betty!” era o que estava escrito na cobertura, com uma pequena cegonha confeitada embaixo, carregando uma fralda dobrada no bico.

— Quem é Betty? — perguntou Beth.

— É outra brincadeira da família — respondeu Melody, apreciando a versatilidade dessa nova desculpa e reservando-a para uso futuro.

Apesar de tudo, o bolo estava uma delícia, e todas as meninas pegaram pedaços enormes e foram para o sofá, onde Francie as colocou sentadas e as fez ouvi-la tocar músicas de Harold Arlen ao piano. Foi divertido no começo e, ao ver os dedos da mãe praticamente dançarem pelo teclado, Melody pensou que, se a festa terminasse ali mesmo, logo depois da versão animadora de “If I Only Had a Brain”, tudo ficaria ótimo. No dia seguinte, a festa seria considerada um sucesso na escola. A reputação dela estaria salva.

Mas então Francie começou a cantar “Over the Rainbow” e, poucos versos adiante, desatou a chorar.

— Mãe? — chamou Melody, debilmente.

— É que é muito, muito triste — disse Francie. Virou-se para as meninas. — Os estúdios mataram Judie Garland. *Mataram*. Aquela voz, e que tragédia! Eles a criaram e depois a mataram. — As garotas permaneciam em silêncio, rindo de nervoso. — Davam estimulantes para ela trabalhar o dia inteiro. Tranquilizantes para dormir à noite. Ela era só uma menina. — Francie estava de pé, com o robe meio aberto na frente. — Eu queria ser atriz. Podia ter ido para Hollywood.

— Você podia ter feito um sucesso e tanto, Fran — disse Leo, encostado no batente da porta, parecendo se divertir.

— Por que você não foi? — perguntou Beth, animando-se um pouco. Ela queria ir para Hollywood, falava disso o tempo todo. No verão anterior, os pais a tinham levado aos estúdios da Universal, e Beth havia adorado cada minuto do passeio, contando sobre o tour como se tivesse ido a Los Angeles fazer um teste de elenco para um filme.

— Meu pai não deixou. — Francie se sentou numa poltrona enorme defronte das meninas. — Achou que era impróprio. Insistiu

em que eu fosse para a faculdade, ficasse em casa. Depois conheci Leonard, engravidei e foi o fim.

— Mãe!

Francie fechou a cara para Melody e balançou a mão, como se espantasse mosquitos.

— Ah, relaxe, Miss Etiqueta.

Fechou os olhos, pôs os pés em cima de um banquinho e começou a cochilar. Do outro lado da sala, Leo encolheu os ombros para Melody. Foi um dar de ombros mais resignado que solidário. “Está vendo?”, era o que dizia. “Lembre-se disso da próxima vez que quiser convidar suas amigas.”

Quando a mãe de Beth chegou para buscar as meninas, deu uma espiada na cena — o bolo de chá de bebê, Francie roncando de leve usando um robe, a taça vazia de martíni no piano — e, sem fazer barulho, fechou as portas de correr entre a sala e o vestíbulo. Enquanto ela ajudava as meninas a abotoarem os casacos e acharem as luvas, Melody ouviu Beth dizer à mãe:

— Ela disse que eu era a bonita. Por que disse que Leah era a lésbica?

Melody tivera medo de ir à escola no dia seguinte, preocupada com o que as amigas diriam de sua mãe chorosa, embriagada e esquisita. Mas elas só falaram da festa de aniversário superlegal em que Leo Plumb, do terceiro ano do ensino médio, tinha cantado e dançado com elas, além de lhes ensinar a jogar cartas.

— Oi, Betty! — disseram as três meninas com afeição, sem sarcasmo, ao encontrarem Melody no corredor. Ela nunca foi mais feliz do que naquelas semanas e naqueles meses do final do sexto ano.

E, por isso, ficou perplexa e emocionada quando Jack e Walker se ofereceram para fazer um jantar para comemorar seu aniversário

de quarenta anos. Todo ano, Melody dizia a Walt que queria apenas uma comemoração tranquila, em casa com a família, e sempre, *sempre* ficava decepcionada quando o marido acreditava nela.

— Eu acho mesmo que hoje à noite Leo vai cumprir a promessa — disse, baixando o quebra-sol e passando batom diante do espelhinho. — Acho que vai surpreender todo mundo com uma boa notícia.

— Com certeza seria uma surpresa.

— Não sei por quê, mas alguma coisa a respeito de aniversários traz à tona o que Leo tem de melhor. De verdade.

— Se você está dizendo...

— É sério!

Melody aumentou o volume do rádio e cantarolou uma música que conhecia por alto. O e-mail de Leo tinha sido vago, é verdade, mas também animador. Ela quase havia decorado o longo parágrafo, que dizia algo sobre um projeto empolgante com Nathan, que se concretizaria “muito depressa”, e sobre ter saído da cidade para se encontrar com alguns investidores, num local em que ficaria incomunicável, mas de onde voltaria com um relatório sobre o andamento do projeto a tempo de comparecer ao aniversário dela. “Estou muito otimista”, escrevera ele.

Walter levantou um pouco a voz, para se fazer ouvir acima do rádio.

— O que eu acho mesmo é que, quanto mais cedo todos dispensarem Leo como seu salvador, melhor será para todo mundo. Inclusive para você. Inclusive para nós.

Melody aumentou mais o volume do rádio. Não queria que o marido estragasse seu humor esperançoso. Walt nunca havia acreditado no Pé-de-Meia e, em certos momentos, Melody achava que ele estava quase satisfeito por ter razão. Ela confiava em que

Leo cumpriria o combinado nessa noite. No aniversário dela! Havia passado o dia inteiro se preparando como que para um encontro amoroso. Comprara um vestido novo (no cartão secreto, de *tanta* certeza que tinha de que Leo cumpriria a promessa), fizera as unhas e desencavara o belo par de brincos com pingentes de diamante (falso) que Walt lhe dera depois do nascimento das meninas. Tornou a se olhar no espelho. Talvez os brincos fossem um exagero. Ela não devia ter usado tantos produtos no cabelo. Começou a brincar com a franja. Sempre se sentia inadequada perto dos irmãos, um pouco inferior. Podia imaginá-los avaliando sua roupa e julgando Walt (como se *atreviam*? Seriam incapazes de reconhecer um sujeito gentil, bom e competente, se... ora, se sua irmã se casasse com aquele homem). Balançou a cabeça. Aquela noite ia ser diferente. Ia, sim.

Walter segurou o volante com um pouco mais de força, contendo as palavras, temendo a viagem de volta, quando Melody estaria com os nervos em frangalhos. Ele lhe daria um ou dois dias para se recuperar do que aconteceria com (ou *sem*) Leo naquela noite, e depois a casa voltaria a ser posta à venda. Lamentava pensar no que sem dúvida seriam as semanas difíceis que teria pela frente, mas também estava ansioso por colocar em andamento as mudanças necessárias. Eles se saíam bem daquela fase. Melody conseguiria se superar e lidar com a situação. Sempre conseguia. Walt sempre pudera contar com ela.

* * *

LOUISA ESPEROU COM impaciência junto à porta de entrada do cursinho do SAT, na West 68th Street, espiando as nuvens ameaçadoras que avançavam depressa antes da frente fria que

traria um tempo mais típico daquela época do ano. Ia chover, e Louisa queria chegar à casa de Jack antes que a chuva comesse. Sabia que Nora estava lá em cima, despedindo-se de Simone. Permaneceu no saguão do edifício, que cheirava a água sanitária e esfregão rançoso, e procurou não pensar no que sua irmã estaria fazendo com Simone naquele exato momento.

* * *

TRÊS ANDARES DIRETAMENTE acima de Louisa, Nora desejou poder faltar ao jantar de aniversário da mãe e passar o resto da noite no cubículo do banheiro com Simone, que estava ajoelhada sobre a tampa do vaso sanitário, para que nenhuma das outras garotas no banheiro soubesse que as duas estavam lá dentro. Simone pôs um dedo sobre os lábios de Nora, que levantou a batinha da saia da outra e encontrou a pele onde esperava achar uma calcinha.

— Ah! — disse Nora, e Simone lhe fez sinal, *psiu*, enquanto as duas se agarravam e se balançavam, ao som metálico de uma batida de bossa nova que vinha da janela aberta de alguém, subindo pelo beco dos fundos e entrando no pequenino cubículo.

Era muito simples, mas, desde a serena fórmula encantatória de Simone, “você não tem que ser o espelho de ninguém”, Nora se sentia liberada, zozza. Amava sua família — o pai, a irmã, a mãe, que lhe eram muito queridos e que ela nunca magoaria nem decepcionaria de propósito —, mas Simone tinha razão. Nora precisava parar de se preocupar com as necessidades de todo mundo e pensar em si. E a necessidade dela era abrir o jogo com Louisa, porque detestava esconder um segredo da irmã. Isso lhe dava a impressão de estar fazendo algo errado. E não estava.

Quando encontrou Louisa na porta de entrada, Nora havia descido tão depressa os três lances de escada que chegava a estar tonta, com a boca seca. Ao ver seu rosto enrubescido e os lábios inchados, Louisa franziu o cenho. As duas engoliram em seco.

— A gente vai chegar atrasada — disse Louisa, empurrando as portas de vaivém e saindo na chuva. — A mamãe vai dar um ataque.

* * *

WALKER HAVIA CANCELADO os compromissos com clientes na tarde de sábado e saíra cedo do trabalho para cozinhar. Estava em pé na cozinha dele e de Jack, minúscula, mas engenhosamente projetada, socando com grande entusiasmo peitos de frango entre dois pedaços de papel-manteiga. Havia planejado um jantar temático de primavera e, embora a estação não houvesse propriamente chegado, o universo estava colaborando; fazia uma noite linda, amena o bastante para abrir as janelas da sala de estar e desfrutar do leve cheiro de terra do solo que ia degelando.

Walker não se lembrava da última vez que eles haviam recebido a família de Jack. Fazia anos. O jantar do aniversário de Melody tinha sido ideia de Walker, que estava aflito por reunir todos na mesma sala e tentar abrir um pequeno caminho para facilitar algum tipo de acordo sobre aquela grana infernal que eles ainda insistiam em chamar de O Pé-de-Meia, o que o deixava enfurecido. Além de ser completamente infantil, Walker não conseguia imaginar como um grupo de adultos podia usar esse termo com aparente seriedade, sem jamais contemplar, nem mesmo de passagem, a metáfora distorcida da coisa e a maneira pela qual ela se relacionava com o comportamento disfuncional de todos eles, como

indivíduos e como grupo. Essa era só uma das muitas coisas sobre a família Plumb que ele havia desistido de entender.

Mas Walker entendia, sim, de resolução de conflitos, e, como advogado já mediara muitos divórcios, muitas sociedades comerciais desfeitas, também compreendia como o dinheiro — e a sensação de direito adquirido que comumente acompanhava a simples *ideia* de dinheiro — podia distorcer relações, lembranças e decisões. Ele vira isso acontecer com Jack e seus familiares durante anos, e tudo tinha limite.

Achava que Jack devia estar certo: era provável que Leo tivesse uma grana em algum lugar, mas correr atrás dele era jogar para perder. Leo, na opinião de Walker, era um fiasco. Todos o mitificavam como se ele fosse algum deus brilhante retentivo que só precisava do sacrifício certo para dar suas bênçãos abundantes. No que concernia a Walker, Leo não passava de um homem que fora relativamente arrojado na hora certa e dera sorte muito cedo. A SpeakEasyMedia era uma fórmula que o havia enriquecido. Ele nem sequer era rico para padrões nova-iorquinos, e o que fizera desde então? Nada. Torrara sua grana. Virara um sanguessuga.

Mas, desde o acidente de Leo, Walker havia observado uma dinâmica interessante. Os irmãos tinham voltado a se comunicar e, embora as conversas costumassem a iniciar por Leo e a grana, outra coisa havia começado a acontecer. Eles estavam fazendo incursões ocasionais na vida uns dos outros. Em inúmeras ocasiões, Walker ouvira Jack e Melody falarem ao telefone sobre outros assuntos que não Leo nem O Pé-de-Meia. Bea sempre fora a mais amável e acessível do grupo; Walker achava que ela acolheria de bom grado algum tipo de reunião. Se ao menos Leo concordasse com *alguma coisa* aquela noite, qualquer coisa, com algum tipo de plano de pagamento, de prestações, se simplesmente jogasse um

osso para todos, para que pudessem parar de roer a cartilagem gasta e quebradiça do Pé-de-Meia, talvez eles conseguissem seguir em frente, tentar criar relações entre si que não tivessem a ver com a maldita herança.

Walker era excelente com mediações, livrando as pessoas de sua miséria autoinfligida. As famílias eram o mais difícil, disso ele sabia, mas também sabia como tentar fazer adultos deixarem suas feridas para trás e como ajudá-los a achar o caminho, se não da afeição, ao menos da conciliação. Nem sempre acontecia, mas era possível. Não havia razão por que os Plumb não pudessem começar a se harmonizar e a trabalhar por algum simulacro de família, por mais relutante ou confuso que fosse.

Ele também desconfiava de que Jack estivesse metido em algum aperto financeiro. E qual era a novidade? Jack falaria com ele, no devido tempo, e os dois dariam um jeito. Plano para a noite: reuni-los em torno da comida. No começo, manter o foco no aniversário de Melody. Um pouquinho de espumante, um glorioso escalope de frango e o bolo de coco que ele se lembrava de ter ouvido Melody dizer que adorava. Depois, uma conversa amável sobre a bondade. *Conciliação*. Um tipo de patrimônio diferente e mais importante.

* * *

ENQUANTO ACENDIA AS velas decorativas ao longo dos parapeitos, que dariam uma luz calorosa a toda a sala, abrandando sua arquitetura trivial do pós-guerra, o assoalho de parquê e os frágeis painéis decorativos de gesso, Jack também enviou disfarçadamente um e-mail para seu contato na venda do Rodin. O interesse inicial pela escultura fora impressionante, mas Jack logo havia reduzido a lista a dois compradores, um dos quais pulara fora

quando as cifras começaram a ser discutidas. O indivíduo restante, que ele não conhecia, mas de quem ouvira falar, era um colecionador da Arábia Saudita com residência fixa em Londres e que morava parte do tempo em Nova York. Era comprador frequente de peças do mercado negro de origem duvidosa ou mal-afamada. O que esses sujeitos faziam com obras de arte que, essencialmente, tinham que esconder do resto do mundo? Jack não sabia. Não era problema seu nem preocupação sua.

Quando oferecera ajuda a Tommy O'Toole para livrá-lo do Rodin, o homem tivera a impressão equivocada de que Jack poderia encontrar um modo de devolver a estátua a seus donos originais.

— Isso seria muito insensato — dissera Jack. — Você vai acabar preso e na primeira página do jornal. — Dera explicações sobre a pessoa que tinha em mente, um estrangeiro cujas atividades profissionais eram bastante vagas. — A gente vai jogar o preço lá em cima, mas, mesmo depois da negociação, vai ser muito dinheiro.

— Não me importo com o dinheiro — dissera Tommy. — Só quero que a escultura acabe num lugar seguro, que seja bem cuidada.

— Claro — retrucara Jack, para acalmá-lo. Ninguém jamais admitia que queria o dinheiro. O anel de noivado da vovó, a pulseira de esmeraldas da tia Gertie, a mesa Chippendale que havia passado de geração em geração, nada nunca tinha a ver com grana. Exceto que tudo sempre, invariavelmente, tinha a grana como objetivo.

E o dinheiro, a grana alta, vinha causando preocupações a Jack. Eles teriam de encontrar uma forma de lidar com essa soma sem despertar as atenções erradas. Naquela noite, ele daria um jeito de ficar sozinho com Leo e lhe pediria conselhos específicos, o que o satisfaria em duas frentes: descobrir como lidar com o lucro

inesperado que ele e Tommy obteriam e determinar exatamente qual era o grau de familiaridade de Leo com a ocultação de valores.

Jack ouviu Walker na cozinha, acompanhando com assobios desafinados as melodias da estação de música clássica. Alguma coisa de Schubert. Walker adorava receber convidados. Jack fez um pequeno apelo ao universo. Se conseguisse vender a estátua e pagar o empréstimo, seria outro homem. Nem se importaria com O Pé-de-Meia. Se pudesse salvar a casa de veraneio, perdoaria Leo pelo acidente. Passaria uma borracha e tudo o mais. Seria uma pessoa melhor, mais gentil e mais responsável, alguém íntegro e honesto, o tipo de pessoa que Walker merecia.

* * *

BEA ESTAVA PARADA, sem a menor ideia do que fazer, diante da máquina de café espresso do escritório, uma engenhoca italiana ridiculamente complicada que exigia a regulação da pressão e a estimativa do fluxo de água em relação ao pó de café, além da conferência de termômetros de vapor colocados em recipientes de leite. Bea gostava mais de chá, mas, de vez em quando, queria, precisava de um café. Toda vez que se aproximava da máquina reluzente, acabava girando timidamente alguns controles, olhando para sua base e, por fim, descendo até a cafeteria da esquina. Hoje, porém, não sentia vontade de voltar ao ar livre.

Estava no escritório num sábado, tentando pôr o trabalho em dia, e se sentia exausta após diversas noites de insônia e preocupação quase constante com Leo, que continuava totalmente incomunicável desde que ela lhe entregara suas novas páginas. Bea também não conseguira entrar em contato com Stephanie para indagar sobre o estranho e-mail do irmão sobre ficar “isolado, fora de circulação”, o

que soava como o típico papo furado do Leo, ou para saber se eles apareceriam no jantar de aniversário de Melody, como fora planejado. Ela nem sabia o que queria: Leo presente ou ausente, Leo indiferente ou furioso. Dado o silêncio, o Leo entusiástico não parecia nem remotamente possível. Se ele não aparecesse, seria um pandemônio.

— Quanto custou essa máquina idiota, afinal? — perguntou ela a Paul. Tecnicamente, as despesas do escritório eram da sua alçada, mas Bea quase nunca lhes dava atenção.

— Fui eu que paguei — disse Paul. — Dei de presente para o escritório. Quer que eu prepare alguma coisa para você?

— Quero, por favor.

Bea se sentou no sofá em frente à cafeteira. Era muito baixo, com almofadas duras e forrado com um tecido encaroçado. Ela estava usando uma de suas roupas favoritas, numa tentativa de melhorar o humor: um macaquinho vermelho e botas de verniz até o joelho. A parte posterior das pernas estava exposta e o sofá arranhava.

— Por que a gente não pode ter um sofá confortável? — reclamou. Sabia estar soando como uma adolescente rabugenta e mimada, mas não se incomodou. — Uma coisa em que a gente possa afundar, quem sabe ler e bater um papo.

— Porque isto aqui é um escritório e quero que as pessoas façam o contrário de ficar batendo papo descontraídas.

Paul gostava de ver todos sentados eretos, com boa postura, olhando atentos para os computadores e digitando nos teclados no centro de suas mesas bem-arrumadas.

Bea tornou a checar os e-mails no celular, enquanto a cafeteira começava a bater e sibilar feito uma locomotiva. Se Leo havia realmente sumido, ou Stephanie o tinha ajudado e estava

acobertando o plano ou Leo também a havia jogado para escanteio. Bea saiu do sofá e foi se sentar à mesa comunitária do escritório. Baixou a cabeça sobre os braços cruzados e sentiu a madeira fria no rosto. Sentiu vontade de chorar. Sentiu vontade de gritar. Só queria poder ouvir a voz de Leo e tentar entender o que estava acontecendo. Queria saber o que ele achava da história que ela escrevera. Queria de volta sua pasta de couro da sorte.

* * *

PAUL ATRIBUIRIA A seu cappuccino quase perfeito (a espuma poderia ser um pouquinho *mais brilhante*, porém a textura do café em si estava esplêndida) o mérito de exercer sua magia sobre Bea, fazendo-a soltar a língua, como ele vinha esperando pacientemente que fizesse. Ela bebeu dois goles grandes e abriu um sorriso tênue, mas sincero, e disse:

— É *exatamente* disto que eu precisava.

Paul perguntou se havia algum problema, e saiu tudo de um só fôlego, como um jato irrefreável. Bea lhe contou que Leo estava na farra. Ou havia sumido da cidade. Falou do acidente, da noite no hospital e de como se tornara cúmplice do silenciamento da pobre moça que um belo dia fora ao trabalho e acabara com um pé a menos. Falou do que vinha escrevendo e disse que dera o material a Leo, e que então ele havia basicamente desaparecido. Falou dos pesadelos com Tuck. Terminou pálida e exausta. A veia acelerada no canto do olho pulsava como se ela tivesse minúsculas asas aprisionadas sob a pele.

Paul a observou enquanto ela falava, comprazendo-se — talvez mais do que devia — com a lenta percepção de ter aquilo que Bea estava buscando. Fazia dias que a bela pasta de couro fora

guardada em seu escritório, desde que ele vira Leo se afastar calmamente do banco da orla com uma mulher que não era Stephanie. Havia presumido que a pasta pertencesse a um deles e a guardara no escritório. Deixara um recado para Leo, dizendo estar com ela, mas o relato recente de Bea explicou por que ele não tinha respondido — ou talvez nem recebido — suas mensagens.

Paul estaria mentindo se dissesse que não calculou, enquanto Bea falava, em que medida o alívio e a gratidão dela para com ele aumentariam em proporção à visível aflição pela qual ela estava passando. Poderia tê-la interrompido, mas deixou que continuasse. Nem sequer estava escutando o que ela dizia, e sim observando seus lábios se moverem, notando o enrubescimento que lhe escapava do alto da blusa branca e subia pelo pescoço, vendo-a conter com todas as forças as lágrimas e tentar impedir o tremor do queixo.

— O que você acha? — perguntou Bea, por fim.

Paul se deu conta de que ela havia parado de falar e o estava observando fitá-la fixamente.

— O que eu acho? — conseguiu dizer.

— Onde você acha que ele está? O que será que ele está fazendo?

— Não sei onde Leo está nem o que está fazendo — disse, andando até seu escritório e voltando com a pasta de Bea. — Mas é disto que você está falando?

Entregou-lhe a pasta e Bea arquejou.

— Ai, meu Deus! — exclamou. — Como é que você está com isso? Leo deixou para você?

Se Leo deixara a pasta para ele?

— Quem sabe? — respondeu.

Bea foi soltando as alças e tirou a pilha de folhas.

— Estão anotadas — disse. — Ele fez anotações.

— Leo?

— Sim, essa é a letra dele.

Numa folheada rápida, Bea viu notas rabiscadas em quase todas as páginas, feitas com o lápis azul favorito de Leo, em sua letrinha miúda e no vernáculo peculiar compartilhado pelos dois “use, use com cuidado, não use”.

— Ele leu — comentou ela, ainda sem acreditar de verdade.

As páginas em sua mão, marcadas pelas anotações do irmão, só podiam ser a maneira de Leo lhe dar, se não sua aprovação, seu consentimento. Porque Bea o conhecia. Se ele quisesse sumir com a história, nunca teria perdido o tempo de se sentar para melhorá-la. Teria queimado as folhas na lareira de Stephanie. Teria jogado todo o maço numa lata de lixo na rua. Teria jogado o pacote no rio. Se havia algo que Bea sabia, era isso. Mas Leo não o fizera. Ela procurou uma anotação mais longa na última página, algo que pudesse lhe oferecer algum tipo de explicação, uma bênção mais clara, porém não havia nada.

Voltou para o começo do texto.

— O que foi? — indagou Paul, ao ver a expressão dela, o assombro e o alívio. Estava bem ali, logo na primeira página, onde Leo havia riscado o nome escolhido por ela para seu personagem, “Marcus”, e substituído por “Archie”; e na margem esquerda, com um sublinhado duplo: “use.”



CAPÍTULO 32

Nora e Louisa não estavam acostumadas a ser o centro das atenções em reuniões de família, e gostaram disso. Quando chegaram à casa de Jack e Walker, seus pais e Bea já estavam lá. Ao entrarem na sala, fechando os guarda-chuvas pretos meio caquéticos, toda a movimentação e a conversa cessaram. Aos dezesseis anos, as meninas eram fascinantes para o grupo reunido, de um modo que não tinham sido quando eram menininhas tímidas que escondiam o rosto nas pernas grossas do pai, em um ou outro evento familiar.

Louisa era idêntica a Melody na adolescência, tanto que Jack a olhava fixo, receoso, atavicamente preparado para que o semblante conhecido do passado se crispasse e chorasse por alguma desfeita imaginária. Mas a versão de Louisa para o rosto de Melody sorria para ele, curiosa, calorosa e meiga. Ele teve vontade de deslizar a mão sobre o cabelo dela, para sentir o formato do seu crânio. Nervoso, apertou demais o braço da sobrinha, que se encolheu.

Bea deu um abraço apertado nas duas meninas e depois esticou os braços para segurá-las, cobrindo-as de exclamações sobre seu cabelo, sua altura, o punhado de sardas idênticas em rostos não idênticos.

— Vocês estão tão lindas! — repetia, tornando a puxá-las para junto de si e a beijá-las nas bochechas, levando as duas a pensarem numa palavra que até então nunca haviam tido a oportunidade de usar: *europeizada* . — Como foi que vocês cresceram tanto desde o verão passado? Estão umas moças!

Nora e Louisa ficaram radiantes de prazer. Walker encheu de champanhe as taças de todos e ofereceu *flutes* de limonada às adolescentes. Estava de ótimo humor e o rosto avivado. Jack o viu avaliar a sala e a mesa, percorrendo os olhos de um lado para outro, para se certificar de que tudo estava perfeitamente no lugar antes de voltar apressado para a cozinha.

Nora e Louisa estavam fascinadas com tudo: o apartamento; a mesa; a improvável postura sedutora da mãe (“Aperitivos? No plural? Mais de um?”; Melody estava quase tonta); o tio Jack, que era uma versão mais miúda e delicada do tio Leo; a animadíssima tia Beatrice, que as duas admitiram, relutantes, ser uma versão um pouco mais bonita de sua mãe. Ambas foram atraídas quase que por instinto para Walker, que usava um avental de mestre-cuca sobre a barriga suavemente protuberante. A única presença não surpreendente na sala era a do pai delas, que estava sentado à mesa, tranquilizador e sólido, cortando um pedaço de pão, cheirando um dos queijos meio pastosos e piscando para as filhas, como se dissesse: “Isto aqui está sensacional, não é?”

Walker fez sinal para as garotas entrarem na cozinha e elas o acompanharam, ansiosas. Ele completou suas *flutes* de limonada com uma porção generosa de champanhe.

— Não contem para sua mãe — disse. — Ah, e não vou reparar quanto vai sobrar nesta garrafa.

Mergulhou o champanhe num balde de gelo suarento, feito de cobre, e voltou para a sala. Louisa e Nora beberam seus coquetéis depressa e fizeram outros, acrescentando apenas limonada suficiente para que o conteúdo não parecesse suspeito.

Na sala, Walker anunciou que eles dariam mais dez minutos a Stephanie e Leo, e então o jantar seria servido. Ele dispusera na mesa travessas de pão e queijo e potinhos de cerâmica com

azeitonas. Distribuíra limões e raminhos de alecrim na parte central. A admiração de Melody era digna do esforço extra.

— Está igualzinho à Itália — disse ela a Walker.

— E quando você foi à Itália? — perguntou Jack.

Walker lhe lançou um olhar de *não faça isso*. Melody estava feliz demais até para notar.

— Ah, não fui, mas assisto sempre ao Travel Channel. Não é, Walt? Eu não assisto sem parar ao Travel Channel? Eles acabaram de exibir um programa sobre Sorrento, com todos aqueles limões lindos. Limoncello.

— Espere! — exclamou Walker, que correu até a cozinha e retornou, segundos depois, agitando uma luminosa garrafa fechada de licor de limão. — Para a sobremesa!

Melody chegou a dar pulinhos e bater palmas. Com relutância, Jack admitiu que aquilo era agradável: sua família admirando o gosto requintado de Walker. Jam ficar estarecidos no jantar.

Do outro lado do rio, relâmpagos iluminavam o horizonte de New Jersey. Todos foram até a janela ver a tempestade atravessar o Hudson. Nora saiu de fininho pelo corredor, sem chamar atenção. Não saberia dizer que impulso a fazia querer ver o quarto de Jack e Walker, apenas queria vê-lo. A porta estava fechada e ela bateu de leve, mesmo sabendo que todos continuavam na sala. Abriu a porta, cruzou a soleira e a fechou depressa. Tateou a parede à procura do interruptor e acendeu a luz.

Não sabia o que esperava ver, mas não era o quarto em que foi parar: um quarto inteiramente comum, mobiliado com o que ela presumiu ser uma cama e uma cadeira de balanço antigas, além de uma cômoda comprida, encimada por uma porção de fotos. A cama lhe pareceu pequena, em especial para Walker, que era... bem, era substancial. Estava arrumada com esmero. Não havia roupas

espalhadas, como no quarto de seus pais. Era somente um quarto bem-arrumado.

Ela foi até a cômoda e começou a examinar as fotografias. A maior delas, a do centro, era de Jack e Walker. Nora a pegou para olhar mais de perto. Os dois estavam de *smoking* e botões de flor na lapela, levantando a mão esquerda um do outro para a câmera e exibindo as alianças. Quando ela ia repondo a fotografia no lugar, a porta se abriu e Louisa entrou.

— Ah, você está aí! — disse. — O que está fazendo?

— Nada — respondeu Nora. — Olhando.

— Bisbilhotando — retrucou Louisa.

— Olhe. — Nora apontou para a foto. — Eles se casaram.

Louisa se aproximou e olhou a foto.

— Nossa! Será que mamãe sabe?

— Seria péssimo ela saber e não ir.

— Vai ver que ela nem sabe. Talvez não tenha sido convidada.

— Isso também ia ser péssimo.

— É — concordou Louisa. Parou e observou o quarto, como fizera Nora, minutos antes. — Eu não esperava que fosse assim — comentou.

— O que você quer dizer com isso? — indagou Nora, mesmo sabendo exatamente o que Louisa queria dizer; tivera a mesma reação. Havia esperado que o quarto fosse mais... alguma coisa.

— Só quero dizer que é muito... — Louisa tentou não usar a palavra *normal*, sabendo que não era certa, mas só conseguia pensar nisso. — É muito comum — disse, por fim.

Ficaram paradas em silêncio. Ambas estavam meio tontas por causa do champanhe no estômago vazio. Fora da janela, um relâmpago riscou o céu. Elas deram um pulo. Em seguida veio o som grave do trovão. As duas se entreolharam, o ar tempestuoso

entre elas, carregado. Louisa se sentou na cama. Sua cabeça começava a latejar. De repente, quis ir para casa.

— Tenho que falar com você sobre uma coisa — disse Nora. Não planejava ter essa conversa naquele momento, mas o champanhe havia destravado sua língua.

— Eu sei — disse Louisa. — Eu vi. Você e Simone. No museu, um dia.

— Você viu?

Nora ficou envergonhada, tentando pensar no que Louisa teria visto. Caramba, e se tivesse sido no IMAX?

— Você é...? — Louisa gaguejou. — Você é...?

— Não sei — respondeu Nora. Sentou-se na cama ao lado da irmã. — Eu gosto da Simone. Só sei disso. Gosto dela.

— Ela me intimida.

— Eu sei.

— Ela é muito segura de si.

Nora assentiu.

— É, sim. Mas também é inteligente, engraçada e legal. E eu gosto mesmo dela.

A chuva caía mais forte. O quarto de Jack e Walker dava para um pátio interno. Gente que voltava do trabalho e corria para entrar, segurando maletas e casacos acima da cabeça.

— Você acha que eu sou gay? — indagou Louisa. Nora riu, aliviada por estarem finalmente conversando. — Por favor, não ria de mim — pediu Louisa, cobrindo o rosto com as mãos, tentando não chorar.

— Você gosta de meninos ou meninas? Você sabe do que gosta.

Louisa falou por entre as mãos:

— Meninos.

— Certo.

— Acho que eu não consigo ser lésbica.

— Ok.

Nora se sentia grata pela irmã não estar criticando Simone nem dando algum outro tipo de chique. Louisa baixou as mãos, com o rosto corado, exatamente do jeitinho que o de Nora ficava: duas vívidas manchas vermelhas bem no meio de cada bochecha.

— Você está brava comigo? — perguntou Louisa.

— Por que eu estaria brava? Achei que você ia ficar brava comigo.

— Eu estou brava por você não ter me contado.

— Eu tentei. Só que... eu não...

— Eu sei — disse Louisa. Passaram um minuto sentadas, ambas olhando pela janela. Os raios e trovões haviam passado, as nuvens se deslocavam depressa e a chuva estava amainando. Ainda havia cheiro de primavera fora da janela do quarto. — É meio esquisito, não é?

— Eu estar com uma garota?

— Não, não é isso. Bem, talvez seja, um pouquinho. O mais estranho é nós duas não sermos mais as mesmas.

— Eu ainda sou eu. Estou aqui. Sou a mesma — disse Nora.

Nesse momento, teve medo de começar a chorar.

Louisa balançou a cabeça.

— Não falei direito. É que a gente costumava *querer* as mesmas coisas e *ver* as mesmas coisas, e agora não é assim, é tão estranho... Quase solitário. É quase como se eu estivesse fazendo alguma coisa errada por não querer a mesma coisa que você.

Ah, pensou Nora. *Essa parte vai ser fácil.* Ajoelhou-se no chão diante de Louisa e segurou as mãos da irmã.

— Não é tarefa sua ser espelho de ninguém — começou.

* * *

PARA ONDE AS meninas tinham ido? Melody as procurou por toda parte antes de pensar em verificar o quarto. Abriu a porta devagar e as viu sentadas na cama.

— Vocês perguntaram ao Jack se podiam ficar aqui?

Entrou no quarto e, como tinham feito Nora e Louisa, começou a olhar em volta, interessada.

— A gente já ia sair — respondeu Louisa, assoando o nariz e procurando se recompor. Melody percebeu que ela estivera chorando.

— Ah, não! — disse, correndo até lá e se ajoelhando diante das filhas. — O que houve? Ai, meu Deus, aconteceu alguma coisa na rua? Alguém machucou vocês?

— Não — respondeu Nora —, não aconteceu nada.

— Eu quero saber a verdade! — Melody segurou as mãos das duas e as sacudiu um pouco. — Se alguém machucou vocês, têm que me dizer. Não quero que escondam coisas de mim.

Louisa começou a rir.

— Nossa, mãe. Ninguém machucou a gente. Está tudo bem.

— A gente só estava conversando sobre a escola — acrescentou Nora.

Melody olhou para o rosto de uma e de outra. Louisa contemplava o próprio colo.

— Isso que ela está dizendo é verdade? — perguntou Melody a Louisa, que encolheu os ombros. Nora parecia preocupada. A mãe reteve seu olhar, tentando discernir qualquer sinal minúsculo de uma mentira. — O que está acontecendo aqui? O que vocês não estão querendo me dizer? — Louisa brincou com o lenço em sua mão. Melody pôs um dedo sob o queixo da filha e o ergueu até Louisa

fitá-la nos olhos. — Não vamos sair deste quarto enquanto vocês não me disserem o que está acontecendo.



CAPÍTULO 33

“Você é linda”, dissera Leo a Stephanie na primeira noite em que haviam dormido juntos, no apartamento fuleiro que ela ocupava no térreo de um edifício mais fuleiro ainda. Era final de agosto e ar-condicionado era um luxo que ela não podia bancar. O ventilador, que fazia um clique agressivo a cada rotação completa, zumbia e chacoalhava na janela do quarto, abafando os sons que vinham da rua: os adolescentes do outro lado da calçada, que se reuniam na escada ao som berrante de um rádio de automóvel e discutiam até o amanhecer; as buzinas gritantes dos táxis, três quarteirões adiante, onde o trânsito parava na rampa de acesso da ponte de Manhattan. Mas naquela noite, em que Leo lhe dissera como era ferrado, a cacofonia que costumava fazê-la ranger os dentes de tanta frustração tinha lhe parecido romântica, urbana e selvagem, a trilha sonora perfeita para seu desejo.

— Você é linda — dissera ele, enquanto ela se despia lentamente diante do parceiro e ele a observava, imóvel e cheio de admiração, na beirada da cama de solteiro desfeita. Havia na voz dele um toque tão raro de deslumbramento que Stephanie sentira um nó na garganta. E então ele cobrira o rosto com as mãos.

— Leo? — murmurou ela.

— Eu sou muito ferrado — disse ele para as palmas das mãos.

Ah, meu Deus, agora não, pensou Stephanie. Não um desabafo pré-coito, uma declaração totalmente desnecessária de todos os sentidos em que ele era muito ferrado. Por acaso já não fazia anos que ela o via em ação? Então não conhecia os defeitos dele? Baixou os olhos para a curva das costas de Leo, a linha de sua

espinha dorsal, o jeito de as ondas escuras do seu cabelo, meio grande na época, encostarem no pescoço quase feminino. Sua pele brilhava ao luar, como a superfície lustrosa de uma pérola.

Leo tornou a olhá-la.

— Eu tenho a cabeça ferrada mesmo, Stephanie.

Ela compreendeu com perfeita lucidez o que ele lhe oferecia naquele momento: não uma confissão ou um apelo, mas uma advertência. Ele lhe oferecia uma fuga elegante. Na época, um dos dons de Leo era uma insólita capacidade de prever como as coisas se desdobrariam. Sua expressão favorita vinha de um discurso que ele ouvira certa vez de um rei das finanças: “Se você quiser prever o comportamento de uma pessoa, identifique os incentivos dela.” Leo não estava dizendo “Eu sou muito ferrado”, e sim “Vou ferrar com isto”. Ele sabia algo sobre seus incentivos que escapava a Stephanie.

E, no entanto, ali estava ele, sem camisa, na cama dela. Leo, por quem Stephanie fora meio apaixonada desde sempre, e a única coisa que importava para ela naquele momento era ter o corpo dele junto ao dela.

— Todo mundo é ferrado — disse, muito embora não acreditasse nisso nem por um segundo. Ela não era. A maioria das pessoas que conhecia não era. Mas ela também sabia de uma coisa: nada era um tiro certo. Toda escolha era apenas um palpite bem informado, ou um salto num abismo misterioso. As pessoas talvez não mudassem, mas seus incentivos podiam se alterar.

Por isso, na primeira vez que os dois entraram em choque, ela estava praticamente preparada para o rompimento. De um modo inexplicável, andara ansiando por isso e por todo o drama concomitante, porque, afinal, acaso não havia algo quase encantador, quando se era jovem o bastante, naqueles nós no

estômago e nos ductos lacrimais usados de forma gloriosa e exagerada? Ela reconheceu a inegável satisfação da primeira fissura emocional porque o desenlace ainda era uma coisa adulta e, por conseguinte, uma afirmação de vida. *Está vendo?*, sinalizava o coração partido. *Amei o bastante para perder, senti o bastante para chorar.* Porque, quando se é jovem, os riscos do amor são muito pequenos, quase insignificantes. Até onde um rompimento podia ser trágico quando fazia parte da trama de expectativas desde o começo? As brigas banais, os telefonemas tarde da noite, o relato indignado às amigas, regado a múltiplos copos e ao alcance dos ouvidos de um barman apropriadamente paquerador, tudo isso era um teatro para certo tipo de pessoa, para certos nova-iorquinos com educação superior, e portanto, também para Stephanie.

Até não ser mais. Até ela deixar de ser jovem o suficiente. Até que, como numa reação alérgica a cada vez que ela se expunha a Leo, os ferimentos na pele começaram a aparecer mais depressa, a coçar mais intensamente e a levar mais tempo para passar.

Ela não se lembrava de qual tinha sido a vez (segunda? terceira?) em que flagrara Leo numa traição e lhe dera um pé na bunda. Ele viera pedindo desculpas e implorando, ela fora reunindo seus reforços (cuja paciência estava quase esgotada, esticada até o limite, a incredulidade substituindo a empatia, *o que você esperava? por que seria diferente dessa vez?*), e sua assistente, Pilar, tinha escrito as etapas do luto de Kübler-Ross num guardanapo de coquetel, para mapear os rompimentos de Stephanie com Leo: negação, raiva, negociação, depressão, aceitação.

— Você tem exatas quarenta e oito horas para cada uma — disse Pilar. — É só disso que precisa, pode acreditar. — Abriu sua agenda Filofax. — Isso a deixa bem no meio da aceitação na próxima

quinta-feira, às seis da tarde, a tempo de tomar alguns drinques. Até lá.

— Não me trate como se eu fosse a pessoa mais patética do mundo — respondeu Stephanie. — Porque eu não sou, nem de longe.

— Estou te tratando como se você fosse a versão mais patética de você mesma. Porque você é, multiplicada por um milhão.

E, no fim das contas, havia sido isto que ela tivera de se perguntar: *Amar Leo a tornava uma versão menor dela mesma?*

* * *

QUANDO SAIU DA casa de Stephanie no Brooklyn, Leo deixou quase tudo para trás, inclusive o celular e a carteira, o que foi um belo toque, uma simulação convincente. Quando ele não voltou na primeira noite, Stephanie jurou que o expulsaria no instante em que ele cansasse da farra e reaparecesse, contrito e exausto.

Na segunda noite, ela começou a dar uma olhada na casa e se deu conta de que alguns itens haviam sumido: uma pequena mala dela e as melhores roupas de Leo. Os sapatos que ele mandara fazer na Itália. Foram os sapatos que entregaram o jogo: ele tratava aquelas porcarias como se fossem recém-nascidos, enfaixando-os em feltro cor de vinho. Também estava sumida uma pequena foto que Stephanie havia tirado dos dois com seu iPhone, certa noite, uma foto em que ela ria enquanto ele mordida de brincadeira a orelha esquerda dela e que ela imprimira e prendera no canto do espelho acima da cômoda. A única coisa que Stephanie torceu para que ele tivesse deixado, a coisa que ela procurou, vasculhando a casa de cima a baixo, não estava lá: a pasta de couro de Bea com o novo texto. Mais tarde, ela percebeu que nem lhe ocorrera procurar um

bilhete de Leo. Que ele deixasse para trás o conto de Bea parecia possível, mas não que deixasse uma explicação para Stephanie, um reconhecimento de ter agido mal. E ela ficou mais arrasada do que jamais admitiria ao descobrir que ele reservara tempo para enviar aos irmãos o e-mail enganador com que ganhou tempo e espaço para fugir.

O jantar de aniversário de Melody estava marcado para aquela noite, e Stephanie passara o dia inteiro dizendo a si mesma que não ia, mas acabou se sentindo obrigada a contar à família, em pessoa, que Leo havia desaparecido. Ela sabia que *desaparecido* era, provavelmente, uma palavra otimista demais. *Desaparecido* implicava que poderia ter ocorrido algo acidental, que Leo poderia ter deparado com algum problema, que estaria tentando voltar para casa e, de algum modo, sendo impedido de regressar. E, embora isso pudesse ser verdade, Stephanie sabia que não era. No trajeto para a casa de Jack, decidiu que seria breve. Diria o que sabia e iria embora depressa. Não ficaria por perto para a provável histeria.

Aceitação. Tinha que ser honesta consigo mesma: não havia contado para ninguém sobre o desaparecimento de Leo, nem sobre a gravidez, por estar agarrada a um fiapo de esperança, e a esperança, quando o assunto era Leo, constituía um bilhete sem volta para o desespero. Ela iria ao jantar, contaria a verdade e desabafaria, porque era isso o que qualquer um, exceto Leo, faria. Essa era a atitude de alguém que houvesse ultrapassado a raiva — e a esperança — e chegado à aceitação.

Parada na chuva diante do prédio de Jack, na West Street, Stephanie se preparou e tocou a campainha.



CAPÍTULO 34

Nora e Louisa se sentaram à mesa comprida, mais ou menos no centro, e Melody se postou atrás delas, indignada.

— Contem a eles — disse, abarcando com um gesto todos os convivas sentados à mesa. — Contem o que vocês acabaram de me contar.

— Jack se casou — disse Nora.

— Isso, não! — exclamou Melody. — Falem de quando vocês viram Leo.

— Vocês se *casaram*? — perguntou Bea a Jack e Walker. Walker levantou as mãos, num gesto de rendição, e balançou a cabeça, absolvendo-se. Quisera convidar todos eles.

— Quando vocês viram Leo? — indagou Jack, ignorando Bea.

— Em outubro do ano passado.

— Contem a outra parte — instruiu Melody.

— Ele estava no Central Park. Caído de costas — disse Louisa.

— No parque? — Bea se voltou para Louisa. — Caído no Central Park?

— Drogas — disse Melody, cuspidando a palavra. — Estava comprando drogas.

— Não foi isso que eu disse! — objetou Louisa. — Disse que *podia ser* que ele estivesse comprando drogas.

— Mas vocês não viram drogas? — perguntou Jack.

— Só vimos Leo caído de costas — respondeu Nora. — Foi logo depois daquela nevasca, estava tudo supercongelado. Acho que ele só escorregou.

— Foi no dia em que nós todos encontramos com ele no Oyster Bar — esclareceu Melody. — Ele supostamente tinha ido direto do Brooklyn para lá, lembram? Disse que estava atrasado por causa do metrô, então por que estaria no Central Park?

Os três Plumb se calaram, pensativos. *Por que* Leo estivera no parque?

— Mesmo que ele estivesse no parque para comprar alguma coisa, o que isso quer dizer? — questionou Bea e Melody bufou.

— Sério? Só fazia três dias desde que ele tinha saído da reabilitação.

— Ok — disse Bea. — Mas o que isso tem a ver com a gente?

Já estava cansada daquela conversa, cansada de falar e de pensar em Leo, cansada de esperar por ele e também secretamente aliviada e satisfeita com as folhas na sua bolsa, cheias de anotações dele.

— Quando foi que você viu Leo pela última vez? — perguntou Jack a Bea.

Ela se encolheu um pouco na cadeira; tinha torcido para não ter que responder a essa pergunta nessa noite.

— Já faz umas semanas — respondeu, servindo mais champanhe em sua taça.

— Achei que ele andava circulando lá pelo seu escritório. Jack me disse.

— Ele andava — confirmou Bea —, mas não tem passado por lá ultimamente.

— Jack tem visto bastante Leo. — Foi a informação voluntária de Walker, amável, enquanto colocava no centro da mesa uma enorme travessa de escalope de frango, para a qual Melody lançou um olhar melancólico. Estava perdendo o apetite. — Na semana passada mesmo, não foi?

— Você viu Leo na semana passada? — indagou Bea.

Jack não soube o que responder. Todas as vezes que se encontrara com Tommy, ou com um dos compradores potenciais da escultura de Tommy, tinha mentido e dito a Walker que fora se encontrar com Leo.

— Eu, humm, não sei exatamente quando foi a última vez que o vi...

Antes que conseguisse pensar em um jeito de completar a frase, a campainha tocou. Três breves toques, seguidos por dois toques longos, justamente o jeito de Leo sempre tocar a campainha. Os ombros de Jack arriaram de alívio. Bea se levantou tão depressa que deu um esbarrão na mesa e os copos de água chacoalharam. Nora e Louisa se empertigaram e olharam para a porta, cheias de expectativa. Walt pôs mais um pouco de azeite no prato para molhar o pão.

— Ah, graças a Deus — disse Melody, quando Walker se dirigiu à porta, enxugando as mãos no avental. — Ele veio.



CAPÍTULO 35

Quando Walker abriu a porta e Stephanie cruzou a soleira, a decepção no rosto de todos foi quase cômica. Jack começou a tagarelar imediatamente, querendo saber onde estava Leo e dizendo algo sobre as filhas de Melody terem visto ele *comprando drogas*, logo no primeiro fim de semana depois de sair da reabilitação.

— Ele está no parque *agora*? — quis saber Jack, com as mãos na cintura, falando com Stephanie como se Leo fosse um filho indisciplinado dela. — Será que está comprando cocaína *neste exato momento*?

— Desculpe — disse ela. — Onde fica o banheiro?

— Leo vem? — perguntou Bea.

Stephanie cobriu a boca com a palma da mão, balançou a cabeça, correu para uma cestinha de lixo que ficava num canto, curvou-se e começou a vomitar. Todos fizeram silêncio e escutaram com relutância até ela terminar. Stephanie pegou o pequeno recipiente e, com calma, foi até o banheiro. Lavou a cesta. Depois lavou as mãos e pôs um tiquinho de pasta de dente no dedo, para refrescar a boca. Durante todo esse tempo, foi tentando processar o que Jack acabara de dizer. *Leo no parque, comprando drogas, no fim de semana da nevasca*. Então voltou para a sala, onde encontrou todos calados, apreensivos, sentados ao redor da mesa comprida, que parecia ter saído de uma revista. Devia ter sido obra de Walker.

— A mesa está bonita — disse a ele, com um sorriso trêmulo. — Sinto muito pelo meu espetáculo. Em geral dá tempo de chegar até

o banheiro.

Sentou-se na beirada de uma cadeira e abriu a bolsa.

— Você está doente? — perguntou Bea.

— Não exatamente. — Stephanie abriu uma embalagem de chiclete de hortelã sem açúcar. — Feliz aniversário, Melody.

— Você sabe onde Leo está? — perguntou Melody, em tom esperançoso.

— Não exatamente — repetiu Stephanie. — Aquele pequeno *incidente* ali no canto foi porque estou grávida. Do Leo. Não o vejo há duas semanas. — Amassou o plástico que embrulhava a embalagem e o pôs na mesa a seu lado. Mostrou o pacotinho de chicletes. — Alguém quer um?

* * *

A NOITE DEGRINGOLOU daquele ponto em diante. Melody levou as filhas embora às pressas, mas não antes de Stephanie ouvir o relato delas, quadro a quadro, do dia em que avistaram Leo no parque. Era difícil imaginar que ele tivesse ido fazer qualquer coisa senão comprar drogas, caído de costas no chão, lá na zona norte da cidade, onde não precisaria estar e onde — ela lembrava — sempre tinha ido se encontrar com um sujeito chamado Rico, Nico, Tico, algo assim. Justo naquele primeiro fim de semana! No fim de semana em que ela havia engravidado. No fim de semana em que abrira a porta para ele e lhe pedira que não usasse drogas.

Stephanie continuou sentada à mesa abandonada, ao lado de Bea, que serviu champanhe para as duas.

— Não, obrigada — disse Stephanie, apontando para a barriga.

— Sério? — perguntou Bea. — Um bebê?

— Sério — respondeu Stephanie, sem nem mesmo tentar esconder seu prazer. Elas ouviram a voz atipicamente elevada e furiosa de Walker vindo da cozinha.

— Se você não estava com Leo, *com quem estava?*

— O que está acontecendo ali? — indagou Stephanie.

— Não sei exatamente, mas não parece bom — respondeu Bea.

— É alguma coisa sobre Jack ter mentido a respeito de se encontrar com Leo. Jack esteve no Brooklyn?

Stephanie relembrou a manhã em que havia ficado em casa para fazer um teste de gravidez e, ao parar junto à janela do segundo andar, atordoada, tinha avistado Jack se aproximando pela rua. Ela se escondera no quarto dos fundos, ignorando a campanha.

— Não — respondeu. — Faz anos que não vejo Jack.

Mais vozes elevadas na cozinha. Uma porta batendo.

— Acho melhor a gente ir embora — disse Bea.

— É. — Stephanie embrulhou a baguete que estava mordiscando num guardanapo e a pôs na bolsa. — Para o metrô — explicou, tentando se justificar.

* * *

NAQUELA NOITE, HÁ tantos anos, em que Pilar lhe passara um sermão sobre as etapas do luto e escrevera todas num guardanapo, Stephanie havia ficado no bar, curtindo a fossa, depois de Pilar sair. Desenhara uma carinha triste no guardanapo, ao lado de *aceitação*. O barman, que tinha ouvido Stephanie contar a história toda mais de uma vez, rabiscou a carinha triste e desenhou no lugar um passarinho vermelho, de asas abertas, sobrevoando o mar, cercado por tracinhos luminosos, como um dos bebês radiantes de Keith Haring.

Durante muito tempo ela guardara o guardanapo na bolsa. Depois, numa gaveta da cozinha. E, por fim, o enfiara numa caixa em algum lugar. Ao fechar a caixa com fita adesiva, pensou que tinha encerrado o assunto.

Stephanie ficou pensando naquele pássaro enquanto desembarcava do metrô e caminhava até sua casa. Durante anos, toda vez que sentia alguma angústia relacionada a Leo, pensava no passarinho vermelho guardado numa caixa no fundo do porão. Andando devagar por sua rua, entre as residências majestosas e a luz acolhedora das janelas da frente, ela pensou no guardanapo e no sentido que sempre atribuíra àquela imagem: Leo voando para longe dela, em direção ao mar, sem obrigações e livre. Stephanie pensou em como se sentia grata por sua vida, por sua casa — no momento mais vazia, porém não por muito tempo. Pensou no quartinho dos fundos, que ia transformar em quarto de bebê, e se deu conta de que seria verão quando o neném nascesse, e seu jardim estaria florido. Ela teria de substituir a árvore derrubada durante a nevasca, para que o bebê pudesse olhar para fora e acompanhar as estações passarem. Tornou a pensar no guardanapo e percebeu que, durante todos aqueles anos, estivera contando a história errada para si mesma. Leo não era o passarinho vermelho: *ela* era — sobrevoando em êxtase as torres das igrejas do Brooklyn, a caminho de casa, grávida, mas sem nenhum peso sobre os ombros. Livre. Seus incentivos tinham finalmente mudado.



PARTE TRÊS

ENCONTRANDO LEO





CAPÍTULO 36

Dessa vez, não havia chá, nem café, nem biscoitinhos amanteigados, nem a imperiosa Francie (que, ao saber que Leo havia sumido, suspirou e disse “Ah, ele vai se cansar de circular por aí e vai voltar para casa. No fundo, ele é um típico nativo de Long Island”, como se falasse de um dos seus *border collies*). Dessa vez eram só os três irmãos Plumb e George, que sequer se sentava, para ver como estava ansioso pelo término daquela reunião.

— Mesmo que eu soubesse alguma coisa — disse George, que se apressou a acrescentar —, e não sei, não sei *nada*. Mas, mesmo que soubesse, Leo é meu cliente e é provável que eu não pudesse contar a vocês.

— Mas você não sabe? — perguntou Melody, surpreendendo-se ao acertar em cheio no que lhe soou como a perfeita nota cáustica de incredulidade. Foi tão perfeita que ela tentou de novo. — Você *não sabe* — disse, esticando demais as sílabas dessa vez. Mesmo assim, até que não se saiu mal.

— Não sei, juro que não sei. Mas, repetindo, Leo é meu cliente...

— Todo mundo aqui entende o sigilo entre advogado e cliente, George — interpôs Jack. — Você não precisa ficar repetindo isso.

— Bem, nesse caso, com todo respeito, por que vocês estão aqui?

— Porque o seu primo, nosso irmão, desapareceu da face da Terra — respondeu Bea. — Sumiu, e isso é preocupante, para dizer o mínimo. Queremos tentar descobrir onde ele está e se está bem. E se ele precisar de ajuda?

George puxou uma cadeira e se sentou.

— Olhe, acho que Leo não precisa de ajuda.

— Você *sabe* onde ele está — disse Jack.

— Não sei. Tenho minhas suspeitas. Posso dar um palpite. Mas não tenho certeza de nada.

— Então como você sabe que ele não precisa de ajuda? — indagou Melody.

George esfregou vigorosamente as bochechas com as mãos, respirou fundo e bufou.

— Em dado momento, Leo tinha um dinheiro do qual Victoria não sabia. Uma conta na Grand Cayman. Quero deixar claro que não tenho conhecimento disso como advogado dele. Foi algo que ele mencionou anos atrás, quando abriu a conta, e, sabem como é, achei que não seria má ideia, considerando como as coisas estavam se desenrolando com Victoria, ele ter algum dinheiro separado.

— E você escondeu isso durante o divórcio? — perguntou Jack.

— Não escondi nada. Leo preencheu os formulários sobre os bens, eu perguntei se aquela era a verdade e ele disse que sim. Não relacionou nenhuma conta no exterior, e eu não perguntei.

— Quanto dinheiro? — indagou Jack, sem se alterar.

— Não sei — respondeu George.

— O suficiente para pagar a gente? — perguntou Jack.

— Em dado momento, acho que havia o suficiente lá para pagar a vocês todos. Mas agora? Quem sabe? Estamos falando do Leo. Ele pode ter gasto esse dinheiro há muito tempo.

— Ou pode ser que tenha duplicado — disse Jack. — Ele tinha grana suficiente para cair fora. Só podia ser uma quantia razoável.

Apesar de ter dito a si mesmo, repetidamente, que Leo tinha dinheiro escondido, Jack ficou pasmo.

— Eu concordaria com essa avaliação — falou George. — Mas estou dando um palpite, assim como você.

— Você tinha razão — disse Melody a Jack. — Tinha razão o tempo todo.

— Isso tudo é uma bagunça tão grande. — Bea lamentou-se.

Os três Plumb se entreolharam, perdidos em sua confusão, tentando entender uma traição muito mais significativa do que aquela com que haviam lidado até minutos antes.

— Não dá para entender como isso foi acontecer — disse Melody.

— Não é difícil — retrucou George. — Qualquer um pode abrir uma conta dessas. É totalmente legal...

— Não estou falando de conta bancária! — interrompeu Melody, e George se inclinou para trás como se ela o houvesse esbofeteado. O semblante de Melody murchou e ela desatou a chorar. Bea serviu água para todos. Durante vários minutos angustiantes, os únicos sons na sala foram os soluços e as assoadas da irmã caçula. — Desculpem — disse ela, por fim. — Vou ficar bem.

— É claro que vai — concordou George, tentando acalmá-la.

— Quero dizer, vou ficar sem um tostão, e a gente vai precisar vender nossa casa e dizer às meninas que não tem nenhum dinheiro para a faculdade e que acho que a gente tem um parentesco com um sociopata... — As lágrimas recomeçaram a fluir e, quando Melody voltou a falar, tinha a voz embargada. — Mas vou ficar ótima!

— Se servir de consolo — disse Jack —, é provável que a gente perca nossa casa de veraneio.

— Não serve de consolo — retrucou Melody. — Por que serviria? Eu me sinto péssima por todos nós.

Jack tentou consolá-la. Queria que ela se recompusesse; detestava esse tipo de cena.

— É só um modo de falar, Mel. Quero dizer que sei o que você está sentindo. Eu sei.

— Tenho medo de que seja culpa minha — disse Bea. Contou-lhes tudo sobre seu texto, sobre o fato de ser baseado na noite do acidente e sobre tê-lo entregado a Leo, querendo a aprovação dele. — Quem sabe, se eu não tivesse feito isso, se tivesse simplesmente jogado aquilo fora...

Jack a interrompeu:

— Não. Isso não é culpa de ninguém. É o jeito de ser do Leo. — O que ele não disse em voz alta foi que sabia quem era Leo porque ele era do mesmo jeito. Sempre vira muito do irmão em si mesmo. Talvez não fosse tão ruim quanto Leo (ele era o *Leo Light*, para variar e para sempre), mas chegava perto o bastante para saber que, se tivesse uma conta bancária bem gorda em algum lugar e pudesse pegar um avião e desaparecer, talvez também o fizesse. — Leo sempre foi essa pessoa — acrescentou. — Autopreservação a qualquer preço.

— E Stephanie? — indagou Melody, virando-se para George. — Ela está grávida.

— Merda — disse George, claramente surpreso. — Ele sabia?

— Acho que não.

— Merda — repetiu George, batendo a ponta da caneta num bloco, o que soou como uma série de pequenos disparos. — A gente poderia contratar um detetive particular. As pessoas fazem isso. Tentar rastrear os passos dele, ver se a gente consegue achá-lo.

— E depois? — perguntou Melody.

Ninguém se manifestou.

— Vou dar alguns telefonemas — respondeu George. — Um passo de cada vez. Vamos só ver se é possível descobrir o paradeiro dele.

— Nossa. Amanhã meus olhos vão estar tão inchados... — disse Melody, pressionando as pálpebras com as pontas dos dedos. — Estou enjoada.

— Será que a gente pode ficar um minuto a sós, George? — perguntou Bea. — Só nós três?

— Claro. — George se levantou, parecendo uma criança que houvesse acabado de ser liberada do castigo horas antes do previsto. — O tempo que vocês quiserem.

Bea meteu a mão na jarra de água, pegou um punhado de gelo, embrulhou-o num guardanapo de tecido e entregou a compressa de gelo improvisada a Melody.

— Tome. Para o seu rosto.

— Obrigada — disse Melody, inclinando-se um pouco para trás na cadeira e pondo o gelo nos olhos. Começou a cantarolar. Jack revirou os olhos para Bea, que lhe fez sinal para calar a boca. — Relaxe — disse Melody, intuindo a reprovação do irmão através dos olhos fechados. — É Sondheim.

— Eu não disse nada — protestou ele.

— Nem precisava.

— Sondheim? — perguntou Jack. — Eu aprovo.

— Oba — respondeu Melody.

Ficaram sentados, ouvindo-a cantarolar por um ou dois minutos, alguma coisa de *Amor, sublime amor*.

— Na verdade, Sondheim não compôs esse espetáculo — disse Jack. — Ele escreveu a letra...

— Jack? — interrompeu Bea. — Agora não. — Levantou-se, alisou a saia e pigarreou. — Escutem. Tenho uma ideia. Uma

proposta. Não preciso da minha parte do Pé-de-Meia. Estou bem neste momento. Não vou perder meu apartamento, não tenho filhos com necessidades financeiras imediatas. É óbvio que Leo abriu mão do direito dele. Então, se vocês dois dividirem o que sobrou, os duzentos mil dólares, isso deve ajudar, não é?

— Não — disse Melody, tirando o guardanapo empapado dos olhos. Seu rímel estava borrado, o nariz, vermelho. — Não vou pegar sua grana. Isso não é justo.

— Mas eu quero que você pegue — retrucou Bea. — A gente pode chamar de empréstimo, se você se sentir melhor. Um empréstimo sem juros nem data de vencimento. Sei que não vai ser o suficiente para nenhum de vocês compensar completamente o prejuízo, mas é alguma coisa.

— Tem certeza? — perguntou Melody, calculando rapidamente que Bea estava dando a sua família um ano inteiro de mensalidades na faculdade, ou até mais, se as filhas não fossem para uma universidade particular, o que parecia cada vez mais fora de cogitação. — Você não quer mais um tempo para pensar no assunto?

— Pensei muito nisso nessa última semana. Não preciso de mais tempo.

— Porque, se você tiver certeza, ajudaria, sim — disse Melody.

— Tenho certeza — respondeu Bea, visivelmente satisfeita. — Jack?

— Sim — disse ele. — Vou encarar isso como um empréstimo, mas, sim. — O dinheiro extra não seria suficiente para livrá-lo por completo da confusão em que se metera, mas talvez fosse, por um fio, a conta certa para ganhar tempo para a casa, ou, quem sabe, fazer Walker voltar a atender seus telefonemas. — Não vai ser rápido, mas vou pagar tudo.

— Está bem — disse Bea, tornando a se sentar, satisfeita. — Ótimo. Ótimo! Já é um progresso. E, se George conseguir achar Leo, eu vou falar com ele.

— Ele não vai achar Leo — afirmou Jack. — E, mesmo que ache, isso não vai mudar nada.

— Eu posso tentar — disse Bea. — Posso tentar mudar as coisas.

Melody assou o nariz e revirou a bolsa à procura de mais lenços de papel. Estava com soluço.

— Quando foi que Leo começou a odiar a gente? — perguntou. Ninguém respondeu. — Como é que ir embora foi tão fácil para ele? — Já não estava chorando, estava esgotada. — Será que foi mesmo só uma questão de dinheiro? E *a gente*?

— As pessoas vão embora — disse Jack. — A vida fica difícil e elas caem fora. — Bea e Melody trocaram um olhar preocupado. Jack não parecia estar bem e se recusava a falar de Walker ou da briga no jantar de aniversário. Tinha remexido a aliança sem parar desde a hora em que se sentara. — Além do mais, o que haveria de errado em qualquer um de nós? — perguntou ele, um pouquinho mais animado, abrindo os braços.

Bea sorriu. Melody também. Jack riu um pouco. E, sentados ali, tentando arranjar impulso para sair do escritório, todos pensaram naquele dia no Oyster Bar, sabendo o real motivo da amabilidade de Leo. Jack se perguntou como podia — justamente ele, o menos suscetível ao irmão — não ter desconfiado mais daquele Leo tão cativante e humilde. Bea se lembrou de como Leo parecera estar, sei lá, meio que assumindo uma responsabilidade e evidenciando o desejo de ressarcir-los. De como ele se inclinara para a frente, espalmara as mãos na mesa e olhara para cada um deles nos olhos, parecendo sincero, afetuoso, dizendo que daria um jeito de

pagar o que devia, só precisava de tempo. Ela se lembrou de como o irmão lhes pedira que confiassem nele, e de como ela mesma havia confiado, porque Leo tinha baixado os olhos e, ao reerguê-los para fitar os irmãos, uma ova se não estava com os olhos um tiquinho marejados, uma ova se não tinha seduzido todos eles para que lhe dessem a folga que ele devia imaginar que teria de batalhar muito mais para conseguir. *Como ele devia ter se sentido grato naquele momento, pensou Melody, ao descobrir como os irmãos lhe pediam pouco, ao se dar conta de como os três ansiavam por confiar nele.*



CAPÍTULO 37

Exatamente dez dias depois do jantar de aniversário, Walker se mudou. Teria saído no dia seguinte, mas precisou desse tempo para encontrar um apartamento alugado por temporada que não ficasse muito longe do escritório. Até o instante em que, sem dizer nada, pôs duas caixas e três malas cheias de roupas num táxi, tanto ele quanto Jack achavam que aquilo era um blefe.

A história da escultura tinha sido desfiada com espantosa celeridade na noite do jantar de comemoração. Depois de Stephanie anunciar o desaparecimento de Leo num momento lastimavelmente mal escolhido, Walker puxou Jack para a cozinha.

— Mas se Leo anda sumido há semanas, como é que você tem se encontrado com ele?

Jack virou as costas, mas isso só fez Walker presumir que ele estivesse encobrindo uma indiscrição, uma aventura amorosa. Jack não teve alternativa senão dar explicações e, ao ver a cor se esvaír do rosto de Walker, quase desejou ter algum caso para confessar, em vez daquilo.

Walker tirou o avental devagar e o dobrou num quadrado perfeito.

— O que você está fazendo é não só contra a lei, é também completamente antiético — declarou, quase cuspiendo cada sílaba.

— Sei o que parece — disse Jack.

— Não. Por favor. Por favor, *não tente* justificar o que você está fazendo agora.

— Mas, se você visse esse cara — contrapôs Jack —, talvez conseguisse entender. Ele está arrasado por ter aquele troço em casa. Precisa se livrar daquilo. Estou fazendo um favor a ele.

— Já parou para escutar o que está dizendo?

— Walker, ele perdeu a esposa quando as torres caíram.

— E o que isso quer *dizer*? — Walker já estava gritando a essa altura. — Sinto muito pela esposa dele, mas como isso justifica o que você está fazendo, caramba? Se metendo no mercado negro de obras de arte. — Walker começou a andar de um lado para outro, parou e deu um soco na bancada. Jack ficou assustado. Aquilo estava pior do que ele esperava. — Quando as torres caíram? Puta merda! O que mais, Jack, *o que mais*? Se você não ajudar, os terroristas saem ganhando? Estas cores não desbotam? Esquecer, jamais? Será que tem mais algum sentimento patriótico decorado do qual eu não sei, desses que antes você execrava, mas que agora pode invocar para defender a sua ganância abominável?

— Não é ganância. É... é...

— É o quê?

A última coisa que Jack queria fazer naquele momento era confessar a história do empréstimo hipotecário, mas não teve como evitar. Se esperasse, as coisas só ficariam piores.

— Tem outra coisa — disse.

Walker o escutou sem dizer nada. Quando Jack terminou, ele foi para o quarto e fechou a porta. Desde então, toda a comunicação dos dois se dera por meio de e-mails sucintos. Jack soube por Arthur que Walker tinha posto a casa de veraneio à venda. Mandou vários e-mails implorando para ter uma conversa com ele, por mais breve que fosse. Todos desapareceram no imenso abismo da fúria e do silêncio do marido.

* * *

WALKER SURPREENDEU A si mesmo. Não é que não conhecesse Jack, ele o conhecia. Sabia exatamente o que Jack era — e não era — capaz de fazer. Não é que Jack não tivesse feito burrices ao longo da vida e tentado escondê-las (caramba, por onde começar com as merdas idiotas que ele tinha feito ao longo dos anos? E sempre falhava, sempre, porque era péssimo para apagar seus rastros). Walker se deu conta de que já fazia anos que havia concordado tacitamente em subsidiar os esforços fracassados de Jack. Fingia-se otimista toda vez que ele tinha uma nova carta na manga e ia pagando em surdina as linhas de crédito que nunca se materializavam em receitas, porque era isso que a gente fazia quando amava alguém, quando construía uma vida em comum. A força de um compensava as fraquezas do outro. A gente se tornava o ponto de apoio e equilíbrio dos impulsos do parceiro, o ego do seu id. A gente *transigia*. E, quando Walker ficava impaciente, quando às vezes queria que as coisas fossem um pouquinho mais equilibradas, simplesmente imaginava sua vida sem Jack e recalibrava o ânimo, porque não conseguia imaginar sua vida sem Jack.

Mas alguma coisa se rompeu dentro dele na noite do aniversário de Melody. Ficou sinceramente horrorizado ao ouvir de Jack a história da venda ilegal do Rodin. Era *ilegal*! Quaisquer que tivessem sido as Burradas do companheiro ao longo dos anos, violar a lei era inédito (ou assim Walker presumia, esperava). Se ele tivesse levado adiante aquele plano ridículo e sido pego, era impossível até mesmo imaginar o que eles enfrentariam, e não só em termos pessoais, pois para Walker, as repercussões seriam profissionais. Aquilo era inimaginável.

Parado na cozinha naquela noite, vendo Jack se esforçando para se explicar e alternando entre as evasivas e a indignação, Walker

sentiu seus anos de resignada tolerância evaporarem. Nas semanas seguintes, passou muito tempo tentando decompor aquele momento, sem compreender, ele próprio, como anos de compromisso, amor e transigência podiam simplesmente evaporar. Mas evaporaram. Parado ali, observando Jack, ele se deu conta de que, durante mais de vinte anos, tinha agido como um pai para seu parceiro. E na esteira dessa ideia debilitante veio um lampejo de discernimento que o arrasou: a razão de eles nunca terem tido um filho, coisa que Walker desejava muito, mas nunca conseguira convencer Jack a querer, era que Jack era esse filho — e Walker permitira que ele fosse, tinha deixado que ele assumisse esse papel. Seu marido era seu filho de quarenta e quatro anos, um filho irritadiço, carente e dado a fugir das responsabilidades, e já era tarde demais para outros filhos. E, ao reconhecer isso, Walker ficou arrasado.

Pensava ter se conformado, anos antes, com a decisão referente a filhos; já não o incomodava tanto, era só uma ou outra pontada ocasional. Mas ver as filhas de Melody — tão encantadoras, tão meigas — havia desencadeado alguma coisa, e, depois, quando Stephanie contou que estava grávida, Walker foi inundado por uma melancolia tão súbita e inesperada que teve de sair da sala para respirar. E então vieram as confissões, forçando-o a parar de ignorar o coração descuidado e ganancioso de Jack. Foi como se, na noite do aniversário de Melody, uma fenda enorme se abrisse sob seus pés e ele não conseguisse escalar uma lateral escarpada para chegar a um lugar seguro. Todo dia, o dia inteiro, sentia certa vertigem, como se não houvesse nada a sustentá-lo, apenas um perigo indistinto a espreitá-lo, um vale de arrependimento e desperdício.

Na noite da véspera da mudança, ele entrou em pânico. E se estivesse atribuindo a tristeza das próprias decisões ao comportamento de Jack? E se estivesse sendo injusto? E se devesse a ambos uma segunda chance? Ao entrar no apartamento na volta do trabalho, estava, se não inteiramente disposto a reconsiderar a separação, ao menos disposto a ter uma conversa. Jack estava no quarto, com a porta parcialmente fechada, falando ao telefone. Discutia com alguém. Insistia em que poderia achar outro “comprador”, incentivando a pessoa do outro lado a pensar melhor. Ele não havia, como dissera em repetidos e-mails para Walker, suspenso a venda da escultura. Ainda estava tentando fazê-la acontecer.

Foi a gota d’água.

Walker usaria qualquer valor que conseguisse obter pela casa de Long Island para comprar uma moradia própria. Ajudaria a negociar o pagamento da dívida de Jack. Supunha que eles teriam de se divorciar, mas não tinha pressa de dar entrada na ação judicial. Era provável que também fosse ele quem acabaria arcando com essa despesa.



CAPÍTULO 38

Na noite do seu não jantar de aniversário, quando encontrara Nora e Louisa no quarto de Jack e lhes perguntara qual era o problema e por que Louisa estava chorando, na noite em que se recusara a desistir até Nora finalmente deixar escapar que as duas tinham visto Leo no parque, numa posição comprometedora, e em que ambas haviam apontado para a foto de casamento de Jack e Walker (num esforço, ela percebia, de desviar a atenção do que viria à tona dias depois — as aulas que as duas haviam matado no cursinho do SAT; Simone), Melody ainda acreditava que a comemoração pudesse ser salva. De um modo absurdo, continuara a confiar nisso durante todo o tempo em que Jack e Bea interrogaram Nora e Louisa sobre o dia em que elas tinham visto Leo no parque, e conservara a esperança até mesmo quando Stephanie vomitou num canto da sala e, depois, deu a notícia do desaparecimento de Leo. Só quando Jack e Walker começaram a brigar na cozinha, em cochichos que logo deram lugar a gritos, foi que Melody finalmente percebeu que o jantar nunca seria comido, o bolo nunca seria cortado, o belo Limoncello nunca seria servido.

Ela bebeu o restante da taça de champanhe, tirou as sandálias chiques, porque os pés a estavam matando, e se perguntou se seria indelicado fugir para a cozinha e pegar o restinho de champanhe no balde de gelo. “Vamos, aniversariante”, disse-lhe Walt. “Vista o casaco e vamos comer pizza.”

Nas semanas seguintes, Melody alimentou e cozinhou em fogo brando a sua decepção, como se fosse uma brasnha que não pudesse morrer, porque carregava o fogo da tribo inteira. Depois,

num sábado, o telefone tocou: era do cursinho do SAT, perguntando se ela gostaria de responder a uma pesquisa on-line para explicar por que Nora e Louisa haviam abandonado as aulas. Houvera algum problema com a professora? É que eles tinham recebido outras reclamações.

Foi Walt quem, por fim, entrou em cena e acalmou todo mundo. Foi Walt quem negociou um reembolso pelo cursinho. Foi Walt que Nora encontrou no escritório, tarde da noite, para pedir desculpas por ter faltado as aulas do SAT, e foi a ele que admitiu, com o olhar apreensivo e o sorriso deslumbrante, que gostava de uma garota. Foi a Walt que Louisa e Nora procuraram, juntas, para dizer que não se importavam com a lista das faculdades; que *queriam* dar uma olhada nas universidades estaduais.

— Vou tirar um ano de folga — disse-lhe Louisa. — Eu ia adorar ter aulas de belas artes e morar aqui com vocês.

— Também posso tirar um ano — avisou Nora. — Trabalhar e juntar dinheiro.

Foi Walt que tratou cada uma delas com equanimidade, consideração e um amor cem por cento puro. Que as envolveu em seus braços consoladores e disse, a propósito de tudo: “Parem de se preocupar, por favor. Isso não é problema de vocês. Nós as amamos muito. Vai dar tudo certo.” E foi Walt, por fim, quem colocou novamente a casa à venda e encontrou para a família um imóvel limpo e espaçoso, alugado por temporada. Foi Walt que se tornou o General.

No dia em que eles aceitaram uma oferta pela casa, ele botou todo mundo para fora, para jantar num restaurante chinês.

— Para *comemorar* — disse Melody, em tom amargo.

— Não — retrucou Walt. — Para comer.

Sentada numa espaçosa mesa de canto, Melody tentava ficar calma, ser civilizada. Tomava sua segunda cerveja, e o álcool estava subindo à cabeça. A comida chegou e lhe pareceu errada. Tudo errado. O implacável tom dourado e reluzente da bandeja de frango com castanhas-de-caju era ofensivo. A carne de porco com corante rosado (por que era de um *rosa fluorescente?*), espalhada sobre o gorduroso arroz frito, era de dar náuseas. Os bolinhos no vapor, que pareciam dedos murchos de tanto ficar na água, deram-lhe vontade de gritar. A conversa fiada de Walt sobre os novos quartos deles e sobre o trajeto mais curto de ida e volta para o trabalho e a escola a deixou furiosa (ele não parecia perceber que o fato de o apartamento ficar mais perto da escola *não era* motivo para se gabar).

— Você não está com fome? — perguntou ele, apontando para o pastel intocado no seu prato. Melody contemplou o pastel. Parecia ótimo, estufado e crocante. Ela se lembrou de que adorava pastéis quando pequena, até a noite em que pegou um, mergulhou-o no molho reluzente do pato com laranja, deu uma mordida enorme e, quando ia começando a mastigar, Leo se inclinou para ela e perguntou: “Sabe o que eles põem nesses pastéis para ficarem tão gostosos? Cachorro morto.”

Melody levou anos para acreditar que tinha sido brincadeira dele e voltar a experimentar um pastel. Leo sempre estragava tudo.

— Não estou com fome — disse, empurrando o prato. — Pode ficar com isto.

— Quer pedir outro prato? Tem alguma coisa errada? — perguntou Walt.

— Tem alguma coisa errada? — repetiu Melody. Segurava um biscoito da sorte e o apertou com tanta força que ele se esfacelou e voaram pedaços pela mesa. — Sim, tem uma coisa errada. Tem um

milhão de coisas erradas. Caso você não tenha notado, Walter, nosso *mundo inteiro virou uma merda nos últimos tempos*.

Uma expressão severa surgiu no rosto dele, uma mensagem quase subliminar, como aquelas palavras ocultas em propagandas, uma mensagem que, naquele caso, talvez dissesse: “Você foi longe demais.”

— Vocês podem nos dar licença? — pediu Walt a Nora e Louisa. Melody permaneceu sentada, vendo o marido se levantar. — Posso falar com você, por favor? — Melody olhou para Nora e Louisa, ambas de olhos arregalados, e, por fim, Walt a segurou pelo braço e meio que a guiou, meio que a puxou para os fundos do restaurante, perto dos toaletes.

— Chega — disse ele.

— O que está você fazendo? Por que está me tratando com essa grosseria?

— Estou cansado da sua insistência em ser infeliz. Não tem nada aqui que esteja “virando uma merda”, para usar sua expressão encantadora, inclusive nossas filhas, que talvez tomem essa sua visão como uma coisa um pouco pessoal. *Chega*. Volte para a mesa e peça desculpas à Nora, e volte a ser a pessoa que você sempre foi para elas.

— Eu não estava falando da Nora — disse Melody.

Walt se afastou, enojado. Ela ficou perplexa. O marido nunca lhe dirigira a palavra nesse tom nem a tocara de nenhum modo que não fosse puramente afetuoso. Ela entrou no toalete para se recompor. Como é que ele se atrevia? Ela não estava falando da Nora! (Certo, talvez estivesse falando da Nora. Um pouco. Que Deus a perdoasse.) Inclinou-se, lavou o rosto e se olhou no espelho. Estava com um aspecto horroroso, porque *era* horrorosa. Como podia ter errado tanto sobre tudo e todos? Não ter percebido que Nora era

gay e não saber falar com ela sobre isso e, por extensão, sobre qualquer coisa; não ter notado a mentira das meninas; não ter compreendido que Leo era mentiroso e ladrão. Não ser o tipo de mãe disposta a sacrificar uma casa pela anuidade das filhas na faculdade — não de bom grado, pelo menos. Não com amor.

Ela já não sabia quem era. Não sabia ser a pessoa que sempre fora. Além do mais, essa pessoa era meio idiota, não é mesmo? Voltou para a mesa, onde todos mastigavam em silêncio, vendo sua aproximação com pavor, o que ela notou. Melody se sentou e pegou seu pastel. Tentou dizer “desculpem”, mas não conseguiu falar. Deu uma mordida, pensou *cachorro morto* e cuspiu a comida no guardanapo.

Sem dizer nada, pegou a bolsa, retirou-se e foi se sentar sozinha no carro. Pelo janelão do restaurante, podia ver Walt, Nora e Louisa. Estavam comendo, mas sem conversar. Todos passavam as travessas entre si em silêncio e mastigavam olhando para os pratos. Melody tentou imaginar que tinha ido para algum lugar, simplesmente desaparecido sem deixar vestígios, e que aquela era a atual vida deles. Um marido sem mulher, filhas sem mãe. Era um quadro muito desequilibrado, incompleto e *triste*.

Walt disse alguma coisa e as meninas balançaram a cabeça. Cada um tirou mais um pouco de comida da grande bandeja central. A todo momento os três olhavam para o outro lado do salão, na direção contrária à janela. Ela se perguntou se alguma pessoa conhecida estaria sentada por ali, ou se eles precisavam da garçonete para trazer mais bebidas ou embalar as sobras para viagem. O pessoal do restaurante tinha o hábito de sumir quando se precisava de algo. Nora devia querer mais biscoitinhos da sorte. Walt se inclinou sobre a mesa e segurou uma das mãos de cada filha. Disse-lhes alguma coisa. Melody apertou os olhos e se inclinou

para a frente, como se soubesse fazer leitura labial. Pensou no que ele estaria dizendo. As meninas o olhavam e assentiam. Depois, sorriram. Em seguida, todos se viraram e tornaram a olhar para o outro lado do salão, e Melody compreendeu o que estavam fazendo. Estavam olhando para a porta. À procura dela.



CAPÍTULO 39

Era terça-feira, o que significava que Jack abria a loja um pouco mais cedo, depois de mantê-la fechada no domingo e na segunda. As terças eram os dias em que a maioria dos decoradores fazia seu circuito, porque as lojas não estavam cheias de amadores ou turistas de fim de semana, porém a manhã tinha sido fraca. E o que havia de novo nisso? Ele estava sentado a uma mesinha nos fundos da loja. Tinha dado alguns telefonemas, enviado alguns e-mails. A porta da frente se abriu e a sinetinha tocou, anunciando a chegada de alguém. Jack se levantou e não conseguiu discernir bem quem estava na entrada; o sol brilhava pelo caixilho envidraçado acima da porta e o atingia diretamente nos olhos.

— Jack?

— Sim? — Espremeu os olhos, afastou-se da luz e adaptou o olhar. — Melody?

— Oi — disse ela, meio sem jeito. — Eu trouxe um lanche para você.

* * *

— ENTÃO DEIXE EU ver se entendi direito — disse Jack. — Você me trouxe esses sanduíches e biscoitos deliciosos, e até uma garrafa caríssima de água com gás, porque quer meus conselhos sobre ter uma filha lésbica?

Melody suspirou e catou uma folha meio murcha e escura do seu sanduíche. Por que era tão difícil encontrar um simples sanduíche de peru?

— O que é isso? — indagou, cheirando a folha. — Rúcula. Argh. O que aconteceu com a boa e velha alface americana? — Baixou o sanduíche e olhou para Jack. — Não quero conselhos, exatamente... É só... Não sei o que eu quero, para ser sincera. Acho que estou com medo.

— De ter uma filha gay?

— Não! De não ser uma boa mãe.

— Por ela ser lésbica?

— Não estou tentando ser babaca, Jack. Nunca me importei com o fato de você ser gay. Você sabe disso. Nenhum de nós se importou. Você é que não convidou ninguém para o seu casamento, o que é uma pena, porque a gente teria gostado de ir. Também teria sido bom para suas sobrinhas ver os tios gays se casarem.

— Bem, agora elas têm lugar na primeira fila para um divórcio inovador.

Melody largou o sanduíche.

— É sério?

— Acho que sim.

— Mas por quê? Não tem nenhuma chance de vocês se entenderem? O que aconteceu?

— Fiz uma coisa muito idiota. A gente pode falar de outro assunto?

— Claro.

Estavam sentados diante do balcão da frente da loja, ao lado da vitrine de joias.

— Isso é bonito — disse Melody, pegando uma caixa de couro vermelho com um relógio antigo.

— É, é bonito. É o relógio que dei ao Walker como presente de casamento.

— Ele devolveu?

— Na verdade, ele revendeu para a pessoa de quem eu tinha comprado, que me avisou, e eu comprei o relógio de volta.

— Sinto muito. Isso parece bem triste.

— E foi. Muito. Em especial porque ele vendeu o relógio para bancar minhas aspirações e por eu, sem saber o que ele tinha feito, ter vendido um rim para comprar um estojo de couro para esse relógio.

Melody sorriu e colocou de volta o relógio no balcão.

— A gente está vendendo a casa — disse. Apertou a ponte do nariz com o polegar e o indicador. Realmente não queria tornar a chorar na frente de Jack.

— Nossa casa também está à venda.

— Dizem que o mercado está melhorando — comentou Melody, repetindo as palavras de Walt.

— Dane-se o mercado — disse Jack.

— É.

Ficaram os dois mastigando seus sanduíches de peru por alguns minutos, evitando se entreolhar. Então, Melody perguntou:

— Você se lembra daqueles amigos que tinha no colégio?

— Nossa, vai ser um almoço de *interrogatórios e memórias*? Porque eu não estou no clima.

— Não. Quero dizer uma coisa.

— Que amigos?

— Todos aqueles garotos.

— Mais uma vez, preciso que você seja mais específica.

— Todos os garotos daquele verão. Os do clube de natação. Lembra? Você levava os meninos lá em casa e ficava com eles nos fundos, embaixo das árvores.

Os olhos de Jack se iluminaram. Sim, ele se lembrava. No verão anterior a sua ida para a faculdade, ele tinha levado em casa,

descaradamente, vários rapazes bonitos do clube praiano frequentado pela família, todos os quais trabalhavam no restaurante, tirando mesas e enchendo copos de água (os empregos no serviço de mesa do salão de refeições, muito cobiçados, eram distribuídos entre os filhos universitários dos sócios, que embolsavam gorjetas de que realmente não precisavam para alimentar seus vícios em álcool ou drogas, ou ambos). Já então, Melody sabia que havia algo diferente no jeito de Jack e seus amigos puxarem as espreguiçadeiras para os fundos do quintal e passarem bronzeador nas costas uns dos outros, molhando-se de vez em quando com o borrifadorzinho de plantas da mãe dela, aquele bonito, de latão, que era para regar as violetas-africanas do parapeito da varanda. Melody procurava encontrar desculpas para ir até lá, sempre que possível, oferecendo copos de limonada ou picolés de chocolate. Os rapazes paravam de rir e falar quando ela se aproximava pelo gramado, apertando os olhos para ver o que ela trazia nas mãos.

“Quer um?”, perguntava Melody. Sempre levava um a mais para ela, torcendo para ser convidada a ficar com os rapazes. Mas toda vez Jack pegava o que ela levava e a afastava.

— Eu lembro muito bem — disse ele. — Os velhos tempos sob os pinheiros. Quando a vida era muito mais simples, alegre e gay.

— Eles eram *mesmo* gays, certo?

— Nem todos. Alguns. Já chega.

— Por que eles não gostavam de mim?

— O quê?

— Eles nunca gostaram de mim, aqueles garotos gays. — Melody estava tentando manter a voz leve, descontraída. — Eu vivia tentando ficar por perto, e vocês todos sempre tentavam me mandar embora.

— Você era uma garotinha.

— E daí? Eu levava coisas. Levava refresco e picolé, e tudo o que eu queria era jogar cartas, ou ouvir a conversa, *qualquer coisa*. Mas vocês nunca gostaram de mim. Por quê? Era alguma coisa específica?

Jack se recostou na cadeira e cruzou os braços, sorrindo para a irmã como se ela estivesse contando uma piada excelente. Começou a rir, mas ela fechou a cara e ficou com uma expressão magoada tão típica que ele parou.

— Mel — disse, pondo sua mão na dela —, eles não detestavam você. Você era uma gracinha, tropeçando pela grama com aquele biquíni largo, carregando uma jarra de limonada quente ou alguns picolés meio derretidos com gosto de coisa que perdeu a cor no freezer. Você era uma gracinha.

Melody baixou os olhos para o sanduíche parcialmente comido. Não conseguia olhar para Jack. Sentia-se mortificada por ter puxado o assunto, mortificada ao ouvir a visão que ele tinha das suas peregrinações pelo gramado e especialmente mortificada por ficar tão feliz ao ouvi-lo dizer “você era uma gracinha”.

Jack continuou, e sua voz perdeu o toque sarcástico de praxe:

— O que acontecia lá, debaixo daqueles pinheiros, não tinha a ver com você, nem com gostar ou não de você. Isso é pura maluquice. Eu tinha dezessete anos. Não queria você por perto porque eu vivia com ereção vinte e quatro horas por dia. Não queria minha irmãzinha lá.

— Que nojo.

— Exato. Pense nisso como uma forma diferente de amor fraterno. É com isso que você anda obcecada, por causa da Nora? Pensando que talvez você tenha algum repelente gay embutido?

— Não. Só estou pensando. Quero fazer o que é certo. Quero compreender e apoiar, mas estou com medo. Não sei mais do que

ela precisa, o que ela sente.

— Sabe, sim.

— Não sei, Jack, *não sei*. Nunca fiquei atraída por uma garota...

— Você *sabe*, sim — insistiu ele. Levantou-se, recolheu o lixo do almoço e jogou tudo num saco vazio. — Você queria que ela não fosse gay — completou.

— É. Desculpe. Não estou dizendo isso para magoar. Não quero que a vida dela seja mais difícil do que a vida já é. Não sei preparar o terreno para isso, facilitar as coisas. Não sei o que dizer nem o que pensar, nem como me comportar, e não sei com quem conversar. A não ser você.

Jack estava olhando pela vitrine da loja, tamborilando os dedos com impaciência num mostruário.

— Walker queria filhos — disse, por fim.

— Sêrio?

— Eu ficava nervoso com essa história. Você me conhece. Ele queria adotar e tudo o mais, e eu só conseguia pensar em como é que a gente ia saber o que ia receber. Parecia um tremendo jogo de azar. Como é que a criança sabe? Ninguém se candidata a ter dois pais gays. Parecia muito fácil meter os pés pelas mãos. Walker vivia dizendo que eu pensava demais. Sempre dizia: “Tem uma razão para chamarem isso de *conceder a guarda*. Os pais são guardiães temporários, que tomam conta, dão amor e procuram deixar a criança melhor do que a encontraram. *Não prejudicar*.” Era isso que Walker dizia, pelo menos. Não sei se ajuda.

— Ajuda um pouco — disse ela.

— Só mais um exemplo do meu egoísmo, foi isso que Walker disse enquanto saía pela porta.

— Não querer adotar?

— É.

Melody refletiu por um minuto. Por que era tão fácil magoar as pessoas que a gente mais amava? Apontou para um carrinho-bar *art déco*, a alguns metros de distância, com garrafas de cristal cheias de um líquido escuro.

— Aquilo é bebida alcoólica de verdade? — perguntou.

— Com toda a certeza — respondeu Jack. — Está sugerindo uma bebida? Porque, se estiver, você é minha pessoa favorita em Nova York neste momento.

— Estou — disse ela.

Jack encheu metade dos seus copos de plástico de uísque escocês, e os dois passaram alguns minutos bebericando, num silêncio amistoso.

— Não acho que você estava sendo egoísta — disse Melody.

— Sobre a adoção?

— É. Acho que estava sendo ponderado e cauteloso, e demonstrando as suas apreensões com sinceridade. Ter filhos não é fácil.

— Eu sei!

— Não me entenda mal. É ótimo, e acho que você e Walker teriam sido pais excelentes, se os dois quisessem isso. Mas não é para todo mundo. — Ela terminou o uísque e serviu mais um pouco. Estava preparando uma declaração impactante impulsionada pelo álcool. — *Não prejudicar*. — Riu. — Parece muito, muito fácil, mas sabe o que mais é fácil? Prejudicar! *Prejudicar* sem querer é tão fácil que chega a ser aflitivo. Não acho que você tenha sido egoísta. Acho que estava sendo realista.

Jack a observou com ar divertido. Não ficou surpreso por ela ser fraca para bebida, mas o que a irmã disse também encontrou ressonância nele e fez com que se sentisse melhor.

— Diga isso ao Walker — sugeriu, brincando.

— Eu digo — falou Melody, empertigando-se. — Ele acha que ser pai é essa moleza? Ligue para ele. Eu digo ao Sr. Advogado como é fácil. Cadê ele?

— Não sei, vamos ver. — Jack pegou o celular, e Melody ficou desconcertada ao vê-lo abrir o aplicativo dos *stalkers*, o que ela o convencera a usar. — Vamos dar uma espiada — disse ele, esperando o programa abrir. — Lá vamos nós. Ele está no trabalho, e olhe só! — Apertou a tecla “chamar” e ergueu o aparelho para Melody ver que estava escrito “Walker”, enquanto o telefone chamava sem parar. Jack bateu com o celular no balcão. Melody o pegou. — O que você está fazendo?

— Deletando esse aplicativo. Se quiser dizer alguma coisa ao Walker, você devia ir atrás dele. Agora, isto aqui? — Ergueu o celular e o sacudiu um pouco. — Isto não diz o que você precisa saber. É uma parte minúscula da história. É uma farsa.

Melody apertou alguns comandos e o aplicativo desapareceu. Jack olhava pela janela, por cima da cabeça baixa da irmã, observando os pedestres que passavam na rua, num dia tão perfeito de primavera que chegava a destroçar o coração. Ele nunca se sentira tão sozinho em toda a sua vida. Ao lhe devolver o telefone, Melody se deu conta de que o olhar meio disperso e sem foco do irmão, o cabelo comprido demais, a camisa amarrotada, tudo aquilo compunha uma decepção amorosa. Ele não era maluco nem desleixado. Estava oco.

— Mel — disse Jack, por fim. — Nora só precisa saber que você a ama tanto quanto antes, e exatamente do mesmo jeito. Precisa saber que não está sozinha.

— Eu sei — retrucou Melody.



CAPÍTULO 40

Era véspera do Dia das Mães e Stephanie ainda estava usando seu colete acolchoado. Maio em Nova York era inconstante. Na sexta-feira ela não havia precisado de nenhum casaco, mas o sábado amanhecera nublado e frio, mais outonal do que primaveril. Apesar disso, havia ramos de ervilhas-de-cheiro cor-de-rosa, roxas e azuis na feira dos agricultores, e Stephanie resolveu esbanjar e comprou quatro buquês. Ia espalhá-los por toda a casa e seu aroma estonteante permearia os cômodos.

Vinnie e Matilda iam almoçar lá. No dia em que atendera o celular de Leo, ela havia encerrado rapidamente a ligação com Matilda, dizendo que ele tinha *saído*. Não se esquecera do telefonema — nem da pobre moça que estivera no carro com Leo —, mas havia muitas outras coisas que ela precisava enfrentar. Semanas depois, tinha ligado de volta, mais por dever do que por qualquer outra razão.

Stephanie sabia que não era responsável pelas confusões de Leo, mas, ao ouvir Matilda explicar, de modo nervoso e meio desconexo, por que havia telefonado, percebeu que poderia ajudar. Uma de suas clientes favoritas, Olivia Russell, era uma jornalista de enorme sucesso, que tinha escrito muito sobre membros artificiais, em especial sobre os desafios enfrentados pelos veteranos da Guerra do Golfo. A própria Olivia tinha perdido uma perna quando jovem. Conhecia todo mundo, sabia como usar todos os programas e, agora, dirigia uma organização sem fins lucrativos que ajudava amputados a se orientar no mundo dispendioso e complexo dos membros artificiais. Stephanie se ofereceu para apresentá-las.

Matilda perguntou se poderia levar seu amigo Vinnie. E, assim, todos iriam almoçar na casa dela: Vinnie, Matilda e Olivia, que já havia concordado em ajudar Matilda, como um favor para a agente. Com isso, o trabalho de Stephanie estaria encerrado.

— Feliz Dia das Mães — disse-lhe o agricultor que recebeu seu dinheiro. Pelo menos ela presumiu que fosse um agricultor; estava meio malvestido e já tinha a pele desgastada pelo sol. Os dedos eram grossos, calejados e sujos de terra, e ele usava um boné azul que exibia na frente as palavras FAZENDAS ORGÂNICAS SHEPHERD em letras cor de laranja. Stephanie levou um minuto para perceber que o homem se dirigia a ela.

— Ah, obrigada — disse. Com sua altura, ela portava muito bem a gravidez, mas, aos seis meses, seu ventre estava protuberante, inconfundível.

— Você tem outros filhos?

— Não. Primeiro e último — disse ela, usando o tom emocionalmente neutro que, segundo tinha aprendido, costumava pôr fim às conversas sobre bebês, e foi passando as sacolas de batatas, aspargos e morangos para a dobra de um dos cotovelos, para poder carregar as flores vibrantes numa das mãos, como uma noiva de primavera.

— É, isso é o que todas dizem — retrucou o agricultor, sorrindo. — Depois, a criança começa a andar e a falar. Logo, logo, não quer mais se sentar no colo e, quando menos se espera — apontou para a barriga dela —, o número dois está no forno.

— Humm — gemeu Stephanie, sem se comprometer, estendendo a palma da mão para receber o troco.

Passara anos ouvindo suas amigas grávidas se queixarem da conduta invasiva provocada por uma barriga protuberante; de como, até em Nova York, onde se podia ficar a centímetros do rosto de

outra pessoa no metrô na segurança do acordo tácito, mas universal, de que nenhum indivíduo (são) jamais se intrometeria na sua vida, tudo podia acontecer quando se estava grávida.

“Menino ou menina? É o primeiro? Para quando é?” (Stephanie sempre ouvia “Para quanto é?” em vez de “Para quando é?”. Sempre.) Por isso, ela estava preparada para as perguntas chatas, porém o que achava mais enfiurecedor era como todos precisavam falar não só do bebê que ela estava gerando, mas também dos seus *futuros* filhos não planejados. Era muito estranho. Como se querer apenas um filho já fosse solapar a maternidade que ainda nem tinha começado oficialmente. Como se ter um apenas um filho fosse, por si só, um gesto desanimado, de compromisso parcial. (“Ah, eles só estão com inveja”, lhe dissera Pilar, mãe de um menino assombrosamente charmoso e erudito de nove anos. “Querem ter certeza de que você vai cair de bunda outra vez, assim que começar a dormir a noite inteira. Desgraça adora companhia, amiga.”)

— E então, você já sabe se é menino ou menina? — perguntou o agricultor, contando as notas de um.

— É uma menina.

— E já escolheu o nome?

— Já — disse ela, com um sorriso discreto. — Mas é segredo.

Tinha aprendido da maneira mais difícil a ser reservada quanto a nomes de crianças. Quando começara a mencionar os nomes em que vinha pensando, antes de lhe ocorrer a escolha óbvia, todos haviam externado opiniões baseadas numa lógica tão subjetiva e pessoal que se tornava sumamente bizarra: “Minha primeira esposa se chamava Hannah e era uma sacana fria”, “Minha filha tem *quatro* Charlottes na turma do colégio”, “Natasha é meio Guerra Fria, não é?”.

Stephanie também tinha a impressão de que, como muitas outras coisas que cercavam a maternidade, dar nomes tinha se tornado um esporte competitivo. Um cara das aulas de preparação para o parto não conseguia parar de falar em suas planilhas Lótus de nomes de bebês.

— A gente tem três prioridades — explicou ele a uma Stephanie entediada e a uma instrutora atônita (essa já vira de tudo). — O nome precisa ser único, precisa refletir a origem étnica da minha esposa e também a minha, ou seja, tem que ser um pouquinho britânico e um pouquinho judeu, e — fez uma pausa nesse ponto, para aumentar o efeito — precisa ser melífluo. Prazeroso para o ouvido.

— Sei o que significa melífluo — disse Stephanie.

— Sophia é o tipo de nome que a gente está buscando — acrescentou a esposa dele, com seu sotaque apocopado da BBC —, mas hoje em dia é comum demais.

— É comum porque é bonito — opinou Stephanie. — Um nome antigo clássico.

— Comum *démais*, receio, e o clássico já denuncia que está na moda — disse a mulher, pondo a palma solidária da mão no braço de Stephanie, que obviamente julgou ser uma pobre desinformada.

— Além das três grandes prioridades — prosseguiu o marido —, temos um subconjunto de exigências. — E foi ticando os itens nos dedos. — O que acontece quando se procura o nome no Google? Quantas sílabas ele tem? É fácil de compreender por telefone? É fácil de digitar num teclado?

Essa última foi demais; Stephanie riu. O casal não voltou a falar com ela.

— Boa sorte — disse o agricultor, dando um tchauzinho enquanto ela se afastava. — Este será o único Dia das Mães tranquilo que a

senhora vai ter durante muito tempo. Deixe o seu marido paparicá-la.

Essa era outra coisa que surpreendia Stephanie, embora lhe parecesse que não deveria surpreender: como todos presumiam que, por estar grávida, ela também devia ser casada. Ela morava em Nova York, pelo amor de Deus! Não só em Nova York, mas no *Brooklyn*! Não era a primeira quarentona a ter um filho sozinha, mas, ainda que estivesse tendo o bebê *com* alguém, quem disse que era casada? Quem disse que o alguém dela não seria outra mulher? Stephanie não apenas se sentia ofendida com o convencionalismo quase unânime das suposições automáticas de todo mundo, mas também se inquietava por saber que sua filha teria que enfrentar o mesmo tipo de raciocínio arrogante a respeito de um pai que... Bem, quem é que sabia o que estava havendo com o pai, ou qual seria a história quando a criança tivesse idade suficiente para perguntar?

Stephanie redistribuiu as sacolas de compras, para que os ombros e os braços carregassem um peso equilibrado, e começou a andar para casa. Por sorte, a caminhada do parque até sua casa era uma descida. As pernas dela eram fortes, mas seu centro de gravidade vinha mudando, e suas costas doíam quando ela andava muito carregando embrulhos. Devia arranjar um daqueles carrinhos de compras com rodas, mas logo estaria empurrando um carrinho de bebê.

Ainda estava aborrecida com o comentário do agricultor sobre o *marido*. Não havia nada que a frustrasse muito a propósito de ter um filho sozinha, exceto decidir o que dizer às pessoas sobre Leo, isto é, decidir se lhes diria algo sobre Leo. Seus amigos mais íntimos e seus colegas de trabalho conheciam a história, mais ou menos. Todos sabiam de Leo e do passado dos dois, sabiam que ele tinha

ressurgido por um tempo e que ela havia ficado surpresa, mas feliz, ao se descobrir grávida, e que Leo já não fazia parte do panorama.

Era mais difícil com os conhecidos superficiais ou com completos estranhos, petulantes e enxeridos. Muita gente se continha diante de um seco “sou mãe solteira”, porém muitos não paravam. Stephanie teria de inventar algo específico o bastante para silenciar todos, mas não intrigante o suficiente para encorajar perguntas.

Ela também odiava os olhares de piedade e preocupação que acompanhavam seu esclarecimento, propositalmente otimista, de que teria o bebê sozinha. Para Stephanie, era absurdo ser a destinatária de um sentimento de piedade, porque ela se sentia sortuda. Sortuda por ter uma neném e sortuda por estabelecer laços lentos, mas animadores, com os irmãos de Leo e seus familiares, o que vinha fazendo especificamente em prol de sua filha, para que ela pudesse ter uma ideia de sua família extensa.

Stephanie era filha única de mãe viúva, que falecera anos antes. Havia adorado sua infância e sua mãe amorosa, acessível, inteligente e engraçada. Seu único arrependimento por não ter tido um filho mais cedo era por sua mãe já ter morrido, e sua mãe teria sido uma avó incrível. Mas, às vezes, Stephanie também se sentira solitária quando era criança. Por isso, torcia para que os Plumb abraçassem a filha dela e de Leo, e, até aquele momento, era o que eles vinham fazendo.

Se quisesse ser perfeitamente franca consigo mesma, Stephanie diria que a configuração específica que sua família estava prestes a assumir era a sua preferida, porque era a que conhecia. Se fosse escrupulosamente franca, diria que uma das razões de nunca ter tido um filho era que não sabia lidar com a presença de um pai no cenário. Não era algo de que sentisse falta. Sua mãe e seus primos, e os verões em Vermont com seu tio querido, tinham saciado seu

anseio por uma família. No meio da madrugada, no escuro, quando ninguém podia ver o sorriso satisfeito em seu rosto, com a mão na barriga cada vez maior, ela reconhecia que, embora esse bebê não tivesse sido premeditado (*não fora*, pois Leo é que havia aparecido na porta *dela*), ela não havia insistido na camisinha na noite da nevasca, o que, de verdade, nunca tinha feito, nem nos romances mais inebriados, nem nos momentos eróticos mais espontâneos.

Stephanie não tinha planejado a gravidez (*não mesmo*), mas não a havia prevenido, e, se quisesse ser *brutalmente* sincera, nas profundezas da noite, na privacidade do seu quarto, *seu* quarto, com a mão na barriga que subia e descia suavemente com os movimentos ondulantes de sua filha, que rolava, chutava e tinha soluços, ouvindo o silêncio da sua casa cheia de rangidos, sob o edredom arrumado exatamente do jeito que lhe agradava, ela podia admitir a verdade sobre a noite da nevasca: tinha deixado uma minúscula abertura de possibilidade para algo que fosse *do* Leo, mas que não fosse Leo. E gostava das coisas desse jeito.

“Você parece mais um homem do que uma mulher”, era o que Will Peck lhe dissera certa vez, quando estavam juntos, depois de ela sugerir que talvez ele pudesse dormir na própria casa com um pouco mais de frequência. Will não apreciava o amor dela pela solidão. Stephanie supunha que isso fosse verdade, de certo modo. Apesar de não engolir o estereótipo de que as mulheres é que eram carentes. Parecia um equívoco. É claro que havia mulheres determinadas a se casar, mas os homens eram igualmente terríveis quando decidiam que estavam prontos para formar um par. Não eram os homens divorciados ou viúvos que sempre voltavam a se casar num piscar de olhos, que precisavam ser cuidados? Não eram as mulheres idosas que reinventavam a vida sozinhas? Dentre todos os seus amigos cujo casamento se desfizera — e a essa

altura já havia um bom número deles —, as mulheres é que costumavam ter coragem de se afastar de uma relação destruída. Os homens se agarravam desesperadamente a ela.

“Você vai ter que afastar os papais divorciados do Brooklyn a pauladas”, avisara Pilar. Era a última coisa de que Stephanie precisava! Um sujeito com os próprios filhos. Ela havia dispensado alguns divorciados com quem saíra e que, segundo suspeitava, estavam acima de tudo à caça de parceiras para ter por perto em fins de semana alternados, para ajudar com as crianças. Este grupo não a seduzia particularmente: os homens em que ela pensava, no coletivo, como “os papais”. Mas tinha de admitir que havia algo de cativante e até meio sensual num homem atrapalhado para pentear os cachos da filha e prendê-los com uma presilha ou fazer uma trança num rabo de cavalo.

Ao dobrar a esquina de seu quarteirão, ela viu Tommy O’Toole sentado na escadinha da entrada. Ah, ótimo. Ele insistiria em carregar suas sacolas até a cozinha, e Stephanie deixaria com prazer ele fazer isso. Ela acenou com a mão; não faria mal ter uma ajuda para carregar as sacolas pelo restante do caminho. Mas Tommy não estava de frente para ela; olhava para um casal que vinha andando na direção oposta. A mulher usava muletas e, merda, só podia ser Matilda. E a pessoa que caminhava ao lado dela devia ser Vinnie. Tinham chegado cedo. Bom, ela os colocaria para trabalhar cortando legumes. Talvez Vinnie também pudesse carregar algumas sacolas.



CAPÍTULO 41

Embora estivesse um pouco frio para ficar do lado de fora, Tommy e Frank Sinatra estavam sentados na escada da entrada, o que os dois adoravam fazer. Sinatra assumiu sua posição de costume, no terceiro degrau de baixo para cima, focinho levantado, olhos esbugalhados atentos, rabo batendo alegremente no cimento do degrau às suas costas.

A seu lado, Tommy pôs a cabeça entre as mãos e rezou. Fazia tempo que não rezava para Deus nem para ninguém. Quando mais novo, ele acreditava que podia rezar para os amigos e parentes que haviam partido. Invejava o antigo eu, o que achava que alguém escutava. A princípio, ele deixara de crer por preguiça, depois por raiva e, atualmente, a coisa mais parecia um meandro apático. Tommy não se chamaria de ateu; ser ateu requeria mais fé do que ele sentia, uma espécie de certeza sobre o mistério, algo que ele não considerava viável, possível, admirável ou sequer desejável. Quem poderia negar certo tipo de mão norteadora, um desígnio no mundo? Dar a isso o nome de ciência também não lhe explicava tudo. Ele não era crente nem descrente. Não era uma coisa específica, mas também não era nada. Era um sobrevivente.

Durante muito tempo depois da morte de Ronnie, Tommy havia rezado para ela. Não só naqueles meses intermináveis nos escombros, quando estava desesperado e perdido, mas por anos depois. Ficava encabulado ao pensar nisso, mas também havia rezado para a escultura. Ela se tornara um oratório em sua casa até o dia em que ele se viu, captou seu reflexo numa janela, sentado numa cadeira dobrável, falando com a estátua, e sentiu medo de

estar perdendo o juízo. Foi nesse dia que pôs a peça dentro de um armário de louças.

A princípio, ficara apavorado com a oferta de Jack Plumb de vender a escultura, mas, depois de se acostumar com a ideia, enchera-se de alívio. Tinha passado algumas noites insones imaginando o que aconteceria se morresse de repente — atropelado por um carro, vítima de um infarto fulminante — e suas filhas achassem a estátua no armário. Elas acabariam entendendo o que era aquilo e o que o pai tinha feito. Reformular a história de um pai herói já seria ruim o bastante, mas, se elas soubessem que ele havia roubado uma peça dos escombros e escondido o contrabando, isso também mudaria a relação que tinham com a história da mãe. Tommy sabia — minha nossa, como sabia! — que, quando as lembranças de alguém não conseguiam levar a pessoa do luto para a recuperação, a perda era muito mais inquestionável. Ele vira em primeira mão como as filhas já tinham começado a escrever a mitologia de Ronnie horas depois de ela morrer. Se ficassem sabendo da estátua, a morte da mãe seria maculada pelos atos do pai, e ele se recusava a submeter as filhas a outra perda relacionada à mãe. Não podia deixá-las com uma escultura roubada, que se tornaria o segredo que elas precisariam ocultar. Preferia jogá-la no rio.

Sabia que haveria complicações na venda. Como transportar a estátua, onde pôr o dinheiro. Mas Jack Plumb tinha assegurado que o ajudaria, segundo suas palavras, em todos os detalhes. Seria um serviço completo. No entanto, antes mesmo de eles entrarem nos detalhes, Jack deixara escapar que o comprador londrino era da Arábia Saudita.

— Um árabe? — perguntara Tommy, cerrando os punhos, sem acreditar no que ouvia.

— Um londrino — retrucara Jack, pigarreando. — Nem todo mundo do Oriente Médio é terrorista, pelo amor de Deus. Ele é um homem de finanças. Um negociante muito bem-sucedido e um colecionador muito bem-sucedido. Altamente respeitado.

Tommy ficara furioso.

— Mas a família dele deve ter dinheiro do petróleo, não é? E não nega, porque seria mentira.

— Não faço a menor ideia — respondera Jack. — Isso é irrelevante. Se quiser vender no mercado negro, você não vai poder fazer verificações de crédito nem levantar o currículo profissional. Ele é rico, quer a escultura e é discreto. É só disso que você precisa saber.

Tommy praticamente carregara Jack para botá-lo porta afora. Nem sequer tivera a cortesia de lhe passar um sermão sobre por que ele, que havia perdido a esposa, inúmeros amigos e colegas do corpo de bombeiros no 11 de Setembro, não teria a menor possibilidade de aceitar dinheiro do petróleo do Oriente Médio em troca de um artefato do Marco Zero, não importava de quem essa grana viesse nem qual fosse o momento, *nunca*.

Esse rumo dos acontecimentos tinha lhe trazido alívio, porque o havia tirado da fossa imediatamente. Fora loucura sua achar que era possível vender a estátua ou que a transação seria ética. Tommy havia falado sério ao dizer a Jack que não se tratava de dinheiro. Tudo o que lhe importava era saber para onde a estátua iria, porque precisava honrar a memória de Ronnie. Mas, se ele se expusesse, sem querer ou de propósito, *macularia* a lembrança que as filhas tinham dela. E era nesse círculo vicioso interminável que ele se encontrava havia semanas. Bocejou. Não andava dormindo. Como levar a estátua para um lugar seguro? Durante dias, Jack lhe telefonara de hora em hora, querendo reabrir as negociações, até

Tommy por fim ameaçá-lo dizendo que telefonaria para seus amigos da polícia para denunciar os dois. “Vou fazer isso, seu babaca”, dissera a Jack. “Não pense que eu não farei.” Pelo menos teria a honra de ser sincero.

Sinatra levantou a cabeça e gemeu de leve.

— O que você acha, Sr. S.? — perguntou Tommy, esfregando os nós dos dedos na cabeça do Sinatra, no lugar em que a pele era meio solta e o pelo era macio. O cachorro arfou de prazer. Lá adiante, na rua, Tommy viu Stephanie acenando para ele. Devia querer ajuda com as sacolas. Sinatra começou a latir para alguma coisa na direção oposta.

— Quietos, menino — disse Tommy, virando-se para ver o que estava agitando o cachorro.

Era um casal. A mulher usava muletas e havia algo desigual no perfil do seu companheiro. Eles vinham andando devagar, procurando os números das casas. Ao chegarem mais perto, Tommy nem pôde acreditar no que via. Um homem alto e musculoso de um braço só e uma mulher de cabelo comprido que não tinha um pé, andando juntos pela rua dele. Era como se a estátua tivesse ganhado vida. Tommy se levantou e os latidos de Sinatra viraram um rosnado ameaçador.

— Psiu.

Ele pegou o cãozinho e o enfiou embaixo de um braço, para mantê-lo calmo. Precisava mesmo dormir. Piscou, balançou um pouco a cabeça e tornou a olhar, mas a visão não desapareceu. A estátua continuava lá e vinha andando em sua direção. Tommy se sentiu zozzo e olhou para o céu. Não sabia por quê, o que esperava ver lá em cima. Por um momento, achou que ia desmaiar. O que estava acontecendo não podia estar acontecendo. Sentiu a respiração ficar mais superficial, depois uma constrição no peito,

como se alguém apertasse um cinto. O cachorro pulou de qualquer jeito do seu colo, desceu a escada e se virou para Tommy, latindo para valer, assustado.

Ah, por favor, pensou Tommy, *agora não*. Não o infarto que ele temia, não enquanto aquela estátua continuasse dentro de casa. Pôs a mão na balaustrada de ferro, na tentativa de se firmar. Se a escultura estava em sua casa, como podia também estar andando na rua? Stephanie gritava o nome dele de uma direção. Da outra, a estátua viva se aproximava. O suor corria pelas costas de Tommy e as palmas de suas mãos ficaram úmidas. Sinatra latia ainda mais forte. Meu Deus, ele estava morrendo. Estava tendo um derrame, um infarto, ou os dois. Tentou respirar fundo, mas não conseguiu.

— Quietos — ordenou a Sinatra, mas não soube direito se alguma coisa lhe saiu da boca. A garganta estava apertada e seca.

— Com licença. — A estátua se colocara diante dele, falando, querendo subir a escada.

Tommy tentou falar, mas a boca não funcionou. *Eles vieram buscá-lo*, foi o que pensou, mesmo sem entender direito o que queria dizer. Buscá-lo? Quem?

— Oi. — O homem chegou mais perto e estendeu seu único braço. — Tudo bem, amigo? Você não está com uma cara muito boa.

— Qual é o problema, querido, por que está tão zangado?

Tommy pensou que a mulher estivesse falando com ele, mas ela havia apoiado as muletas na escada e tentava acalmar Sinatra, que latia para sua mão estendida. Tommy olhou para o pé que faltava, depois para o homem de um braço só. Não soube dizer, nesse momento, se estava alucinando ou morrendo, mas, fosse o que fosse, sabia que não era boa coisa. *Ronnie*, pensou, *me ajude*.

— Ligue para a emergência — Tommy ouviu o homem dizer. — Precisa de ajuda aí, moço? Como é seu nome?

A voz de Vinnie soou como se atravessasse um túnel comprido, ou uma conexão cheia de estática. Tommy não conseguiu discernir as palavras, mas ouviu o homem dizer alguma coisa sobre 9/11, 11 de Setembro. Merda. E, imediatamente antes de tombar para a frente, lançou ao casal um olhar suplicante, com a mão no peito e a boca apertada num espasmo de dor.

— O quê? — perguntou Matilda, com a voz carregada de tensão e medo. — O que foi, *papi*?

— Perdão — disse Tommy. E caiu, junto ao pé ausente de Matilda.



CAPÍTULO 42

O dia seguinte seria Dia das Mães, e Melody se levantaria e passaria o último dia em sua adorada casa. Na segunda-feira de manhã, o caminhão da mudança chegaria, carregaria todas as caixas e embrulharia os móveis nos cobertores acolchoados de mudança, e a família entraria no carro e seguiria o caminhão até o apartamento temporário do outro lado dos trilhos.

E então chegariam as escavadeiras.

Walt havia escondido dela essa informação até não poder mais guardar segredo. O comprador da casa era um construtor que planejava demolir tudo e construir uma nova monstruosidade. Melody passou a percorrer os cômodos com uma tristeza renovada; dentro em breve, eles já nem existiriam.

Nesse dia, a família estava aguardando a chegada de uma empresa de reaproveitamento. O construtor ia não apenas demolir a casa de Melody, mas também despojá-la primeiro — madeiras, sancas, o corrimão de carvalho, seu assoalho de pinho antigo da sala de estar, tão trabalhosamente conservado — e vender tudo a um escritório de arquitetura que usava materiais de demolição reaproveitados. Walt tentou fazer Melody sair, mas ela se recusou. Queria olhar no olho o babaca que ia dismantelar a beleza e revendê-la com lucro. Ela, Nora e Louisa estavam na sala, embalando os últimos livros, quando a campainha tocou. Quando Walter abriu a porta, Melody achou que estava vendo coisas. Era Jack.

No começo, ela teve vontade de esmurrá-lo. Ficou indignada. Era *e/le* o homem do reaproveitamento? *E/le* ia arrancar a alma da casa

da irmã para vendê-la? Jack e Walter levaram alguns minutos para acalmá-la e ajudá-la a compreender: Jack ia salvar o que pudesse para *ela*.

— Não estou entendendo — disse Melody.

— Conheço algumas pessoas — disse Jack, apontando para a equipe que o acompanhava. — Esse pessoal vai tirar o que você quiser e guardar.

— Para quê?

— Para usar de novo, mamãe — respondeu Nora. Ela e Louisa estavam cheias de expectativa, empolgadas. Fazia semanas que sabiam do plano, enquanto Jack e Walt conspiravam para bolar os detalhes. — Para o caso de você construir sua casa algum dia. Ou para pôr numa casa já construída. Você pode ficar com as coisas melhores e reutilizá-las.

— E onde vou guardar isso?

— Eu tenho um depósito — disse Jack. — Um lugar para meu estoque de reposição. Se você um dia decidir que não quer essas coisas, sempre podemos vendê-las.

— Vocês fizeram isso por mim? — indagou Melody, atordoada e agradecida.

— Só podemos guardar o que você realmente quiser — disse Jack. Começou a organizar todo mundo. Eles precisavam fazer uma lista, descobrir o que valia a pena salvar. Escolher as coisas mais importantes.

— Por que vocês não começam lá em cima? — sugeriu Melody.
— Vou fazer um chá. A chaleira ainda não foi embalada.

Nora e Louisa subiram a escada correndo com Walt.

— Que tal a janela de vitral do corredor? — Melody ouviu Louisa dizer. — A mamãe adora aquela janela.

Jack foi com ela à cozinha. Deu uma olhada no cômodo.

— Acho que aqui não tem muita coisa para guardar — disse. — Esses armários são dos anos 1970.

— Jack. — Melody parou junto à pia, enchendo a chaleira de água. — Não sei como agradecer. Isso é...

— É o meu trabalho. É fácil. Mas estamos pagando a essa turma por hora, então é bom andar depressa.

— Não vai demorar — disse ela. Pôs a chaleira no fogo e acendeu o gás. — Como vão as coisas com Walker?

Jack encolheu os ombros.

— Estão se ajeitando. Entreguei minha parte do Pé-de-Meia e ele completou a diferença para quitar minha dívida. A gente está vendendo a casa. Ele tem sido generoso. Não vou receber a metade, mas vai ser o bastante para manter a loja funcionando por algum tempo, enquanto decido se a vendo ou não. Ele vai me deixar ficar com o apartamento.

— Mas como vão as coisas *entre* vocês, afora os negócios?

Jack se sentou à mesa da cozinha. Melody achou que ele parecia mais magro que de costume, porém tinha um aspecto melhor do que na última vez que o vira.

— Quantos anos você tinha quando se casou? — perguntou ele.

— Mal tinha completado vinte e dois. Uma criança.

— Eu tinha vinte e quatro quando conheci Walker. Você sabia que eu nunca morei sozinho? Tenho quarenta e quatro anos e nunca morei sozinho. Nas primeiras semanas depois que Walker foi embora, eu não sabia o que fazer. Ficava na loja até tarde, comprava uma comida para levar e assistia à televisão até pegar no sono.

Melody observou a cozinha. Durante as semanas anteriores, havia passado todas as noites desmontando a vida da família e embrulhando-a em jornal para embalá-la. Estava com as unhas

lascadas e pretas de tinta de impressão, os braços e os ombros doloridos de tanto carregar caixas para lá e para cá.

— Neste exato momento, isso soa como algo ótimo para mim.

Jack a olhou e assentiu.

— E é meio que ótimo. É isso que eu quero dizer. Sinto saudade do Walker. Sinto uma saudade imensa dele e não sei o que vai acontecer. Mas, pela primeira vez na vida, só tenho que responder a mim mesmo e gosto disso. Não me orgulho do motivo de estar nesta situação, mas tenho feito o que posso para me virar e acho que gosto disso, ou de algumas partes, pelo menos.

Melody pensou em como seria morar sozinha. Chegar do trabalho todas as noites e acender as luzes numa casa às escuras, sem ninguém à espera para saber como foi o seu dia, ou para jantar com você, ou brigar sobre o programa a assistir na TV, ou ajudar a tirar a mesa. Não quis dizer a Jack quanto isso lhe pareceu triste. Lá em cima, ouviu uma serra elétrica.

— Vou ficar triste se você e Walker não reatarem — acabou dizendo.

— Ah, tenho certeza de que em pouco tempo vou voltar correndo e chorando como um bebê para os braços roliços dele. Mas duvido que ele me aceite de volta.

Nesse momento, Walt e as meninas entraram na cozinha.

— Olhe! — disse Nora. Segurava um pedaço de madeira trabalhada. Melody o reconheceu de imediato. Era do armário do corredor de cima, o pedaço de madeira em que ela havia registrado a altura das meninas pelo menos uma vez por ano: vermelho para Nora, azul para Louisa. — Foi a primeira coisa que eu pedi.

— Sério? — Melody se alegrou por Nora ter pensado em levar a madeira, porque Louisa sempre fora a mais sentimental das duas. — Que ideia ótima.

— A gente começou a fazer uma lista — disse Walt. — Dê uma olhada para ver se concorda.

Alguém no segundo andar batia um martelo; a luminária da cozinha balançou um pouco.

Melody olhou para a lista. Era longa. Não conseguiu imaginar todas aquelas coisas — tábuas corridas de assoalho, janelas, corrimões, sancas — guardadas no depósito de Jack, acumulando poeira. Todos os itens de uma casa, mas não era bem isso; pedaços de construção que não compunham uma casa.

— Não quero guardar nada — declarou.

A cozinha ficou em silêncio.

— Muito engraçado — disse Walt, que começou a rir e parou, ao perceber que Melody estava séria.

— Eu quero *aquilo* — Melody apontou para o pedaço de madeira na mão de Nora, que marcava os anos em que eles haviam morado na casa e quanto as meninas tinham crescido; estava coberto de marcas de dedos e encardido de cinza, porque ela nunca havia limpado aquela parte, por medo de borrar ou apagar sem querer as linhas cuidadosamente traçadas com as datas ao lado. — É a única coisa que eu quero.

Jack a observava com cuidado.

— Não me incomode de guardar coisas para você — disse.

— Eu sei — respondeu Melody. — Vamos tirar daqui qualquer coisa que você achar que tem valor e depois vender.

— Melody — disse Walter, frustrado —, estou confuso.

— Eu agradeço muito a vocês dois por terem pensado nisso. Por favor, não achem que eu não estou agradecida. Mas... vamos vender. Vamos usar o dinheiro para arrumar nossa casa nova.

— Tem certeza? — perguntou Walt.

— Absoluta. — Melody se virou para Jack. — Você pode vender tudo isso e ganhar uma comissão, não é?

— Se for o que você quer, sim.

Jack estava surpreso, mas satisfeito. Na verdade, não tinha espaço para armazenar tudo o que havia imaginado que sua irmã ia querer guardar.

— E vocês duas estão de acordo? — perguntou a Nora e Louisa. Sentia-se bem, mais leve, no comando.

As duas assentiram.

— A gente só queria fazer alguma coisa para você se sentir melhor — disse Louisa. — A gente queria ver você feliz.

— Eu tenho o que me faz feliz — disse Melody.

Nem sabia ao certo se entendia o impulso que a levava a querer abrir mão daquilo, mas resolveu não pensar demais no assunto, para variar. Guardar objetos da casa não era o mesmo que ter a casa. Considerando tudo o que havia acontecido no ano anterior, nada mais era igual, e estava na hora de parar de se agarrar desesperadamente às coisas. E, assim, Melody tornou a se sentir o General. Podia parecer que sua família estava batendo em retirada, mas ela não se deixava enganar. Ela era o General e, se havia algo que constituía um avanço, era isso.



CAPÍTULO 43

Foi a maior loucura. Quando Matilda viesse a contar a história, tempos depois — e ela e Vinnie viriam a contá-la várias vezes nos anos seguintes —, a história do *Beijo* seria a deles, e, depois da décima, centésima, milésima vez, ainda seria contada quase exatamente do mesmo jeito, sempre começando pela frase “Foi a maior loucura”. Como eles foram ao Brooklyn na véspera do Dia das Mães e, por causa de alguns ajustes que estavam sendo feitos no braço protético de Vinnie, ele não o estava usando, o que era raro. Como Matilda havia brigado com ele a respeito de pegarem o metrô, porque seu coto estava particularmente dolorido e ela queria ir de muletas, mas estava com medo de se atrasar. Como eles tinham usado um serviço de transporte de automóvel e, por não haver trânsito, haviam chegado absurdamente cedo. Como tinham passeado um pouco, admirando os quarteirões bem cuidados cheios de sobrados de fachada de arenito pardo, os narcisos e os amores-perfeitos nas floreiras das janelas, a quantidade de famílias na rua, empurrando carrinhos de bebê, correndo com passo marcado atrás de crianças em bicicletas de rodinhas, plantando pequeninos canteiros em volta dos troncos das árvores. Como, por fim, eles tinham decidido ir à casa de Stephanie mais cedo do que o combinado e ver se ela estava lá. Como o homem na escadinha da frente ficara lá parado, olhando fixo para eles, como se estivesse vendo um fantasma. Como, mesmo com um braço só, Vinnie havia segurado Tommy O’Toole quando ele desmaiou, impedindo que ele batesse com a cabeça na calçada, e “Só Deus sabe!”, diria Matilda a seus filhos de olhos arregalados, “Só Deus sabe o que teria

acontecido se ele batesse com a cabeça. Se o pai de vocês não tivesse segurado o moço? Ele podia estar morto. Pior! O cérebro poderia ter sofrido uma lesão e ele nunca mais seria o mesmo. Mas não! O papai estendeu e o socorreu com um braço só, pegou-o pela cintura e o colocou sentado, como se ele não pesasse mais que um saco grande de arroz. Um homem adulto!”

Matilda contaria como Stephanie havia largado as sacolas de compras e as flores e começado a correr pela rua ao ver Tommy cair; como se sentara, aninhara a cabeça dele no colo, segurara a mão dele e fizera com que ficasse quieto até os paramédicos chegarem e dizerem a todos que ele ia ficar bem. Como, finalmente, eles o tinham colocado de pé e o ajudado a entrar em casa, e então haviam entendido por que Tommy tinha desmaiado, por que a visão de Vinnie e Matilda na rua o deixara tonto e confuso.

“Era uma estátua da mamãe e do papai!” Assim que cresceu o bastante para conhecer a história, Vinnie Jr. passou a interromper nessa hora e contar esse pedaço: “Era uma estátua de vocês!”

“Isso mesmo.” Matilda passaria a mão na cabeça do filho, em seu cabelo preto e sedoso como o da mãe, cacheado como o do pai. “Era uma estátua famosa da França. A moça não tinha um pé e o homem não tinha um braço, igualzinho à mamãe e ao papai. Olhei para aquela estátua e entendi.”

Nesse ponto, se Matilda e Vinnie estivessem no mesmo cômodo, ela sempre faria uma pausa, sempre lançaria para o marido aquele olhar, um olhar igual ao que havia lançado naquele dia, transbordando de assombro e revelação, um olhar que tinha consertado o mundo dele, que o deixara inteiro e o enchera de um desejo e de uma esperança tão insuportáveis que ele seria sempre o primeiro a desviar o rosto, porque aquele olhar era quase um excesso, era praticamente um sol inundando o seu mundo de luz.

“Eu vi a estátua”, diria Matilda, sorrindo para seus meninos (primeiro Victor Jr., depois Fernandinho, depois Arturo, em homenagem ao avô de Vinnie), “e entendi. Aquela estátua? Ela era o meu sinal”.



CAPÍTULO 44

Quase dez meses depois de o inesperado vento nordeste soprar por Manhattan no fim de outubro, congelando galhos, matando cento e oitenta e cinco árvores majestosas no Central Park, destruindo quase toda a folhagem outonal dos cinco distritos administrativos da cidade, inclusive os crisântemos que ladeavam o Central Park e os vasos decorativos de couve ornamental que os moradores do Brooklyn gostavam de pôr em suas escadas da frente, tentando produzir uma espécie de aristocracia rural incongruente, as maternidades de Nova York foram atingidas por um minúsculo *baby boom*. Enquanto a primavera se tornava verão, os dias se alongavam e a umidade se infiltrava pelo norte e pelo leste, abrindo caminho devagar pelo litoral de Jersey até se acomodar sobre a cidade como um abraço pegajoso e indesejado, a taxa municipal de natalidade quase duplicou em julho, forçando médicos, enfermeiras, parteiras e anestesistas a dobrar os turnos de trabalho, cancelar férias e operar com zero horas de sono.

“Bebês do outubro nevado”, foi assim que começaram a ser chamados os Ethans, os Liams, as Isabellas e as Chloes que apareceram no fim de julho em vez do milho, que não tinha vicejado porque, depois daquela nevasca prematura, o resto do inverno tinha sido seco feito osso, e a seca hiberna se estendera pela primavera e pelo verão. Mas os bebês vieram — com o cabelo tão abundante e macio quanto seda de milho, o corpinho novo desabrochando para expor dedinhos que agarravam e artelhos recurvados que pareciam tão doces quanto caroços de milho recém-expostos.

Fazia semanas que Stephanie vinha tendo contrações pré-parto, mas já ultrapassara em cinco dias a data prevista e ainda não tinha um bebê. Havia parado de ir ao escritório, preferindo gastar algumas horas aleatórias no computador antes de tirar um longo cochilo vespertino. Estava entediada. Estava pronta. Mais do que pronta. Lá embaixo, Tommy dava marteladas. Stephanie ainda não conseguia acreditar na mudança pela qual ele havia passado depois de tirar aquele artefato ridículo do apartamento. No dia em que Tommy desabara na escada, o Serviço de Emergência tinha declarado que ele estava bem. Exausto e desidratado, mas bem. Quando finalmente o levaram para dentro e Stephanie viu a escultura, foi ela quem quase desmaiou. Sabia tudo sobre o furto ocorrido no Marco Zero, porque um de seus clientes tinha escrito um livro inteiro sobre os esforços de recuperação no centro da cidade e, no momento, fazia a cobertura da construção da nova Torre da Liberdade.

Afora a logística da mudança da escultura, a transferência tinha sido de uma simplicidade absurda. Stephanie pediu ajuda a seu velho amigo Will, ciente de que ele protegeria Tommy. Um caminhão de aluguel, uma entrega no meio da madrugada num posto de coleta criado para qualquer pessoa que quisesse doar artefatos do 11 de Setembro e pronto. Desde que a estátua fora devolvida ao seu devido lugar, Tommy passara a se dedicar a sua moradia com zelo renovado, reformando pessoalmente todo o térreo. Ia ficar lindo.

Cinco dias de atraso. Stephanie havia tirado seu cochilo e tornado a dobrar os cobertores no berço novinho em folha, no lindo quartinho novo da neném. O calor de julho era escaldante, e as tardes eram terríveis demais para ela fazer qualquer coisa além de se sentar na sala de estar refrigerada, assistir a *reality shows* na televisão e percorrer lentamente o quarteirão para comprar um

sorvete caríssimo antes do jantar. Parada diante de uma escada de entrada na vizinhança, examinando com indiferença uma pilha de livros deixados do lado de fora para quem os quisesse levar, ela sentiu um estalo, como um balão que estourasse em silêncio nas profundezas do ventre. Veio então o esguicho revelador entre suas pernas, seguido por uma dor prolongada e latejante, mais demorada e intensa do que as pequenas pré-contrações que vinha sentindo. Stephanie apoiou uma das mãos na balaustrada de pedra de um vizinho e respirou fundo. Sentiu o suor escorrer pela nuca e entre os seios doloridos. Fechou os olhos e o sol bateu forte no rosto, nos ombros e nos braços enquanto o sorvete de pêssego na outra mão escorria pela palma e pelo pulso. Ela queria se lembrar desse momento. Olhou para o ponto molhado na calçada e pensou: *Isto é o antes*. O filete que lhe escorria pela parte interna das coxas, a dor crescente nas costas, isso a levava a um lugar completamente diferente, ao *depois*. Ela estava pronta.

Ao se levantar, fascinada por seu líquido amniótico, que descia em meandros pelo declive da calçada de arenito azul-acinzentado (o primeiro e último momento, como constatou, em que teve o luxo de observar o processo com alguma elegância), a primeira contração atingiu, e foi tão contínua que lhe deixou sem fôlego, obrigou-a a se curvar para a frente e a deixou perplexa ao ouvir seu próprio gemido num tom audível.

Tudo bem, pensou, acho que isso vai doer para cacete.

Enquanto a dor cedia e ela tentava recobrar o fôlego e chegar em casa, veio outra contração, logo atrás da primeira, e essa — Stephanie nem soube como conseguiu registrar, mas registrou — foi mais forte e prolongada.

Abrandada a dor da segunda contração, Stephanie ergueu o corpo e aguardou. Nada. Tirou o telefone do bolso e pressionou a

tecla do cronômetro para medir os intervalos entre as contrações. Tudo estava acontecendo depressa demais. Com cuidado, ela começou a andar e, quando estava bem em frente às janelas da sala de Tommy, veio a terceira contração. Stephanie agarrou a balaustrada de ferro com as mãos, e o som que saiu dela foi tão primitivo e involuntário que a assustou; a sensação foi de estar sendo rasgada ao meio.

Tommy adorava contar essa parte da história, contar que a tinha ouvido antes de vê-la. “Três filhas”, dizia. “Eu conhecia aquele som. Ah, rapaz, *se conhecia* aquele som!” Saiu correndo pela porta da frente e conseguiu fazer Stephanie subir a escada e cruzar a soleira da porta (contrações quatro e cinco). Tentou acomodá-la no chão (contração seis).

— No tapete, não! — gritou ela.

Tommy subiu correndo para buscar lençóis no armário de roupa de cama e um cobertor para embrulhar a neném, porque era evidente que não haveria tempo de chegar ao hospital. Uma tesoura do banheiro. Água oxigenada? Por que não? Já começava a se dirigir ao quarto dela, pensando que alguns travesseiros seriam úteis, quando a ouviu urrar.

No andar de baixo, Stephanie tentava controlar a respiração. Merda! Por que não tinha prestado mais atenção à respiração? Por que não havia treinado? Se não conseguisse controlar, não conseguiria se antecipar à dor. Sentou-se no chão da sala, pegou o celular e, após uma conversa rápida e perturbadora com seu médico, durante a qual teve duas contrações, ele lhe disse: “Vou desligar e mandar uma ambulância”, e antes mesmo que conseguisse verificar a hora — e sabia que isso estava *muito* errado, era cedo demais —, ela teve de fazer força.

— Tommy? — gritou lá para cima. Onde estava ele? — Eu preciso fazer força.

— Não, não, não! — berrou ele para baixo. — Não faça força. De jeito nenhum.

Mas dizer a ela para não fazer força era como lhe dizer para não respirar. Seu corpo estava fazendo força, seu corpo se recusava a *não* fazer força. Stephanie estendeu a mão para cima e puxou uma manta de caxemira do encosto do sofá. Ouviu sirenes, mas era cedo demais para a ambulância, e ela sabia que não ia a parte alguma. Tentou recordar se tinha aprendido alguma coisa sobre o que fazer depois que a neném saísse. Ela teria de cortar o cordão? Ai, meu Deus. E a placenta? O que ela ia fazer, porra? As contrações eram ininterruptas, um tsunami constante de pressão, não havia intervalos, nem um só momento em que ela não tivesse a sensação de que todos os seus órgãos internos estavam tentando sair do corpo numa arremetida conjunta. Stephanie levantou a saia, conseguiu tirar a calcinha e pôs a manta de caxemira a seu lado, no chão.

Só o bom e o melhor para a neném, pensou, torcendo para se lembrar, mais tarde, de que tivera a presença de espírito de fazer uma piadinha.

Estava tentando lutar contra a ânsia de usar a força expulsiva, mas sabia já ter perdido a briga. Seu corpo estava fazendo o que precisava, e ficou perfeitamente claro que o trabalho de Stephanie era se render. Tommy tinha descido e largado uma pilha de coisas junto à cabeça dela, e nesse momento estava na cozinha lavando as mãos. Pelo menos ela achou que era isso que ele estava fazendo. Tinha perdido a conta das contrações. Tinha perdido a noção da hora. Achou que sentia alguma coisa emergindo, mas como era possível? Não podia ser verdade. Lembrou-se de que

devia tentar uma respiração superficial e curtinha — *ha, ha, ha, ha*. Não adiantou. Pôs a mão entre as pernas e sentiu: era a cabeça da filha, escorregadia, molhada e com cabelo. Sua filha estava com pressa.

— Tommy! — berrou para a cozinha. — Ela está vindo!
Sua filha havia chegado.



CAPÍTULO 45

Havia três coisas que Paul Underwood evitava assiduamente: praia, embarcações e a chamada comida de rua. Tinha sincera antipatia por praias: não gostava da areia, nem do sol forte, nem do cheiro ocasional de criaturas marinhas em estado de putrefação, nem das cracas praticamente preêenseis que se agarravam a tranças de algas pardas arrepiadas, que pareciam vir de outro mundo. Ele abria algumas exceções. Num dia fresco e nublado, de preferência no inverno, de preferência com uma brisa marinha, era possível convencê-lo a caminhar pela orla para criar um clima se lhe oferecessem como recompensa, digamos, uma tigela de sopa de mariscos ou um balde de moluscos no vapor. Mas, afora isso? Muito obrigado, mas não, obrigado. Ele nunca havia aprendido a nadar, e qualquer tipo de embarcação o deixava petrificado, de caiaques a navios de cruzeiro. (Paul nunca aprendera a dirigir nem mesmo automóveis, de modo que a perspectiva de um barco encalhado também era perturbadora.) E todo o conceito de comida de rua era atordoante e abominável: os carrinhos engordurados com higiene duvidosa, os pratos de papel que perdiam toda a força tênsil antes de você terminar, o fato de comer em pé, de ter coisas escorrendo pela mão ou pingando na calça, e, além do mais, como acomodar uma bebida junto de prato, talheres e guardanapo? Paul não aprovava nem mesmo refeições *al fresco* — para que elas servissem, se havia por perto um cômodo perfeitamente climatizado, livre de insetos, maravilhoso? Consumir comida de rua era igual a fazer refeições ao ar livre ainda por cima abrindo mão dos pequenos

luxos da mesa e da cadeira. Em outras palavras, era abrir mão da civilização.

Por isso, o desconforto de Paul — parado num cais que oscilava ligeiramente, sob o sol implacável da tarde caribenha, esperando para embarcar numa balsa enquanto comia um prato de churrasco de frango à jamaicana com banana frita proveniente de um caminhão em inquietante proximidade dos vapores de diesel que vinham da balsa parada ali perto — era imenso. Imenso e vagamente nauseante.

Seu consolo? Bea. Ela estava do outro lado do cais, sentada num banco, com o rosto curvado sobre o prato de comida e momentaneamente escondido pelo chapéu de palha de aba larga que Paul lhe comprara no minuto em que eles tinham chegado ao terminal das balsas, vindos do aeroporto, dez dias antes. Embora a viagem não tivesse sido um sucesso para parâmetros de Bea (que não conseguira encontrar Leo), tudo havia corrido excepcionalmente bem para Paul, no geral. Curiosamente, ou talvez previsivelmente, o humor de Bea havia melhorado um pouco a cada dia. Isso se devia em parte ao ambiente que os cercava, longe de Nova York e dos Plumb. Mas, em parte, era porque Bea parecia se livrar um tiquinho mais, dia após dia, da necessidade de achar o irmão. Não se tratava de nada que ela tivesse dito — Bea se recusava a falar de não encontrar Leo —, porém a dissipação da sua urgência era óbvia para Paul. Sua expressão parecia se alisar um pouco mais a cada dia. Os ombros vinham relaxando. Ela parara de mastigar a parte interna da bochecha.

Todas as outras pessoas pareciam convencidas de que Bea estava dedicada a uma missão inútil. Bem, se isso fazia de Paul um cúmplice dessa inutilidade, que fosse. Ele se oferecera avidamente para acompanhá-la quando Bea lhe confidenciara que estava

nervosa por ir sozinha; e não tinha sido apenas pela oportunidade de desfrutar da companhia dela ou para lhe dar apoio em sua missão frustrante, mas para ajudá-la a confrontar Leo se ele de fato aparecesse. Paul teria muito prazer em confrontar Leo.

Ele gostou de algumas partes da viagem, em especial dos pequenos bangalôs de madeira geminados, mas separados, que eles haviam alugado à beira-mar, ambos com coberturas de telhas verdes e com bugainvílias cor de cereja em torno das portas de entrada. Paul apreciou a ampla vista do mar azul cintilante, que podia admirar em segurança do seu terraço cheio de sombra. E a viagem tivera um começo promissor. Um funcionário do aeroporto havia reconhecido a fotografia de Leo como sendo de alguém que havia aterrissado num pequeno voo fretado proveniente de Miami, algumas semanas antes, e que não tinha ido embora, ao menos não de avião.

Depois daquele primeiro sinal esperançoso, entretanto, nada. Ninguém tinha reconhecido a foto dele, ou — como Paul tinha grande suspeita de que fosse o caso — as pessoas a reconheciam, mas não falavam. À medida que Bea foi ficando cada vez mais frustrada, Paul começou a sair sozinho em algumas tardes, indo procurar nos bares mais remotos da ilha, lugares não frequentados por turistas e que ele acreditava que não eram apropriados para Bea. Mas esses esforços também tinham sido infrutíferos. Duas noites antes, ele a havia convencido a jantar numa pequena pousada da ilha. Segurara a mão dela e defendera sua tese em prol do regresso a Nova York. Esse era o ponto máximo a que ia sua intromissão física. Bea estava preocupada com Leo, às vezes abatida, e Paul não queria vê-la se voltar contra ele por tristeza ou desespero. Já que havia esperado até ali, podia esperar até voltarem para Nova York. Ou podia esperar que ela tomasse a

iniciativa. Os dois tinham sido tão simpáticos ultimamente que ele achava não estar maluco por crer que ela poderia vir a dar o primeiro passo.

E Bea estivera escrevendo quase todos os dias. *Tac-tac-tac, tac-tac-tac*. Ele a ouvia do terraço, quando a porta do quarto dela ficava aberta, digitando no teclado. Ela havia objetado quando Paul perguntara no que estava trabalhando, mas era visível que estava satisfeita. E ele era paciente. Se havia uma virtude em Paul Underwood, era a paciência.

E então, na manhã desse dia, Bea havia batido à porta dele antes do café da manhã, toda empolgada. Falou tão depressa que, a princípio, ele não compreendeu o que dizia. Ela havia mandado cinquenta páginas de algo novo para Stephanie, contou-lhe.

— Outro Archie...

— Não, não — disse ela, balançando a cabeça com vigor. — Nada de Archie. Chega da porcaria do Archie. É outra coisa. Nem sei ainda o que é, mas escute só. — Bea leu um trecho do e-mail de Stephanie, que esbanjava elogios pelas páginas recebidas e terminava com “Siga em frente. Adorei. Isso eu posso vender.” E assim, de repente, Bea se dispôs a ir para casa.

Eles deram uma grana para um policial local pedindo-lhe para “ficar de olhos abertos” em busca de Leo. Fizeram as malas e a reserva das passagens aéreas. Estavam esperando a balsa que os levaria ao aeroporto da ilha maior. Paul se aproximou de Bea quando ela se levantou e jogou o prato vazio da comida medíocre numa cesta de lixo próxima. Ele estava com dor de cabeça.

— Vou ao outro lado da rua para ver se compro uma aspirina — disse Paul. — Já volto.

Foi ao pequeno posto de gasolina e à concomitante construção instável de madeira onde eram vendidas peças mecânicas, meia

dúzia de comestíveis e uma miscelânea de outros produtos. Ladeando as portas havia dois estandes pequenos, com caixas de mangas em estágios variados de maturação e enxames de moscas-das-frutas a sobrevoar cada caixa. Paul entrou e foi buscar o refrigerante de goiaba de que Bea gostava. Ouviu um grupo animado numa sala lateral, um bando de homens às gargalhadas. Sentiu cheiro de maconha.

Ouviu Leo antes de vê-lo, reconheceu aquela risada latida, uma característica singular dele. Disse a si mesmo que estava apenas imaginando coisas, que eles haviam passado tantas horas de tantos dias à procura de Leo que ele devia estar imaginando coisas, justo nos últimos minutos antes de pegar a balsa. Mas tornou a ouvir a risada, mais perto, e o homem que ria estava andando até um banheiro nos fundos. Paul se escondeu atrás de um suporte publicitário de papelão que anunciava filmes da Kodak e que só podia ter pelo menos uns vinte anos: dois típicos adolescentes norte-americanos, em tamanho natural, segurando raquetes de tênis e rindo; o sol havia desbotado todos os pigmentos do anúncio, convertendo-os em diversos matizes de azul, de modo que os modelos tinham um aspecto fantasmagórico, apesar dos cotovelos elegantemente curvados e dos sorrisos que deixavam todos os dentes à mostra. Do ponto em que estava, atrás do cartaz, Paul viu as costas do homem da risada e assimilou sua altura, seu cabelo e aquele perfil característico que, com certeza, sem a menor dúvida, era de Leo Plumb.

Havia encontrado Leo.

* * *

TEMPOS DEPOIS, PAUL diria a si mesmo que havia hesitado na bodega, naquela tarde, por ter tomado sol em excesso. Ou que tinha sido o frango à jamaicana que já estava agitando seu estômago com maus presságios, visto que eles estavam prestes a embarcar numa balsa e, depois, num pequeno avião para Miami, seguido por um avião maior para Nova York. Ou que tinha sido o susto, o simples susto. Na verdade, ele nunca tivera a expectativa de encontrar Leo. Pagou às pressas pelo refrigerante e por um vidrinho de aspirina infantil, a única que a loja tinha. Ao atravessar de volta à rua, pensou no que dizer a Bea. De novo no terminal das balsas, encontrou um espacinho de sombra na lateral do prédio e parou para pensar por um minuto. Rever Leo fizera Paul reconhecer como o abominava. Nathan lhe contara sobre a tática de solapamento empregada por Leo, sobre como ele havia questionado sua liderança e sua competência. Paul ficara furioso, mas também reconhecera que o passo equivocado de Leo irritara Nathan o bastante para fazer a balança pender a seu favor. A primeira injeção de capital de Nathan já havia entrado, e Paul vinha trabalhando dia e noite para lhe provar que ele tinha tomado a decisão certa.

De longe, avistou Bea, ainda sentada no lugar em que ele a havia deixado. O chapéu de palha estava a seu lado, no banco; ela pegava sol demais. Usava aquele antigo vestido amarelo que ele recordava da sua primeira foto na *SpeakEasy*, a foto que Paul havia escolhido para a capa — uma decisão que, de algum modo, acabara por ser creditada a Leo. Tal como naquela ocasião, o rosto dela estava de perfil, a expressão não turbada, esperançosa. Paul se aproximou e lhe entregou o refrigerante.

— Geladinho — disse ela, segurando a garrafa com as mãos e a encostando no rosto. — O que foi? — perguntou, erguendo os olhos para o rosto dele. — Qual é o problema?

— Nada — disse Paul, tentando dissipar o que fosse aquilo que estava toldando sua expressão. — Eu só estava pensando que você parece muito feliz neste exato momento.

O coração de Paul estava acelerado, sabendo o que sabia e o que queria fazer com o que sabia.

— Eu *estou* meio feliz — disse Bea, parecendo surpresa. A balsa havia chegado e os passageiros desembarcados foram afluindo para o cais.

— Pronta?

Paul lhe ofereceu a mão e, naquele momento, fez um cálculo rápido: quem era Bea com Leo e quem ela poderia ser sem o irmão? Quem *ele próprio* poderia ser sem Leo no panorama? Quem ele e Bea poderiam ser juntos? Ela segurou a mão de Paul e se levantou, encarando-o, e a resposta de Paul foi tão clara quanto a expressão descontraída e radiante dela, que, mesmo considerando o sol escaldante, o cheiro da comida de rua e o odor pestilento da maresia, era decididamente arrebatador. Beatífico. Fascinante. Um bálsamo.

* * *

AO PÔR SUA mão na de Paul, Bea sentiu um calor inesperado. Foi bom. Ele tinha sido tão paciente, tão bondoso, tão prestativo, leal e verdadeiro. A pele dele, em geral pálida, estava com um brilho quase bonito por causa do sol, apesar das aplicações incessantes de filtro solar com fator setenta ou mais. Ela o atormentara até fazê-lo usar uma camiseta, e é verdade que a peça era toda azul-marinho e encimada por uma jaqueta listrada de algodão, mas, ainda assim, para Bea ele parecia diferente. Mais alto. Mais confiante. Parada de frente para ele, Bea viu alguma coisa decidida

perpassar o rosto de Paul, algo — dava para perceber — que tinha a ver com ela e que a fez se sentir segura, calma. Ele estava, como Bea se deu conta, quase bonito.

Paul ficara profundamente decepcionado quando ela tomara a decisão de engavetar o último conto sobre Archie. Para sempre. “Ele não é meu”, dissera Bea. “É do Leo e da Matilda e de alguém que ainda nem nasceu. Não é a história que eu preciso contar.” Apesar disso, ele tinha sido resoluto na decisão de ajudá-la a procurar o irmão, e ela sabia que chegara até a sair sozinho para procurá-lo.

— Gostei deste lugar — disse Bea. — Apesar de tudo.

— Também gostei — concordou Paul.

Ali ficaram, a mão dela na dele, ambos parecendo meio tontos, meio hesitantes, meio bronzeados de sol e meio suados e, embora não compreendesse o otimismo estonteante que perpassava seu corpo (torceu para que fosse por seu novo trabalho, mas seria apenas o balanço do cais? A ondulação da água? Paul?), Bea resolveu aproveitar a sensação. Tolerar sua alegria.

— Sabe do que mais eu gosto? — perguntou, pondo as mãos nos ombros de Paul Underwood.

* * *

DA SUA CADEIRA habitual no jogo de cartas regular da bodega, nas manhãs de sexta-feira, a que ficava de frente para a porta, Leo viu Paul no instante em que ele passou em direção à geladeira dos refrigerantes. Deslocou-se para um lado da sala e procurou manter a calma, enquanto pensava no que fazer. Os caras com quem estava jogando lhe dariam cobertura. Não teria que lhes dar explicações: bastava dizer que Underwood era encrenca para eles

fecharem o bico. Leo se dirigiu ao banheiro dos fundos e trancou a porta, querendo pensar por um minuto num local em que Paul não pudesse encurralá-lo. Havia vantagens em fugir, é claro, mas ele também ficou curioso, pensando em quem estaria com Paul. Bea, isso parecia óbvio. Paul e Bea só podiam estar esperando a balsa das 17h15, que estava sempre pelo menos quinze minutos atrasada. Ele se perguntou se alguém mais teria ido procurá-lo. Dispunha de tempo para se esgueirar até o terminal e ver quem mais estava lá. Melody, talvez? Stephanie?

Ou poderia simplesmente se aproximar de Paul e perguntar. De homem para homem. De homem para meio homem. De homem para Coitadinho. O que fosse. Seus irmãos podiam achá-lo, mas não poderiam forçá-lo a fazer nada. Ele andara meio que esperando por esse momento. A bem da verdade, ficou surpreso por ter demorado tanto. Tecnicamente, deveria estar no sul do Vietnã, mas... tinha ficado com preguiça.

Borrifou o rosto com um pouco da água duvidosa da pia, que tinha um aviso de NÃO POTÁVEL, e tornou a entrar na bodega. Não viu sinal de Paul Underwood. Será que não vira Leo? Ele tinha certeza de que havia sido avistado. Paul nunca conseguira fazer uma expressão dissimulada. Leo decidiu investigar.

Do outro lado da rua, de um ponto no interior do pequeno prédio do terminal, conseguiu logo ver Bea sentada na parte externa do píer. Mesmo numa multidão de turistas americanos, a roupa dela era ridículamente colorida. Estava sentada num banco, com as pernas estendidas. As sandálias douradas captavam o sol. Havia uma mulher alta junto dela; estava de costas para Leo, mas ele reconheceria aquele cabelo ruivo comprido em qualquer lugar. Stephanie.

Deslocou-se depressa para a porta aberta e, um instante antes de cruzar a soleira, a ruiva se virou e Leo parou. Não era Stephanie, não chegava nem perto. Era uma mulher muito pesada, de rosto bronzeado e rechonchudo, parecia um porco. Ele sentiu uma onda de fúria em relação àquela estranha que, de costas, se atrevera a se assemelhar a alguém que, nesse momento, Leo percebeu ter a expectativa de ver. Ela não tinha vindo.

Quando a balsa atracou e começou a descarregar os passageiros, alguns adolescentes locais começaram a tocar tambores metálicos, na esperança de serem os primeiros a receber os dólares dos turistas recém-chegados. Leo viu Bea se levantar, dizer a Paul algo que o fez sorrir e apoiar preguiçosamente os braços nos ombros dele. Mesmo à distância, Leo seria capaz de jurar que viu Paul enrubescer.

— Vamos lá, Coitadinho. — Viu-se instigando Paul em silêncio. — Seja macho.

Paul envolveu a cintura de Bea com uma das mãos e a puxou para mais perto; deslizou um dedo pela linha do seu queixo e aninhou o rosto dela em sua mão. Bem ali, naquele exato momento, Leo viu Bea se render. Bufar. Observou enquanto os joelhos dela se vergavam um pouco e os cotovelos se dobravam, até que ela se apoiou em Paul e os dois se beijaram como se estivessem a sós, como se estivessem apaixonados, como se fosse para sempre.

* * *

DEPOIS DO BEIJO demorado e estonteante (Bea nunca tinha esperado voltar a ser beijada daquela maneira, em toda a sua vida, não depois da morte de Tucker), ela e Paul passaram um minuto em silêncio, num abraço apertado. Todos já estavam embarcando na

balsa. Ainda de olhos fechados, Bea sentiu a exatidão com que seu corpo combinava com o de Paul: como seus seios pequenos se harmonizavam com o peito estreito dele, como a ligeira barriguinha de Paul se encaixava perfeitamente na sua cintura esguia e como seu queixo se ajustava direitinho à curva do ombro dele. Ela recuou um pouco, querendo ver o rosto de Paul, mas, ao erguer os olhos, um perfil conhecido chamou sua atenção. Um fluxo humano bloqueou por alguns segundos seu campo de visão, mas, quando as pessoas passaram, ela viu a figura que caminhava em sua direção. O sol poente de fim de tarde brilhou diretamente nos seus olhos e o clarão embotou tudo, inclusive o homem, que era quase uma sombra. Ela ficou paralisada. Não podia ser.

* * *

QUANDO COMEÇOU A andar em direção a Bea, Leo não tinha nenhum plano, nenhuma ideia do que diria, simplesmente tivera o impulso de ir na direção dela. Quando a irmã levantou a cabeça e o viu, ele estancou. Enquanto hesitava, observou ela mudar por completo. Bea enrijeceu. Seu rosto se toldou, apreensivo e confuso. Ela fechou os olhos e baixou a cabeça.

* * *

RESPIRE, BEA DISSE a si mesma, *apenas respire*. Manteve-se imóvel, temerosa de se mexer ou erguer os olhos, esperando ouvir a voz dele dizer seu nome. Com medo de ouvir a voz dele dizer seu nome. Paul a apertou um pouco mais. Recendia a xampu e filtro solar, com um vago aroma de frango à jamaicana. Uma gaivota

próxima grasnou, dando a impressão de rir. A buzina da balsa tocou três vezes. Última chamada para o embarque.

— Pronta? — perguntou Paul.

Ela ergueu a cabeça e piscou. A figura havia desaparecido. Bea tornou a olhar, protegendo a vista. Ninguém.

Mil vezes pensara ter visto Leo nessa viagem, um milhão de vezes, todo dia, às vezes toda hora. Achava tê-lo visto dançando ao som de uma banda de calipso no hotel em que ela e Paul estavam hospedados, servindo peixe numa mesa próxima num restaurante e comprando mangas à beira da estrada. Pensava tê-lo visto andando pela praia com os chinelos na mão, no banco traseiro de um táxi em meio ao trânsito, jogando sinuca do outro lado de uma porta aberta, em inúmeras banquetas de bar e em incontáveis ruelas ensolaradas, sob as palmeiras de folhas dançantes. Mas nunca tinha sido ele. Nunca era Leo.

— Pronta — respondeu, recolhendo o chapéu no banco e pendurando a bolsa de palha no ombro. — Vamos para casa.



EPÍLOGO

Um ano depois

O dia do primeiro aniversário da neném foi tão abafado e insuportável quanto o dia em que ela nascera. Foi o que todos disseram a Stephanie ao chegarem para o almoço de comemoração. “Lembra? O dia estava exatamente assim!” Como se houvesse acontecido décadas ou séculos antes, não há más misérias cinquenta e duas semanas, e como se a memória meteorológica do grupo fosse algo mágico e maravilhoso.

— Ah, se lembro — disse Stephanie. Como poderia esquecer? O calor, o sorvete derretendo em seu braço, o começo de um parto tão repentino e cruel que chegava a ter nome: *trabalho de parto precipitado*.

Lillian Plumb Palmer, chamada “Lila”, para encurtar (o nome da filha era um doce segredo de Stephanie, isso ficava apenas entre ela e o console de sua lareira), tinha nascido na sala de estar da mãe, exatos quarenta e dois minutos depois do rompimento da bolsa. Escorregara para as mãos de Tommy enquanto os paramédicos tocavam a campainha. “É menina! É uma menina!”, repetira Tommy várias vezes, esquecido de que Stephanie sabia que teria uma filha, mas se lembrando de todas as três ocasiões em que o médico lhe dera essa mesma alegre notícia enquanto ele apertava a mão de Ronnie, depois do último angustiante esforço expulsivo.

E, hoje, Lila estava completando um ano!

Apesar do calor, Stephanie arrumou tudo no quintal. Não seria muito ruim. Ela havia pedido expressamente a todos que não levassem presentes. Lila nunca fizera aniversário e não sentiria falta de nada, e Stephanie não queria mais tralhas em casa; no entanto, sabia que o pedido era inútil e, dito e feito, ao chegarem, quase todos os Plumb trouxeram não apenas um presente: chegaram *carregados* de embrulhos.

Melody e Walt foram os primeiros a aparecer. Louisa tinha se mudado recentemente para o segundo quarto da casa de Stephanie e vinha se preparando para o ano letivo seguinte, quando iria estudar belas artes no Pratt Institute, perto dali. Havia conseguido uma bolsa de estudos generosa, mas não suficiente para cobrir alojamento e comida. Quando Stephanie soube que ela estava pensando em fazer diariamente o trajeto de ida e volta do Brooklyn, ofereceu-lhe um quarto grátis, em troca do trabalho ocasional de babá em uma ou outra noite ou nos fins de semana. Fazia apenas uma semana que estavam morando juntas, mas Stephanie se surpreendeu ao perceber como gostava da companhia de Louisa. E Lila era doida por suas primas mais velhas. Louisa e Nora — que as visitava de vez em quando — eram ótimas com a neném e adoravam balançá-la para cima e para baixo entre as duas, percorrendo toda a extensão do quintal repetidas vezes, dispostas a se sentar para diverti-la fazendo vozes bobas ou construindo torres com cubos coloridos de espuma. Nesse dia Nora tinha levado sua amiga Simone e, quando Stephanie e Melody pararam na janela da cozinha, observando as meninas com Lila sob o novo bordo recém-plantado, viram Simone se aproximar e dar um beijo rápido em Nora.

— Não vou mentir. É meio esquisito — disse Melody. Seu tom era afetuoso, apesar de um tantinho melancólico.

— Você gosta dela? — perguntou Stephanie.

— Da Simone? Acho que sim. Ela é bem intensa. Não sei o que vai acontecer quando for para a Brown e Nora se mudar para Buffalo. — (*No fim das contas, Nora iria mesmo para uma universidade estadual*, pensou Melody.) — Tenho certa esperança de que elas mantenham contato. Simone pressionou Nora o ano inteiro para ela se esforçar mais; foi por isso que ela conseguiu entrar num curso mais difícil na faculdade.

— O amor pode ser um excelente motivador — comentou Stephanie.

Quando não destrói o coração, Melody teve vontade de dizer, mas teria sido crueldade, então ficou quieta. E tinha de admitir que a vida de Stephanie pós-Leo parecia longe de estar destruída; ela aparentava estar feliz.

A campainha tocou. Eram Jack, Bea e Paul chegando. Mais presentes e laços de fita e Lila circulando de mão em mão. A menina puxava com tanta insistência a gola do vestido de festa que Stephanie o tirou, e em pouco tempo Lila dava seus passinhos hesitantes pelo quintal, vestindo uma fralda empapada, com o rosto vermelho, suada. Arregalava os olhos agitados, superestimulada, e ainda nem tinha comido um pinga de açúcar. Stephanie percebeu que a soneca que planejava tirar mais tarde seria impossível. Bem, que fosse.

Nos fundos, Jack torcia para achar um cantinho na sombra. A nova árvore plantada por Stephanie para substituir a que fora derrubada durante a nevasca era pequena. Ele achou que ela deveria ter aberto um pouco mais a mão para comprar uma que estivesse mais madura. Puxou uma cadeira para junto do tronco, onde estava ligeiramente mais fresco. (Anos depois, quando a árvore já havia crescido e formado uma copa perfeita sobre o fundo

do quintal, Lila viria a se casar sob os imensos galhos que iam ganhando tons de vermelho e laranja numa tarde de outubro ofuscantemente linda. Pediria a Jack para conduzi-la pela aleia salpicada de folhas até o noivo. Jack seria bom para Lila durante toda a sua vida, aparecendo sempre que ela precisava de um pai. No dia de seu casamento, quando Lila aparecesse conduzida pelo braço quase septuagenário do tio, Stephanie imaginaria Leo ao lado da filha e, por um momento debilitante, ficaria arrasada com a enormidade de tudo o que ele havia perdido.) Nesse primeiro aniversário, sentado sob a árvore e de olho em Lila, para o caso de ela se movimentar muito depressa e cair — seus passos ainda eram meio inseguros —, Jack também ansiava por Walker, embora essa saudade viesse se tornando mais melancólica do que triste. Walker era a única pessoa que ele conhecia que gostava de verdade de festas de criança. Jack soubera por seu velho amigo Arthur que o ex já estava vivendo com um novo companheiro, e, de certo modo, era bom saber que, no fim das contas, era Walker quem não conseguia ficar só. Jack se sentira mais aliviado do que surpreso ao descobrir como era craque em matéria de morar sozinho. Ainda se apaixonaria muitas outras vezes na vida, porém nunca mais ia querer outro homem compartilhando sua casa.

Bea estava juntando o grupo, insistindo em que Lila abrisse os presentes. Era louca pela sobrinha, mas queria muito que a festa acabasse para poder voltar para casa e para o trabalho. Já havia passado da metade do seu romance sobre uma pintora que para de pintar e que, passando por uma série de perdas e amores (segundo a sinopse que adiantara para Stephanie), reencontra o caminho para si mesma e para sua arte. Não era propriamente autobiográfico, mas aquilo que Bea libertara ao desviar os olhos de Leo e voltá-los para si mesma, fosse o que fosse, tinha feito tudo

funcionar. Toda vez que Stephanie recebia novos capítulos, eram melhores que os anteriores. Bea ainda não sabia qual seria o final do livro, mas sabia que, se continuasse trabalhando, acabaria descobrindo; sabia que ele estava bem à sua frente.

“Eu sempre soube que você era capaz disso”, dissera-lhe Stephanie, encantada e aliviada por não ler sobre um Leo mal disfarçado em personagem; não suportaria isso. Depois de muita insistência de Paul, Bea tinha enfim vendido o apartamento, posto o dinheiro no banco e ido morar com ele. Estava escrevendo em horário integral. E levava pelo menos cinco presentes para Lila.

Stephanie pôs a filha no colo e a deixou picar pedaços de embrulho em pedacinhos. Bea tentou interessá-la no desfile de presentes: o carrinho vermelho do corpo do bombeiros no qual Lila poderia se sentar e andar na calçada, impulsionando-se com as perninhas rechonchudas; um ursinho de pelúcia com o dobro do tamanho dela, que por um instante a fez chorar; três vestidos Marimekko, comprados numa boutique infantil de luxo, que fariam Lila parecer uma mini-Bea; uma monstruosidade multicolorida de plástico chamada Primeiro Smartphone do Bebê, dada por Melody (Stephanie doaria o telefone e a maioria dos outros presentes inúteis para caridade na segunda-feira seguinte); uma belíssima pulseirinha antiga oferecida por Jack, em ouro cor-de-rosa incrustado com lascas de rubi, a pedra do mês de aniversário de Lila.

— Que risco de asfixia mais lindo! — brincou Melody, enquanto Stephanie tentava fazer a filha ficar quieta por tempo suficiente para prender a joia no seu pulso gorducho. Nada feito.

Abertos os presentes, recolhidos os papéis e servido o almoço, sentaram-se todos ao redor da mesa, com Lila à cabeceira em sua cadeira alta. A menina ficou puxando o elástico do chapéu de festa

purpurinado que Melody lhe pusera na cabeça. Finalmente o arrancou e o jogou no chão, balançando as pernas e batendo com os pés nas barras horizontais da cadeira. Começou a se remexer para descer, mas, quando um bolinho foi posto diante dela, com uma vela não acesa, e todos começaram a cantar “Parabéns para você”, ela sossegou e olhou para os rostos alegres à sua volta.

Stephanie sabia o que todos estavam fazendo enquanto Lila oferecia um raro momento de quietude para que se examinasse seu rosto esplendoroso: eles procuravam por Leo. Era impossível *não* ver Leo em Lila, no jeito de seus olhos luminosos se apertarem quando ela se zangava, no queixo pontudo igual ao dele, assim como na testa larga, nas elegantes sobrancelhas pontiagudas e na boca imperiosa, tudo sob sedosos cachos vermelhos, iguaizinhos aos de Stephanie. Leo tinha ido embora, mas estava bem ali, diante deles. E, quando todos concluíram seu gorjeio desafinado e começaram a dar vivas, Lila ergueu os olhos, abriu um sorriso tímido e aplaudiu.

— Jogue um beijinho, Lila — disse Louisa, querendo exhibir a gracinha que tinha ensinado à prima naquela semana.

Lila encostou a palma rechonchuda e pegajosa da mão na boca e jogou um beijo imaginário para o grupo; deu gritinhos quando todos fingiram pegá-lo e jogou mais um, e outro, atirando beijos a torto e a direito, até se cansar de repente, porque assim já era demais! Exausta, esfregou os olhos e franziu o rostinho. Depois, levantou bem alto os braços.

— Upa! — disse, olhando aflita de um rosto animado para outro. — Upa! — Abriu e fechou as mãozinhas, como se agarrasse punhados de ar. — Upa! — tornou a repetir, enquanto todos os familiares corriam para ela ao mesmo tempo, cada um na esperança de pegá-la primeiro.

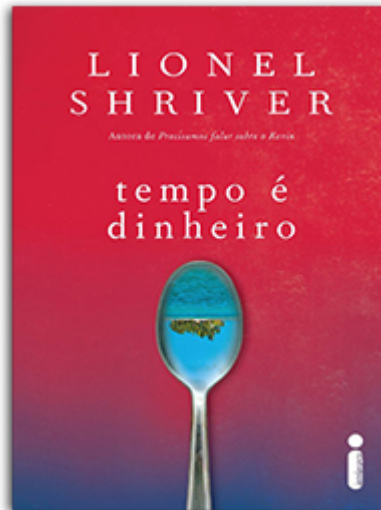
SOBRE A AUTORA



© Lisa Whiteman

Cynthia D'Aprix Sweeney mora em Los Angeles com o marido e os dois filhos. Fez mestrado em The Bennington Writing Seminars. Morou em Nova York por mais de duas décadas e tem textos de não ficção publicados na *The New York Times Magazine*. *A grana* é seu primeiro romance.

LEIA TAMBÉM



[Tempo é dinheiro](#)
[Lionel Shriver](#)



[Pequenas grandes mentiras](#)
[Liane Moriarty](#)



[Os afetos](#)
[Rodrigo Hasbún](#)